

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ELIZE FADEL

DESEJOS À FLOR DA TELA: PORNOGRAFIA DIGITAL E O MERCADO DOS
CORPOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

PONTA GROSSA
2025

ELIZE FADEL

DESEJO À FLOR DA TELA: PORNOGRAFIA DIGITAL E O MERCADO DOS CORPOS
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre em História, na
Universidade Federal de Ponta Grossa, Área de
História, Cultura e Identidades.

Orientador(a): Prof. Dra. Georgiane Garabely Heil
Vázquez.

PONTA GROSSA
2025

F144 Fadel, Elize
Desejos à Flor da Tela: pornografia digital e o mercado dos corpos na sociedade contemporânea / Elize Fadel. Ponta Grossa, 2025.
184 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vásquez.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Pornografia digital. 4. Virtual. 5. Mercantilização. I. Vásquez, Georgiane Garabely Heil. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 306.7

TERMO DE APROVAÇÃO

Elize Fadel

DESEJOS À FLOR DA TELA: PORNOGRAFIA DIGITAL E O MERCADO DOS CORPOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 13 de maio de 2025, pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **GEORGIANE GARABELY HEIL VÁZQUEZ**
Data: 23/05/2025 17:11:14-0300
Verifique em <https://validar.ifg.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Georgiane Garabely Heil Vázquez (Orientador/a)

Documento assinado digitalmente
 **KARINA JANZ WOITOWICZ**
Data: 25/05/2025 23:41:21-0300
Verifique em <https://validar.ifg.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Karina Janz Woitowicz (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO**
Data: 29/05/2025 15:01:41-0300
Verifique em <https://validar.ifg.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (UNB)

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação me fez perceber o quanto dependo de tantas pessoas para seguir adiante. À Prof.^a Georgiane Garabely Heil Vázquez, meu muito obrigada por não desistir de mim, mesmo quando eu me sentia perdida. Obrigada pelas conversas sinceras, pelos puxões de orelha quando eu precisava endireitar as ideias e, principalmente, por acreditar neste projeto. À minha família, em especial minha mãe por me acolher em meus altos e baixos e por acreditar em mim desde o início.

Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPHG), que me possibilitou cursar o mestrado em uma universidade pública de excelência, e a todos os coordenadores e professores que me acompanharam ao longo desta jornada, o meu sincero agradecimento. À fundação que concedeu a bolsa, sou imensamente grata pela tranquilidade de dedicar-me em tempo integral a esta pesquisa; o suporte institucional e financeiro fez toda a diferença para o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas amigas de longa data, Mirielen e Fernanda, que me acompanham desde a graduação: vocês viram esse trabalho nascer e me ajudaram a não duvidar de mim mesma. Obrigada pelo companheirismo e carinho durante os últimos anos. À minha amiga Thais, que vem me acompanhando desde a graduação e se mostrou parte importante do meu seguimento acadêmico. Ao prof. Erivan, meu orientador de graduação, que acreditou na pesquisa desde o início e me auxiliou nos primeiros caminhos metodológicos. Seu apoio foi decisivo para que eu tivesse coragem de prosseguir com este tema.

Aos membros da minha banca, Prof. Bruno Leal e Prof. Karina Janz Woitowicz, agradeço por terem aceitado fazer parte da banca, pela honestidade nas críticas e pelo tempo dedicado a ler cada capítulo. Suas observações foram essenciais na construção do trabalho.

RESUMO

A presente dissertação investigou a pornografia digital na era da internet, com ênfase no Pornhub, buscando compreender como o consumo desse conteúdo influenciou a construção de identidades individuais e sociais, além das dinâmicas de poder e representação presentes nesse ambiente digital. A pesquisa teve como problemática central a maneira como a pornografia online atua como um dispositivo biopolítico de regulação do corpo e da sexualidade na sociedade contemporânea. Os objetivos incluíram examinar estratégias de produção e distribuição de conteúdo pornográfico, discutir os efeitos do consumo, compreender o papel do Pornhub como plataforma e analisar a pornografia enquanto forma de sexualização e performance de gênero. Com abordagem mista, foram utilizados dados quantitativos e qualitativos extraídos de fontes como Pornhub, Pornhub Insights, relatos de usuários e fóruns como Reddit. O referencial teórico fundamentou-se nos estudos de Linda Williams, McNair e Attwood, entre outros. As análises demonstraram que o Pornhub opera como uma plataforma que, além de oferecer conteúdo adulto, atua como espaço de socialização e moldagem de desejos, identidades e práticas sexuais. A dissertação concluiu que a pornografia online, longe de ser neutra ou meramente entretenimento, é um fenômeno cultural, econômico e político que espelha e reforça estruturas de poder, normas de gênero e lógicas neoliberais.

Palavras-chave: Pornografia; Pornhub; Mercantilização; Virtual.

ABSTRACT

This dissertation investigated digital pornography in the internet age, with a particular focus on Pornhub, aiming to understand how the consumption of such content has influenced the construction of individual and social identities, as well as the dynamics of power and representation within digital environments. The central research question concerned how online pornography functions as a biopolitical device that regulates bodies and sexuality in contemporary society. The study aimed to examine production and distribution strategies of pornographic content, discuss the effects of its consumption, explore the role of Pornhub as a platform, and analyze pornography as a mechanism of sexualization and gender performance. A mixed-methods approach was adopted, drawing on both quantitative and qualitative data from sources such as Pornhub, Pornhub Insights, user reports, and forums like Reddit. The theoretical framework included contributions from Linda Williams, Brian McNair, Feona Attwood, Susanna Paasonen, Michel Foucault, Judith Butler, and Manuel Castells, among others. The analysis revealed that Pornhub operates not only as a content provider but also as a social environment that shapes desires, identities, and sexual practices. The study concludes that online pornography is not neutral or merely entertainment; it is a cultural, economic, and political phenomenon that reflects and reinforces power structures, gender norms, and neoliberal logics.

Keywords: Pornography; Pornhub; Commodification; Virtual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias 1.....	35
Figura 2 – Novinhas.....	36
Figura 3 – Comentário.....	37
Figura 4 – <i>Game of Thrones</i>	38
Figura 5 – Celebridades.....	39
Figura 6 – Criando uma conta 1.....	62
Figura 7 – Criando uma conta 2.....	63
Figura 8 – Criando uma conta 3.....	63
Figura 9 – Criando uma conta 4.....	64
Figura 10 – Do que eu gosto?.....	64
Figura 11 – Traçando o perfil 1.....	65
Figura 12 – Traçando o perfil 2.....	65
Figura 13 – Traçando o perfil 3.....	66
Figura 14 – Traçando o perfil 4.....	66
Figura 15 – Traçando o perfil 5.....	67
Figura 16 – Categorias 2.....	68
Figura 17 – Categorias 3.....	68
Figura 18 – Categorias 4.....	69
Figura 19 – Comunidades 1.....	70
Figura 20 – Comunidades 2.....	71
Figura 21 – Comunidades 3.....	71
Figura 22 – Comunidades 4.....	71
Figura 23 – Conquistas.....	75
Figura 24 – Comentário 1.....	93
Figura 25 – Trans.....	95
Figura 26 – Pornhub Insights 1.....	95
Figura 27 – <i>Lesbian</i>	96
Figura 28 – Pornhub Insights 2.....	97
Figura 29 – Pornhub Insights 3.....	98
Figura 30 – <i>Garganta Profunda</i>	102
Figura 31 – Mais Vistos.....	103
Figura 32 – <i>Maledom</i>	110

Figura 33 – <i>Stuck Porn</i>	111
Figura 34 – Logo original do Pornhub em 2007.....	120
Figura 35 – Interface do site em 2010.....	121
Figura 36 – Bree Olsen.....	123
Figura 37 – Videoclipe de <i>Take it to the Hub</i>	124
Figura 38 – Exemplos.....	134
Figura 39 – Comentário 2.....	136
Figura 40 – <i>Bound and Fucked</i>	138
Figura 41 – Aviso.....	140
Figura 42 – <i>Femdom</i>	142
Figura 43 – <i>She Ended Liking It</i>	144
Figura 44 – BBC 1.....	146
Figura 45 – BBC 2.....	146
Figura 46 – Vídeo mais visto.....	149
Figura 47 – <i>Tags</i> 1.....	150
Figura 48 – <i>Tags</i> 2.....	154
Figura 49 – Categorias mais populares.....	157

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – PORNOGRAFIA EM TEMPOS DE INTERNET: A MEDIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA SEXUAL E AS CONTROVÉRSIAS PORNOGRÁFICAS	24
1.1 A PORNOGRAFIA NO AMBIENTE DE COMUNICAÇÃO MODERNO.....	24
1.1.1 Pornografia e erotismo	24
1.1.2 Formas de pornografia.....	33
1.2 PORNOGRAFIA COMO CAMPO DE DEBATE PÚBLICO	42
1.3 PORNOGRAFIA E ESTUDOS PORNOGRÁFICOS	47
1.4 CIBERPORNOGRAFIA E O PORNHUB	53
CAPÍTULO 2 – A DISCUSSÃO DOS EFEITOS DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA	79
2.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONSUMIDOR DE PORNOGRAFIA	89
2.2 FEMINISMO(S) E CONSERVADORISMO HEGEMÔNICO	99
2.2.1 Depreciação e objetificação	108
2.2.2 Pornografia na internet, PornHub e questões regulatórias	116
2.3 O SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO PORNHUB	119
CAPÍTULO 3 – PORNOGRAFIA COMO FORMA DE SEXUALIZAÇÃO: SEXISMO E PERFORMANCE DE GÊNERO	129
3.1 A MATERIALIZAÇÃO DA MASCULINIDADE	135
3.2 PORNOGRAFIA E MASCULINIDADE	140
3.3 MERCANTILIZAÇÃO DOS CORPOS	148
3.4 A OBJETIFICAÇÃO E SUBJETIFICAÇÃO DOS CORPOS	152
3.5 PORNOGRAFIA, PODER E PERFORMATIVIDADE NA ERA DIGITAL	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS	165

INTRODUÇÃO

A pornografia, ao longo da história, tem sido um fenômeno cultural profundamente influenciado pelas transformações tecnológicas e sociais. A publicação do já célebre volume *Hard Core: Power, Pleasure, and the “Frenzy of the Visible”*, de Linda Williams (1989), e posteriormente *Porn Studies* (2004), marcou simbolicamente o início dos estudos pornográficos como um campo autônomo com foco exclusivo no estudo da pornografia como prática cultural. A partir desses marcos, tornou-se possível analisar criticamente a pornografia não apenas como uma manifestação do desejo, mas como um produto cultural que reflete e reforça dinâmicas de poder, gênero e economia na sociedade contemporânea.

Com a ascensão das novas tecnologias da informação e comunicação, aliada à expansão da internet banda larga, o consumo de pornografia passou por um processo de democratização sem precedentes. Esse ambiente digital altamente acessível permitiu que a pornografia se tornasse onipresente na cultura popular, deixando de ser um conteúdo restrito para se consolidar como um dos produtos midiáticos mais consumidos globalmente. A facilidade de acesso, aliada à ausência de regulamentações eficazes, criou condições para a expansão massiva da produção, oferta e consumo de pornografia, impactando diretamente a forma como a sexualidade é compreendida e vivenciada. Esse cenário encontra eco no conceito de “pornosfera” proposto por McNair (2009), que descreve a pornografia como um elemento estrutural das sociedades contemporâneas, permeando não apenas o consumo individual, mas também a cultura de massa e os discursos midiáticos.

Nesse sentido, a pornografia digital não pode ser analisada sem considerar o papel central desempenhado pelas plataformas de distribuição. O surgimento do Pornhub, em 2007, representou um marco fundamental na indústria pornográfica, consolidando-se como a maior plataforma de compartilhamento de vídeos adultos do mundo. Subsidiado pela empresa privada MindGeek, que detém o monopólio de diversas outras plataformas pornográficas, o Pornhub transformou o modo como o conteúdo adulto é produzido, distribuído e consumido. Diferente de modelos tradicionais baseados em assinatura ou compra de DVDs, o Pornhub popularizou o acesso gratuito e ilimitado a conteúdos pornográficos, financiado principalmente por publicidade e estratégias algorítmicas de engajamento. Esse modelo de negócios reflete o paradigma da economia digital, onde o consumo de conteúdo se tornou um fator essencial para a coleta de dados, segmentação de mercado e reprodução de padrões específicos de desejo e consumo.

A partir de minha graduação, desenvolvi um interesse acadêmico na análise crítica da pornografia como fenômeno cultural, buscando compreender suas implicações sociais e econômicas. O Pornhub, como uma das plataformas mais influentes no cenário digital, tornou-se uma fonte essencial para examinar as tendências, comportamentos e impactos associados ao consumo do material adulto. Minha pesquisa envolveu uma abordagem teórica baseada nos estudos de mídia e cultura digital, além de uma tentativa inicial de análise etnográfica da plataforma, que permitiu um levantamento de fontes e interações dentro do site e entre seus usuários. O resultado desse esforço culminou na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual explorei de maneira crítica o papel do Pornhub como rede social e comunidade, considerando tanto seus aspectos positivos quanto suas implicações éticas e seus possíveis impactos negativos. Assim, tornou-se natural a escolha de seguir utilizando o Pornhub como uma das fontes principais para a presente dissertação, aproveitando o banco de dados acumulado ao longo de minha pesquisa anterior.

Dado o caráter da pesquisa, é fundamental discutir a natureza das fontes utilizadas. O Pornhub será analisado não apenas como um site de pornografia, mas como uma plataforma de interação social e produção de conteúdo digital. Os dados considerados para esta investigação incluem comentários, tags, títulos de vídeos, categorias e estatísticas fornecidas pelo próprio site. A pesquisa se restringe à pornografia *mainstream* produzida profissionalmente, excluindo a pornografia amadora e conteúdos gerados por usuários, a fim de manter o foco nas estratégias de mercado e nos padrões industriais da pornografia digital. Além disso, todas as imagens analisadas foram extraídas de vídeos que estavam em trending, priorizando conteúdos de produtoras mais renomadas e os comentários mais curtidos pelos usuários, como forma de captar as interações mais relevantes da plataforma.

Nesse contexto, é crucial discutir a utilização do Pornhub como fonte nato-digital e a relevância da história do tempo presente para a análise deste fenômeno. Desde o surgimento da World Wide Web, na década de 1990, a internet tornou-se um elemento fundamental da infraestrutura comunicativa das sociedades modernas (Brugger, 2009). A web não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço no qual a cultura digital se desenvolve e se consolida. Plataformas como o Pornhub não apenas refletem a cultura contemporânea, mas a moldam, influenciando padrões de comportamento, estética e consumo. Dessa forma, o estudo da pornografia digital exige uma abordagem que compreenda a internet como uma fonte histórica por si só, reconhecendo seus desafios e limitações.

A distinção entre história da web e história da internet também é essencial para este estudo. A história da web foca no desenvolvimento de sites e plataformas, enquanto a história

da internet lida com a infraestrutura e os protocolos que sustentam essa rede global. A pesquisa histórica sobre a pornografia digital deve considerar a web como um espaço efêmero, no qual dados e registros podem desaparecer rapidamente, tornando a recuperação de informações um desafio significativo (Brugger, 2009). O Pornhub, como uma plataforma que opera em um ambiente digital em constante transformação, apresenta dificuldades metodológicas para a pesquisa acadêmica, pois seus conteúdos, algoritmos e interfaces mudam ao longo do tempo, e grande parte de seu histórico não é arquivado de maneira acessível.

A análise de diferentes versões arquivadas de sites pode auxiliar na reconstrução do funcionamento da internet em determinados períodos, mas essa abordagem apresenta desafios metodológicos. No caso do Pornhub, uma plataforma de “nicho” raramente explorada em pesquisas científicas, os dados disponíveis frequentemente são fornecidos pela própria empresa ou por usuários que registraram suas experiências com o site ao longo do tempo. Isso levanta questões sobre a autenticidade e a imparcialidade das fontes, exigindo que os pesquisadores adotem uma abordagem crítica ao interpretar estatísticas e tendências divulgadas pela própria plataforma.

Ao buscar compreender o papel da pornografia digital na cultura contemporânea, esta pesquisa se insere em um debate mais amplo sobre a mercantilização da sexualidade e a reconfiguração das normas de gênero e desejo na era digital. Como apontado por Attwood (2007), a pornografia contemporânea reflete uma série de transformações sociais que incluem a hiperexposição do corpo e do sexo na esfera pública, a evolução da tecnologia digital e a mudança nas políticas de regulação de sexualidade. A internet não apenas tornou a pornografia mais acessível, mas também redefiniu as formas como ela é consumida, compartilhada e percebida pela sociedade.

Para tal, a presente pesquisa busca contribuir para o campo dos estudos pornográficos ao analisar criticamente o Pornhub como um fenômeno cultural, econômico e tecnológico. A pornografia digital, longe de ser um objeto de análise isolado, está interligada a debates sobre privacidade, autonomia, regulação da internet e exploração da imagem corporal. Compreender a pornografia online a partir de uma abordagem interdisciplinar permite desvendar não apenas suas implicações no campo da sexualidade, mas também suas conexões com o neoliberalismo digital e a lógica das plataformas tecnológicas. Assim, a presente dissertação se propõe a examinar o Pornhub como um caso emblemático do impacto da internet na cultura sexual contemporânea, explorando suas contradições, limitações e possibilidades.

Assim, contexto do presente trabalho rejeita-se a alegação de que os estudos pornográficos são apenas um veículo de legitimação das ações da indústria pornográfica,

considerando que a pornografia é basicamente a incorporação de práticas verbais e discursos relacionados a esse material na cultura dominante, na mídia e nas novas tecnologias de informação e comunicação. Assim, além de uma tentativa de delimitar esse conceito polissêmico e controverso, toda discussão é também uma tentativa de explorar e redefinir a socialização sexual por meio da gravação de elementos do discurso pornográfico (Attwood, 2006). É um processo que ocorre dentro da tendência mais ampla de sexualização da cultura, com a qual a presença cada vez maior de relações sexuais mediadas, representações na esfera pública que contribuem com a difusão e expansão do discurso sexual. Nessa realidade de enorme variedade de inclinações ou ‘tirania de escolhas’ que a cena contemporânea oferece, a pornografia pode assumir características elegantes e refinadas’. Aqui a pornografia não flerta com a tendência predominante, mas agora é uma faceta da tendência predominante, principalmente no sentido de que o vocabulário e a estética da cultura pornográfica têm permeado a vida cotidiana e o discurso público.

A questão dos efeitos do consumo é uma das mais básicas para os estudos da pornografia, costuma ser colocada na forma de uma pergunta: se o consumo pornográfico tem efeito ou não? (McNair, 2014). Como Smith e Attwood (2014) apontaram, é difícil para o estudo da pornografia ir além do “paradigma dos danos” que está diretamente relacionado à escola dos efeitos no estudo da comunicação. Mas o principal problema com essas considerações é que os efeitos da mídia são considerados negativos por definição. Mas é preciso deixar claro que a pornografia não é a soma algébrica¹ do consumo em massa de produções pornô, mas uma realidade social no campo da cultura que constitui e condensa o efeito cumulativo (macro) do consumo em massa de imagens pornográficas e sexuais e seu formato inédito na esfera pública. Essa implicação geral é a inclusão de práticas verbais/racionais e razões relacionadas à pornografia na cultura *mainstream*²/popular, mídia e novas tecnologias de informação e comunicação, paralelamente pela gravação de elementos de discurso sexual e pornográfico na socialização sexual.

No debate sobre pornografia existe uma tradicional controvérsia entre conservadores morais e políticos que promovem a ideia de censura e liberais que rejeitam a censura,

¹ Aqui é importante pontuar que nunca existiu algo semelhante em proporções a indústria pornográfica atual, o avanço tecnológico proporcionou um consumo simples e rápido do qual ainda não conseguimos calcular de maneira efetiva os possíveis efeitos.

² *Mainstream* é um termo em inglês que se refere ao conjunto de ideias, valores, crenças, tendências e práticas culturais que são amplamente aceitas, difundidas e consumidas por uma sociedade em um determinado momento. O *mainstream* pode ser entendido como o “*mainstream* cultural”, ou seja, a cultura dominante ou hegemônica. O *mainstream* é a cultura popular, aquela que é produzida em massa e que tem grande alcance na sociedade. É a cultura que chega às pessoas por meio de grandes meios de comunicação, como televisão, rádio, jornais e internet, e que é consumida por uma grande maioria da população.

defendendo os valores da liberdade de vontade e liberdade de expressão ganhou novas dimensões com a intervenção do movimento feminista, invocando dados de pesquisas modernas que exigem, em parte ou em geral, a proibição da pornografia. Isso criou um quadro aparentemente confuso onde, junto com a pré-censura moral e politicamente conservadora, algumas correntes feministas trazem visões tradicionais de censura enquanto outras correntes são contra tal processo. Inevitavelmente, o debate não pode inaugurar as abordagens teóricas à definição de pornografia, as noções de liberdade, mas também os limites da individualidade por um lado e a intervenção estatal e social por outro (Attwood, 2010).

Assim, a questão de saber se a produção ou consumo de pornografia pode ou deve ser proibida ou restringida por um governo ou qualquer outra autoridade pública torna-se significativamente mais complexa. No final, ativistas do cristianismo, comentaristas neoconservadores e expoentes de grupos sociais semelhantes apresentaram um conceito ofensivo. É por isso que o uso desse conceito no discurso público está ligado a uma tentativa de registrar reviravoltas culturais acompanhadas de preocupações com esses desenvolvimentos e é complementado por uma retórica de orientação crítica que busca regular algo “aparentemente” problemático para a sociedade como um todo.

O debate do Feminismo Radical, Feminismo Liberal³, conservadorismo e da própria indústria pornográfica levou a uma série de estudos de consequências e efeitos. Tais debates levantaram diversas questões socioculturais que se evidenciam no modelo de valores culturais em uma escala e influência, segundo o qual o conceito de esfera público e os processos de produção e consumo de textos informativos e midiáticos são fatores de socialização, tal coisa gerou uma série de fatores e uma nova definição da realidade social e formação de estereótipos de longo prazo dentro da cultura predominante — e sempre com a condição de que aquilo que constitui a análise da cultura dominante em uma sociedade. Em outras palavras, o foco na busca de possíveis consequências e resultados no nível social e cultural é uma tentativa de abordar como um todo quaisquer efeitos possíveis, cumulativos ou não, da pornografia, tanto emocionalmente, cognitivamente ou comportamentalmente, assim como efeitos generalizados, difusos e gerais (macro e micro).

³ O feminismo radical é uma corrente dentro do movimento feminista que defende uma transformação profunda e estrutural da sociedade para eliminar a opressão das mulheres. Em contraste com outras formas de feminismo, o feminismo radical acredita que a opressão das mulheres não pode ser resolvida dentro do sistema existente e que é necessário redesenhar fundamentalmente as estruturas sociais, políticas e econômicas. Já o feminismo liberal tem a crença de que a igualdade de gênero pode ser alcançada por meio de reformas dentro das estruturas existentes da sociedade, sem a necessidade de uma transformação radical.

Para a construção da presente dissertação é importante destacar que o Pornhub é uma fonte completamente digital, nascida no universo “online”. As tecnologias digitais, como a Internet e a Inteligência Artificial, fazem parte da nossa vida cotidiana, afetando aspectos mais vastos do nosso estilo de vida, bem como a forma como interagimos com o passado. Tendo mudado fundamentalmente as formas como o conhecimento é produzido e consumido, a era algorítmica também mudou radicalmente a relação do trabalho histórico com o digital⁴.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa consiste em examinar as estratégias de produção e distribuição de conteúdo pornográfico na era digital, destacando a mercantilização dos corpos, destacando as dinâmicas de poder, representação e identidade na pornografia online, com foco na objetificação e sexualização, especialmente no contexto do Pornhub. Os objetivos específicos buscam: (I) Apresentar a pornografia em tempos de internet, destacando a mediação da experiência sexual e as controvérsias pornográficas; (II) Discutir os efeitos do consumo de pornografia; (III) Apresentar o surgimento e consolidação do Pornhub; (IV) Discutir a pornografia como forma de sexualização, destacando o sexismo e a performance do gênero.

JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pela notável ausência de abordagens da literatura das ciências sociais e da história sobre o tema em questão. Essa lacuna está relacionada ao interesse ainda relativamente restrito — embora em expansão — que as ciências humanas demonstram pelo mundo digital. Como aponta Paasonen (2009, p. 17), há uma “relativa tirania do conceitual”, ou seja, uma escassez ainda mais significativa de estudos que tratem da pornografia digital, especialmente em suas dimensões materiais e sensoriais. Para enfrentar essa lacuna, a autora recorre à abordagem de Marco Abel, que, inspirado por Deleuze e Guattari, propõe deslocar o foco dos “significados” para os modos como as imagens “agem” e para aquilo que elas podem “fazer” (Paasonen, 2009; Deleuze; Guattari, 2009; Abel, 2007). Essa perspectiva — que inspira o presente trabalho — leva em conta as dimensões culturais, econômicas, materiais e sensoriais da pornografia digital. Argumenta-se, neste estudo, que a plataforma de mídia social Pornhub, seu ecossistema digital, os conteúdos que nela circulam, a experiência

⁴ Aqui não se fala de fonte digitalizada, termo que se refere a uma fonte que foi convertida em formato digital a partir de uma fonte física ou impressa. Isso envolve o processo de capturar, digitalizar e armazenar uma fonte física, como um livro, um documento impresso, uma caligrafia escrita à mão ou até mesmo uma placa de sinalização, transformando-os em um formato digital. O Pornhub se trata de uma fonte nata-digital, ele é puramente digital e não digitalizado.

de navegação, as buscas realizadas e as práticas de “produção-consumo” (*prosuming*) constituem um processo de natureza biopolítica, marcado por uma lógica de coleta de dados voltada a identificar, classificar, regular e moldar tanto corpos individuais quanto populações, na interface entre o digital e o mundo concreto. Essa interpretação apoia-se nos conceitos desenvolvidos por Michel Foucault (1976) em *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*, especialmente no que se refere à noção de biopolítica e aos discursos que regulam os corpos e a sexualidade. Embora Foucault não tenha tratado do ambiente digital — inexistente à época —, suas formulações teóricas permitem compreender como, no contexto contemporâneo da Web 2.0, as chamadas “redes pornográficas” — ou seja, plataformas digitais voltadas à circulação de conteúdo adulto — podem ser analisadas como dispositivos discursivos sobre o corpo, exercendo influência central nas dinâmicas de sexualidade, reprodução e nas fronteiras do conceito de humano.

Partindo desse conceito, podemos considerar os sites pornográficos como agentes influentes no discurso sobre o corpo e a sexualidade na internet, pois não apenas comunicam, mas também moldam sistematicamente o que comunicam e para quem o fazem. É possível argumentar que as práticas de produção, circulação e consumo de conteúdo adulto contribuem para a construção de um “registro de prazeres” — um conjunto de conhecimentos e regras que definem um estilo de vida (Foucault, 2013). Na chamada “Era da Informação” ou na “Sociedade em Rede”, conforme descrito por Manuel Castells (2010), os usuários comuns da internet, impulsionados pelo desenvolvimento das redes sociais, desempenham um papel crucial na formação desse arquivo. O aumento da sexualização, impulsionado pelo fluxo massivo de conteúdo pornográfico em formato digital pela internet, que chega às telas de computadores, tablets e, mais significativamente, aos smartphones “inteligentes” dos usuários, pode ser comparado ao crescimento da produção de material pornográfico. Nesse contexto, a produção online de discursos sobre sexo também pode ser considerada como um agente normalizador das concepções de corpo e sexualidade entre os participantes. Esses processos estão intrinsicamente ligados à dinâmica do mundo digital e à interação dos sujeitos nesse ambiente. Foucault (2013), em *História da Sexualidade*, explica que nas sociedades ocidentais, a sexualidade através do objeto do pecado, silenciamento, deportação e repressão durante o período do século XVII, foi gradualmente transformada em um sistema de conhecimento científico, discurso científico, que não se concentrava na repressão e na “proibição”, mas na produção de sujeitos “normais” e “ditados”. A sexualidade, expressa por meio de um conjunto de razões saber-científicas, urge a compreensão, o saber, o manejo do corpo por sujeitos que passam a ser definidos como “responsáveis por si mesmos”. Ou seja, devem cuidar da higiene e morais do corpo e da

sexualidade. Assim, esses sujeitos tornam-se os próprios “portadores” de uma forma produtiva de poder, tornam-se responsáveis e aprendem a “assumir” como devem expressar sua sexualidade, a cuidar de seu corpo e de sua própria vida. Valendo-se de Foucault (2013) para a abordagem de exemplos relativos a um contexto diferente daquele de suas sociedades do século XVII, é necessário aprofundar conceitos que são catalisadores para o processo dinâmico de enquadramento da rede Pornhub.

Diversos teóricos da tecnologia exploram o conceito da transição para uma “Sociedade da Informação” ou “Era da Informação”. Conforme apontado por Robert Pinter (2008), o termo “Sociedade da Informação” não denota uma ruptura em relação a épocas anteriores, mas sim descreve uma sociedade na qual a importância sem precedentes da informação e conceitos correlatos (como conhecimento, comunicação, dados e processamento de dados) desempenha um papel central que influencia as relações interpessoais, a continuidade social, os laços entre seus membros, as instituições, a evolução social e até mesmo a própria noção de entidade estatal. É importante ressaltar que a informação sempre teve um papel significativo em qualquer sociedade, desempenhando um papel ativo em seu desenvolvimento social e histórico, mesmo em outras formas de organização social. No entanto, o ponto crucial aqui é que nenhuma forma anterior foi tão profundamente influenciada pela comunicação, disseminação, processamento, decodificação e fluxo de informações em geral, como estamos vivenciando nos tempos atuais.

A legitimidade cultural da pornografia *hardcore*⁵ e consequente influência em outros padrões sexuais acontece por meio da adoção de novas tecnologias de distribuição, abertas com a legalização da exibição pública de filmes publicitários no início da década de 1970 nos Estados Unidos (Williams, 1989). Foi no final da década de 1970 que grande parte da sociedade americana começaria a entrar em contato com produções domésticas de pornografia. Essa disseminação gradual, assim como o consumo de pornografia pelo cinema nos Estados Unidos, foi a mudança mais significativa no campo da pornografia no sentido de unir o consumo de estratos sociais e categorias pornográficas que se estendem além dos consumidores característicos dos períodos anteriores — homens ricos e mais velhos. Para Simpson (2004), o ingrediente crucial para o sucesso na indústria de pornografia foi a adoção do modelo de empreendedorismo que dominou Hollywood desde 1920 até o final de 1960.

O grau de industrialização e profissionalismo, que cada vez mais passo a caracterizar a indústria pornográfica pelos padrões do modelo de Hollywood, é uma dimensão que em parte

⁵ A pornografia *hardcore* é a forma mais explícita de pornografia, geralmente caracterizada por representações gráficas e explícitas de atos sexuais. Isso inclui cenas de penetração sexual, sexo oral, ejaculação, BDSM (*bondage*, disciplina, sadismo e masoquismo), e outras práticas sexuais explícitas.

interpreta sua legitimidade tanto como campo de trabalho quanto como campo de entretenimento. Por exemplo, o acesso à pornografia mais ampla por meio do cinema desde o início dos anos 1970 e, principalmente com base na forma de narrativa dos personagens no recurso pornográfico que prevalecia na época, deu o impulso inicial à indústria pornográfica para criar e construir seu próprio sistema. Por volta de 1980 com o ressurgimento do interesse pelo corpo e pelos sentidos surge uma série de abordagens da Antropologia e da História, estudos de Cultura Material, assim como a partir dos anos 2000 estudos sobre Gênero e Sexualidade, que mostram que o corpo, a sexualidade e o gênero dos sujeitos que navegam nas redes pornográficas digitais não são dados, culturalmente independentes, não são “superfícies neutras”, estando sujeitas a rotulagem e registro social, constantemente “influenciadas socialmente”, “mediadas culturalmente”, posto que são “categorias políticas flexíveis” (Attwood, 2007).

Vale destacar que as dimensões sociais e políticas do corpo que buscam negar a existência de dados e diferenças biológicas ou negar a materialidade física. Em vez disso, o objetivo é mudar o foco da problemática, do reconhecimento da importância das diferenças biológicas para o corpo e o sexo para a questão de condições históricas, sociais, institucionais e logísticas algumas diferenças biológicas são percebidas como características comumente reconhecíveis e, claro, o corpo e a sexualidade (Butler, 1999). Butler (1999) levanta uma questão de temporalidade social em relação ao conceito de prática que o sujeito não é algo que antecede a performance, mas se forma “através dela”, ou seja, é moldado por ter passado por tal processo de um sexo. Em outras palavras, o sujeito não é o recipiente passivo da cultura, mas também não está em algum lugar “fora” e “antes” do “social” e existe o “poder reafirmador da palavra”, mas os próprios processos de reafirmação das normas regulatórias, sujeitos, corpos, sexualidades e conceitos do humano são moldados e moldam ambientes digitais por meio de práticas repetitivas incorporadas envolvendo uma série de atividades diárias que envolvem formas invisíveis de controle social e indiretamente borram a linha entre eles.

Tais práticas cotidianas incluem a navegação no “mundo potencial” na Internet, interações em redes sócias e aquelas com conteúdo pornográfico, conversas eróticas online e práticas de autossatisfação e sexo cibernético (Attwood, 2013). Além da relação do corpo com o sociocultural, outra relação que precisa ser explorada para a presente abordagem é a das pessoas e do corpo com a cultura material e o mundo digital. Por muito tempo as corporalidades digitais e materiais foram tratadas pelas humanidades estereotipicamente como parte de um mundo “efêmero”, “inanimado” e “superficial”, em oposição ao homem, à mente, à sociedade e ao que quer que seja considerado “substancial” e “verdadeiro”. Daniel Miller (1998) afirma

que essa relação entre “dentro” e “fora”, muitas vezes tida como certa, é baseada no que chamamos de “ontologia da profundidade”. De acordo com essa percepção, o que “realmente somos”, está em algum lugar profundo dentro de nós e contrasta com a superfície. Esse pré-conceito muitas vezes foi um obstáculo para um engajamento mais sistemático com “coisas materiais”. Embora muitas referências possam ser feitas às “aventuras das coisas” e suas abordagens teóricas, aqui deve-se mencionar principalmente que até a década de 1980, quando se estabeleceu o campo da Cultura Material, a maioria dos estudos tratava de objetos materiais de forma restritiva ou como indicadores passivos de relações sociais. Conceitos como a “objetificação”, de Daniel Miller, a “vida social” e a “biografia” dos objetos, mas também o conceito de “ação” (em relação às obras de arte), tal como utilizado por Alfred Gell destacaram a presença ativa de “Coisas” na sociedade, enfatizando várias formas de materialidade, e os aspectos das fronteiras indistintas entre o material e o intangível. Tais conceitos se mostraram particularmente importantes na discussão de materiais digitais que, muitas vezes por serem considerados sinônimos de “intangíveis”, não estão vinculados a possíveis efeitos nos corpos dos sujeitos ou as questões sobre infraestrutura, condições de produção, os diferentes significados que adquirem em diferentes contextos de sua “vida”.

A convergência entre os campos de estudo em Ciência e Tecnologia e Mídia, juntamente com a Cultura Material, deu origem a abordagens que desafiaram as perspectivas lineares e deterministas presentes em abordagens mais antigas. Estas abordagens anteriores viam a tecnologia como a força motriz da história, muitas vezes adotando uma visão antropocêntrica que considerava a tecnologia como uma “ferramenta” neutra nas mãos das pessoas, a ser usada de acordo com sua vontade (Pinter, 2008). Robert Pinter (2008) explica que as perspectivas e transições “tecnorrealistas” não são, de forma alguma, neutras. Ele ressalta que “toda tecnologia incorpora, de maneira intencional e não intencional, conteúdos e crenças sociais, políticas e econômicas específicas”. A interdependência e a coevolução da sociedade e da tecnologia são fundamentais, como pressupõe a Teoria ANT⁶ (Actor Network Theory), que

⁶ A Teoria do Ator-Rede (ANT) é uma abordagem teórica nos campos das ciências sociais e dos estudos de tecnologia que se destaca por sua visão não hierárquica e simétrica. Diferentemente de abordagens convencionais, a ANT não presume uma hierarquia fixa ou estruturas de poder predefinidas. Em vez disso, ela se concentra em redes de atores que podem ser tanto humanos quanto não humanos, como objetos e tecnologias. Uma característica fundamental da ANT é a simetria entre humanos e não humanos, tratando-os como influentes na construção de redes sociais. Na ANT, tecnologias não são meramente ferramentas neutras usadas pela sociedade, mas são vistas como agentes ativos que moldam e são moldadas pela sociedade. Além disso, a ANT enfatiza a ideia de coconstrução, destacando que a sociedade e a tecnologia estão interligadas e se moldam mutuamente. As tecnologias não são separadas da sociedade, mas parte integrante dela. A ANT frequentemente se concentra em situações de controvérsia, onde atores discordam e buscam alinhar outros atores com seus interesses. Isso ajuda a compreender como as redes se formam, como as coisas são negociadas e redefinidas. A pesquisa na ANT envolve descrições detalhadas das redes de atores e das relações entre eles. Isso geralmente resulta em estudos de caso

afirma que as entidades tecnológicas, juntamente com o contexto sociopolítico que as envolve, coevoluem e coconstroem entidades tecnossociais. O resultado dessa interação é simultaneamente “técnico” e “social”. Em outras palavras, os mundos potenciais se constroem com base no “natural” ao mesmo tempo em que o modelam. A abordagem da ANT contribui de maneira significativa para a compreensão das complexas interações entre tecnologia, sociedade e o mundo digital-humano.

Até um passado recente, a pornografia na Internet era predominantemente vista como uma extensão das oportunidades de disseminação de material pornográfico de natureza comercial (Attwood, 2007). Essa visão frequentemente se enquadrava em uma perspectiva capitalista, na qual a pornografia fluía livremente em escala global. No entanto, é fundamental notar que a difusão dos conteúdos sexuais e pornográficos, cada vez mais, é liderada e moldada pelos próprios usuários da Internet. Em outras palavras, embora a indústria de pornografia comercial continue a se expandir, não podemos subestimar o fato de que os usuários da Internet estão se tornando mais conscientes de como funciona o sistema de produção e distribuição de material pornográfico (Jacobs, 2007). Assim, uma abordagem que considera a pornografia de maneira mais positiva, como a proposta por Jacobs (2007), exige uma compreensão profunda de como os usuários redefinem a pornografia como uma parte individualizada de suas vidas sexuais. Nessa ótica, a pornografia se torna “normalizada” e integrada a um repertório de práticas sexuais cotidianas, incorporando-se às novas tecnologias disponíveis. Isso destaca a evolução da relação entre os usuários e a pornografia, à medida que ela se torna uma expressão mais personalizada e adaptada às necessidades individuais. Essa evolução reflete não apenas mudanças na indústria da pornografia, mas também nas maneiras como as pessoas vivenciam a sexualidade na era digital.

Isto deve-se à cultura participativa que pode ser desenvolvida através da Web 2.0⁷ que oferece mais possibilidades. É um empreendimento colaborativo na produção, distribuição e

específicos e análises contextuais, contribuindo com uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e tecnológicas. Em suma, a Teoria do Ator-Rede oferece uma perspectiva inovadora que desafia abordagens convencionais ao examinar como a sociedade, a tecnologia e outras entidades se entrelaçam na construção de redes complexas e na formação de relações interdependentes (Pinter, 2008).

⁷ A transição da Web 1.0 para a Web 2.0 marcou uma mudança substancial na dinâmica da internet. Na era anterior, a Web 1.0, os sites eram predominantemente estáticos e de natureza unidirecional, onde as informações eram publicadas por empresas e organizações para serem consumidas passivamente pelos visitantes. Em contraste, a chegada da Web 2.0, a partir dos anos 2000, introduziu um paradigma mais interativo e participativo. Na Web 2.0, a interatividade e a participação dos usuários se tornaram centrais. Plataformas online permitiram que as pessoas contribuíssem ativamente com conteúdo, comentários e compartilhamento de informações. Redes sociais, como Facebook, Twitter e YouTube, surgiram, possibilitando a criação de perfis pessoais, conexão entre usuários e a partilha de conteúdo gerado pelos próprios usuários. O conceito de conteúdo gerado pelo usuário tornou-se proeminente na Web 2.0. Os usuários começaram a contribuir com fotos, vídeos, comentários e outros tipos de conteúdo, o que levou ao crescimento de plataformas como Instagram, YouTube e blogs pessoais. A colaboração

consumo de pornografia que, com a lógica de questionar estruturas orientadas para a mercadoria na representação do sexo, é chamado de “democratização da pornografia” (Jacobs, 2004; Hardy, 2008)⁸. É claro que o modelo “vertical” de tráfico de material pornográfico de produtores empresariais para consumidores já tinha começado a mudar, mesmo numa fase inicial, para um modelo “horizontal” de troca de material. Ou seja, a mudança observada diz respeito principalmente a uma “massificação digital” da pornografia, para cujo momento contribuiu com as possibilidades oferecidas pelas tecnologias em evolução, encapsulando as necessidades do comércio e consumidor, num contexto onde os utilizadores são socializados com as competências necessárias para a produção, processamento e distribuição de material (Coopersmith, 2006).

Assim, a Internet não só criou um mercado exclusivamente com fins lucrativos em torno da pornografia, mas também algumas formas de troca económica que se aplicam “acima e além” da economia geral do mercado de pornografia online (Jacobs, 2004). É uma economia que, segundo Jacobs (2004), se baseia na troca de dádivas⁹, tendo como principal objetivo a construção de um mecanismo de coesão social e não de utilidade económica ou lucro. Além disso, com o caso dos conteúdos pornográficos na Internet, observa-se uma nova dimensão, a postagem e distribuição de material que o próprio usuário/consumidor produz em tempo real (Cronin; Davenport, 2001). Neste sentido e segundo Coopersmith (2006), esta tecnologia pode ser considerada como “libertadora”, uma vez que permite aos indivíduos criar a sua própria pornografia nos seus próprios termos, sem consumir passivamente o trabalho de outra pessoa. Ou seja, no caso dos produtos pornográficos na economia digital, o consumidor contribui para a criação do produto em tempo real ao, por exemplo, exigir uma determinada interação. Este é um fenómeno mais amplo que diz respeito às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias

online também aumentou, com a capacidade de editar wikis e colaborar em fóruns e blogs. A personalização da experiência online tornou-se possível na Web 2.0, graças a algoritmos de recomendação. Os serviços passaram a oferecer recomendações com base nos interesses e comportamentos dos usuários, tornando a web mais relevante para cada indivíduo. Isso é visível em sites como a Amazon, que recomendam produtos com base em compras anteriores.

A Web 2.0 também trouxe a ideia da “Web Semântica”, visando tornar o conteúdo online mais compreensível para máquinas, permitindo uma pesquisa e recuperação de informações mais eficazes. Essas transformações representam uma revolução na cultura da internet, dando aos usuários papéis ativos na criação, compartilhamento e discussão de conteúdo online. No entanto, também apresentaram desafios relacionados à privacidade, veracidade das informações e moderação de conteúdo, que continuam a ser temas de discussão na era da Web 2.0 e posteriormente.

⁸ Para Grebowicz (2011), a pornografia online contemporânea exemplifica um modelo democrático dada a ação colaborativa informal dos utilizadores observada em redes de compartilhamento de vídeos, como o Pornhub e o Xvideos.

⁹ O conceito de dádiva aqui remete à obra clássica de Mauss (1954) onde o importante sociólogo francês concentra sua análise em como as trocas de dádivas entre pessoas, mas também entre grupos, criam vínculos entre eles que vão além da lógica unidimensional da utilidade e cultivam formas de solidariedade social.

para que o consumo de materiais seja acompanhado pela disponibilização simultânea de informações aos produtores, fenômeno que Cronin e Davenport (2001) chamam de “consumo construtivista”. Tal fenômeno ilustra como a internet e a tecnologia digital permitiram uma mudança fundamental na dinâmica da produção e consumo de conteúdo pornográfico, dando aos usuários um papel central na personalização e criação de seu próprio material pornográfico, ao mesmo tempo em que participam ativamente na troca econômica e social que envolve esse mercado.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas para uma análise abrangente do fenômeno da pornografia digital, com foco no Pornhub. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender tanto as tendências estatísticas quanto as percepções subjetivas dos usuários e a forma como os conteúdos são estruturados e consumidos dentro da plataforma. Ao optar por um estudo de caráter exploratório e descritivo, busca-se analisar as dinâmicas de consumo de pornografia digital e suas implicações culturais, sociais e psicológicas. A triangulação metodológica, conforme defendida por Creswell (2014), permite validar os achados da pesquisa ao integrar diferentes perspectivas analíticas, considerando a complexidade do tema, que envolve aspectos quantitativos, como dados de tráfego e estatísticas da plataforma, e qualitativos, incluindo percepções dos usuários e discursos sobre a pornografia online.

A coleta de dados foi realizada a partir de fontes primárias e secundárias, possibilitando uma análise diversificada do tema. Entre as fontes primárias, destacam-se os dados coletados durante minha graduação, os quais forneceram um levantamento inicial sobre o Pornhub e a cultura da pornografia digital, e que serão ampliados nesta pesquisa. Além disso, o Pornhub foi uma fonte fundamental para a obtenção de relatórios estatísticos, tendências e dados demográficos sobre o consumo de pornografia na plataforma. Esses dados permitem compreender padrões de uso ao longo do tempo e identificar possíveis transformações na audiência e nos conteúdos consumidos. Paralelamente, foi conduzida uma etnografia digital, conforme a abordagem de Hines (2007), para observar a categorização dos vídeos, as tags utilizadas e os algoritmos que influenciam a experiência do usuário. Essa análise permitiu uma compreensão detalhada das dinâmicas internas do Pornhub, possibilitando investigar como a plataforma molda e influencia as práticas e percepções de seus usuários.

As fontes secundárias incluem literatura acadêmica, além de análises de especialistas e estudos já publicados sobre o comportamento de usuários em ambientes digitais. A revisão

da literatura abrange estudos sobre pornografia digital, economia da atenção e o impacto da mercantilização dos corpos no ambiente online, tendo como referências teóricas autores como Williams (2004), McNair (2002) e Attwood (2007). A análise de comentários e interações públicas disponíveis diretamente nas plataformas pornográficas complementa essa abordagem, oferecendo material empírico sobre experiências e percepções do consumo de pornografia. A partir dessas observações, foi realizada uma análise qualitativa para identificar padrões discursivos e compreender como os usuários negociam sua relação com a pornografia e seus impactos subjetivos. Adicionalmente, foram consideradas análises de especialistas nas áreas de estudos culturais, mídia digital e psicologia de consumo, permitindo uma reflexão crítica sobre os efeitos da pornografia online nas dinâmicas sociais e na construção da sexualidade contemporânea.

A análise dos dados foi estruturada em duas frentes: quantitativa e qualitativa. No âmbito da análise quantitativa, os dados do Pornhub foram organizados e examinados por meio de técnicas de análise descritiva, permitindo traçar um panorama dos padrões de consumo de pornografia ao longo dos anos. A comparação temporal entre 2007 e 2023 possibilitou identificar mudanças na indústria pornográfica digital, observando tendências emergentes e transformações nos hábitos dos usuários. Já a análise qualitativa será conduzida a partir de diferentes abordagens metodológicas. A análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2011), foi utilizada para examinar os títulos dos vídeos, categorias, descrições e tags mais recorrentes, buscando padrões na forma como os conteúdos são promovidos e consumidos. A análise de discurso, inspirada em Foucault (1977), permitiu investigar as narrativas construídas sobre desejo, sexualidade, corpo e identidade dentro da pornografia digital. Complementando essa abordagem, a etnografia digital possibilitou uma imersão no ecossistema do Pornhub, identificando suas estratégias de engajamento e a forma como os algoritmos influenciam a experiência do usuário.

O recorte temporal do estudo compreende o período de 2007 a 2023, definido com base na fundação do Pornhub, em 2007, e sua consolidação como a maior plataforma pornográfica mundial. Essa análise longitudinal permite observar a evolução da pornografia digital e seu impacto cultural, considerando tanto as transformações tecnológicas quanto as mudanças nos padrões de consumo. A escolha desse intervalo também possibilitou acompanhar o desenvolvimento da MindGeek, conglomerado responsável pelo Pornhub e outras plataformas pornográficas, permitindo compreender sua influência sobre a indústria do entretenimento adulto.

Dada a sensibilidade do tema, a pesquisa levanta questões éticas que demandam atenção. Para garantir uma abordagem responsável, não foram coletadas informações pessoais ou identificáveis dos usuários, e os dados analisados foram exclusivamente aqueles disponibilizados publicamente pelo Pornhub Insights, fóruns e redes sociais. A pesquisa seguiu os princípios da ética em pesquisa digital, assegurando que os relatos analisados sejam provenientes de fontes abertas e acessíveis. No entanto, algumas limitações metodológicas devem ser consideradas. A dependência dos dados disponibilizados pelo Pornhub pode introduzir viés na análise, pois a plataforma controla a divulgação de estatísticas e pode omitir informações estratégicas. Além disso, a efemeridade da web, conforme destacado por Brugger (2009), representa um desafio, uma vez que conteúdos e estruturas digitais são frequentemente modificados ou removidos. Outro aspecto a ser ponderado é a falta de transparência nos algoritmos da plataforma, que limita a compreensão sobre os critérios utilizados para recomendação de conteúdos e direcionamento da experiência do usuário.

A metodologia adotada permitirá uma análise aprofundada e interdisciplinar da pornografia online, explorando sua relação com o consumo digital, as dinâmicas de mercantilização do corpo e a construção de identidades sexuais na contemporaneidade. Ao combinar métodos quantitativos e qualitativos, esta pesquisa ofereceu um mapeamento detalhado do fenômeno, contribuindo para os estudos pornográficos e para a compreensão das mudanças na sexualidade e no consumo cultural na era digital. Por meio dessa abordagem, espera-se lançar luz sobre a intersecção entre pornografia, tecnologia e sociedade, ampliando o debate acadêmico sobre os impactos da pornografia digital no imaginário coletivo e nas relações interpessoais.

CAPÍTULO 1 – PORNOGRAFIA EM TEMPOS DE INTERNET: A MEDIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA SEXUAL E AS CONTROVÉRSIAS PORNOGRÁFICAS

1.1 A PORNOGRAFIA NO AMBIENTE DE COMUNICAÇÃO MODERNO

Nos últimos anos, a pornografia passou por uma profunda transformação impulsionada pelo avanço das tecnologias digitais e pela globalização da comunicação. Se antes o acesso a esse tipo de conteúdo era restrito a mídias físicas e circuitos limitados, hoje, com a internet e as redes sociais, ele se tornou amplamente disponível, moldando novos padrões de consumo e percepção.

O ambiente de comunicação moderno permitiu a disseminação massiva da pornografia, influenciando não apenas a cultura e as relações interpessoais, mas também levantando debates sobre ética, privacidade, saúde mental e regulação. Plataformas digitais, inteligência artificial e a ascensão de criadores independentes desafiam antigos modelos da indústria pornográfica, ao mesmo tempo em que geram novas discussões sobre consentimento, exploração e impacto psicológico. Diante desse cenário, tornou-se essencial analisar como a pornografia interage com a comunicação contemporânea, quais são seus efeitos entre os indivíduos e a sociedade, e quais desafios emergem com a hiperconectividade e a facilidade de acesso.

1.1.1 Pornografia e erotismo

Em 1971, o filme de Dusan Makavejev, *W.R. – Os Mistérios do Organismo*, tenta, com o seu material diversificado, interagir com as teorias de Wilhelm Reich e contrastar a libertação sexual com o establishment sociopolítico. Estendendo o tema revolucionário à lógica visual, Makavejev ousa incluir, em alguns dos primeiros planos do filme, semelhantes a um caleidoscópio, um encontro amoroso e um plano de sexo na vida real, enquanto o narrador exclama: “Camaradas-amantes, pelo bem dela sua saúde, façam amor livremente”. Cinco anos depois, Nagisa Ōshima, com *O Império dos Sentidos* culmina o desafio de um cinema que confronta os temas da sexualidade e do erotismo, abalando vigorosamente o debate sobre a relação entre pornografia e erótico. E se o dilema “pornografia ou erotismo?” parece pertencer a tempos anteriores, mais conservadores, o fato é que continua a ser ativado cada vez que filmes como *Ninfomaníaca* de Lars von Trier ou *Amor* de Gaspar Noé revelam mais do que a moral prevalecente permite.

Mas quando é que uma obra é pornográfica ou erótica e por que é que esta caracterização elimina ou mesmo prejudica o seu valor? Mesmo que o foco central do trabalho

não esteja no cinema erótico, erotismo e pornografia caminharam juntos e tiveram suas fronteiras borradas em diversos momentos, portanto, a ideia de trazer esses pontos “embaçados” vem de uma necessidade de esclarecer como o erótico pode se tornar pornográfico. Junto com a questão acima, é útil perguntar quais são as aspirações de um criador que busca sua passagem nos códigos da pornografia ou erotismo e o que isso significa globalmente para o cinema que se interessa pelos temas do erotismo? Em 1967, no seu conhecido ensaio “A imaginação pornográfica”, Sontag reexamina a relação entre erótico e pornografia, ao mesmo tempo que defende obras provocativas de literatura erótica, como *Histoire d'O* (1954) de Pauline Reaz e *A história do olho* (*Histoire de l'oeil*, 1928) de Georges Bataille. Ela explica que alguns dos principais argumentos daqueles que se recusam a reconhecer o possível valor literário de tais textos são que eles, como a pornografia, visam exclusivamente a estimulação sexual do leitor, esquecem a forma complexa como a literatura funciona, são indiferentes a seus meios expressivos e, por fim, relegam personagens literários a instrumentos despersonalizados (Sontag, 2004).

De certa forma, este permanece até hoje o principal raciocínio que diferencia a pornografia e o erotismo: a pornografia tem, por definição, o único propósito de estimulação sexual, enquanto a arte erótica serve propósitos múltiplos e mais complexos (Levinson, 2005). Segundo Sontag (2004), é claro, o problema reside precisamente aqui: na noção de que pornografia e erotismo são inerentemente opostos. E como é possível que tal aconteça, explica ela, quando textos pornográficos como o de Bataille, só não se limitam à estimulação sexual, mas conseguem, através do registro de experiências eróticas extremas, revelar a relação subterrânea do erotismo com a morte? (Sontag, 2004). É claro que agora o uso de expressões como arte pornográfica, Porno-Art ou até mesmo Erotic-Porn prova que os dois termos — pelo menos no pensamento de alguns estudiosos — podem andar juntos, sem que isso implique uma situação desastrosa. Mesmo assim surgem também questões de natureza estética — mais fortemente no cinema, que é essencialmente um meio visual —, que levantam questões sobre o que é belo e, portanto, desejável. Podemos pensar em um dilema paralelo que agora se volta para o criador e lhe pede que escolha entre duas abordagens possíveis e bastante opostas das cenas de sexo: uma “discreta”, que gosta de esconder, e uma “reveladora”, que, teoricamente, está mais próxima da realidade. É claro que a resposta à questão implica também a escolha de uma posição, em termos de qual das duas opções estéticas capta ou reproduz de forma mais satisfatória os momentos sexuais/eróticos sensíveis e privados. É claro que não é incomum — aparentemente devido a preconceitos morais — considerar mais “elegantes” filmes que evitam abordagens diretas e, portanto, um tanto “grosseiras”, ao mesmo tempo que promovem a

representação sutil de corpos e seus encontros sexuais. Bazin (1993) expressa uma noção relacionada de que na arte “devemos preservar o imaginário”. “Isto”, explica, “significa que o cinema pode dizer tudo, mas não mostrá-lo”, enquanto continua a escrever: “é necessário recorrer às possibilidades de abstração da linguagem cinematográfica de tal forma que a imagem não pode ser usada como documento” (Bazin, 1993, p. 48). Muito tarde, Williams (2008, p. 297) responde que “a imaginação e a capacidade de imaginar sempre ocuparão aquele lugar onde a visão necessariamente limitada do filme falha”. Segundo ela, enquanto houver elementos que o cinema não consiga captar — e, claro, sempre haverá — a imaginação não estará de forma alguma ameaçada. Afinal, Williams (2008, p. 298) acredita que apenas “uma abordagem realista à exibição do sexo pode superar os correspondentes tipos de corpos idealizados — masculino e feminino — dos modelos de comportamento da pornografia”.

Então temos filmes que buscam principalmente desafios e apelos comerciais que podem trazer polêmica pelo seu conteúdo. Por outro lado, há aqueles, como *Império dos Sentidos*, em que as cenas apocalípticas sexuais têm o caráter de uma transgressão que ocorre tanto a nível erótico como a nível sociopolítico: durante a ascensão do militarismo japonês em 1936, os amantes de Osima estão isolados do exterior e da “realidade”, recusando-se a negociar com a morte em prol da modernização do Japão. Em vez disso, declaram-se apegados aos seus costumes antiquados e optam por uma morte sacrificial, que adquire o caráter de oferenda ao erotismo. Algo semelhante se aplica às provocações amorosas de Trier: em *Os Idiotas*, os elementos pornográficos são como um ataque visual, análogo àquele que os personagens tentam contra a vida urbana e as inibições sociais.

O tema do erotismo e da pornografia, então, pode ser uma área fértil para choques dinâmicos que permite que as revoluções individuais assumam dimensões mais amplas. Afinal, quando uma obra sabe que será processada pela provocação de seu conteúdo e, apesar de tudo, escolhe um rumo relevante, para além de uma escolha estética dentro de sua narrativa, parece que ela também organiza uma superação das proibições institucionais que, em determinado momento, eles determinam o que é permitido visualizar. No entanto, é um pacto que filmes como o de Osima e mais tarde o de Trier, criaram uma pré-história que expandiu as ferramentas visuais para representar o erotismo ou ofereceu “um novo tipo de pornografia”, como Williams (2008, p. 297) lhe chama, uma luta pela liberdade da linguagem cinematográfica. Claro que, na medida em que nos anos 70 obras como *Império dos Sentidos* e, antes disso, *Último Tango em Paris*, prometiam uma revolução no cinema erótico, provavelmente ela não se concretizou. Apesar do renovado interesse por produções afins na década de 90, estes filmes continuam a pertencer a um contexto marginalizado, de onde funcionam como casos isolados de escândalos,

com os seus realizadores a lutar para os defender da acusação de pornografia. No entanto, um criador só pode ouvir as necessidades da própria obra e só a partir delas regular a intensidade das suas imagens — as revelações e ocultações que está disposto a fazer. Afinal, o fenómeno amoroso será sempre uma experiência misteriosa e seu registro uma tarefa difícil. Não esqueçamos Bataille (2007, p. 168): “Só o erotismo é capaz, no silêncio e na transgressão, de introduzir os amantes no vazio onde cessam até os murmúrios, onde toda palavra é impensável, onde só o outro não existe mais, mas, mais ainda, corretamente, a imensidão e a ilimitação do universo definido pelo abraço”.

Como apontado acima, as dificuldades em distinguir entre pornografia e erótica, ou outro material de conteúdo erótico (Sarikakis; Tsalikis, 2010), são particularmente grandes por causa de seu conteúdo semelhante, que pode ser igualmente explicitamente sexual e realista. Se, no entanto, o realismo da pornografia é alcançado através do foco no registro de detalhes dos corpos e ações dos protagonistas, a erótica é caracterizada principalmente por um peculiar realismo sensual e emocional (Paasonen, 2010). Para McNair (1996), por exemplo, pornografia e erotismo são categorias distintas que se sobrepõem apenas na medida em que as pessoas consideram excitantes as representações da atividade sexual. A distinção, ou seja, entre erotismo e pornografia requer inevitavelmente um conhecimento elementar dos motivos do criador, que muitas vezes não podem ser inferidos, mas também das opiniões do leitor.

A questão da distinção entre pornografia e erotismo é ainda mais confusa pelas formas conflitantes, às vezes fortuitas e irrefletidas, como o termo pornografia é usado por diferentes indivíduos e grupos — por exemplo, do religioso conservador que vê quase qualquer referência ao sexo ou qualquer visualização do corpo nu como algo pornográfico¹⁰. Quando a palavra “pornografia” é definida de forma tão vaga, é impossível que uma definição “funcional” prevaleça. Por todas essas razões, ainda não foi possível superar a visão de que tanto a pornografia quanto a erótica estão, em última análise, “no olho de quem vê” (Kammeyer, 2008). É uma meta irrealizável categorizar textos pornográficos em eróticos e pornográficos. No mundo do pornográfico e do erótico, a pornografia de uma pessoa é o erotismo de outra.

Com base no exposto, costuma-se distinguir materiais explicitamente sexuais como eróticos quando o conteúdo faz reivindicações demonstrativas de reciprocidade e valor artístico, e como pornográficos quando se supõe explorar e falsificar a sexualidade humana “natural” com “valores baratos” (Smith, 1999, p. 57). Gordon e Bell (1969) chamaram a literatura erótica que mais tarde foi atribuída como pornografia erótica de “núcleo médio” em

¹⁰ De qualquer modo, é problemático equiparar pornografia a sexo (Paul, 2005).

contraste com a pornografia pesada. Evidentemente, importa assinalar tanto o caráter relativista das categorizações, como a possibilidade da existência ou leitura de elementos pornográficos, ou então “momentos pornográficos”, em textos pertencentes a outros gêneros, longe da pornografia, mesmo em obras de reconhecido valor artístico e reconhecimento mundial¹¹.

De forma mais geral, o consumo de erotismo é frequentemente apresentado como um ato libertador que abre mundos de fantasia, inspira prazer sexual e ajuda a criar uma autoidentificação sexual. Consequentemente, parece haver um sentimento predominante de que o elemento pornográfico é caracterizado principalmente por sua baixa qualidade, que não se preocupa apenas em retratar o corpo como “travesso, imundo e grotesco”, mas também em fornecer emoções baratas a um público frequentemente apresentado como “bestial e voraz” (Attwood, 2002)¹². É um dado adquirido que as diferenças entre a arte e a pornografia são juízos de valor e variam de época para época e de cultura para cultura (Mey, 2007)¹³. É por isso que os esforços para distinguir a pornografia de formas culturais “superiores” como a “arte erudita” ou a literatura, mesmo quando parecem possuir o mesmo conteúdo e lógicas representacionais, revelam que estas últimas não são suficientes para demonstrar a pornografia como “pornografia”¹⁴. Em vez disso, parece que é mais a natureza “suja, travessa, humilhante” e dionisíaca da qualidade da pornografia que se torna o fator decisivo — sempre, é claro, em um

¹¹ O filme *Ninfomaníaca*, dirigido por Lars von Trier, é frequentemente citado como um exemplo de como a classificação de um filme como erótico ou pornográfico pode depender da plataforma em que está disponível e da perspectiva do observador. *Ninfomaníaca* é um drama que explora a vida de uma mulher com uma compulsão sexual intensa. O filme contém cenas explícitas de atividade sexual, mas também aborda temas mais amplos, como psicologia, relacionamentos e a natureza humana. Algumas versões do filme disponíveis em plataformas pornográficas podem ter cortes ou edições que buscam maximizar as cenas de sexo explícito, portanto, em alguns contextos o filme pode ser considerado pornográfico, mesmo não sendo produzido com essa intenção.

Aqui caímos no entendimento básico da discussão entre pornografia e erótico. Uma atriz pode atuar em uma cena de nudez para um filme erótico, mas no momento em que alguém corta e edita esse filme e vincula as imagens em uma plataforma pornográfica elas se tornam pornografia. Aqui se leva em consideração o preceito de que não se vai ao cinema pensando no ato masturbatório e que não se entra em um site pornô com o pensamento de admirar a arte erótica.

¹² É importante salientar que estupro não é o mesmo que sexo, porém dentro do universo erótico e pornográfico tem pontos de proximidade devido às suas características construtivas ao longo de várias dimensões como poder, domínio, “prazer” e submissão, assim como a representação explícita de corpos nus e suas ações, não deve ser considerada idêntica à exposição pornográfica, como muitas vezes se acredita ser o caso (Downing, 2004).

¹³ Típico é o caso de garotas pin-up. No estudo, de fato, de Kakoudaki (2004), é caracteristicamente mostrado como o enquadramento de imagens pornográficas, ou mesmo abertamente sexuais, pode ser lido em diferentes contextos históricos e sociais. Mais especificamente patrioticamente usados pelos militares dos EUA na Segunda Guerra Mundial para aumentar o moral dos soldados e acompanhar uma série de mensagens, passaram a ser percebidos como monumentos quase históricos — transcendendo assim suas leituras pornográficas para tentativas mais recentes voltadas para a arte nas quais o caráter pornográfico prevaleceu e foram “condenados” como uma forma de subcultura.

¹⁴ O caso do conhecido filme *Blowjob* de Andy Warhol se enquadra bem nesse contexto. Na obra o rosto do ator e diretor DeVeren Bookwalter aparece recebendo sexo oral de um parceiro invisível. Exibido em uma “respeitável” galeria de arte de Nova York em 1964 o filme destaca de maneira icônica sua relação idiossincrática de “alta arte” com a pornografia, ou de outra forma a existência de um conteúdo pornográfico na vanguarda da expressão (Osterweil, 2004).

contexto de julgamentos de valor e uma tradição de construção social da pornografia como algo “obsceno, mórbido e inapropriado”. Assim, onde na arte erudita o corpo significa razão, pureza e ordem, o corpo na pornografia conota paixão, imundície e desordem — e, correspondentemente, os prazeres associados à arte são os da contemplação, discernimento e transcendência, enquanto os da pornografia são motivos básicos, lascívia e comercialização (Nead, 1992).

Claro, na pornografia muitas vezes encontramos um elemento semelhante ao da vanguarda artística, onde através do delito de “sensibilidades urbanas” compreensões normativas da sexualidade são desconstruídas. Kipnis (1996), por exemplo, comentando a estética cultural da pornografia, considera que as diferenças entre a pornografia e outras formas de expressão cultural são menos importantes do que suas semelhanças — já que a pornografia como um gênero dedicado à fantasia e fantasiar atravessa uma gama de motivos que se estendem além do estritamente sexual para o mais amplo campo cultural, social e político. No entanto, o foco nos elementos transcendentais não deve obscurecer o caráter da pornografia “comum” e, especialmente, isolá-la do contexto de seu consumo. Ou seja, é a vulgaridade dos prazeres que giram em torno na naturalidade dos sentidos na pornografia, a rejeição da inteligência e do intelecto, e os tropos da emoção e da diversão que podem marcar a distinção entre estética *mainstream* e popular, alta e baixa cultura (Attwood, 2002).

Nos filmes que contêm o elemento erótico-sexual em suas temáticas, funciona o esquema bipolar: a) gozo escopofílico do espectador por um lado, b) olhar que observa mantendo certas distâncias, e situando o gozo no contexto de um “relacionamento ou brincadeira do tipo distanciamento ou (re)negação do gozo, por outro. Na pornografia, o primeiro lado desta dialética prevalece esmagadoramente, nomeadamente o prazer voyeurístico que resulta da possibilidade imediata de ver bem e facilmente. No cinema que elabora a representação do contato sexual, aplicam-se ambos os lados deste gêmeo difícil de dissociar, inerente à encenação do sexo quando é imaginativo.

O uso de formas pornográficas de representação de sexo que tentam mostrar tudo, mas se torna mais interessante e imaginativa uma tática de direção que brinque com a revelação e ocultação de partes do ato sexual, no sentido de que o efeito cinematográfico resultante é mais elaborado, artístico e criativo. Um exemplo desse uso na direção são as táticas de direção de Pier Paolo Pasolini na sequência final de *Salo*. Em *Salo ou Os 120 Dias em Sodoma* (1975), Pasolini intensifica ou, pelo contrário, bloqueia a revelação visual dos atos sexuais, traz-os ao palco em toda a sua fúria hedionda, ou os cobre pela metade, ou os esconde completamente, banindo-os do nosso ponto de vista. A direção, conscientemente, passa constantemente por

esses diferentes confrontos do nu e do apocalipse, tanto durante uma sequência única quanto em unidades menores (plano ou grupo de planos).

Uma outra diferença decisiva entre o cinema erótico e o pornô (*hard* ou *soft*) é que o primeiro cristaliza um trabalho na produção de seus “sinais”, formas, significado e toda a sua estética. Na construção da decupagem e da narrativa leva em conta os impulsos voyeurísticos do espectador e atribui-lhe um lugar na estrutura do filme. Ele pode processar os mecanismos voyeurísticos que aciona no momento da exibição do filme. O cinema criativo e artístico do erotismo também se pratica na sistematização e estruturação do uso das imagens individuais do corpo, dos seus traços ou cenas, dos seus sons, discursos ou monólogos, dos seus sussurros e gritos, ou mesmo de outras simples ações como escrever uma carta. Em alguns desses filmes, talvez pudéssemos observar a formação de uma linguagem prototípica que possui “signos” próprios e cuja matéria consiste em todos os elementos do corpo ou fetiches acima mencionados. Ou seja, estes filmes constroem e utilizam o seu próprio sistema especial de comunicação cinematográfica, em torno da sexualidade. O erotismo surge através da organização de todos esses pontos.

É importante apontar que existem também semelhanças entre a pornografia e o filme erótico que não pertence nem ao cinema, nem ao pornô *hardcore*, mas sim a este gênero, o *softporn*¹⁵. Sobre este assunto pode-se referir a Attwood (2010, p. 16): “Os órgãos sexuais tornam-se algo externo, desconectado, abstrato e assim ficam livres para qualquer conexão”. “Isolar e identificar o sexo com os genitais, reduzir o oculto e o invisível ao esgotamento e à saturação do que é representado”, esta é a forma dominante de representar o sexo no cinema erótico. Neste nível existe uma afinidade essencial entre o *hard porn* e o filme erótico ingênuo que não é difícil, mas pertence ao *softporn*: o *hard* é baseado principalmente no *close-up*, e o filme *soft* no erotismo suave em plano intermediário onde os atores são vistos de corpo inteiro, mas o princípio que rege os dois gêneros é semelhante. Estamos falando de concentração, de focar a atenção nos órgãos genitais. O *close-up* nos filmes *hard* e o plano de corpo inteiro nos filmes *soft* funcionam ao contrário, mas essencialmente paralelos: todo o corpo, tal como é enquadrado no filme *soft*, é visualizado de forma a nos chamar, conduzindo nosso olhar, sobre os órgãos sexuais. Isto nada mais é do que uma duplicação do espaço fechado ocupado pelos órgãos genitais. Por outro lado, na pornografia *hardcore*, os órgãos genitais são ampliados em vez de todo o corpo (no *soft*, é dada a cena mostrando o corpo inteiro em vez do grosso do órgão sexual). A extensão ou redução do enquadramento, o todo em vez da parte ou a parte em vez

¹⁵ Nudez parcial ou total (geralmente focada no corpo, mas não nos órgãos genitais de forma explícita).

do todo, mas trata-se sempre de um corpo reduzido a um órgão sexual ou de um órgão sexual reduzido a um corpo: isto é, uma diferença indiferente.

No cinema pornô triunfa a imagem da realidade imediata e tangível. Geralmente limita-se à gravação e reprodução direta. O que o define são atos e eventos (sexuais). O documento e o momento da ação são de primordial importância, assim como o fato de ambos terem sido captados e reproduzidos especificamente para o seu receptor. A tradição da pornografia quer que ela seja limitada à simples representação e apresentação de atos eróticos, sem outros níveis de significado. A pornografia baseia-se na tirania daquilo que é retratado e a que se refere, o “referente”; é por excelência o cinema da transparência, isto é, da direção que permanece invisível e inexistente. A imagem tem o valor do seu objeto, ela se desvanece diante dele. O objeto simplesmente significa ele mesmo.

Os objetos sexuais do desejo se acumulam, os exercícios e milagres do sexo se multiplicam sem fim e sem nada de novo. Não oferecem ao pornófilo insaciável a realização de seus desejos, que, estimulados pelo que já conheceram, se transformam, insaciáveis, pedindo para assistir a mais perversões e outras demonstrações de sofisticação erótica. O cinema pornográfico, mesmo quando parte das cópias mais superficiais e dos “reflexos” secos do real, coloca (no sentido da série de filmes, da cadeia de gêneros de vínculos semelhantes) seu espectador insaciável e ansioso em uma situação muito mais confusa do que esperávamos: seu fanático procura furiosamente por novas imagens de amor, mas no final ele fica desolado. Ele não viu o que imaginou de antemão ou o que esperava ver durante a exibição. O final da sua exploração não é um final feliz (nem o é nas obras de arte eróticas) e, além disso, não existe realmente um final. O processo descrito reproduz — bem ou dolorosamente — o desejo, que se destaca pela pesquisa incansável, de passagem de um objeto a outro. O desejo — mesmo voyeurista — não encontra o que procura (e também não o sabe), contém escuridão, mistério, insatisfação (elementos que darão início ao próximo rastreamento), e não se realiza plenamente a céu aberto. Talvez por isso, afinal, o cinema baseado na escopofilia sempre viva.

Os vai e vens pornográficos estão relacionados ao fetichismo genital. Eles levam ao desmembramento do corpo. A fragmentação imposta pelas imagens pornográficas visa principalmente a genitália feminina e masculina, simples “coisa”, tiranicamente adorada pelo espectador que separa do corpo, da totalidade contraditória que constitui a sexualidade, para expô-la sem rodeios no pódio que leva o nome de “*close-up* pornográfico”. Este último limita-se a fazer circular o órgão sexual, desligado do seu sujeito, como mercadoria.

A pornografia reproduz, à sua maneira, concepções existentes de sexualidade: o sexo sobrevive como uma atividade mecânica; as conquistas físicas, durante o ato amoroso, e as

técnicas de uma sexologia modernizada são glorificadas; reina uma moralidade permissiva, mas a busca pelo novo na aventura do amor é geralmente limitada devido a uma repetição rotineira; muitas vezes reproduz uma concepção falocêntrica (ou às vezes machista) da sexualidade (a exceção é a pornografia lésbica dirigida por mulheres). O obstáculo ao desenvolvimento do cinema pornográfico foi a busca pelo dinheiro e a falta de imaginação dos seus produtores. Prevalecem a monotonia e a falta de orientação e de ponto de vista estético. A pornografia é filmada como um documentário, para o qual os seus realizadores não têm muitas ideias, tendo como principal preocupação convencer o seu espectador de que ele está “ali, presente” e pode desfrutar voyeuristicamente, de um espetáculo natural e real (e não fabricado). Que ele está atrás do buraco da fechadura e pode desfrutar, imperturbável e protegido, da imagem do sexo alheio, apenas sentado em seu sofá.

Para Attwood (2006), no entanto, é significativo que a invocação de alto valor estético seja frequentemente combinada com uma retórica de “política sexual progressiva” (Juffer, 1998), de modo que sejam oferecidos na forma de textos como um discurso sexual mais claramente exposto, relativamente progressista e acessível, mas também popular entre as mulheres. Em outras palavras, a invocação do valor estético é necessária segundo a abordagem de Juffer (1998) para distinguir os textos sexualmente explícitos sobre mulheres da pornografia — portanto, também particularmente importante porque, dessa forma, fornece uma estratégia segura para superar o problema da pornografia hostil/anti-mulheres em geral. Mas o fracasso de muitas gerações em fornecer uma definição satisfatória de pornografia, de acordo com Kendrick (1987), é em si um elemento que deve alertar os estudiosos sobre as armadilhas das categorizações de personagens e em qualquer tipo de peculiaridades textuais. Como Attwood (2002) caracteristicamente coloca, as definições de pornografia produzem, em vez de descobrir, textos pornográficos — na verdade, muitas vezes revelam menos sobre esses textos do que sobre os próprios medos do público de serem “excitados”, corroídos e esgotados “pelo seu consumo”. Na mesma linha, Lindgren (1993) procurou demonstrar a dificuldade de usar definições e aplicá-las a discriminação, por exemplo, definição terminológica e conceitual comumente aceita de pornografia e “obscenidade” como algo impossível.

Levanto toda essa discussão em consideração, a definição de pornografia para as necessidades do presente trabalho será a definição introduzida por Sarikakis e Tsalikis (2010) no debate científico nacional — ou seja, pornografia significa a representação explícita de genitais e práticas sexuais para o propósito da excitação sexual, no sentido de dizer aqui para constituir, em essência, um nível demonstrativo de “fácil” reconhecimento com base nos valores e códigos predominantes de uma determinada sociedade. Esta é uma definição, em

princípio descritiva, que não percebe a pornografia antecipadamente em termos maniqueístas e não é orientada para uma avaliação. Ou seja, apesar do fato de que as representações de violência devem, em qualquer caso, destacadas. Assim, o conceito de “material sexualmente explícito” que é amplamente utilizado é um termo não específico que se refere ao conteúdo explicitamente sexual e é usado como um eufemismo para a performance concentrada da pornografia (Kraus; Russell, 2008).

1.1.2 Formas de pornografia

Tornou-se claro para a presente pesquisa que qualquer abordagem da pornografia como um conceito deve incluir uma definição básica de trabalho. Como Smith e Attwood (2014) apontam, é crucial como o conceito de pornografia é nomeado e descrito pela primeira vez. No entanto, deve-se enfatizar que a questão de definir o que é pornografia é uma questão extremamente controversa, além de crucial. É sabido e comumente aceito no campo das ciências sociais que os conceitos e palavras utilizados são geralmente ambíguos e ao mesmo tempo produtos de confrontos autoritários que incorporam quaisquer diferentes contextos. Nesse sentido, os termos que os traduzem nada mais são do que definições de trabalho e ferramentas conceituais. Assim, no debate público e científico, há muitas e variadas noções de pornografia — como as óbvias definições instrumentais e pragmáticas dadas por um pornógrafo.

No contexto desta dissertação considera-se que a tentativa de fazer uma lista exaustiva de definições individuais, tanto quanto possível, pode desorientar o leitor de aspectos mais importantes de toda a discussão e dar um tom mais positivo a um trabalho que tenta mover entre epistemologia e metodologia, as demandas do construcionismo social e o realismo crítico, em um segundo nível. Mas especialmente na questão da definição e na medida em que a pornografia ainda é tratada como um fenômeno “problemático”. Isso porque os problemas sociais não são, entre outras coisas, meras ilusões ou questões de pânico irracional, mas questões cuja análise deve se concentrar em como e por quem um problema é socialmente definido e construído, nas suposições e reações emocionais envolvidas no processo, e as formas como várias perspectivas alternativas são excluídas do diálogo social (Buckingham; Jensen, 2012).

De particular importância neste ponto é a citação de Kendrick (1987) que aponta que embora as definições em última análise não nos digam nada sobre a pornografia em geral, no entanto, com particular ênfase na produção de definições, elas revelam muito sobre a reviravolta que causa na cultura moderna. Mais especificamente, o que começa como uma exploração dos

limites disponíveis e das ferramentas conceituais de uma teoria termina com um novo conjunto de questões sociais, políticas e culturais. Analisando uma série de textos pornográficos do século XIX aos anos 1980, ele aponta que as definições de pornografia são culturalmente definidas e sempre carregam o peso de implicações sociais e políticas (Kendrick, 1987)¹⁶.

Embora a definição legal de pornografia seja baseada na determinação de obscenidade, a classificação do conteúdo também pode ser influenciada por normas culturais e industriais. A indústria de filmes adultos, por exemplo, desenvolveu seu próprio sistema de classificação, com base no nível de clareza e conteúdo. A indústria usa vários termos, como “*softcore*”¹⁷ e “*hardcore*”, para classificar o conteúdo com base no nível de atividade sexual representado.

Tratando do objeto desta pesquisa, o Pornhub, e após o levantamento dos dados disponíveis na plataforma, observa-se que, além das categorias tradicionalmente conhecidas como *hard* e *soft*, há uma ampla variedade de outras formas de pornografia, que se distinguem conforme o gênero, o estilo e a intensidade das práticas representadas. Algumas das principais categorias incluem¹⁸:

- Pornografia *softcore*: trata-se de uma pornografia mais leve, com enfoque romântico ou sensível. Geralmente apresenta nudez artística, carícias e beijos, mas sem cenas de penetração explícita ou atos sexuais intensos.
- Pornografia *hardcore*: é caracterizada pela exibição explícita de atos sexuais, incluindo penetração vaginal e anal, práticas como BDSM (*bondage*, dominação, sadismo e masoquismo), *fisting*, entre outros. Possui um caráter gráfico e intenso.
- Pornografia fetichista: concentra-se em práticas específicas que despertam fetiches sexuais, como adoração de pés, *bondage*, dominação, submissão, entre outras.

¹⁶ Uma tipologia de definições de pornografia incluiria para Attwood (2008, p. 123) seis categorias diferentes: 1) aqueles que definem a pornografia como a venda de sexo com fins lucrativos; 2) aqueles que a definem como uma forma de arte ruim; 3) aqueles que definem como a representação de homens e mulheres apenas como seres sexuais ou objetos sexuais; 4) aqueles que a definem como uma forma de sujeira; 5) aqueles que a definem como uma forma de pressão; e 6) aqueles que a definem como matéria pretendido para produzir ou resultar na excitação sexual do consumidor.

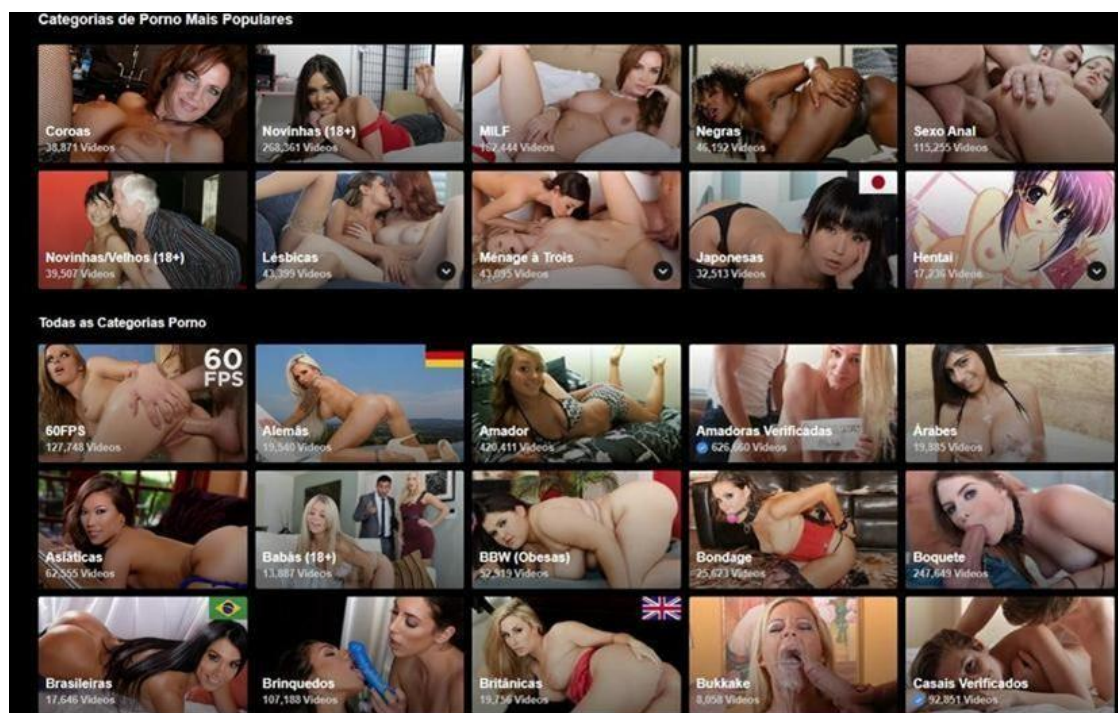
¹⁷ A pornografia *softcore* é uma forma mais suave de representação sexual, com menos explicitude do que a pornografia *hardcore*. Ela geralmente evita a exibição gráfica de atos sexuais explícitos. As cenas de sexo na pornografia *softcore* podem ser sugeridas, mas não mostradas de forma tão direta. Em vez de representações explícitas, o foco pode estar na sensualidade, insinuações sexuais e nudez parcial. A pornografia *softcore* tende a ser mais acessível a um público mais amplo, pois é menos explícita e pode ser considerada menos “ofensiva”.

¹⁸ As categorias presentes no site aparecem apenas nomeadas, sem qualquer definição explícita; assim, as descrições e interpretações apresentadas neste trecho são fruto da análise realizada pela pesquisadora.

- Pornografia gay: voltada para o público interessado em relações sexuais entre homens, com foco em atores e roteiros homossexuais masculinos.
- Pornografia lésbica: apesar de apresentar relações sexuais entre mulheres, muitas vezes essa categoria é construída sob o olhar masculino. O corpo lésbico costuma ser representado de maneira fetichizada, voltado ao prazer visual dos homens heterossexuais, e não à vivência real das mulheres envolvidas.
- Pornografia trans: centra-se em corpos e performances de pessoas trans. Assim como na pornografia lésbica, essa categoria frequentemente é produzida para atender ao desejo masculino, o que contribui com a objetificação e fetichização de corpos trans, em vez de oferecer representações autênticas de suas sexualidades.

A exemplo disso se tem a página de categorias do Pornhub:

Figura 1 – Categorias 1



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Na imagem apresentada, múltiplas categorias são expostas, todas elas se encaixam como pornografia *hardcore*. Quatro das categorias apresentadas na imagem (MILF, coroadas, novinhas e novinhas/velhos) abordam fetiches de idade. Tal categorização pornográfica está intrinsicamente ligada à sexualização e mercantilização dos corpos. Ao categorizar corpos de acordo com características físicas, identidades de gênero e orientações sexuais (é possível localizar na imagem a categoria lésbicas), a plataforma perpetua ideais de beleza e padrões

sexuais que podem ser prejudiciais para a autoimagem e autoestima dos espectadores. Além disso, a monetização do conteúdo pornográfico contribui para a comercialização dos corpos, transformando a intimidade em um produto consumível e rentável.

De especial interesse é a categoria novinhas, embora legalmente as atrizes nesta categoria sejam maiores de idade, a associação com a ideia de “novinhas” pode alimentar preocupações sobre a atração por indivíduos que recentemente atingiram a maioridade, mas ainda exibem características juvenis. É crucial problematizar essa categoria à luz do risco de conotações pedofílicas. O desejo por mulheres que acabaram de completar dezoito anos pode refletir uma fixação na ideia de vulnerabilidade e inocência associada à juventude. Isso pode ser profundamente problemático, pois implica um desejo por indivíduos que podem estar em uma fase de transição entre a adolescência e a idade adulta, ainda em processo de desenvolvimento emocional e psicológico.

Figura 2 - Novinhas¹⁹



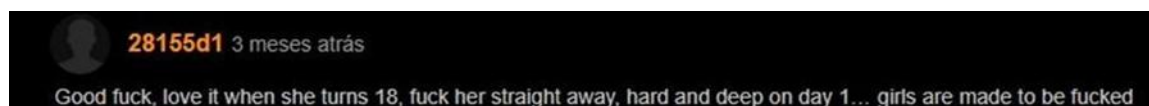
Fonte: Pornhub.com, 2022.

A hipersexualização da juventude na cultura pornográfica contemporânea apresenta um papel importante na normalização do desejo por “novinhas”. A mídia pornográfica frequentemente retrata adolescentes e jovens adultos como objetos de desejo, contribuindo para

¹⁹ Na imagem um exemplo da aba “Novinhas”, no primeiro vídeo, do lado esquerdo superior, o fetiche de incesto e idade são compartilhados na mesma produção. Ao lado direito uma propaganda da “Brazzers”, uma das maiores produtoras profissionais de pornografia.

uma percepção distorcida da sexualidade saudável e do consentimento. Isso pode perpetuar fantasias que envolvem o exercício de poder sobre indivíduos mais jovens e menos experientes, o que pode ser preocupante do ponto de vista ético e legal.

Figura 3 – Comentário



Fonte: Pornhub.com, 2023.

A imagem retirada do Pornhub expõem um comentário problemático que reflete a objetificação feminina e a banalização da sexualidade de mulheres jovens. O texto sugere um desejo explícito por relações sexuais imediatamente após uma mulher completar 18 anos, enfatizando a ideia de posse e disponibilidade automática, sem qualquer menção a consentimento ou agência. Além disso, o comentário carrega um tom predatório, insinuando que a idade legal é apenas um obstáculo técnico e não um marco real de maturidade ou autonomia. Esse tipo de discurso é amplamente problemático, pois perpetua a ideia de que o desejo masculino tem precedência sobre o bem-estar e a vontade das mulheres, ignorando o impacto psicológico e social desse tipo de narrativa. O fato de que comentários como esse continuam visíveis em plataformas de grande alcance evidencia a falta de moderação eficiente e a convivência dessas plataformas com discursos que naturalizam a exploração sexual. A tradução do comentário para o português seria: “Foda boa, adoro quando ela faz 18 anos, foder ela imediatamente, forte e profundo no primeiro dia... garotas existem para serem fodidas” (tradução própria). Esse tipo de fala, além de objetificante, demonstra um pensamento que normaliza a exploração de mulheres no limiar da maioridade legal, contribuindo para um ambiente digital que muitas vezes ignora os impactos reais dessas narrativas na vida das pessoas.

Além desses, existem muitos outros subgêneros de pornografia como hentai²⁰, voyeurismo²¹, pornografia amadora, entre outros. Cada tipo de pornografia tem seus próprios fãs e seguidores, e é importante lembrar que o consumo de pornografia deve ser sempre consensual e ético. É importante frisar que as categorias podem se intercambiar, e que filmes podem fazer parte de múltiplas categorias ao mesmo tempo, isso porque o conceito em questão

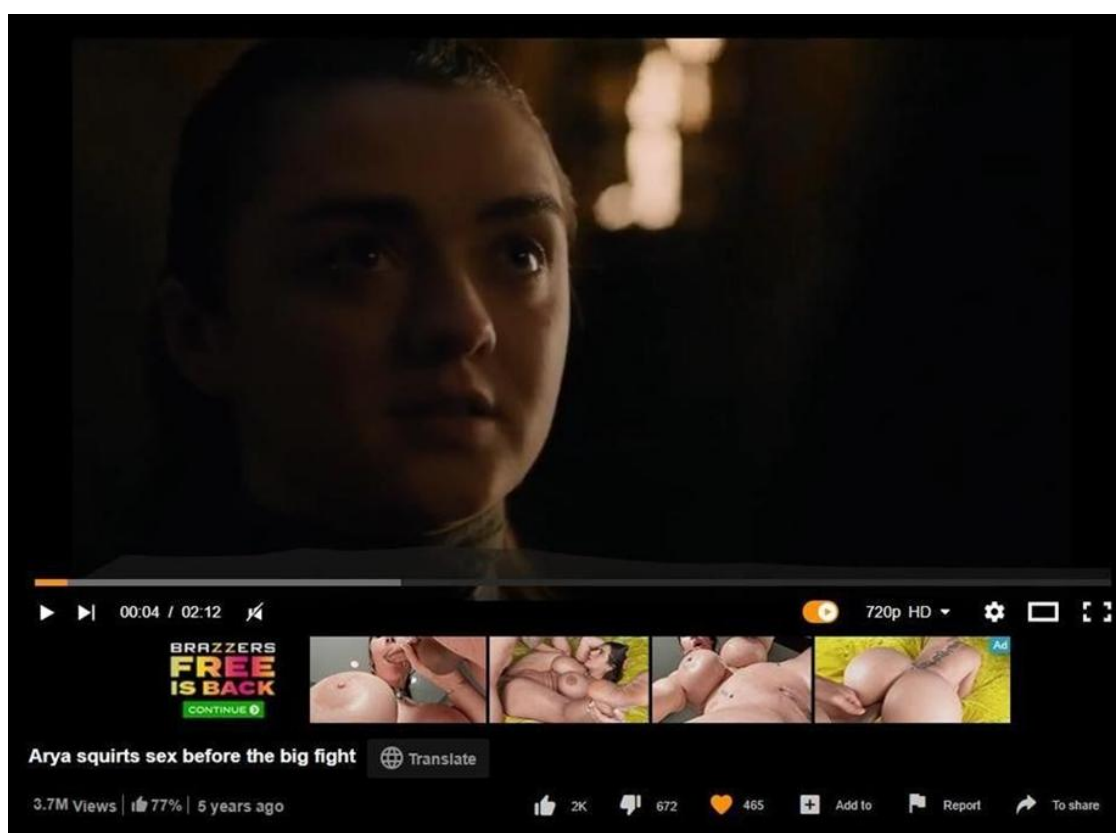
²⁰ Hentai é um termo usado para descrever um gênero de mídia pornográfica que se origina no Japão e que envolve representações gráficas ou animadas de conteúdo sexualmente explícito com personagens animados, em estilo de mangás ou animes.

²¹ O ato de consumir pornografia é em si um ato voyeurístico, mas existem também categorias próprias disso, onde o consumidor pornográfico é o voyeur de um voyeur.

no campo da pornografia é poroso e até certo ponto relativo, pois constantemente surgem e vêm à tona “novas categorias”.

A disponibilidade de pornografia em diferentes plataformas também pode influenciar sua classificação. Um filme sexualmente explícito pode ser exibido em um cinema como parte de um festival de arte ou festival de cinema e ser considerado uma obra de arte legítima. No entanto, o mesmo filme pode ser considerado pornográfico se for distribuído em um site pornográfico. A plataforma na qual o material é distribuído pode influenciar sua classificação e pode ter implicações legais e culturais significativas.

Figura 4 – *Game of Thrones*



Fonte: PornHub.com, 2023.

Um fenômeno recorrente é a apropriação de cenas explícitas de filmes e séries por sites de pornografia, onde são recontextualizadas e consumidas como material erótico. Esse processo ocorre principalmente por meio de edições, compilações e recortes de cenas de nudez ou sexo de produções cinematográficas populares. Um dos exemplos mais notórios desse fenômeno é a série *Game of Thrones*, conhecida por suas cenas intensas de nudez e sexo. Muitos desses momentos, gravados originalmente para uma narrativa dramática, acabaram sendo retirados de contexto e disponibilizados em sites pornográficos. Atrizes como Emilia Clarke (Daenerys Targaryen) e Nathalie Emmanuel (Missandei) tiveram suas cenas compartilhadas em

plataformas de pornografia, muitas vezes sem consentimento ou controle sobre sua distribuição. Na imagem a atriz Maisie Williams (Aria) é um exemplo desse tipo de compartilhamento de conteúdo.

Figura 5 – Celebridades



Fonte: Pornhub.com, 2020.

Esse mesmo fenômeno de apropriação de imagens privadas e não pornográficas se estende para a categoria de “celebridades” dentro do Pornhub, como evidenciado na imagem acima, que utiliza uma captura do vídeo íntimo de Kim Kardashian e Ray J. para promover essa seção do site. O vídeo, vazado em 2007 sem o consentimento inicial da socialite, tornou-se um dos conteúdos mais assistidos da história da internet e, até hoje, continua sendo amplamente distribuído sem autorização, sendo explorado comercialmente por sites pornográficos e pela mídia sensacionalista.

O caso de Kim Kardashian ilustra um problema ainda maior dentro da pornografia online: a falta de controle sobre a própria imagem e a exploração contínua de conteúdos íntimos sem consentimento. Apesar de sua batalha para tentar minimizar a disseminação do vídeo, ele segue presente em sites como o Pornhub, que lucram com a sua exibição e categorização dentro da aba de “celebridades”. Além disso, a existência dessa seção específica no Pornhub revela uma cultura que se alimenta da invasão de privacidade de figuras públicas, lucrando com conteúdos que, na maioria dos casos, foram expostos sem o consentimento das pessoas envolvidas. A normalização desse tipo de material dentro da pornografia comercializada reforça a ideia de que o corpo e a intimidade das mulheres — especialmente das mais famosas — são propriedades públicas e passíveis de consumo, independentemente do consentimento.

A classificação da pornografia é um tópico contínuo de debate e controvérsia, pois indivíduos e sociedades lidam com questões relacionadas à liberdade de expressão, censura e valores sociais. Em conclusão, a classificação da pornografia é uma questão complexa e controversa que é influenciada por uma série de fatores, incluindo normas culturais, definições legais e padrões da indústria. A disponibilidade de pornografia em diferentes plataformas também pode influenciar sua classificação e pode ter implicações legais e culturais significativas. À medida que as tecnologias continuam a evoluir, a classificação da pornografia provavelmente continuará sendo um tópico contínuo de debate e controvérsia.

O estudo psicanalítico de Mulvey (1975 *apud* Zheng, 2007) nos filmes de Hollywood deve-se em grande parte à abordagem do olhar masculino, que observa a representação da sexualidade feminina — uma definição patriarcal do olhar como uma atividade masculina. Em geral, a questão do olhar é particularmente complexa. É necessário, por exemplo, recorrer à pornografia fotográfica vitoriana, segundo Hepworth (1998), para encontrar evidências de um “olhar feminino” imediatamente erótico. Ou seja, enquanto o olhar masculino nas pinturas é mais diretamente erótico, o olhar feminino expressa uma tensão maior entre o desejo sexual e o amor — como o desejo de uma união mútua, duradoura e moral de dois eu’s separados²². De qualquer forma, o que Hemmings (1999) argumenta é verdade, ou seja, que o olhar de gênero preexiste ao olhar sexual com o qual supostamente coexiste.

O apelo da pornografia, portanto, tem sido corretamente associado o consumo de conteúdo visual, à ilustração do Discurso textual, ao realismo pictórico e à evidência do prazer sexual — conforme capturado pela câmera, fotográfica ou cinematográfica. Nesse sentido, a pornografia muitas vezes assume mais o caráter de performance e menos de representação — já que ocorre tanto o registro de uma “autêntica” ereção masculina quanto o orgasmo, como evidenciado pelos “*money shots*”²³, ou seja, os momentos de ejaculação masculinos que fazem parte, bem como a realização de um ato sexual além e ao lado de sua filmagem (Paasonen, 2006). Mas o foco no prazer enquadra facilmente o consumo de pornografia como um processo automaticamente satisfatório e estimulante para o propósito da masturbação.

²² Para Smith (2002) é a ascensão da cultura gay e uma aceitação progressiva da imagem homossexual que ajudou a criar as condições para um ‘olhar feminino’.

²³ “*Money shots*” é um termo que se originou na indústria pornográfica e que se refere a uma cena ou momento em um filme pornográfico em que ocorre a ejaculação visível e explícita. O termo “*money shots*” sugere que essa é a parte do filme que é considerada o ponto alto ou o clímax visual, muitas vezes sendo a cena que é mais enfatizada ou que é considerada mais cativante para o público.

A expressão “*money shots*” tem sua origem na década de 1970, quando começou a ser usada para se referir a esse tipo de cena em filmes adultos. O termo também tem relação com a ideia de que essa cena específica era fundamental para atrair e manter a atenção do público, sendo potencialmente um fator importante para a comercialização e o sucesso financeiro dos filmes pornográficos.

No entanto, como Paasonen (2007) observa com razão, a pornografia pode igualmente causar repulsa, tédio, alienação, ansiedade e indiferença — emoções e sensações que podem coexistir e certamente mudar de acordo com os usuários e o contexto de consumo. É por isso que Smith (2009) enfatiza a necessidade de enfatizar as emoções e a resposta física à experiência, seja na forma de desconforto ou prazer. Tal abordagem superaria visões que enfatizam demais a lógica fálica da pornografia e identificariam a pornografia exclusivamente com conceitos de hostilidade e vergonha.

Agora, é certo que vários estudiosos modernos estão tentando ir além das abordagens restritivas e, muitas vezes, monológicas do conceito de pornografia. Com razão, Paasonen (2007) exorta os investigadores da pornografia a tratar a sua produção, distribuição, consumo e representações como dimensões individuais de um processo global, que não descurará, no entanto, a sua diversidade. Reduzir, por exemplo, toda a pornografia à forma primária de *heteroporn*²⁴ que atende aos espectadores masculinos torna impossível abordar as diferentes práticas, significados e apelos de cada pornografia e, em última análise, torna impossível entender ou discutir diferentes pornografias para destacar qualquer uma de suas conexões depois. Pornografia mesmo não sendo um conceito unidimensional que obscurece e enfraquece uma série de valores, como os de autonomia, igualdade, autodeterminação e escolha (Green, 2000). Está focada nos conceitos e debates sobre pornografia.

Não é por acaso que Williams (1993), viu como um fracasso não expandir a diversidade de desejos sexuais e focar na forma de mercadoria “dominante” da pornografia heterossexual, dando assim a impressão de se conformar involuntariamente a uma concepção monolítica de pornografia que obscurece as dimensões emancipatórias e libertadoras desta última para uma série de grupos sociais. Por exemplo, como Mowlabocus (2007) caracteristicamente afirmou, a pornografia está inscrita no código da vida cotidiana gay masculina.

A principal expressão do polimorfismo da pornografia é a tentativa de distinguir entre *hard* e *soft porn*, por um lado, e pornografia e erotismo, por outro. Em relação ao primeiro, o *soft porn* tem sido produzido, segundo Andrews (2006), como um conjunto de textos que geralmente atendem às expectativas de “*middlebrow*”²⁵. O termo refere-se aqui numa hierarquia

²⁴ Pornô hétero.

²⁵ O conceito de *middlebrow* refere-se àqueles que estão situados entre as elites culturais e as massas populares, e que tendem a consumir cultura de forma superficial e convencional, sem um verdadeiro engajamento crítico. A cultura *middlebrow* é marcada por uma falta de originalidade e um excesso de sentimentalismo, em que a arte é vista como um meio de entretenimento e de reforço de valores tradicionais. O conceito de *middlebrow* tem sido objeto de debate e crítica ao longo das décadas, com alguns teóricos o considerando elitista e condescendente em relação entre a cultura de elite e a cultura popular. Pode-se pensar aqui o termo como uma “cultura mediana”.

em que a pessoa ou objeto “médio” se identifica com valores de elite, mas também carrega características associadas a estratos inferiores pelos quais sente uma aversão paradoxalmente encantadora.

Partindo desta lógica, talvez o contributo mais significativo para a distinção entre elitista, vanguarda, pornografia intelectual e filosófica e em uma amostra mundana, abertamente materialista, da cultura pornográfica de massa dominante, é a de Sontag (1969), onde a escritora critica a existência de muitas e variadas pornografias, em vez de uma única concepção dimensional e monolítica da pornografia. No entanto, para o estudo de todas essas diversas formas de pornografia, a transição para o campo da comunicação moderna moldada pelas novas tecnologias e a internet em particular deve ser incluída na abordagem analítica deste trabalho.

1.2 PORNOGRAFIA COMO CAMPO DE DEBATE PÚBLICO

Com a invenção da fotografia e do cinema no final do século XX, as imagens pornográficas causaram o desfocamento “completo” das fronteiras entre as categorias ideológicas finais da realidade e da representação — onde, por um lado, a pornografia como forma de prática sexual não é “muito real”, mas um simples substituto e, por outro lado, como representação é “bastante real” porque provoca excitação sexual, levanta questões semelhantes ao real, mas é bastante ambígua, pois seus protagonistas “realmente o fazem” (Attwood, 2007). Em outras palavras, a pornografia é considerada um gênero que envolve a representação explícita da sexualidade humana²⁶.

O século XX viu mudanças significativas na produção, distribuição e consumo de pornografia. Inovações tecnológicas como o cinema, o vídeo e a internet permitiram a ampla disseminação de imagens e vídeos eróticos em uma escala sem precedentes. No entanto, a proliferação da pornografia também aumentou a preocupação entre grupos feministas, religiosos e morais, que a viam como uma ameaça à moralidade pública, aos direitos das mulheres e à ordem social.

O desenvolvimento do filme e do vídeo²⁷ no século XX transformou a produção e distribuição de pornografia. Linda Williams (1999, p. 3) observa que “a introdução da

²⁶ Embora os avanços tecnológicos pareçam ter se mostrado mais rápidos no fornecimento de material sexualmente explícito e pornografia ao público em geral nessa direção, tanto o rádio quanto a televisão parecem ter demorado a se recuperar (Kammeyer, 2008).

²⁷ O primeiro filme pornográfico conhecido é geralmente atribuído a *Le Coucher de la Mariée*, um filme francês de 1896 dirigido por Albert Kirchner. *Le Coucher de la Mariée* (em tradução livre *A Cama da Noiva*) foi um filme curto e silencioso de aproximadamente 6 minutos, que retratou um casal recém-casado em um quarto de hotel, com a noiva despiando-se gradualmente, culminando com uma cena de nudez. Na época, esse tipo de representação

tecnologia cinematográfica no início do século XX marcou uma grande virada na história da pornografia, permitindo a criação e distribuição de imagens eróticas em uma escala sem precedentes”. Junto disso ocorreu a ascensão da internet no final do século XX e início do século XXI, que revolucionou ainda mais a produção e distribuição de pornografia. Em seu livro *Pornografia: a produção e o consumo da desigualdade*, Gail Dines (2010, p. 76) observa que “a internet transformou a pornografia de um nicho de mercado em uma indústria global, com capacidade de atingir um público de milhões de pessoas em todo o mundo”.

Estudiosas feministas, em particular, argumentaram que a pornografia era uma forma de violência contra as mulheres e perpetuava atitudes e comportamentos sexistas. Grupos religiosos e morais também expressaram preocupação com o impacto da pornografia na moralidade pública e na ordem social. Grupos religiosos e reformadores morais há muito argumentam que a pornografia é moralmente corruptora e fazem campanha para sua supressão com base no fato de que ela degrada a dignidade humana e mina os valores tradicionais (McNair, 1999).

A regulamentação legal e social da pornografia no século XX refletiu essas preocupações mais amplas sobre o impacto da pornografia nos direitos das mulheres, na moralidade pública e na ordem social. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Suprema Corte decidiu no caso *Miller v. California* de 1973 que a obscenidade não era protegida pela Primeira Emenda e estabeleceu um teste de três partes para determinar se um trabalho era obsceno. Essa decisão deu às autoridades maior liberdade para processar distribuidores e produtores de pornografia.

O desenvolvimento das redes teve um impacto profundo na indústria da pornografia. Como Gail Dines (2010, p. 118) observa em seu livro *Pornland*, “a internet mudou a indústria pornográfica além do reconhecimento”. A internet tornou a pornografia mais acessível e econômica, com um suprimento quase ilimitado de conteúdo disponível para qualquer pessoa com conexão à internet. Isso criou novas oportunidades para produtores e distribuidores de pornografia, bem como novos desafios para as autoridades policiais e para os formuladores de políticas sociais.

A ampla disponibilidade de pornografia na internet também levantou preocupações sobre seu impacto nos indivíduos e na sociedade. Alguns estudiosos argumentaram que a exposição à pornografia pode levar a resultados psicológicos e sociais negativos, como dependência, dessensibilização à violência sexual e objetificação das mulheres. Como bem

era considerado ousada e provocativa. No entanto, comparado com os padrões de hoje, era extremamente suave e artístico.

observado por Pamela Paul (2005) a exposição à pornografia está associada a uma série de atitudes e comportamentos negativos, incluindo agressão sexual, depressão e ansiedade. A internet também criou oportunidades para que os indivíduos produzam e distribuam sua própria pornografia. A ascensão da pornografia amadora desafiou o domínio dos principais produtores e distribuidores e deu origem a novas formas de comunidades e redes online. Robert Wosnitzer (2010) observa a maneira que a internet permitiu que os indivíduos produzissem e distribuíssem sua própria pornografia em uma escala sem precedentes e deu origem a novas formas de comunidades e redes online que conectam produtores e consumidores de pornografia.

A regulamentação legal e social da pornografia na Internet tem sido um tema de debate e controvérsia significativa. Há um debate contínuo sobre a regulamentação da pornografia na Internet, com alguns argumentando que ela deve ser protegida como uma forma de liberdade de expressão, enquanto outros argumentam ela deve ser regulamentada. Para proteger os indivíduos e a sociedade de seus efeitos nocivos. A regulamentação da pornografia na Internet assumiu várias formas, desde a auto-regulamentação voluntária da indústria até as restrições impostas pelo governo. Em alguns países, como China e Irã, o governo impôs controles rígidos sobre o acesso e conteúdo da internet, incluindo pornografia. Em outros países, como os Estados Unidos e o Brasil existem debates contínuos sobre o equilíbrio adequado entre a liberdade de expressão e a regulamentação da pornografia na internet (Attwood, 2007).

Deve-se notar, no entanto, que embora a natureza radical das mudanças tecnológicas que ocorreram no consumo de material pornográfico não esteja em questão, existem continuidades históricas, bem como descontinuidades que devem ser observadas. Em outras palavras, deve-se enfatizar que toda a experiência pornográfica é o resultado de uma série de desenvolvimentos políticos, sociais, econômicos e culturais que cada vez moldam à sua maneira as mudanças em todos os níveis de produção e consumo de pornografia. Por exemplo, o caminho para a “legitimidade cultural” da pornografia *hardcore* e sua consequente influência sobre outras Razões Sexuais através das possibilidades de adoção de novas tecnologias de distribuição começou com a legalização da pornografia pública no início dos anos 1970 nos EUA (Williams, 1989).

Em outras palavras, foi no final da década de 1970 que grandes setores da sociedade americana começaram a entrar em contato com sua própria pornografia pesada produzida internamente. Até então, apenas os filmes europeus eram exibidos, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, em um número limitado de cinemas americanos (Williams, 2006). Essa disseminação gradual da pornografia pelo cinema nos Estados Unidos foi a mudança mais significativa no campo da pornografia — no sentido de integrar a pornografia em estratos e

categorias sociais que se estendem além dos homens ricos e mais velhos de épocas anteriores²⁸. É neste momento que a indústria da pornografia começa a tomar forma, devido ao volume de negócios global cada vez maior em uma indústria de entretenimento, ou no que agora é comumente chamado de “indústria de entretenimento adulto”.

Para Simpson (2004), o ingrediente crucial para o sucesso da indústria pornográfica (*porn industry*) é a adoção do modelo de negócios de entretenimento que dominou Hollywood de 1920 até o final dos anos 1960. O grau de industrialização e profissionalismo que cada vez mais passou a caracterizar a indústria pornográfica de acordo com os padrões do modelo hollywoodiano²⁹, é uma dimensão que interpreta, em parte, sua legitimidade, tanto como campo de trabalho quanto como campo de entretenimento. Por exemplo, o acesso à pornografia mais ampla através do cinema desde o início dos anos 1970, e especialmente a narrativa baseada em personagens do recurso pornográfico que prevalecia na época³⁰ deu o impulso inicial à indústria pornográfica para tentar fazer seu próprio sistema (Willemen, 2004). É na base de tal cunho comercial e publicitário, ações que enfatizam o caráter especulativo da indústria pornográfica e, segundo Dines (2010), e completa ausência de interesse pelo próprio sexo por parte dela. Como Jensen (2011, p. 21) aponta, DVDs e sites de conteúdo pornográfico geralmente não são feitos por “artistas lutando em lofts solitários e lutando incansavelmente para nos ajudar a entender os mistérios da sexualidade”.

Assim, em um nível mais geral, a visão predominante parece ser que a pornografia não é diferente de outras indústrias de mídia. Pode ser chamada o “pato feio” da indústria do

²⁸ *Garganta Profunda* (*Deep Throat*, em inglês) é um filme pornográfico americano de 1972 dirigido por Gerard Damiano e estrelado por Linda Lovelace. Ele é um dos filmes mais famosos e polêmicos da história do cinema pornográfico, e tem sido objeto de debate e controvérsia desde sua criação. O filme conta a história de uma mulher chamada Linda Lovelace, que descobre que tem o clitóris localizado em sua garganta. Ela usa essa habilidade para realizar sexo oral em homens, com a ajuda de um médico que quer estudar sua anomalia. O filme foi um grande sucesso de bilheteria, arrecadando mais de US\$ 600 milhões em todo o mundo. A polêmica em torno de *Garganta Profunda* começou logo após seu lançamento, quando o filme foi proibido em várias cidades e estados dos EUA. O governo federal também tentou proibir a exibição do filme, alegando que ele violava as leis de obscenidade. No entanto, em 1973, a Suprema Corte dos EUA decidiu que o filme não era obsceno e, portanto, estava protegido pela Primeira Emenda da Constituição americana. Alguns teóricos de cinema e estudiosos da cultura popular consideram *Garganta Profunda* um marco na história do cinema pornográfico, por ter sido o primeiro filme pornográfico a ter uma narrativa coerente e ser exibido em cinemas convencionais. Outros críticos argumentam que o filme é misógino e retrata as mulheres como objetos sexuais. Em seu livro *Hard Core: Power, Pleasure, and the “Frenzy of the Visible”*, Linda Williams (1999, p. 127) argumenta que *Garganta Profunda* é “um dos primeiros filmes a explorar a relação entre sexo e poder em uma era de mudança de papéis sexuais”. Já Andrea Dworkin (1981, p. 47), uma das principais teóricas feministas radicais do século XX, considerava *Garganta Profunda* um exemplo da “violência contra as mulheres”, e afirmava que o filme retratava a “submissão feminina”. Uma vez que o filme foi visto por milhões de americanos, foi muito difícil, como se costuma dizer, “colocar o gênio de volta na garrafa”.

²⁹ A maioria dos filmes feitos nos Estados Unidos são rodados no estado da Califórnia, na área de Chatsworth (Kammeyer, 2008).

³⁰ Para uma abordagem holística do gênero narrativo pornográfico que floresceu até meados da década de 1980, quando a introdução do vídeo caseiro mudou os lugares e as formas de comer, ver Schaefer, 2004.

entretenimento, mas o seu tamanho e a velocidade com que se desenvolveu são particularmente notáveis tornando-se a mais popular de outras indústrias de entretenimento como música, cinema e esportes, mas sem muita diferença com elas em termos de operação. A diferença, por exemplo, é que, como a indústria pornográfica não pode anunciar seus produtos ao público em geral e a clientes em potencial da mesma forma que outras indústrias comerciais, ela é forçada a recorrer a grandes empresas de relações públicas por meio das quais o marketing da cultura pornográfica e seus bens (Dines, 2011). Isso inclui eventos e entrevistas públicas de estrelas pornô na mídia tradicional, onde apresentam um local de trabalho virtual (Hari, 2008), até artigos em revistas como *Cosmopolitan* pela parte agradável de consumir pornografia, mas também sinergias de empresas pornográficas com grandes e conhecidas empresas na área de televisão e entretenimento (Dines, 2005).

Tais práticas significam, entre outras coisas, que a cena pornográfica, como parte de uma indústria geral do sexo que inclui uma ampla gama de filmes de sexo adulto e videocliques a bordéis e escritórios de acompanhantes (Cronin; Davenport, 2001), tornou-se um mercado multifacetado que não deve ser considerado isoladamente do resto da economia mundial. Neste contexto, o estudo da economia política da pornografia e da indústria do sexo em geral torna-se particularmente importante. É por isso que é necessário no estudo de qualquer texto, e, portanto, da pornografia, incluir todas as dimensões das práticas de produção, distribuição e consumo — porque em qualquer outro caso só se pode obter uma interpretação parcial da experiência pornográfica.

Por fim, deve-se notar que, como bem apontam Smith e Attwood (2014), o estudo da pornografia como negócio e campo de trabalho não pode ser deixado à breve descrição de “indústria”, mas passar para uma análise mais detalhada e aprofundada de como funcionam essas estruturas de negócios e de trabalho. Há também um problema geral de determinar o tamanho da indústria geral de pornografia e sexo, especialmente globalmente. Ainda mais especificamente, é particularmente difícil avaliar a indústria de entretenimento adulto online, precisamente porque inclui produtos de colaborações offline, como filmes pornográficos, mas também serviços offline, como vídeos online e salas de conversa. De qualquer forma, como diria Halavais (2005), não é preciso um conhecimento especial sobre a internet para entender a posição da indústria do sexo e da pornografia nela. Nem pela constatação de que outras áreas económicas e de negócio beneficiam da sua operação, como por exemplos as empresas prestadoras de serviços de banda larga, e mais concretamente a prestação de serviços de acesso a aplicações de internet através da tecnologia 3G, que perante a indústria pornográfica têm encontrado um ajudante financeiro muito importante.

1.3 PORNOGRAFIA E ESTUDOS PORNOGRÁFICOS

Primeiramente se mostra de importância realizar uma introdução aos chamados Estudos Pornográficos, “nascidos” na comunidade acadêmica a partir da década de 1970, em meio a um contexto de intensa discussão sobre a sexualidade e seus limites. Porém, o surgimento dos estudos pornográficos na comunidade acadêmica como conhecemos atualmente é um fenômeno relativamente recente. De acordo com Kammeyer (2008), a publicação do livro *Estudos Pornográficos*, de Linda Williams, em 2004, foi um marco simbólico para o estabelecimento desse novo campo de estudos.

Para Williams, Penley e Kipnis, conforme citado por Kammeyer (2008), a criação e promoção geral dos estudos pornográficos foi uma “mudança de paradigma”. Essa mudança já havia ocorrido anteriormente, como destaca Attwood (2002), por meio dos trabalhos de Walter Kendrick e Linda Williams. O primeiro trouxe uma valorização histórica da pornografia como categoria analítica e temática distinta, enquanto a segunda se destacou por meio da análise de conteúdos pornográficos em si. A partir desses trabalhos pioneiros, os estudos pornográficos ganharam força e passaram a ser reconhecidos como uma área importante da pesquisa acadêmica. Como destaca Kammeyer (2008), essa mudança de paradigma foi fundamental para que a pornografia deixasse de ser vista apenas como um objeto de estudo moralista ou como algo simplesmente desprezível e passasse a ser vista como um fenômeno cultural a ser estudado e analisado.

No entanto, como destaca Kipnis (1993), a pornografia ainda é alvo de muita controvérsia e preconceito dentro da academia. Muitos ainda a consideram como algo vulgar, sem valor e que não merece ser estudado. Porém, como destaca Williams (2008), a pornografia é um objeto de estudo rico e complexo que merece ser analisado e compreendido em sua complexidade.

Embora a tentativa de investigar os possíveis efeitos da pornografia seja feita por meio de elaboração teórica, na medida em que estas são, por definição, hipóteses de trabalho, pretende-se realizar uma pesquisa indicativa sobre o estudo de discussões sobre efeitos. Nesse contexto, a apresentação dos exemplos virá de discussões de origens diversas, utilizando de múltiplas pesquisas sobre efeitos, unidas de opiniões divulgadas por usuários da rede social Reddit³¹, também serão utilizados como fonte para a presente pesquisa. Em especial a questão dos efeitos será abordada a fundo, utilizando pesquisas realizadas desde os anos 2000 até 2019.

³¹ O Reddit é uma plataforma de mídia social e agregação de notícias que permite que os usuários compartilhem e discutam uma ampla variedade de conteúdos, incluindo links, textos, imagens e vídeos. Fundado em 2005 por

Diversos estudos realizados sobre os efeitos da pornografia também serão utilizados, como apontado por Hardy (2008), de 1960 a 1990 muito tempo e dinheiro foram gastos em pesquisas sobre os efeitos causais sem, de fato e aparentemente, transpor a clara distinção conceitual entre a representação pornográfica de atos sexuais e o “real” comportamento existente do mundo. Ou seja, o trabalho mais extenso sobre os efeitos a partir da década de 1960, vários dos quais já citados acima, reflete a centralidade e influência dessa escola no estudo da pornografia (McNair, 2014). Como aponta Attwood (2014), no campo da psicologia, o estudo da pornografia *mainstream* favorece a condução de experimentos e a abordagem dos efeitos, de importância insignificante, e as suposições sobre relações de causa e efeito sobre o pensamento e a ação humana.

Junto disso é importante trazer o debate do feminismo pró-censura, abordando a polêmica sobre a Lei Antipornografia promovida por MacKinnon e Dworkin, um projeto de lei que tornou a pornografia um problema para os tribunais civis como violação de direitos civis, tentou estruturar uma série de argumentos centrados na definição de pornografia no contexto de uma tendência mais ampla dos novos movimentos sociais a se interessarem mais por mudanças no nível cultural, ao invés de estrutural/político. MacKinnon define a pornografia como sendo o “local da luta” e o cerne da polêmica que a cerca — tornando visíveis as dimensões da pornografia encontradas na obscuridade. Neste contexto, é dado que o sucesso de um empreendimento cinematográfico não é tanto julgado pela sua eficácia, mas por influenciar intervenções legislativas e políticas, mas também por sua capacidade de reformular o “vocabulário público” em torno dessas questões. Mais especificamente, é o trabalho diversificado e extenso de MacKinnon que contribuiu para um tratamento geral mais crítico, no sentido estrito do termo, da pornografia como um fenômeno social com caráter específico e efeitos direcionais. Ou seja, para MacKinnon (1986), a pornografia é uma forma de estupro, uma prática de política sexual, uma instituição de desigualdade de gênero, onde a dominação masculina é sexual, no sentido de que os homens sexualizam a hierarquia social predominantemente com o gênero.

A esta luz, a pornografia não é uma fantasia inofensiva ou uma distorção corrupta e confusa de uma sexualidade de outra forma “natural e saudável”. Assim relacionada ao estupro

Steve Huffman e Alexis Ohanian, o Reddit é conhecido por ser um dos fóruns online mais populares e diversificados da internet, onde os usuários podem participar de discussões, compartilhar interesses comuns e votar em conteúdo. A plataforma é organizada em “subreddits”, que são fóruns ou comunidades dedicadas a tópicos específicos, desde notícias e tecnologia até entretenimento e hobby. Existem centenas de subreddits abrangendo uma variedade de interesses. Os usuários podem votar positivamente (upvote) ou negativamente (downvote) os posts e comentários, o que influencia a visibilidade do conteúdo. Posts populares sobem nas classificações e podem alcançar a página inicial do Reddit.

e à prostituição, a pornografia institucionaliza a sexualidade da supremacia masculina, que combina a erotização da dominação e da submissão com a construção social dos sexos. Então, o que a pornografia faz está no mundo real e não apenas na mente de alguns. Por isso, a retórica da representação como uma “não-realidade” é considerada, por MacKinnon (1993), a negação mais elitista dos males da pornografia. É, em outras palavras, a indústria pornográfica, e não as ideias e opiniões sobre sexo, que forçam, ameaçam, chantageiam, coagem e incitam as mulheres a participarem da produção de material pornográfico. É por isso que, segundo a visão de MacKinnon, a pornografia é uma forma de discriminação contra as mulheres, assim como o discurso de ódio racista é uma forma de subjugação racial, levando-o a concluir que essa discriminação deve ser tomada literal e não figurativamente.

Um pressuposto metodológico chave neste esforço analítico é a oposição de que a internet fornece um ambiente socialmente familiar, mas amplamente anônimo, onde pensamentos sobre sexo podem ser discutidos “honestamente”. Afinal somente colocando a análise textual em uma perspectiva social mais ampla fornecida pela teoria social é que o papel e o significado da palavra em um determinado contexto social podem ser plenamente apreciados. Há a necessidade de um deslocamento do estudo de volta ao mundo “real”, “material”, onde acontece o que foi dito no nível da linguagem, de significados e visões. É esta necessidade que re-enfatiza a importância das narrativas e histórias. E isso, apesar dos problemas que surgem do uso da linguagem na compreensão da sexualidade, no sentido de que em grande medida as percepções predominantes de sexualidade, gênero e desejo são alimentadas por uma “mentalidade patriarcal” que pressupõe uma “cultura intercultural”.

Na medida em que o objetivo desse esforço analítico não é tanto o diálogo da internet em si e suas características, mas as visões desenvolvidas sobre ela, justamente por constituírem os dados observacionais não aleatórios da pesquisa, a abordagem não deve tomar a forma de uma “análise compulsiva”, mas focar em apresentar as maneiras pelas quais as opiniões dos usuários presentes no site Pornhub, seja no nível demonstrativo ou co-demonstrativo, se relacionam com aspectos individuais da pornografia.

Deve-se notar que o caráter geral da pesquisa se baseia em uma abordagem no campo dos estudos culturais que se encontra principalmente na etnografia e percebe o pesquisador como um sujeito racional que tenta se posicionar criticamente sobre os fenômenos em estudo e oferecer abordagens interpretativas, em um contexto onde se procura servir ao projeto de interdisciplinaridade, mas também não degenerar o tratamento de dados em uma análise relativista pós-moderna e obviamente abstrata (Attwood, 2004).

Por outro lado, existem abordagens mais críticas. Graham (2007), por exemplo, destaca as dificuldades gerais de iniciar um diálogo honesto e profundo entre a comunidade científica e a comunidade pornográfica. Aliás, acusa a comunidade acadêmica de ter contribuído para a criação de uma discussão pretenciosa, possivelmente virtual. De fato, há muita heterogeneidade no debate moderno sobre pornografia. É principalmente que o debate público sobre a pornografia é exacerbado pelo fato de que o próprio termo é, em essência, depreciativo e muitas vezes combinado com ou referindo-se à violência e atos ou desejos imorais (Johnson, 2003).

Nesse contexto, o surgimento dos estudos pornográficos encontrou e ainda encontra resistência travestida como moral e política, tendo seus pés plantados dentro do campo econômico (Attwood; Hunter, 2009), o mercado pornográfico é extremamente lucrativo, e questionar o lucro não é algo bem recebido. Inicialmente, enquadrar a pornografia sob os auspícios de um campo científico reconhecido e amplamente respeitado, como os estudos de cinema, pode ter oferecido alguma legitimidade e, ao mesmo tempo, levando a pornografia como uma questão de mídia e não como um problema social, mas não apenas “prejudicou” o próprio campo, mas obscureceu as importantes questões políticas e sociais envolvidas (Attwood; Hunter, 2009).

Este desenvolvimento epistemológico ocorreu através da integração dos estudos pornográficos na parte mais ampla dos estudos culturais (Palmieri, 2007). Em alguns aspectos, é claro, o estudo da pornografia é, de acordo com Andrews (2007), parte do estudo dos meios de comunicação de massa e estudos de cinema — com a análise da pornografia aqui muitas vezes feita em termos técnicos puramente cinematográficos (Sicinski, 2004). Mas há uma suposição mais geral, muitas vezes tácita, de que a pornografia é uma parte dos estudos culturais que inclui abordagens analíticas e de pesquisa de estudos feministas, estudos de comunicação e mídia, estudos de internet de cinema, psicanálise, humanidades e análise social/sociológica. A pornografia tem sido um tópico controverso e debatido há décadas, e historicamente, os estudos sobre o tema surgiram principalmente dos Estados Unidos e, em menor escala, do Reino Unido. Muitas vezes, esses estudos se concentravam em questões como censura, liberdade de expressão e aspectos legais da pornografia (Nikunen; Paasonen, 2007).

No entanto, nas últimas décadas, tem havido uma mudança na forma como a comunidade acadêmica estuda a pornografia. Hoje em dia, a pesquisa sobre pornografia é ampla e diversificada, abordando uma série de dimensões, desde a variedade e heterogeneidade dos textos pornográficos até a importância da estética e da inovação. O estudo da pornografia não

se limita mais a questões jurídicas ou de censura, mas sim ao entendimento da natureza e função da pornografia em nossa sociedade.

Um dos aspectos mais notáveis dessa mudança na forma como a pornografia é estudada é o papel crescente da Europa Central na pesquisa sobre o tema. Pesquisadores de países como Alemanha, França e Polônia estão cada vez mais se envolvendo no estudo da pornografia, trazendo uma perspectiva nova e enriquecedora para a pesquisa³².

Outra dimensão importante do estudo da pornografia é a mudança em seu foco, da abordagem biológica (sexo) para a abordagem de gênero. Isso significa que os pesquisadores estão cada vez mais interessados em como a pornografia molda e reflete nossas ideias sobre masculinidade e feminilidade. Além disso, a pesquisa sobre pornografia também está se concentrando cada vez mais na percepção da importância dos conceitos de raça e ordem (Attwood, 2007).

A evolução da pornografia não se limitou apenas a mudanças em seu conteúdo. A indústria pornográfica também passou por grandes mudanças em sua forma de produção e distribuição. Com a ascensão da internet, a pornografia agora está mais acessível do que nunca, e a maneira como a indústria funciona está mudando rapidamente em resposta a essas mudanças tecnológicas. Cabe, portanto, esclarecer que a presente dissertação abarca plenamente a lógica do estudo da pornografia, na medida em que percebe a pornografia apenas como prática cultural. No entanto, ao incluir elementos de análise socioculturais e avançar em uma abordagem interpretativa do fenômeno global da pornografia, pode-se dizer que o presente trabalho contribui do seu ponto de vista para a formação e expansão do campo dos estudos pornográficos (Attwood; Smith, 2014), no sentido de incluir criticamente dados do campo mais amplo do estudo da pornografia e lutar por uma, nos termos de McKee (2014), “mistura criativa”. No contexto da presente dissertação, rejeita-se a alegação de que os estudos pornográficos são apenas um “veículo de legitimação das ações da indústria pornográfica”³³, na medida em que alguns lugares podem ser identificados com elementos de sua argumentação, mas também é preciso que o pensamento científico mantenha distância — no sentido de reserva crítica — da adoção de uma retórica e fraseologia que remete diretamente à natureza altamente mercantilizada da pornografia.

³² Aqui é importante frisar que muitas dessas pesquisas são direcionadas à teoria dos efeitos, tópico que será melhor abordado no segundo capítulo da dissertação.

³³ Aqui deve-se considerar que o tipo de pornografia utilizada no recorte da presente dissertação é fruto de um grande avanço tecnológico e do grande potencial capitalista e econômico que se consegue alcançar alimentando esse fenômeno, porém esse não será o foco principal da pesquisa.

Williams (2014) observa, no entanto, que o estudo da pornografia como um todo se caracteriza, pelo menos na fase atual, pela (excessiva) abundância de trabalhos sobre pornografia gay em relação àqueles sobre pornografia heterossexual, sub-representação de pornografia *softcore* na etnografia, a quase inexistência de um “arquivo” de pornografia e a necessidade de escritas originais por seus estudiosos. Em cada caso, no entanto, há um desengajamento gradual da abordagem centrada no direito e filosófica para uma abordagem centrada na cultura com ênfase na comunicação mediana. Então, Jensen (2007 *apud* McGann, 2009) se propõe a concluir no estudo da pornografia a inclusão de todos os três aspectos-chave da análise de texto de mídia. A análise textual para a busca de códigos, convenções, estratégias narrativas e extensões ideológicas, a economia política para a investigação das condições e enquadramentos da produção textual e os estudos de recepção para compreender os modos de consumir os textos e os efeitos deles.

Em outras palavras, um movimento para enquadrar a pornografia envolve: 1) observar como a pornografia sinaliza conceitos e práticas dentro de um contexto cultural mais amplo, 2) estudá-la como uma categoria de ações obscenas, 3) o exame cuidadoso de produções pornográficas específicas, 4) a tentativa de descrever as características gerais da pornografia em uma variedade de mídias, e 5) o estudo das maneiras pelas quais a pornografia é consumida e incorporada à vida cotidiana (Attwood, 2002). Para Nagel (2002), um enunciado realmente útil de pornografia deve significar também uma mudança para a experiência real de consumir pornografia.

É com base nestes antecedentes epistemológicos e metodológicos que surgiu o exemplo dual, dicotomicamente estruturado. Em outras palavras, foi criado um quadro de discussão para superar o que Juffer (1998) chamou de “binário cansado”. Isso inclui Smith e Attwood (2014) apontando que ser “crítico” na análise da pornografia sempre foi considerado antipornografia, no sentido de criticar a pornografia, e apenas ocasionalmente se referiam à citação de “todas as perspectivas e aspectos” da respectiva crítica. Da mesma forma, Williams (2014), para quem a crítica “real” não só se posiciona de que lado está, mas questiona e faz uma análise detalhada — a crítica real que vai além da colocação clara em relação à segregação pró/anti-pornografia Attwood (2002), no entanto, acredita que esses compromissos podem ser superados com abordagens menos críticas à representação visual, excitação sexual e relação sexual.

1.4 CIBERPORNOGRAFIA E O PORNHUB

O aumento explosivo da disponibilidade de material sexualmente explícito na Internet deu aos usuários individuais a possibilidade de acesso ilimitado a uma gama inesgotável de imagens e sons sem nenhum custo particular, basicamente gratuito, juntamente com a remoção dos maiores obstáculos à difusão e venda de pornografia e serviços sexuais, vergonha e ignorância (Coopersmith, 2006)³⁴. As principais variáveis que fazem da internet um contexto único de ação são o anonimato dos usuários³⁵, a moderação da proximidade física, a atratividade física como característica da formação de relacionamentos, o aprimoramento do controle pessoal sobre o tempo e o ritmo das interações e comunicações interpessoais, mas também a natureza fluída da construção da identidade online³⁶. De maneira mais geral, como fornecedora de pornografia, a internet é especialmente atraente porque possui infraestruturas e recursos que a diferenciam de outras mídias, como digitalização, potencial de mercantilização, as “comunidades potenciais” criadas por meio de interações tecno-sociais, a personalização de produtos, mas também a personalização da navegação, a facilidade de produção direta voltada para um público internacional e a ausência básica de restrições legais em suas operações.

Deve-se notar, é claro, que a “exposição” à pornografia na Internet também é facilitada por uma característica adicional do meio — o relacionamento indiscriminado e às vezes “forçado” com consumidores potenciais por meio do uso de anúncios e promoção forçada de navegação e estratégias que se concentram ao maximizar o tráfego para sites adultos por meio de mecanismos de pesquisa e spam³⁷. Ou seja, o caso de contato não intencional com material

³⁴ Deve-se notar que a principal diferença entre sites pornográficos e não pornográficos é a duração média de uma visita. Por exemplo, enquanto para um site de notícias a média de visita é geralmente entre três e seis minutos, o tempo médio gasto em um site pornográfico é entre quinze e vinte minutos. É com base nesses dados que se pode dizer que a pornografia constitui até 30% de todos os dados transferidos pela internet em todo o mundo (Anthony, 2012). Deve-se notar que há também uma tendência mais geral dos usuários de pornografia de salvar em arquivos pessoais imagens e vídeos encontrados durante a navegação.

³⁵ O senso de anonimato da Internet parece “aliviar”, de acordo com Quinn e Forsyth (2005), os usuários da preocupação com a estigmatização pública e as sanções legais.

³⁶ Os utilizadores, por exemplo, na Internet podem construir a sua própria identidade, mas também podem “alterar” a dos outros, sendo um exemplo óbvio a colocação de cabeças de celebridades em imagens de nudez ou pornografia que por vezes são acompanhadas de comentários sarcásticos (Coopersmith, 2006). No entanto, deve-se notar que, de acordo com Slater (1998), a desconstrução das identidades corporais e sexuais no ambiente online é tratada pelos usuários como um problema prático e real que existe também na vida cotidiana, e não apenas como um problema com implicações utópicas.

³⁷ A questão do recebimento não solicitado de mensagens pornográficas pela Internet é um assunto mais amplo na medida em que o e-mail pode ser lido em redes públicas ou locais de trabalho. No contexto, por exemplo, do funcionamento de colégios e universidades, parece criar um ambiente bastante desconfortável, se não hostil, para o processo educacional de acordo com a pesquisa de Finn (2004). Também digna de nota é a pesquisa de Paasonen (2006) sobre spam de anúncios de pornografia na Internet, na qual ela descobre que eles mostram uma diferença exagerada de gênero. Mais especificamente, embora as mulheres sejam apresentadas como agentes limitados de ação, as repetidas representações do controle das mulheres não devem ser entendidas como marcas de ação autoritária, mas como representações da lógica básica da pornografia *mainstream* baseada em diferenças e confrontos binários de gênero, bem como gêneros pornográficos facilmente reconhecíveis.

pornográfico na internet também inclui uma visão em torno do conceito de que esse tipo de material supostamente esconde uma “verdade”, talvez de mais valor, do que aquilo que está na superfície e acessível a todos. De forma mais geral, a exploração das novas tecnologias por usuários individuais e a indústria da pornografia e do sexo se enquadram, em todo caso segundo Leverette (2003), no paradigma das consequências não intencionais (*unintended sequences*) — ou mesmo na síndrome de Frankenstein (*Frankenstein syndrome*), onde o uso originalmente pretendido de uma máquina ou tecnologia muitas vezes degenera no sentido de se desviar de sua função básica. O efeito acumulativo, portanto, da mutação da pornografia tradicional em texto e vídeo desde o advento da internet é a “ciberpornografia”³⁸ e o que isso significa — das novas possibilidades de acesso, à redefinição total das fantasias, expressões, comportamentos e atividades sexuais³⁹. Justamente, então, a mera possibilidade de tráfego e consumo “desencadeado” de material pornográfico através da Internet não constitui nem um novo tipo de pornografia nem justifica a captura de todo esse material heterogêneo através do termo *netporn*.

A pornografia na Internet deve ser entendida como uma categoria distinta de pornografia estruturada pelo ciberespaço e incorpora as características do meio a partir do qual é produzida — principalmente a interatividade como pré-requisito para a interação e as possibilidades de *networking*. Existem, portanto, duas formas de perceber a pornografia na Internet, primeiro pela rede de experiências que permitem ao utilizador aproximar-se do seu eu nu e do Outro nu, mulher ou homem, e segundo pela tomada de consciência do caráter público que as experiências assumem do usuário⁴⁰.

Assim, o que muda sobretudo com a pornografia e o seu consumo através de computadores, mas também de outros dispositivos domésticos ou pessoais, é a passagem de uma situação em que as representações do sexo eram algo obsceno e fora da esfera pública para uma cultura que traz à cena corpos, órgãos sexuais, ações e prazeres (Williams, 2004). Uma

³⁸ A ciberpornografia refere-se à pornografia distribuída e consumida por meio da internet e de outras tecnologias digitais. É um subconjunto da pornografia que aproveita a conectividade da internet para disponibilizar conteúdo sexualmente explícito. A ciberpornografia pode incluir uma variedade de formatos, como imagens, vídeos, histórias eróticas, *webcams* ao vivo e bate-papo sexual, entre outros. A ciberpornografia pode ser acessada de várias maneiras, como em sites pornográficos, redes sociais, aplicativos de mensagens, fóruns online e compartilhamento de arquivos. Devido à natureza anônima da internet e à facilidade de compartilhamento de conteúdo, a ciberpornografia está amplamente disponível e acessível para aqueles que desejam consumi-la.

³⁹ Nesse sentido, Lillie (2002) aponta que a ciberpornografia também deve ser compreendida e estudada a partir do contexto de codificação e decodificação das práticas e causas da sexualidade em que é produzida e consumida.

⁴⁰ Uma crítica cultural de quaisquer efeitos das representações pornográficas pode, em algum nível, ser precisamente “o que os homens querem ver e saber” sobre si mesmos em relação ao sexo oposto — com a tecnologia da Internet aqui promovendo uma ilusão de controle sobre essa busca, ao mesmo tempo em que aumenta o humor e desejo de continuar.

transição que ocorre num contexto de inclusão de cada vez mais elementos da experiência sexual “real” (Hardy, 2008), mas também de um enriquecimento global do repertório sexual e de uma redefinição dos hábitos e normas sexuais (Lynn, 2007). A pornografia, no entanto, no estágio atual não é mais uma atividade exclusivamente individual, mas um círculo de interação que inclui cada vez mais — desde casais que a consomem no contexto de uma relação sexual, formas híbridas de cibersexo e processos de troca de parceiros, até redes pornográficas interativas, mecanismos de busca especializados em pornografia e comunidades online voltadas para a pornografia (Paul, 2005).

Com base no exposto, o uso da internet para qualquer atividade que envolva aspectos da sexualidade — como, por exemplo, entretenimento, exploração, apoio em problemas sexuais, compra de materiais sexuais e busca de parceiros sexuais. Caso contrário, o comportamento sexual baseado na Internet refere-se a comportamentos que geralmente ocorrem de forma privada e secreta e incluem o consumo de material sexualmente explícito via Internet e indução à masturbação na ocasião/base disso. Uma subcategoria proeminente da atividade sexual online é o famoso *cybersex*, que é definido como o uso da internet para se envolver em atividades sexuais para o prazer do usuário — como participar de chats de sexo online e cibernético, ou seja, a troca de fantasias via Internet e inclui a masturbação simultânea dos participantes.

O cibersexo pode constituir uma relação ou relação voyeurística, mas também material pornográfico quando é gravado para ser visto posteriormente, possivelmente por outros. Ou seja, no caso do cibersexo, tanto a Internet como o uso de câmeras digitais degeneram, em alguns casos no contexto da experimentação sexual, em um “showmanship a serviço do voyeurismo”, onde os usuários abrem mão do direito à privacidade de seus prazeres pessoais em prol da satisfação dos outros e de si mesmo (Villarejo, 2004)⁴¹. A troca aqui de imagens sexuais e pornográficas amadoras tornou-se parte das estratégias de namoro, com a internet sendo usada por possíveis parceiros românticos para tentar construir e exibir sua imagem e desejos sexuais. A busca às vezes “compulsiva” no cibersexo pela representação sexual “perfeita” para corresponder ao mapa das preferências eróticas e fantasias sexuais dos usuários geralmente resulta apenas em uma frustração por sua natureza efêmera.

É neste contexto que até recentemente a pornografia na internet era percebida apenas como uma extensão das possibilidades de disseminação de material pornográfico de orientação

⁴¹ Para a maioria dos homens da pesquisa de Attwood (2009), o cibersexo funciona como um novo espaço no qual eles podem representar seus próprios repertórios autoeróticos por meio de uma série de interações com outros usuários.

comercial (Attwood, 2007). Como o conhecido pesquisador Jacobs (2004) aponta corretamente, é uma visão capitalista que a pornografia circula livremente globalmente — ainda assim a difusão de conteúdo sexual e pornográfico começou e agora é definida tanto, se não principalmente, pelos usuários da Internet. Em outras palavras, apesar do fato de que a indústria da pornografia comercial está em constante desenvolvimento, não se deve esquecer que os usuários da Internet também estão se tornando cada vez mais informados sobre como funciona o sistema de produção e distribuição de material pornográfico. Portanto, uma abordagem positivamente situada da pornografia, como a defendida por Jacobs pressupõe uma compreensão próxima e profunda de como seus usuários redefinem a pornografia comoditizada e a colocam em um contexto individualizado de uso em suas vidas sexuais pessoais. Desta forma, a pornografia é “normalizada” como parte de um repertório de práticas sexuais cotidianas com suas novas tecnologias.

Isso se deve à cultura participativa que pode ser desenvolvida por meio dela e à gramática da Web 2.0 que oferece mais possibilidades. É essencialmente um empreendimento colaborativo na produção, distribuição e consumo de pornografia que, com a lógica de questionar estruturas orientadas para a mercadoria na representação do sexo, é chamada de “democratização da pornografia” (Jacobs, 2004; Hardy, 2008)⁴². É claro que o modelo “vertical” de tráfico de material pornográfico de produtores corporativos para consumidores privados já havia começado a mudar, mesmo em um estágio inicial, para um modelo “horizontal” de troca de material já na era do desenvolvimento do vídeo e câmeras, que permitiam a gravação de pornografia amadora que os casais trocavam entre si. A mudança observada diz respeito principalmente a uma “massificação digital” da pornografia, para o qual as possibilidades oferecidas pelas tecnologias em evolução têm contribuído ao encapsular as possibilidades necessárias, em um contexto em que os usuários são socializados com as habilidades necessárias para produção, processamento e distribuição de material diretamente por este último (Coopersmith, 2006). A indústria pornográfica comercial, é claro, esperava que os adolescentes que foram criados para buscar conteúdo que geralmente resultava na oferta de assinatura para acessar um material de “qualidade melhor e mais completa” fizessem essas compras uma vez que tivessem a renda de seu primeiro emprego. No entanto, este não parece ser o caso, uma vez que uma porcentagem limitada continua a adquirir assinaturas de tipo preferencial. Isso parece ter ocorrido porque tanto a geração anterior quanto, sobretudo, a

⁴² A pornografia online contemporânea exemplifica um modelo democrático dada a ação colaborativa informal de usuários vista em redes de compartilhamento de arquivos *peer-to-peer* (pessoa para pessoa), sites de hospedagem de arquivos e redes sociais interativas.

internet inculcou hábitos online que são principalmente sobre a busca constante de coisas gratuitas, as redes sociais e a partilha dos conteúdos que criaram (Jacobs, 2008) — num contexto social global que oferece possibilidades de experimentar uma economia de excesso e saturação (Jacobs, 2009). A pornografia tem sido um fator decisivo no desenvolvimento das possibilidades da famosa Web 2.0, não apenas no sentido de que a indústria pornográfica é um motor para o desenvolvimento de novas tecnologias, mas também porque as relações subjetivas promovidas pela pornografia são cada vez mais exemplares das formas pelas quais os usuários funcionam como sujeitos que, de forma mais geral, produzem valor no contexto da nova economia da informação.

Assim, a internet não apenas criou um mercado exclusivamente lucrativo em torno da pornografia, mas também algumas formas de troca econômica que se aplicam “acima e além” da economia geral do mercado de pornografia online. É uma economia que, segundo Jacobs (2004), assenta na troca de dádivas⁴³, tendo como principal objetivo a construção de um mecanismo de coesão social e não de utilidade econômica ou lucro. Além disso, no caso dos conteúdos pornográficos na Internet, observa-se uma nova dimensão, a postagem e distribuição de material que o próprio usuário/consumidor produz em tempo real. Neste sentido essa tecnologia pode ser considerada “libertadora” uma vez que permite aos indivíduos criar a sua própria pornografia nos seus próprios termos, sem consumir passivamente a obra de outrem. Ou seja, no caso dos produtos pornográficos na economia digital, o consumidor contribui para a criação do produto em tempo real por meio, por exemplo, da demanda de uma determinada interação. Este é um fenômeno mais amplo que diz respeito às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias para que o consumo de materiais seja acompanhado pelo fornecimento simultâneo de informações aos produtores⁴⁴.

Na internet moderna, portanto, uma série de colaborações interessantes, “misteriosas” e controversas emergem do florescimento de “espaços pornô” que, como empresas comerciais, podem coexistir mais ou menos pacificamente com presenças online de lógica diferente, incluindo novas artísticas, projetos, movimentos amadores e experimentos de subcultura. A pornografia na internet tem uma longa e conturbada história, que começa na década de 1990,

⁴³ O conceito de dádiva aqui remete à obra clássica de Mauss (1954) onde o importante sociólogo francês concentra sua análise em como as trocas de dádivas entre pessoas, mas também grupos, criam vínculos entre elas que vão além da lógica unidimensional da utilidade e cultivam formas de solidariedade social.

⁴⁴ De fato, dado que o consumo é um meio cada vez mais central de decretar a cidadania cultural nas condições pós-modernas, a capacidade de produção por parte do indivíduo agora desempenha um papel central na reprodução cultural do mundo cotidiano. Além disso, não se deve esquecer que a luta para transformar os modos de produção da pornografia é também uma luta para transformar o próprio capitalismo e, portanto, qualquer estratégia retórica que tente tratar a pornografia como uma variável discreta do comportamento humano negligencia uma dimensão central da questão (Wilkin, 2004).

com o surgimento da *World Wide Web*. Naquela época, a internet era vista como um lugar onde a liberdade de expressão e o anonimato permitiam a livre troca de informações e ideias. Com o tempo, porém, a pornografia começou a proliferar na rede, gerando uma série de controvérsias.

A primeira vez que a pornografia na internet chamou a atenção do público em geral foi em 1995, quando a revista *Wired* publicou um artigo sobre “pornografia eletrônica” e sua própria disseminação na rede. Na época, os críticos da pornografia online argumentavam que ela estava se tornando cada vez mais violenta e degradante, e que estava sendo consumida por um número crescente de adolescentes.

Um dos maiores nomes do mundo pornográfico é a MindGeek, uma empresa canadense de tecnologia que possui um monopólio virtual sobre a indústria pornográfica na internet. A empresa é proprietária de alguns dos sites mais populares de conteúdo adulto, incluindo o Pornhub, RedTube, YouPorn e Brazzers. De acordo com um relatório de 2019 da revista *Vice*, a MindGeek controla mais de 80% dos sites pornográficos na internet e é responsável por aproximadamente um terço de todo o tráfego de internet relacionado a conteúdo adulto. A empresa é notória por sua estratégia de aquisição agressiva de empresas concorrentes menores e por suas práticas de negócios controversas. Por exemplo, o *New York Times* (2020) publicou uma reportagem que levantava preocupações sobre a exploração infantil e a violência sexual no Pornhub, que é de propriedade da MindGeek. Após a publicação da reportagem, Visa e Mastercard cortaram seus laços comerciais com a empresa, impedindo que a MindGeek processasse pagamentos em seus sites.

A MindGeek negou veementemente as acusações e afirmou que tomou medidas para garantir a segurança e a privacidade dos usuários. No entanto, a empresa tem sido criticada por seu histórico de práticas e negócios questionáveis, como a exibição de vídeos de estupro e abuso infantil em alguns de seus sites. Em termos financeiros, a MindGeek é uma empresa altamente lucrativa, estimada em bilhões de dólares. Embora a empresa não divulgue publicamente seus ganhos, relatórios sugerem que o Pornhub sozinho gera mais de US\$ 3 bilhões em receita anualmente e tem em média 100 milhões de visitantes diários.

O Pornhub, desde sua criação, cresceu exponencialmente e se tornou um dos maiores sites de pornografia do mundo. Em 2010, o site já contava com 13,7 milhões de visitas por dia e, em 2018, esse número aumentou para mais de 92 milhões de visitas diárias. O site oferece um acervo vasto de vídeos pornográficos gratuitos e é conhecido por ser acessível e fácil de usar. Além disso, o Pornhub também possui uma seção de conteúdo premium, onde os usuários podem pagar para acessar conteúdo exclusivo e de alta qualidade. A plataforma permite aos usuários enviar, assistir e compartilhar vídeos pornográficos. Funciona de forma semelhante a

outros sites de compartilhamento de vídeo, como o YouTube, mas com foco em conteúdo adulto. O site também oferece recursos adicionais, como chats ao vivo com modelos, uma seção de notícias e um fórum de discussão.

Dentro do site surgem centenas de fetiches individualizados, bem como os seus correspondentes agrupamentos e expressões coletivas na Internet. É, em outras palavras, a gramática da internet, a lógica da pornografia na internet e as dimensões gerais da personalização que tanto provocaram quanto possibilitaram a participação dos usuários na articulação do julgamento em torno de quaisquer constantes do “corpo desejado”. Este processo significou basicamente que se pode dizer que as várias categorias na pornografia que se cristalizaram ao longo do tempo refletem em alguma medida os desejos dos usuários.

As *tags* do Pornhub são palavras-chave associadas aos vídeos pornográficos e são usadas para categorizá-los e facilitar a busca dos usuários. Infelizmente, muitas dessas *tags* são altamente objetificadoras e sexistas, especialmente aquelas relacionadas ao corpo feminino. Por exemplo, muitos vídeos são marcados com *tags* como “peitos grandes”, “bunda grande”, “loira gostosa”, “novinha”, entre outras. Essas *tags* objetificam as mulheres e reduzem sua identidade a características físicas, ao invés de reconhecê-las como seres humanos completos com suas próprias vidas, personalidades e desejos. Além disso, algumas dessas *tags* são problemáticas porque indicam a falta de consentimento ou o uso de violência contra as mulheres. Por exemplo, *tags* como “estupro”, “violência”, “abusada” e “forçada” sugerem que o ato sexual é forçado e não consensual, o que é extremamente problemático.

Mais especificamente, no que diz respeito à segmentação/fetichização das marcas corporais como significantes das diferenças de gênero e preferências sexuais temos, o que Paasonen (2010) chama de “estruturalismo heterossexual”, ocorre uma fragmentação peculiar do corpo que é sexualizado “pedaço por pedaço”. É um processo mais amplo que reflete não apenas domínios e diferenças intra-humanos, mas é constitutivo da interconexão de domínios de gênero, raça e classe⁴⁵. Este processo é chamado por Adams (2003), de forma obviamente cínica, “pornografia da carne” e reflete a degeneração do corpo humano em um consumidor dispensável bens. Pode-se apontar que, apesar do muito discutido potencial de escolhas “infinitas” no contexto da pornografia online, mas também na percepção personalizada da navegação do consumidor na pornografia como uma busca para as preferências pessoais, que

⁴⁵ É importante reconhecer aqui que as preferências sexuais não são apenas de gênero, mas também classificadas e, nesse sentido, mais amplamente culturais — tornando relevante qualquer tentativa de tipificar e categorizar pessoas.

parece dominar, é uma homogeneização de mercadoria relativamente padronizada e categorizada do desejo⁴⁶.

A rede Pornhub tem uma coluna separada intitulada “PornHub Insights: Indo fundo nos dados”, onde apresenta ao público algumas estatísticas “interessantes” que coletou, sobre as pesquisas mais populares, categorias, estrelas e tempo gasto por país em determinadas categorias e *tags*. Os dados hipotéticos de identidade dos usuários foram disponibilizados pelo Google, que “anonimamente” compartilha os dados coletados na pesquisa de navegação da sua própria rede. Conforme declarado na postagem do Pornhub: “Graças aos dados anônimos fornecidos pelo Google Analytics, os estatísticos do Pornhub podem criar uma imagem precisa da composição demográfica de nossos visitantes, incluindo sexo, idade e até interesses” (PornHub Insights). Além disso, a coluna fornece dados sobre o “tráfego” e as flutuações do “tráfego” na página da comunidade por hora/dia/país e até mesmo dependendo de eventos públicos importantes que acontecem em diferentes cidades, como grandes feriados, eventos esportivos ou de televisão, demonstrações em grande escala e muito mais. Para analisar a coleta de dados foram realizadas tabelas e *prints* da tela.

De grande interesse é a natureza comparativa desses dados que contribui para a formação de categorias da população e a hierarquia entre elas nas diversas escalas geradas por essas práticas. Por meio de processos de comparação dos movimentos de diferentes usuários, são produzidos novos dados-resultados que destacam as diferenças entre os comportamentos dos usuários e levam à formação de grupos populacionais criando o que, parafraseando Cheney Lippold (2011), chamaríamos de “novas identidades algorítmicas coletivas”. Os Insights dão atenção especial a “manifestações de mulheres” e seu histórico de visitas ao site, são apresentados fatos interessantes sobre quais grupos navegaram, o que buscaram, a que horas fizeram essas ações e principalmente a que horas “não fizeram” essas ações. Isso significa reconhecer ou criar “diferenças” entre os usuários que tornam esses grupos possíveis e lhes dá conteúdo social e político relevante. Em segundo lugar, são apresentadas as diferenças entre os grupos-categorias por serem colocados em escalas que indicam de quais grupos e de quais “áreas” (estados e até bairros) os usuários responderam mais às manifestações, o que se faz sentir por sua ausência da rede. O conteúdo social, cultural e político de que são carregados os grupos populacionais formados por meio de tais processos torna-se ainda mais perceptível na

⁴⁶ Por exemplo, uma certa estética de “beleza e fascínio sexual” feminino é promovida na pornografia comercial *mainstream* — as mulheres aqui costumam ter cabelos longos, são magras, muitas vezes caucasianas e jovens, com implantes mamários, usam lingerie dramática e salto alto, são feitas para cima, e seu corpo como um todo é depilado.

categoria em que são apresentadas as buscas por pornografia “transgênero”. Categorias da população que já carregam uma carga cultural como idade (18-24, 25-34, 35-44), homens-mulheres, por um lado se apresentam como unidas — enquanto é claro que não o são — e por outro lado são comparados para tirar “conclusões interessantes” que carregam outros significados culturais (por exemplo, ‘homens de idade entre 35-44 estão mais interessados no termo “trans”’). Em outras palavras, ao mesmo tempo, essas categorias identificam (práticas de busca de conteúdo transexual, a rede atual, a comunidade Pornhub, por exemplo, como mais práticas masculinas) e são identificadas por essas práticas (por exemplo, pessoas com idades entre 35 e 44 anos são mais propensas a se interessar por conteúdo trans), destacando a importância das práticas algorítmicas.

É importante observar que a rede Pornhub é um site de conteúdo adulto que possui um significativo poder econômico, social e político, e seus proprietários detêm mais influência de que os de outras redes similares. As categorias de conteúdo, canais e usuários na plataforma seguem dinâmicas semelhantes. Por exemplo, ao pesquisar no Google por termos como “pornô feminino”, a categoria correspondente no Pornhub geralmente aparece nos primeiros resultados; o mesmo ocorre com termos como “pornô *hardcore*” e assim por diante.

Este é um elemento importante que define, neste caso, a grade de saber-poder a que Foucault se referia sobre como e quem pode falar de quem, mas também definir “regimes de verdade”. O poder de raciocínio gerado nas mídias sociais, e especialmente no Pornhub, é particularmente grande e certamente bastante imprevisível. Ainda mais poderosas e indiscutíveis são essas razões quando se baseiam na coleta de massivos “dados reais”. Um bom exemplo da relação do Pornhub com a vida “real” foi quando o relacionamento do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, com a conhecida estrela pornô Stormy Daniels foi revelado, desencadeando, segundo as publicações do Pornhub, uma “explosão” nas buscas dos usuários pela atriz específica. As buscas aumentaram 514% em janeiro de 2018, enquanto cada aparição pública subsequente e declarações de pessoas relevantes se refletem em um grande aumento nas buscas no Pornhub.

Este caso mostra a relação muito direta que os eventos da “vida real” aqui na “esfera pública” têm com a vida digital dentro da rede Pornhub, que de forma alguma deve ser considerada desvinculada de um “mundo real”. Essas práticas de categorização digital de sujeitos vêm com um novo eixo analítico de poder: a construção digital de categorias de identidade (Cheney-Lippold, 2011). Tal coisa, praticada ao nível da vida quotidiana e através de categorizações baseadas em computadores e algoritmos, funciona para gerir e controlar grupos de pessoas e populações, constituindo uma versão “suave” da biopolítica. No entanto,

segundo David Lyon (2015), qualquer processo de recolhimento e análise de dados pessoais, identificáveis ou não, com a finalidade de influenciar ou gerir os dados recolhidos, é uma forma de vigilância. Para Lyon, essas práticas de coleta, análise e publicação de dados que vimos nos três exemplos, estão diretamente relacionadas com o conceito de vigilância e, embora passem despercebidas devido à sua natureza sutil, são ao mesmo tempo muito “duros” e realizados em nível sistemático (Cheney-Lippold, 2011; Lyon, 2001). De qualquer forma, mecanismos de estatísticas demográficas digitais como os mencionados, às vezes mais difíceis e óbvios e às vezes mais suaves e através de ajustes sutis dos movimentos diários/preferências dos usuários, desempenham um papel catalisador para a regulação da população, exercida através do investimento no reconhecimento computacional da vida digital do corpo social.

A criação de uma conta pessoal amplia os esforços de identificação, análise e administração das entidades individuais e sociais que exploram a plataforma Pornhub, empregando práticas e sugestões baseadas em dados ainda mais especializados e aprofundados. A criação da conta é incentivada pela plataforma como mostrado pelas imagens abaixo⁴⁷:

Figura 6 – Criando uma conta 1



Fonte: Pornhub.com, 2022.

⁴⁷ Alguns dos dados fornecidos são baseados apenas em usuários que criaram contas, como por exemplo a taxa de homens e mulheres que acessam o site e a faixa etária dos consumidores. Porém outros dados como o consumo por categorias e países é levantado pelo site contabilizando o visitante que não está logado.

Figura 7 – Criando uma conta 2



Fonte: PornHub.com, 2022.

Figura 8 – Criando uma conta 3



Fonte: PornHub.com, 2022.

Figura 9 – Criando uma conta 4



Fonte: Pornhub.com, 2022.

O sistema de criação de contas no Pornhub é uma peça central na estratégia de monetização e engajamento da plataforma. Ao permitir que os usuários criem contas gratuitas, o Pornhub facilita o acesso ao vasto conteúdo disponível em sua plataforma, ao mesmo tempo em que abre portas para uma série de recursos e funcionalidades exclusivas. Caso o usuário decida criar a conta ele receberá a seguinte mensagem:

Figura 10 – Do que eu gosto?

 The image shows a web form titled 'Como você mais gosta??' (How do you like it??). At the top, there are four navigation tabs: 'De que eu gosto' (selected), 'Minhas inscrições', 'Informações Básicas', and 'Aproveite o Pornhub'. Below the title, a subtitle reads: 'Conte-nos sobre você e sobre o que mais te excita para que a gente possa te proporcionar o conteúdo que mais te agrada.' (Tell us about you and what excites you most so we can provide you with the content you like most). The form is divided into two main sections: 'Sou:' (I am:) and 'Gosto:' (I like:). Under 'Sou:', there are six buttons arranged in a 3x2 grid: 'Nenhum' (highlighted in orange), 'Masculino', 'Feminino', 'Casal', 'Casais do Mesmo Sexo (Feminino)', and 'Casais do Mesmo Sexo (Masculino)'. Under 'Gosto:', there are three buttons: 'Mulheres', 'Homens', and 'Rapazes e Moças'.

Fonte: Pornhub.com, 2022.

São comuns as perguntas minuciosas que visam explorar os dados pessoais mais sutis dos usuários, seus desejos e até mesmo seus aspectos mais íntimos. O objetivo principal, conforme declarado pelo site, é fornecer conteúdo que se ajuste da melhor forma às preferências individuais.

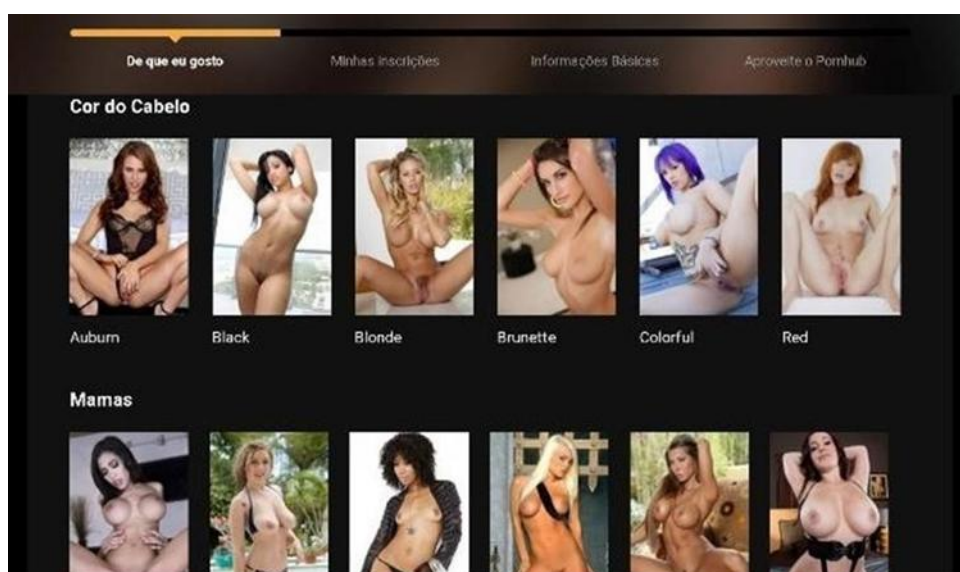
Após a criação da conta é iniciado o processo de traçar o perfil do usuário, coletando dados e informações sobre os usuários, permitindo que a plataforma personalize ainda mais sua experiência e direcione anúncios com base em seus interesses e preferências. Isso não apenas aumenta a eficácia das campanhas de marketing do Pornhub, mas também gera receita adicional por meio de publicidade segmentada.

Figura 11 – Traçando o perfil 1



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Figura 12 – Traçando o perfil 2



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Figura 13 – Traçando o perfil 3



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Conforme ilustrado nas imagens, o corpo feminino é inteiro categorizado. Contudo, é relevante observar que essa mesma abordagem é também aplicada aos homens. Vale destacar que essa inclusão no site é uma mudança recente, já que anteriormente apenas o corpo feminino era categorizado.

Figura 14 – Traçando o perfil 4



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Figura 15 – Traçando o perfil 5

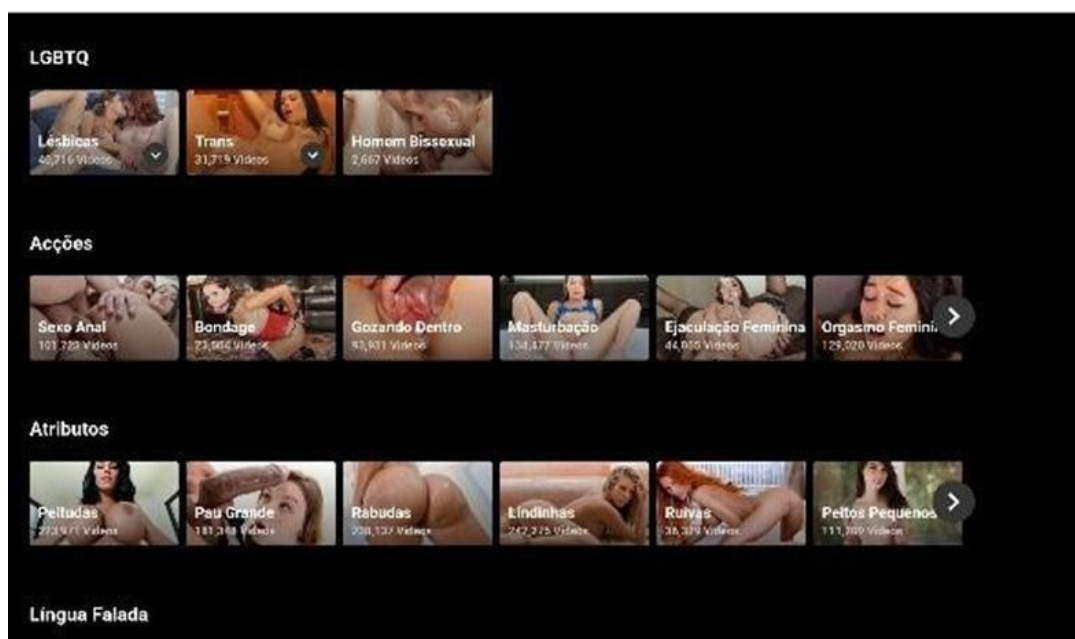


Fonte: Pornhub.com, 2022.

Durante o processo de criação de uma conta, os usuários são convidados a compartilhar suas preferências e se inscrever em canais, perfis de atores e membros da comunidade no Pornhub. Eles são solicitados a se descrever usando um número específico de palavras e a listar itens que desejem compartilhar com a comunidade. Além disso, devem enviar um perfil e uma foto de parede, e têm a opção de incluir um vídeo com conteúdo pornográfico. A configuração de privacidade também é importante, permitindo que escolham quais dados serão públicos, visíveis apenas para amigos ou restritos a eles mesmos.

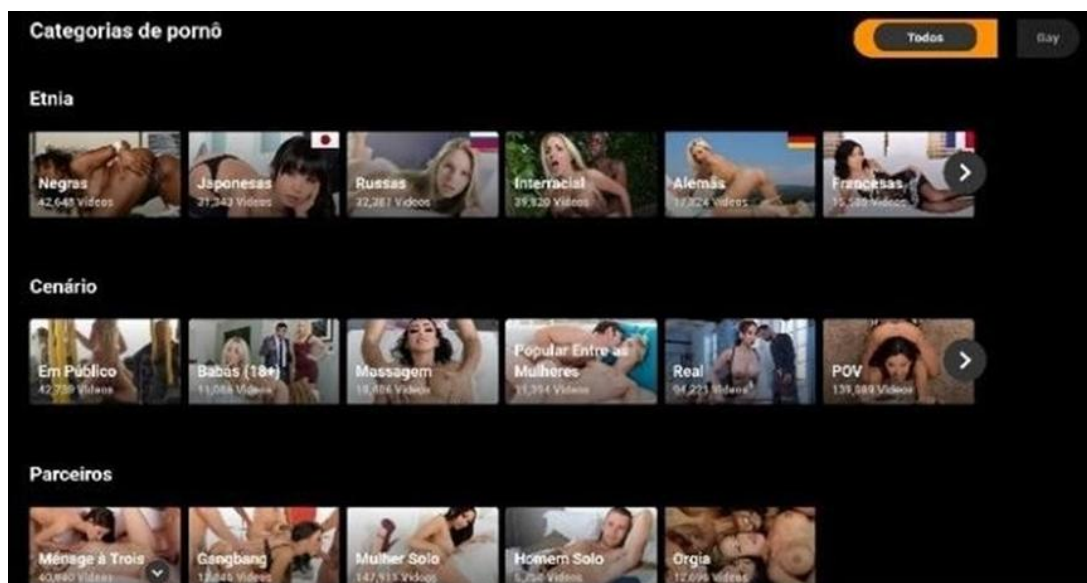
Após verificar o e-mail para ativar a conta, os usuários podem começar a “curtir o Pornhub”, como geralmente é mencionado. Novas opções são constantemente apresentadas com base nas informações coletadas e preferências indicadas, sendo possível fazer alterações a qualquer momento. Além da página inicial, os usuários têm acesso a uma página pessoal com a coluna “Feed”, que é continuamente atualizada com notícias, comentários, anúncios e outras interações dos canais e membros da comunidade aos quais estão conectados.

É intrigante notar as categorias mencionadas, sendo apenas uma amostra das numerosas opções presentes no site. A categoria “popular entre as mulheres”, em sua maioria, não apresenta interações significativas nos comentários, tornando assim desafiador compreender a natureza da audiência que consome esse conteúdo. O usuário tem a possibilidade de criar a mulher ideal usando as categorias e *tags* como mostrado abaixo:

Figura 16 – Categorias 2⁴⁸

Fontes: Pornhub.com, 2022.

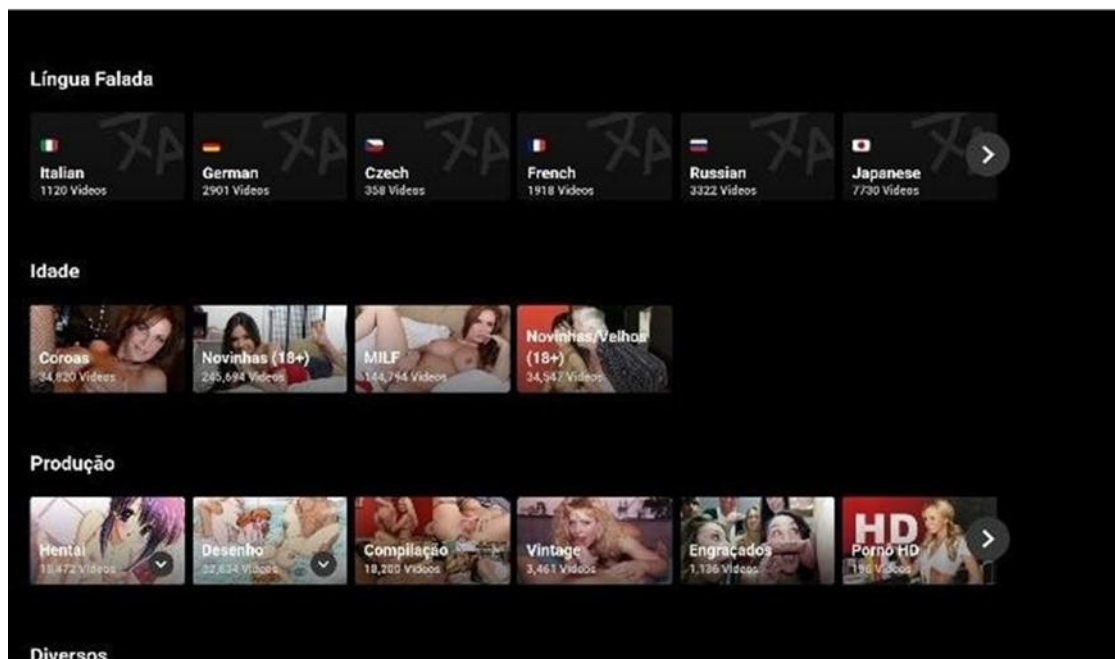
Figura 17 – Categorias 3



Fonte: Pornhub.com, 2022.

⁴⁸ Na Figura 16 é possível ver a categoria LGBTQ, mas é importante afirmar que mesmo que o site tenha opções inclusivas para pessoas de diferentes gêneros e sexualidades, a realidade de consumo dentro do site não é essa. Mulheres trans e lésbicas são protagonistas de fetichização constante na rede, assim como diversos tipos de violência simbólica. Um exemplo disso é o pornô lésbico não ter aba própria no site, ele está dentro das categorias de pornô heterossexual, diferente do pornô gay, que tem uma página separada e consta com as suas próprias categorias. A lesbianidade não é uma sexualidade válida no site, e sim uma categoria sexual consumida majoritariamente por homens heterossexuais. O site, portanto, especulariza a lesbianidade pensando no gozo masculino e não de mulheres lésbicas.

Figura 18 – Categorias 4



Fonte: Pornhub.com, 2022.

A pornografia, especialmente quando visualizada em plataformas como o Pornhub, revela uma dinâmica complexa em relação à representação do corpo humano. Em vez de retratar mulheres como indivíduos completos e complexos, a pornografia muitas vezes fragmenta seus corpos em partes e fetiches, transformando-os em objetos de desejo sexual isolados de sua humanidade. Essa prática reflete uma capitalização do corpo, onde partes específicas são destacadas e comercializadas para atender a diferentes preferências e fantasias dos espectadores. O Pornhub, como uma das principais plataformas de pornografia online, adota estratégias narrativas e de apresentação de conteúdo para atrair e reter a atenção de seus usuários. Utilizando-se de uma variedade de categorias, *tags* e títulos sugestivos, o site cria uma experiência de navegação que direciona os usuários para uma ampla gama de conteúdos, adaptados às suas preferências individuais. Essas estratégias são projetadas para aumentar o engajamento dos usuários e mantê-los voltando para mais conteúdo.

No entanto, apesar da diversidade aparente de conteúdo disponível, alguns estudiosos argumentam que a pornografia online pode ser, ironicamente, repetitiva e monótona. Jensen (2008), por exemplo, destaca que, embora a pornografia possa desafiar e expandir os limites sexuais tanto física quanto mentalmente, ela também pode ser caracterizada por uma certa previsibilidade e falta de inovação. A constante repetição de certos temas, enredos e cenários

pode levar à sensação de tédio e desinteresse por parte dos espectadores, a pornografia é muitas vezes repetitiva e chata⁴⁹.

Essa dualidade na natureza pornográfica — entre a intensidade de sua representação sexual e a monotonia de certos padrões — levanta questões sobre seu impacto na percepção e no comportamento sexual dos espectadores. Enquanto a pornografia pode oferecer uma forma de exploração e expressão sexual, também pode perpetuar expectativas irrealistas e estereótipos prejudiciais sobre sexo e relações humanas. Outro ponto interessante é a aba comunidade:

Figura 19 – Comunidade 1



Fonte: PornHub.com, 2022.

A aba “Comunidade” do PornHub é uma seção da plataforma que permite aos usuários interagirem entre si, compartilharem opiniões, ideias e experiências relacionadas ao conteúdo pornográfico disponível no site. Essa funcionalidade cria um espaço virtual onde os usuários podem se conectar com outras pessoas que compartilham interesses semelhantes e participar de discussões sobre uma ampla variedade de tópicos relacionados ao sexo e à sexualidade.

No entanto, ao analisarmos mais profundamente essa funcionalidade, percebemos que ela funciona também como um sistema de rede social interna, onde usuários podem buscar ativamente outras pessoas com base em critérios específicos, como gênero, identidade de gênero e até mesmo relações familiares simuladas. As imagens a seguir mostram a interface da busca avançada de membros, na qual é possível filtrar perfis com base em gênero (incluindo opções como “Mulher Trans”, “Homem Trans” e “Não-Binária”), idade e status dentro da plataforma (como “Modelo PornHub” ou “Modelo de Webcam”).

⁴⁹ O próprio consumo de pornografia parece fazer parte de um processo de “habituação”, pois o material que antes era estimulante torna-se cada vez menor com o passar do tempo.

Figura 20 – Comunidade 2

Fonte: Pornhub.com, 2023.

Figura 21 – Comunidade 3

Fonte: Pornhub.com, 2023.

Figura 22 – Comunidade 4

Fonte: Pornhub.com, 2023.

Esse tipo de segmentação levanta questionamentos éticos, especialmente considerando que o Pornhub já foi criticado por permitir a circulação de conteúdo não consensual e até mesmo ilegal. A existência de uma ferramenta que permite aos usuários procurar ativamente por pessoas com características específicas para interações dentro de um site pornográfico cria um ambiente que pode facilitar dinâmicas de exploração, especialmente para pessoas trans e não-binárias, que frequentemente enfrentam hipersexualização e fetichização na indústria pornográfica.

Além disso, essa funcionalidade também reflete como a pornografia digital não se limita apenas ao consumo passivo de vídeos, mas incentiva a criação de redes e interações que podem reforçar narrativas problemáticas e até mesmo alimentar práticas de exploração sexual. Ao permitir que os usuários filtrem suas buscas por características físicas e identitárias de forma tão específica, o Pornhub fortalece um mercado onde corpos são categorizados como produtos a serem consumidos, em vez de indivíduos com autonomia e dignidade.

A existência dessa aba dentro de um site que há anos enfrenta denúncias sobre falta de moderação e permissividade em relação a conteúdos não consensuais ou exploratórios mostra como a pornografia comercial continua a operar em uma zona cinzenta, onde a suposta liberdade sexual pode, muitas vezes, encobrir dinâmicas de opressão, exploração e consumo irresponsável da sexualidade alheia.

Ao examinar mais de perto essa comunidade, é importante problematizar algumas questões subjacentes. Por exemplo, embora a aba “Comunidade” possa oferecer aos usuários um senso de pertencimento e camaradagem ao encontrar outros que compartilham seus interesses e fetiches, também pode perpetuar determinadas normas e expectativas sociais em torno da sexualidade. A dinâmica dentro dessas comunidades pode favorecer certos tipos de corpos, práticas sexuais ou identidades de gênero, enquanto marginaliza outros, contribuindo para a exclusão e a discriminação de certos grupos de pessoas. Além disso, a falta de moderação adequada nessas comunidades pode levar a comportamentos abusivos, assédio ou discurso de ódio direcionado a determinados usuários. Isso pode criar um ambiente tóxico e hostil para alguns, minando o potencial positivo de pertencimento e apoio que a comunidade pode oferecer. Outra questão a ser considerada é a possível exploração de indivíduos vulneráveis dentro dessas comunidades. Por exemplo, alguns usuários podem ser coagidos ou induzidos a compartilhar conteúdo íntimo ou pessoal contra sua vontade, sob pressão de outros membros da comunidade. Isso levanta preocupações éticas e legais sobre consentimento e privacidade.

Esses processos de identificação, mediados por intervenções algorítmicas, conforme discutido por Cheney-Lippold (2011), podem ser vistos como sistemas de controle e práticas

de biopolítica suave. Através da coleta detalhada, especializada e em larga escala de dados, incluindo áreas de interesse, preferências e padrões de visualização de vídeos, essas tecnologias são estrategicamente aplicadas para moldar corpos e populações de maneira que se tornem susceptíveis a várias formas de controle. Navegação, monitoramento e práticas de avaliação de vídeos eróticos, bem como a contagem de “cliques” na linha do tempo dos vídeos, são exemplos que transformam populações e indivíduos em quantidades mensuráveis.

Esses processos convertem entidades identificáveis, redefiníveis e, por fim, governáveis em um domínio digital, tornando-os passíveis de mensuração. Nesse contexto, categorias como gênero não mais derivam apenas de características físicas ou visíveis, nem são exclusivamente escolhidas pelos indivíduos.

Códigos e algoritmos desempenham um papel fundamental nessas transformações, atuando como o catalisador para a análise dos processos de subjetivação digital. Ao criar bancos de dados que capturam as intenções e as necessidades-desejos dos usuários por meio da coleta de dados de comportamento digital, os algoritmos matemáticos conferem sentido a esses dados. Eles organizam as similaridades e identificam padrões, permitindo que o conteúdo recomendado seja constantemente atualizado com base nas interações do usuário com o sistema e outros membros da comunidade, tudo com base em sua identidade algorítmica já estabelecida. Desse modo, cálculos codificados contínuos são realizados, constantemente atualizando a definição do “usuário” e o tipo de “conteúdo” que possam desejar. Tanto os códigos quanto os algoritmos não são meramente elementos neutros de texto e matemática, desvinculados do mundo “real”, mas carregam uma identidade sociocultural. Assim como a arquitetura, o código estabelece limites e regula os fluxos de tráfego na web. Seguindo a visão de Stephen Graham (2016), o código é parte de uma relação dinâmica com o mundo “real”, exercendo influência automática e contínua nas condições de vida dos usuários, guiada por uma lógica programática.

Em outras palavras, a capacidade dos algoritmos e códigos de definir variáveis e atribuir-lhes valor implica na geração de significados, concretizando imaginações, esperanças e expectativas. Esses algoritmos operam em consonância com ações executivas de humanos ou outros algoritmos que os alimentam, redefinindo as representações apresentadas aos usuários. A rede de algoritmos-programadores pode definir o nível dessas representações, conferindo ao digital uma vida simbólica eficiente, social e política. Contudo, em um ambiente como o dos computadores, o digital é mutável e se reconfigura conforme as ações dos usuários, as quais são interdependentes de ações, algoritmos, códigos e da própria materialidade digital.

O Pornhub opera de maneira muito similar ao YouTube e ao Facebook no contexto de vídeos adultos. Nele, os usuários têm a opção de seguir várias produtoras e deixar

comentários em suas páginas. As produtoras são avaliadas e categorizadas pelos consumidores, e aquelas que são mais populares têm uma vantagem em manter esse status, visto que uma base maior de seguidores resulta em mais visualizações.

De forma análoga ao YouTube, o site permite aos visitantes entrar, assistir a um vídeo e sair. Contudo, há usuários que participam como membros da comunidade, o que se assemelha à dinâmica do Facebook. Embora o número de espectadores passivos seja maior, é a comunidade que molda o cenário imaginário no site. Essa comunidade sugere *tags*, classificações e até mesmo contribui para a organização do conteúdo no site, exercendo uma influência significativa sobre sua estrutura.

A navegação pelo Pornhub é descomplicada e possibilita a descoberta de diversos grupos de consumidores e produtores de conteúdo adulto no site. Desde produções amadoras de indivíduos queer até produtoras profissionais que se concentram na pornografia *mainstream*, uma variedade de opções está disponível. É crucial destacar que uma parcela substancial da pornografia presente no site, que também é a mais consumida, reforça continuamente os papéis de gênero. Infelizmente, muitas vezes a pornografia contém mensagens misóginas e machistas que objetificam mulheres, reduzindo-as a meros objetos de gratificação sexual. Essas representações têm impactos negativos na esfera social e não devem ser subestimadas.

Um dos pontos interessantes da navegação no site é seu sistema de conquistas. Mais do que uma simples adição de gamificação à plataforma; é uma estratégia multifacetada que visa aprofundar o envolvimento dos usuários e promover uma comunidade mais ativa e participativa. Ao oferecer uma variedade de metas e marcos para os usuários alcançarem, o Pornhub cria uma sensação de progressão e realização semelhante à encontrada em jogos e aplicativos de gamificação.

Essas conquistas não são apenas uma forma de reconhecimento pessoal, mas também servem como um meio de reconhecimento social dentro da comunidade do Pornhub. Exibir distintivos de conquistas raras ou impressionantes pode gerar uma sensação de prestígio e status, incentivando os usuários a se esforçarem ainda mais para aumentar sua reputação dentro do site. Além disso, o sistema de conquistas pode ter o efeito de incentivar os usuários a explorar uma variedade de conteúdos e interagir mais ativamente com a plataforma. Ao definir metas relacionadas à quantidade de vídeos assistidos, comentários deixados, compartilhamentos realizados e participação em comunidades, o Pornhub estimula os usuários a expandirem seus horizontes e experimentarem novos tipos de conteúdo.

Figura 23 – Conquistas



Fonte: Pornhub.com, 2022.

Essas conquistas não são apenas uma forma de reconhecimento pessoal, mas também servem como um meio de reconhecimento social dentro da comunidade do Pornhub. Exibir distintivos de conquistas raras ou impressionantes pode gerar uma sensação de prestígio e status, incentivando os usuários a se esforçarem ainda mais para aumentar sua reputação dentro do site. Além disso, o sistema de conquistas pode ter o efeito de incentivar os usuários a explorar uma variedade de conteúdos e interagir mais ativamente com a plataforma. Ao definir metas relacionadas à quantidade de vídeos assistidos, comentários deixados, compartilhamentos realizados e participação em comunidades, o Pornhub estimula os usuários a expandirem seus horizontes e experimentarem novos tipos de conteúdos.

No entanto, esse sistema gamificado levanta preocupações sobre como o consumo de pornografia é transformado em uma experiência competitiva, o que pode potencialmente reforçar padrões de uso excessivo e até mesmo compulsivo. As insígnias, como as mostradas na imagem, destacam títulos como “5 Years Old Account”, “The Senior”, “The Virgin”, “The Porn Fiend” e “Messengering Popularity”, sugerindo um incentivo para que os usuários permaneçam ativos na plataforma ao longo dos anos, interajam com outros membros e consumam conteúdos em grande escala.

Ao estabelecer metas para o consumo de pornografia, a plataforma pode estar contribuindo para a **normalização do uso excessivo**, transformando a pornografia em um comportamento habitual reforçado por recompensas digitais. Esse tipo de dinâmica é semelhante àquelas utilizadas em redes sociais e aplicativos de jogos para prender a atenção do usuário e mantê-lo engajado por mais tempo, algo que já foi amplamente debatido no contexto do **vício em redes sociais e dopamina digital**.

A presença dessa mecânica no Pornhub mostra como a pornografia moderna não se limita apenas ao consumo passivo de vídeos, mas está se tornando uma experiência cada vez mais interativa e viciante, onde os usuários são estimulados a competir, interagir e consumir de forma contínua. Isso levanta questões sobre **a ética por trás da indústria pornográfica**, que não apenas capitaliza sobre a sexualidade, mas também adota estratégias comuns de retenção de usuários, como fazem outras indústrias digitais, sem considerar os potenciais impactos negativos a longo prazo.

É importante lembrar que todos nós, como seres humanos, não somos imunes às influências da mídia, a qual exerce um papel fundamental na construção do imaginário e da perspectiva de mundo das pessoas. Nesse contexto, a pornografia e os sites de conteúdo adulto, como espaços midiáticos, desempenham um papel na definição de muitos aspectos e estereótipos associados às mulheres. Esses espaços também contribuem para a construção de narrativas sobre sexualidade, frequentemente baseadas em crenças de supremacia masculina. Porém, pensar no conteúdo pornográfico como mera objetificação do corpo da mulher é um equívoco, pois dentro do universo pornográfico existe uma pluralidade de *tags*, fetiches e discursos presentes, gerando uma comunidade extremamente ampla.

Como já mencionado anteriormente, a pornografia *mainstream* é a categoria mais consumida no Pornhub, e esse tipo de conteúdo transita em uma linha delicada entre o que pode ser considerado “real” e o que se configura como um imaginário fetichista. Ao mesmo tempo, essa fantasia coexiste com elementos de realidade. A fantasia está ligada a práticas sexuais que muitas vezes se assemelham a espetáculos, em corpos que, sem intervenções cirúrgicas e modificações estéticas, não teriam a mesma aparência. A realidade reside na projeção que o espectador estabelece com o material.

Alguns dos enredos, no entanto, escapam da norma e até mesmo ultrapassam os limites do aceitável, chegando a beirar a ilegalidade, crimes como estupro e pedofilia permeiam o imaginário de muitos vídeos e categorias. Isso ocorre em casos em que mulheres interpretam papéis de crianças. Nos vídeos que contém o termo “novinha” no título, não se trata de uma criança real, mas sim da representação de uma atriz adulta que finge ser uma criança. É crucial

problematizar e refletir sobre a existência dessas narrativas violentas tal como são apresentadas no site. Os vídeos são construções imagéticas, uma fantasia criada, e não reflexos explícitos da realidade. Existem vídeos que simulam situações de estupro, mas a menos que se prove o contrário, são simulações e não atos de estupro reais.

Nesse contexto, é fundamental abordar o consumo desses vídeos e suas influências sobre os consumidores como um fetiche pela atuação, e não como uma representação da possibilidade real daquilo ocorrer. A pornografia deve ser entendida como um discurso, não como um comportamento. Portanto, em vez de ser combatida por meio de proibições ou criminalização, ela pode ser transformada pela ressignificação das performances apresentadas. A maneira como o gênero é representado nas narrativas dos vídeos *mainstream* tem grande relevância para os usuários, e certas características transcenderem a esfera da fantasia, influenciando as realidades de gênero presentes na sociedade. É importante lembrar que o gênero não é uma construção fixa; não existe uma única forma “verdadeira” de expressão para cada indivíduo.

O caráter monótono e enfadonho da pornografia é enfatizado com o eixo da forma básica que se repete continuamente nas representações pornográficas, mesmo que sua articulação difira a cada vez no nível da impressão textual. Nesse sentido, a pornografia, num contexto de interminável repetição na Internet⁵⁰, tornou-se puramente paródico — no sentido de que toda cena e imagem sexual se torna uma paródia de outra pessoa ou uma cópia completa dela de forma ilusória. A referida repetição observada de caráter semelhante de material pornográfico está relacionada, ou por outro lado “confirmada”, pela reprodução de caráter estereotipado de convenções representacionais na pornografia — como por exemplo “*stock character*” (personagens de estoque) e cenas facilmente reconhecíveis.

Essa reprodução serve para alcançar a excitação sexual com mais facilidade, uma vez que personagens complexos e contraditórios evocam diferentes tipos de emoções, mas também tendem a reduzir e atrapalhar a experiência visual e, por extensão, a excitação. É por isso que a narrativa pornográfica típica consiste em uma série de cenas esboçadas em torno de um ato amoroso que ocorre em ambientes comuns e com personagens familiares — como a dona de casa irritada que recebe calorosamente o encanador em sua casa. É o que Don Smith (1976) chama de “episódios sexuais” que são a forma preeminente de criação social da pornografia, e

⁵⁰ A própria gramática e lógica do meio internet que se caracteriza por uma reprodução constante do “novo” que ocorre através da mudança tecnocultural, mas também por narrativas de admiração e ameaça.

as “utopias duras pornográficas” de Williams (1989) que permitem a “resolução” dos problemas colocados pelo mundo narrativo⁵¹.

A pornografia *hardcore* é a mais consumida dentro do site e muitas das outras categorias acabam produzindo embaixo do “guarda-chuva” dela. O crescimento do vídeo durante a década de 1980 ajudou a dar origem a um subgênero específico do pornô *hardcore*, o *gonzo*, que é hoje, principalmente pela gramática da internet, a forma dominante de pornografia disponível. Em relação aos longas-metragens pornográficos mais antigos, o *gonzo* requer meios técnicos e financeiros mínimos com o principal e imediato resultado é o aumento vertiginoso da produção de material pornográfico, mas também do número de pessoas, de qualquer cargo, ligadas à indústria específica. Em sua criação nada de especial é necessário, habilidade de atuação e estrutura narrativa complexa são deixadas de lado, dando espaço para um enredo naturalista e estruturalmente construído de uma “conquista” sexual cotidiana, onde geralmente um ou mais homens convencem uma garota aparentemente “desavisada” a fazer sexo com eles.

Os homens consumidores de pornografia a decodificam de três maneiras, aceitando a descrição da heterossexualidade no texto (leitura preferencial), discordando dela (leitura oposicional) e, mais comumente, uma leitura negocial. O modo negociado é aquele em que o consumidor masculino aceita a apresentação geral da sexualidade feminina, mas exclui sua situação pessoal. Esta lógica do tipo “as mulheres gostam de ser dominadas, mas as minhas não” serve como o mecanismo que garante o consumo hedonista continuado de pornografia, juntamente com o investimento emocional no parceiro, futuro ou não (Attwood, 2007).

Fato é que não há uma leitura única da história da pornografia, o sexo é um pedaço da história que cada vez tem que ser julgado caso a caso pelo que pode significar no contexto da análise textual e, em última análise, há uma diferença entre o enredo de um roteiro e histórias da vida real. Por outro lado, é claro, a existência de seus papéis arquetípicos não pode ser completamente excluída.

⁵¹ Histórias pornográficas não são evidências de relacionamentos “reais”, mas também não são totalmente fictícias (Smith, 2007). Em vez disso, devem ser entendidas, de acordo com Smith (2009), como meios pelos quais os leitores podem experimentar diferentes tipos de emoções, incluindo aquelas que podem ser percebidas como perigosas e nocivas. É por essa razão que ele defende, em vez da temida aceitação, uma visão na qual os leitores abordam a história pornográfica como uma dramatização do momento sexual e dos prazeres potenciais da rendição ao prazer sexual.

CAPÍTULO 2 – A DISCUSSÃO DOS EFEITOS DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA

No que diz respeito à investigação que liga o consumo de pornografia ao campo das relações pessoais, existe um corpo de investigação relativamente rico que tem sido e continua a ser um campo de diálogo científico frutífero. De particular importância são certas investigações que foram causa de controvérsia e uma base ou orientação para futuros esforços de investigação. Assim, em um dos estudos mais clássicos do campo dos efeitos temos Zillmann e Bryant (1988), onde estudantes universitários assistiram a filmes pornográficos não violentos durante seis semanas e foram então solicitados a avaliar a sua felicidade pessoal ao longo de vários domínios de experiência. A exposição ao material em questão não conduziu, segundo os investigadores, ao registro de efeitos significativos relativos à autoavaliação de felicidade e satisfação dos alunos fora da esfera sexual, mas pareceu influenciar fortemente a sua autoavaliação na área de experiência sexual — onde após consumir pornografia relataram menor satisfação com seus parceiros, ao mesmo tempo em que davam mais importância ao sexo sem envolvimento emocional (resultados que não diferiram por gênero). Mais especificamente, Zillmann e Bryant (1988) enfatizaram que embora existam pesquisas mostrando que a "beleza excessiva" em todos os tipos de espetáculo reduz, mesmo temporariamente, as avaliações estéticas de si mesmo e de seus parceiros, a pornografia é o único gênero que o efeito acima mencionado tem o "adicional" de insatisfação e frustração sexual.

Na pesquisa de Shaw (1999), os participantes demonstraram que a pornografia causa reações de medo, tem um efeito negativo na identidade das mulheres e nas suas relações com os homens e reforça atitudes sexistas por parte dos homens. Na pesquisa de Häggström-Nordin *et al.* (2006) as descrições dos participantes sobre a visualização de pornografia incluíam sentimentos mistos de excitação sexual e repulsa e culpa, mas também uma percepção generalizada da pornografia como um "fenômeno duplo" onde a sexualidade é separada da intimidade.

De acordo com Bridges (2008), estudos sobre os efeitos da pornografia em relação às relações pessoais/românticas mostram que existem motivos de preocupação pois: 1) O uso da pornografia pode ser "viciante". 2) As mulheres têm relutância em estabelecer relações com utilizadores frequentes de pornografia e a descoberta do uso por parte do seu parceiro pode ser um acontecimento traumático. 3) O uso de material pornográfico leva à redução da satisfação e, às vezes, à insatisfação no relacionamento com o parceiro amoroso. Pelo exposto em tais estudos é possível concluir que a pornografia tem efeitos negativos tanto nos indivíduos como na sociedade, sendo os eixos principais o "vício" e a influência negativa na qualidade das

relações interpessoais, na saúde sexual e no desempenho sexual — mas também nas expectativas sociais para a sexualidade.

Existem até abordagens como as de Landau, Garrett e Webb (2008) que tratam a pornografia na Internet como um problema de casais e famílias, que inclui inicialmente a fase em que, antes de se recorrer a algum especialista, percebem que a “pessoa viciada” com quem convivem se tornou um “estranho”. Neste ponto torna-se mais que apropriado sublinhar que não se deve de forma alguma esquecer que, tal como o vício em sexo, o vício em pornografia não é oficialmente reconhecido como uma forma de doença ou vício (Attwood; Bale; Barker, 2013). Em outras palavras, uma coisa é alguém se sentir viciado e precisar procurar ajuda, e outra coisa é o “fato” sobre seu caráter viciante.

Finalmente, na investigação de Lofgren-Mårtenson e Månsson (2010) sobre jovens suecos, os resultados mostraram tanto normalização como ambivalência. Mais especificamente, a pornografia, no seu caso, é utilizada como forma de contato social, fonte de informação e estímulo para a excitação sexual — a pornografia se torna um “guru”, a funcionar como um quadro de referência em relação a atos físicos e sexualmente “ideais”. Além disso, a maioria dos participantes na investigação adquiriu as competências necessárias para utilizar a pornografia com base numa abordagem reflexiva de todo o processo — por exemplo, todos concordaram que mulheres e homens são retratados na pornografia de forma desigual. Mas o que talvez seja importante sublinhar é que, uma vez que pesquisas relativamente recentes falam de avaliações mais reflexivas e críticas do conteúdo da pornografia por parte dos seus utilizadores, então é razoável que o pensamento científico e social possa identificar-se como um campo-chave de estudar não mais a pornografia em si, mas qualquer estética e cultura pornográfica que colonize aspectos da experiência social — direção que será adotada na segunda parte desta dissertação. Isto é, aqui, quando se diz que o problema não é a pornografia, mas a cultura pornográfica, não há nem uma tautologia vazia nem um absurdo autorrealizável. O raciocínio em questão enfatiza e centra-se na condição sócio-histórica contemporânea de inundação da esfera pública por imagens sexualizadas e pornográficas, juntamente com o acesso constante à pornografia num contexto, parcial ou não, de reprodução da discriminação de gênero e de funcionamento irrestrito do mercado livre sob lógica capitalista⁵². É um quadro sociocultural, por extensão político e jurídico, onde a restrição da pornografia na sua forma

⁵² No nível macroestrutural, Johnson (2010) considera que a pornografia tal como existe hoje um fenômeno complexo, sendo uma construção que pisa em dois barcos, o patriarcado e o capitalismo — os dois, segundo ela, principais forças sistêmicas determinantes dos desejos e comportamentos do consumidor masculino de pornografia comercial.

atual através de novas tecnologias é quase impossível. Portanto, partindo do pressuposto de que o advento da internet tornou a pornografia uma forma de conteúdo acessível e sem entraves, realizou-se uma série de pesquisas sobre os efeitos especificamente relacionados ao seu consumo através da internet⁵³.

No estudo de Lo e Wei (2005) com adolescentes em Taiwan, a exposição à pornografia na Internet foi associada a maior permissividade sexual e maior probabilidade de adotar um comportamento sexualmente mais tolerante. Os resultados do estudo de Yoder, Virden III e Amin (2005) mostraram uma correlação significativa entre o uso de pornografia na Internet e a depressão expressa pela solidão. De acordo com a pesquisa de Paul e Shim (2006), as disposições sexuais, ou seja, as características psicológicas mais ou menos estáveis que predis põem os indivíduos a se comportarem de determinada maneira em uma ampla gama de situações relacionadas ao gênero e à sexualidade, estão relacionadas tanto com o uso da pornografia online, bem como do estímulo através dela. No estudo de Peter e Valkenburg (2006), os adolescentes tinham maior probabilidade de serem expostos a material sexual online se fossem rapazes, menos satisfeitos com suas vidas e mais curiosos sobre sexo e sexualidade. Num outro estudo realizado por eles, o material de conteúdo sexual na Internet pareceu desempenhar um papel particularmente importante na formação das atitudes sexuais dos adolescentes, especialmente no que diz respeito à adoção de uma atitude recreativa em relação ao sexo (Peter; Valkenburg, 2006).

Na investigação de Daneback, Ross e Månsson (2006) foi apontado que a quantidade de tempo gasto pornografia online não deve ser tomada como uma medida de dependência/compulsividade sexual e como uma indicação de uma possível condição patológica⁵⁴. Da mesma forma, o estudo mostrou-lhes que a maioria dos utilizadores sexualmente compulsivos mantém uma relação pessoal, mas através das possibilidades oferecidas pela Internet, é facilitado o seu acesso desimpedido e mais frequentes a diversas atividades sexuais (Daneback; Ross; Månsson, 2006). É claro que, para avaliar a magnitude de qualquer potencial “vício” sexual online, deve-se primeiro investigar se a Internet é usada como um meio para alcançar relaxamento, estimulação e excitação e/ou como um método para

⁵³ Deve-se notar que a pornografia na Internet produz significados e constrói discursos sociais sobre diferenças de gênero que são semelhantes aos encontrados nas formas tradicionais de pornografia (Heider; Harp 2002). Mas a gramática do meio e as possibilidades extras que ele oferece fazem dele um campo próprio para a análise e estudo do consumo de pornografia.

⁵⁴ O conceito de dependência sexual aqui inclui uma série de comportamentos — desde o uso compulsivo de pornografia e múltiplos casos extraconjugais, até a masturbação compulsiva e o vício em exibicionismo e voyeurismo. É claro que deve ser mencionado novamente que a retórica mais geral sobre o vício e a dependência é uma questão particularmente controversa. E isso porque a partir da consideração do vício sexual como algo real e negativo por definição, se constrói uma percepção “dada da sexualidade”.

alcançar a satisfação orgástica, a fim de trazer à tona como essa atividade afeta a vida, sexual e não sexual, do usuário. Essa evidência é muito importante para determinar resultados potenciais em relacionamentos da “vida real” e abordar possíveis questões de excitação ou disfunção sexual (Young, 2007).

É nesta base que é particularmente importante compreender que a pornografia é consumida em diferentes circunstâncias, especialmente no sentido de que uma consideração cuidadosa daquilo que pode prevenir quaisquer efeitos nocivos pode ajudar a evitar esses efeitos à luz de medidas concebidas e direcionadas. Este enfoque proativo pode contribuir significativamente para uma abordagem mais informada e responsável em relação ao consumo de pornografia, promovendo uma reflexão crítica sobre suas implicações na esfera individual e social.

É relevante observar que a abordagem pós-consumo deve ser sensível e cuidadosamente conduzida para evitar a instigação de sentimentos de vergonha, os quais poderiam distorcer os resultados. Dentre desse contexto, estratégias que buscam minimizar o estigma associado ao consumo de pornografia durante os interrogatórios podem ser essenciais. Como apontado por Saul (2006), ao criar um ambiente seguro e livre de julgamentos, é mais provável que os usuários se sintam confortáveis em compartilhar suas experiências e reflexões de maneira mais aberta e honesta. A neutralidade e a empatia por parte dos pesquisadores ou profissionais envolvidos podem desempenhar um papel crucial na obtenção de dados mais fiéis à realidade.

Como já foi visto em pesquisas (Check; Malamuth, 1984; Malamuth; Check, 1984), as próprias experiências com o uso da pornografia podem, além de servir aos propósitos do pesquisador, também servir como ferramenta para mudar a postura em relação à pornografia e ao estupro. No mesmo sentido estão os resultados da investigação de Isaacs e Fisher (2008) que mostram que a exposição à pornografia violenta e degradante, mas em combinação com uma intervenção educativa que irá lidar com as questões que caracterizam o material em questão, pode ser eficaz em limitar as reações positivas às representações de violência sexual. Ao mesmo tempo, mostraram que a breve exposição a material pornográfico violento e degradante para mulheres não parece aumentar a aceitação da violência sexual pelos homens.

De um modo mais geral, e como é amplamente aceita, a questão das condições de consumo não deve ser negligenciada em nenhuma circunstância. Mais especificamente, não é apenas porque a pornografia dá frequentemente, em certos aspectos, uma "ideia distorcida" da sexualidade masculina e feminina ao glorificar a violência como meio de satisfação sexual, mas também porque é geralmente consumida individualmente ou em grupos do mesmo gênero, não

há discussão e reflexão sobre os seus significados - portanto, e de uma forma mais ou menos razoável, os utilizadores são “conduzidos”, segundo Cramer e McFarl (1994), à visão de que as mensagens transmitidas através da pornografia são uma “visão de mundo aceita”.

A “mágica da pornografia”, como diria Long (2002), funciona mais facilmente em condições que minimizem potenciais distrações. Assim, um vídeo exibido em um bar lotado pode contribuir para a formação de um clima sexual generalizado, mas em tal lugar há “demais” acontecendo para que seja possível focar a atenção em qualquer estímulo. Nesse sentido, o consumo de pornografia continua sendo, em última análise, um profundo processo egocêntrico de consumo de conteúdo, cuja divulgação pode criar uma série de efeitos colaterais em vários níveis — principalmente quando é percebida pelos parceiros sexuais dos usuários de pornografia.

Assim, os dados de pesquisa de Bridges, Bergner e Hesson-McInnis (2003) mostrou que mulheres tinham reações particularmente negativas e expressam atitudes angustiantes ao descobrirem que o seu parceiro usava pornografia, apesar de uma tendência a relatar uma aceitação neutra e ligeiramente positiva de uma série de declarações positivas sobre o uso de pornografia do seu parceiro. E na pesquisa de Bergner e Bridges (2002), através de uma interessante amostra de 100 cartas pessoais, são apresentadas as opiniões formadas pelos parceiros de usuários habituais de pornografia. Como era de se esperar, a descoberta é uma experiência que transforma a perspectiva em três áreas fundamentais: a do relacionamento, a da própria pessoa e a visão sobre o parceiro (Bergner; Bridges, 2002). No que diz respeito à primeira, a descoberta, descrita em termos de “traição e fraude”, proporciona uma oportunidade para reinterpretar incidentes passados e reavaliar o relacionamento. Quanto à autopercepção, as mulheres na amostra encontram-se envolvidas em uma “batalha pessoal” ao ponderar sobre as implicações do ocorrido para sua própria honra e valor. Essa reflexão envolve o dilema de determinar se a responsabilidade pelo que aconteceu recai sobre elas, e se isso tem alguma implicação sobre seu valor, bem como o quão desejáveis são sexualmente e romanticamente como mulheres, resultando por vezes em julgamentos negativos. Por fim, a descoberta do vício por parte do parceiro leva à formação de uma imagem extremamente negativa deste homem, alguém que aparentemente não conheciam, e que nesta fase merece muito menos respeito, sendo reduzido a alguém que “pode não amar” como antes.

Mas se houve quaisquer estudos sobre os efeitos que influenciaram tanto o debate científico como o debate público mais amplo, eles referiram-se às questões que têm a ver com o consumo das formas mais extremas e violentas de pornografia, e a ligação do consumo de pornografia com comportamentos violentos e agressivos. A pesquisa de Zillmann e Bryant

(1982), por exemplo, é uma das mais conhecidas e controversas. O objetivo da pesquisa foi descobrir se a exposição a material pornográfico pode influenciar a opinião das pessoas em relação a mulheres e às punições que deveriam ser impostas aos estupradores. De acordo com os resultados da investigação, quanto mais os participantes eram expostos a material pornográfico, mais flexíveis eram as suas opiniões sobre as punições dos violadores, mas também menos amigáveis para com o movimento feminista mulheres e mulheres em geral. O paralelismo dos resultados de suas pesquisas com a conhecida opinião de Gerbner e Gross (1976) sobre os chamados telespectadores "regulares" (telespectadores frequentes) é característico. Em outras palavras, assim como os espectadores que assistem televisão com mais frequência e por mais tempo do que a média tendem a aceitar a realidade televisiva, o mesmo ocorre com aqueles que assistiram mais pornografia (Zillmann; Bryant, 1982)⁵⁵.

Vale a pena notar e é de importância crucial, as fortes críticas de Brannigan e Goldenberg (1986) à pesquisa de Zillmann e Bryant (1982), no sentido de que os métodos experimentais de laboratório não podem funcionar plenamente e registrar claramente qualquer agressão sexual. Com efeito, segundo Gross (1983), as condições experimentais do estudo podem ter influenciado os seus resultados. Entre os vários problemas apontados com esta pesquisa (Brannigan, 1987), a observação válida de Durham III (1986) de que, de acordo com a estrutura da pesquisa, podem ser justificadas as descobertas sobre a correlação entre exposição à pornografia e formação de atitude sobre punições para estupradores e o movimento feminista, mas não, especialmente com a ausência de uma fundamentação teórica mais geral, e a conclusão sobre "insensibilidade sexual" que Bart (1985) e Zillmann e Bryant (1982) estavam linearmente relacionando a "banalização do estupro". Mas talvez mais interessante seja a admissão dos mesmos investigadores num texto subsequente de que houve de fato falhas metodológicas na sua investigação, mesmo que a análise estatística dos seus dados mostre que tal influência é bastante provável (Gross, 1983).

Seguindo as linhas da pesquisa de Zillmann e Bryant (1982), o estudo longitudinal de Brown e L'Engle (2009) de jovens adolescentes mostrou que a exposição precoce a material sexualmente explícito, tanto para meninos quanto para meninas, significou a adoção de atitudes de gênero menos progressistas e início precoce da relação sexual e do sexo oral — e especialmente para os meninos, normas sexuais e atos de assédio sexual mais permissivos. E o consumo de pornografia na pesquisa de Lavoie, Robitaille e Hebert (2000) foi considerado

⁵⁵ Crépault (1972) desde cedo enfatizou a influência da pornografia na imaginação sexual dos seus consumidores, uma influência que por vezes também pode constituir a recriação de imagens pornográficas durante a relação sexual.

como causa de violência e como fator que influencia o uso de violência consensual nas relações sexuais. Por outras palavras, existe uma literatura mais geral que aborda o consumo de pornografia, particularmente o tipo de pornografia violenta que parece levar a um aumento da agressão contra as mulheres (Science News, 1980)⁵⁶ que está relacionado com tendências mais gerais de agressão, sexual e não sexual. E de acordo com o modelo de Vega e Malamuth (2003), a agressão sexual aparece como resultado da combinação interativa de duas características: “masculinidade misógina” e “sexo impessoalmente orientado”⁵⁷. A masculinidade hostil, aqui é descrita como um perfil de personalidade que combina dois componentes inter-relacionados — uma atitude insegura, defensiva, hipersensível, hostilmente orientada e desconfiada em relação às mulheres em particular, e uma satisfação em controlá-las ou dominá-las. E o sexo impessoal é caracterizado por uma orientação “desenfreada”, “frívola”, não vinculativa e lúdica nas relações sexuais.

Parece, em geral, que os agressores que também consomem produtos da indústria do sexo tendem a ser mais dominadores e a usar mais formas de violência sexual do que os não consumidores (Simmons; Lehmann; Collier-Tenison, 2008). Ou seja, de forma mais geral e como aponta Pazzani (2007) na sua investigação sobre as formas de violência, parece que se pode distinguir a existência de uma cultura “masculina”, que não se encontra apenas na pornografia, mas também em muitas outras manifestações sociais da vida. Fala-se aqui de uma socialização mais geral dos homens na lógica de que estes têm direitos ilimitados sobre as mulheres. Um efeito colateral deste processo é o seu cultivo gradual da opinião que mulheres, para além dos objetos sexuais, não tem direito de negar aos homens a realização de seus desejos sexuais.

Esta visão constitui, para além de todas as outras implicações antifeministas, uma percepção da realidade que, de um ponto de vista diferente, foi fetichizada à luz do famoso mito da violação. Segundo este último “quando as mulheres dizem não, querem dizer sim”. Na temática pornográfica de mulheres insaciáveis e permanentemente disponíveis sexualmente, o mito do estupro aparece como discurso em uma parte importante dos textos pornográficos. Um discurso que, tal como avançado através da pornografia, é muitas vezes idêntico à retórica que os estupradores usam para justificar as suas ações (Bart, 1985). É nesta lógica que foi dita a

⁵⁶ É claro que existem vários problemas metodológicos na análise e categorização de conteúdos pornográficos violentos, como destaca o estudo de Bridges (2010).

⁵⁷ É importante salientar que estudar a influência potencial da pornografia na agressão sexual requer a interação do foco num modelo teórico mais amplo que inclua todos os outros fatores relevantes (Vega; Malamuth, 2003).

famosa frase da famosa feminista Robin Morgan (1978): “a pornografia é a teoria, o estupro é a prática”.

Aqui torna-se de extrema importância apontar que existe uma ausência de amplo consenso entre os estudiosos sobre os efeitos do consumo de pornografia. Embora esta descoberta específica tenha surgido ao longo do tempo e com uma enxurrada de novas pesquisas, Malamuth (1993) argumentou que uma tentativa de reunir um conjunto de suposições relativamente comuns poderia incluir o seguinte: 1) a exposição em alguns meios mediados as representações podem afetar as atitudes e percepções das pessoas, mesmo que o público saiba que é ficção; 2) a exposição a representações ficcionais de mensagens sexualmente violentas pode afetar as atitudes das pessoas; 3) os efeitos das mensagens podem diferir de acordo com a presença ou ausência de estimulação sexual; 4) a investigação sobre a violência sexual pode ser aplicada a meios de comunicação que não a apresentam abertamente e 5) as atitudes formadas são difíceis de serem remodeladas através de intervenções educativas. Há, portanto, não apenas uma necessidade de compreender as diferentes abordagens e leituras individuais da pornografia, mas também a sua importância na formação de atitudes individuais, tanto para indivíduos como para grupos sociais individuais. Nesse sentido, cabe destacar neste ponto também as pesquisas que focaram na existência da síndrome da terceira pessoa/efeito de terceira pessoa causada pelo consumo de pornografia.

Esta abordagem refere-se à eventual existência da crença de uma pessoa de que as mensagens “difundidas” através de um texto mediático têm mais influência sobre os outros do que sobre ela própria. Assim, há uma série de estudos que parecem “confirmar” esta hipótese de trabalho específica⁵⁸. Por exemplo, de acordo com a investigação de Gunther (1995), a percepção de uma maior influência negativa sobre os outros está altamente associada ao apoio às restrições à pornografia. Neste sentido, se as pessoas sobrestimam sistematicamente os efeitos sociais negativos da pornografia, então o efeito de terceira pessoa pode aumentar a maré a favor da censura, direcionada ou não.

Segundo Hardy (2008), durante as décadas de 1960 a 1990, considerável tempo e recursos financeiros foram investidos em pesquisas sobre os efeitos causais da representação pornográfica de atos sexuais, sem, contudo, aparentemente estabelecer uma conexão clara com a distinção conceitual entre essa representação e o comportamento "real" no mundo. Mais especificamente, argumentou-se que existe uma correlação entre o consumo de pornografia e o

⁵⁸ Existe, naturalmente, uma série de questões metodológicas na realização de tais inquéritos, algumas das quais se tornaram objeto de estudo por direito próprio, tais como a ordem das perguntas nos questionários (Hwang; Pan; Sun, 2006).

cultivo de atitudes sexuais liberais ou libertárias. Ou seja, há pesquisas, como mencionado acima, que favorecem a associação de jovens que consomem pornografia com maior probabilidade de aprovar e aceitar sexo casual e não relacional, de experimentar sexualmente e de ter maior interesse por sexo. O principal problema metodológico aqui é que essas investigações destacam uma correlação e não um fato. Em outras palavras, dizer que duas coisas acontecem ao mesmo tempo não é o mesmo que dizer que uma causa a outra. Nesta base, é mais razoável, segundo Attwood, Bale e Barker (2013), concluir que as pessoas que gostam de pornografia são também aquelas que têm atitudes mais liberais em relação às práticas sexuais. Além disso, é bem possível que este interesse pelo sexo preceda o consumo de pornografia, ou que uma terceira variável, como por exemplo a propensão para atividades sexuais, explique tanto o interesse pela pornografia como pelo sexo (Attwood; Bale; Barker, 2013).

Na mesma linha está o estudo de Smith (2007) sobre o consumo de pornografia por mulheres, com o qual ela tentou rejeitar a percepção da pornografia como uma ocasião apenas para excitação fisiológica, mas que as razões para o seu consumo e os significados que daí derivam para os seus leitores variam socialmente, emocionalmente, politicamente, psicologicamente, fisicamente e sexualmente. Deve-se notar, no entanto, que o problema com a abordagem de Smith é a confiança bastante inegociável que parece depositar nos consumidores de pornografia para, por definição, se envolverem em decodificações de significado reflexivas e além da leitura preferida. Em outras palavras, uma coisa é ter uma orientação paternalista em que o público é manipulado por um enquadramento preferencial ao qual desconhece que está sujeito, e outra é confiar incondicionalmente nas capacidades volitivas dos indivíduos para leituras exclusivamente emancipatórias e autônomas.

Assim, embora a maioria dos investigadores tenha o cuidado de salientar que não podem provar a causalidade, a linguagem que utilizam na apresentação dos seus resultados normalmente implica isso. Portanto, apesar do reconhecimento explícito de que se trata de uma associação, há frequentemente uma suposição, ou às vezes uma sugestão latente, em estudos baseados no paradigma dos efeitos de que é o consumo de pornografia que causa os comportamentos sexuais “problemáticos”. Isto talvez explique, de acordo com Attwood, Bale e Barker (2013), porque os estudos são frequentemente lidos como prova de causalidade, apesar das explicações claras dos investigadores sobre não poderem comprová-la. Por exemplo, se forem observados níveis mais elevados de agressão em pessoas que consomem mais pornografia, ainda não está claro se é a pornografia que torna as pessoas agressivas, se as pessoas agressivas são mais atraídas pela pornografia, ou se algum outro aspecto da sua personalidade resulta em ambos (Barker; 2014). Além disso, deve-se notar que em

experimentos de laboratório, os participantes expostos a conteúdo pornográfico não são necessariamente consumidores de pornografia, não assistem como as pessoas fazem na vida cotidiana, mas, em vez disso, chegam sem saber o que vão ver. Eles assistirão ao material em questão como “outro” público, material que para alguns pode não ser aceitável, muitas vezes por um longo período que pode chegar a uma hora, sem que possam se masturbar (Attwood; Bale; Barker, 2013).

McNair (2014), no entanto, atribui a falta de evidências convincentes para alegações sobre os efeitos da pornografia a um foco em fontes anedóticas pessoais e secundárias gerais que geralmente são enquadradas pela leitura subjetiva de um analista sobre o que a pornografia significa, em última análise, para os consumidores. De facto, normalmente, nestes estudos, é apresentada uma definição “dada” do que é pornografia, mas raramente é examinado se essas definições são aceites e utilizadas pelos participantes (Chronaki, 2014). Observa-se uma tendência “presentista”, segundo Buckingham e Jensen (2012), na análise de textos mediáticos mais antigos caracterizados pela projeção de valores e interpretações atuais. Houve até casos, como a bem conhecida meta-análise de Manning (2006) sobre os efeitos do consumo de pornografia no casamento e na família, que foram caracterizados por uma revisão da literatura que como um todo se moveu na mesma direção — então, presumivelmente para estudos que se basearam apenas em um monólogo listando apenas uma lista de efeitos negativos. Por esta razão, McKee (2009) enfatiza cuidadosamente o problema metodológico de obter o que é solicitado em estudos que se concentram na busca de possíveis danos ou efeitos positivos do consumo de pornografia.

Adicionalmente, em diversas pesquisas que fazem parte do paradigma do dano e relacionadas com a escola dos efeitos, os textos mediáticos são tratados, de forma bastante míope, como meras “mensagens” e o seu consumo como “exposição” (Smith; Attwood, 2014, p. 11). Contudo, a investigação qualitativa mostra que concentrar-se em experiências e discutir os efeitos sobre a sexualidade numa lógica de “resolução de problemas” não consegue captar a complexidade tanto da utilização dos meios de comunicação como das práticas sexuais (Frith, 2000; Attwood, 2005). A pesquisa qualitativa, por outras palavras, mostra que os textos explicitamente sexuais dos meios de comunicação social são experimentados e compreendidos de diversas maneiras e provocam reações fortes e contraditórias que muitas vezes não são representadas nas discussões públicas sobre pornografia (Attwood, 2005)⁵⁹.

⁵⁹ Rosen e Turner (1969) enfatizaram durante muitos anos a importância de ver o fenómeno da pornografia do ponto de vista do consumidor de pornografia.

Em qualquer caso, a observação de Attwood (2007) parece ser válida de que, apesar da rejeição generalizada dos modelos comportamentais em estudos de comunicação e a mudança gradual para estudos de audiência, falar sobre pornografia fora do paradigma comportamental e da escola de efeitos continua difícil para vários comentaristas do discurso público que não evitam focar na importância dos efeitos do consumo de pornografia. Por outro lado, há também o que Buckingham e Jensen (2012) apontam num espírito de “sobriedade científica”, ou seja, há também o perigo expresso pelos defensores da escola dos efeitos de que as preocupações do mundo sobre os meios de comunicação de massa rejeitam a informação como algo “completamente absurdo” e renunciam qualquer conceito de “resultados”. Por outras palavras, o facto de uma ligação causal não ser comprovada não deve significar automaticamente uma rejeição completa de quaisquer conclusões, mesmo preliminares, que uma investigação a favor de uma correlação entre duas variáveis possa revelar. Uma coisa é rejeitar a retórica da causalidade da escola de efeitos, e outra é desacreditar completamente qualquer estudo que, a partir de uma leitura fria, possa estabelecer novas hipóteses de trabalho a serem estudadas.

2.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONSUMIDOR DE PORNOGRAFIA

As tendências acima estão ligadas, entre outras coisas, à imagem geral que foi criada nas sociedades ocidentais sobre o consumidor de pornografia. Esta é, basicamente, uma imagem abertamente negativa baseada numa abordagem sistemática aos consumidores de pornografia, tanto no debate público como na investigação académica, que os considera incapazes de se expressarem. Mais especificamente, o público da pornografia continua a ser apresentado como uma massa de adolescentes cheios de espinhas, fracos socialmente e desajustado.

Tudo isso, segundo Attwood (2007), tem por trás toda uma história onde o consumidor de pornografia é apresentado como uma figura problemática e inadequada — uma vez que não há uma separação clara entre a inocência “esperada” do consumidor geralmente jovem e o conhecimento sensual do Outro. Uma figura que provém basicamente de categorias sociais fracas e que por mais passivo e vitimizado que pareça, na realidade causa perturbação por ser ao mesmo tempo um corrupto e um corruptor. A imagem do consumidor de pornografia que surgiu nos últimos anos é a do viciado em ciberpornografia (Attwood, 2007). Trata-se de um homem, viciado em atividade sexual online que, incapaz de encontrar um parceiro amoroso, cai de forma solipsista no prazer da masturbação (Patterson, 2004).

Um dos principais problemas que emerge aqui é que nas sociedades de consumo modernas há muitos casos de “vício” de pessoas suscetíveis — casos que são apresentados

através de um discurso social complexo na esfera pública como um campo de responsabilidade de sujeitos ativos e que agem de forma autônoma, que negociam constantemente de forma autorreferencial suas escolhas de estilo de vida (Giddens, 1992). No entanto, o usuário viciado em pornografia não se enquadra no tratamento geral acima, mas é apresentado como incapaz de administrar suas escolhas e, portanto, perde qualquer capacidade de agência que lhe foi, e deveria ter sido atribuída.

É claro que, para completar a imagem do viciado imaturo e incompetente, é necessário o acréscimo de um “especialista” que, como conhecedor de todas as dimensões do problema da pornografia, possa “salvar” o usuário viciado com seus conselhos e instruções. É neste contexto que o consumidor de pornografia é construído como um “Outro” e o especialista como aquele chamado a agir “em nome” do utilizador e da sociedade (Attwood, 2007). De forma mais geral, de acordo com McKee (2006), existe uma percepção sistemática dos consumidores de pornografia como “outros”, ou seja, como indivíduos que não podem conhecer e falar por si próprios. Mas, na medida em que isto é verdade, pode-se dizer que constitui um efeito latente de terceira pessoa, tanto na investigação acadêmica como no debate público.

É neste contexto que Attwood (2007) considera que os utilizadores de pornografia não devem ser tratados como vítimas dependentes, abusadores ou desajustados, mas como sujeitos sexuais cujas experiências e compreensões da pornografia dependem de uma ampla gama de fatores sociais e culturais. Como diria Jacobs (2007), são as gerações de utilizadores de pornografia que contribuíram para a definição da tolerância sexual, para as controvérsias sobre o sexo e para lidar com as reações sociais. Nessa lógica, Attwood (2007) apontou uma mudança que recentemente começou a ser observada na forma como o consumidor de pornografia é percebido tanto na pesquisa científica quanto na sociedade em geral. Ou seja, o consumidor de pornografia começa lentamente a apresentar-se como se já não fosse um “Outro”, mas sim “um de nós”. Ela até imaginou que é bem possível que o consumidor de pornografia seja redefinido como alguém com conhecimento e “ludicidade” suficientes, figura que ela traz para o caso de Annie Sprinkle, a autoproclamada “neoterista pós-pornografia”.

Conforme argumentado por Boyle (2010), não existe mais um estereótipo específico, construído pela mídia, do consumidor de pornografia. Existe autoconsciência do usuário, que demonstra uma mudança na percepção pública sobre o consumo de pornografia, que não é mais vista como uma questão trivial, mas sim como um problema que pode afetar a saúde mental e emocional das pessoas. No entanto, o foco persiste na representação do consumidor masculino que aprecia pornografia e não se preocupa com mais nada. De maneira similar, Whisnant (2010) destaca um processo de “preparação” do consumidor de pornografia promovido em níveis

paralelos — um pela indústria pornográfica e outro entre usuários comuns pela internet — como uma estratégia para apaziguar as preocupações éticas dos consumidores do sexo masculino. É evidente que esse processo não contempla a perspectiva do "outro", exceto pelo homem viciado, figura emblemática dos recentes pânicos morais em torno da pornografia na internet, especialmente a da "criança vítima" (Attwood, 2007).

Neste contexto de estereotipagem do jovem consumidor de pornografia, observamos, por um lado, os produtores e comerciantes de filtros de conteúdo anti-adulto que investem na retórica de marketing de um perigo constante. Por outro lado, uma parcela dos pais cai na armadilha do pânico moral (Buckingham; Jensen, 2012). Empresas capitalistas, cientes das preocupações parentais sobre o acesso de seus filhos à pornografia, exploram esses receios ao oferecer softwares de proteção e vigilância, capitalizando sobre a percepção de uma ameaça iminente.

Essa dinâmica, que se destaca como uma estratégia de marketing eficaz, ressalta não apenas a exploração comercial, mas também como questões éticas e morais são habilmente manipuladas para gerar lucros. A indústria de filtros de conteúdo anti-adulto cria um ambiente onde os pais, temerosos pelas experiências online de seus filhos, se tornam consumidores desses softwares, percebidos como uma solução aparente para o que é muitas vezes apresentado como uma ameaça iminente. Dessa forma, o debate sobre a pornografia na era digital torna-se um terreno fértil para a exploração comercial, revelando a interseção complexa entre preocupações éticas, vigilância parental e interesses comerciais.

Entretanto, segundo Buckingham e Jensen (2012), no caso das crianças e dos meios de comunicação de massa, o pânico não está, em última análise, centrado nas próprias crianças ou nos meios de comunicação social, mas sim em algo muito mais amplo e ambíguo. Ele faz parte de preocupações relacionadas à "mudança social" em jogo, frequentemente envolvendo inovações tecnológicas e comerciais. Em outras palavras, os pânicos podem ser vistos como manifestações de instituições, forças e atores estruturais básicos, ou como intenções conscientes por parte de indivíduos específicos.

O caso do pânico em torno das crianças e dos meios de comunicação social pode ser um meio de reafirmar um discurso de censura associado a uma forma mais geral de elitismo cultural e a manifestações reacionárias ou conservadoras. A ideia (correta) de que crianças não devem ter acesso a material pornográfico se alinha com a perspectiva de que cabe aos pais e responsáveis regular o acesso à rede. Nesse contexto, o controle sobre o acesso à pornografia torna-se não apenas uma questão de proteção das crianças, mas também uma oportunidade para consolidar valores culturais e moldar narrativas que reforçam certas visões de moralidade e

comportamento social. Assim, a exploração comercial se entrelaça com questões mais amplas de poder, controle e influência cultural. Aqui se é utilizado de algo certo para lucrar, crianças não devem consumir pornografia e esta deveria passar por regulações maiores de acesso, porém a culpa não está na existência do pornô e sim em relações múltiplas que envolvem educação sexual, restrições legais na internet, conservadorismo no país e o abuso de um problema sério por empresas que só visam lucro.

Portanto, é relevante mencionar a argumentação subjacente a uma série de pesquisas conduzidas por McKee (2010), que sugere um exagero geral no tratamento do consumo de pornografia por parte dos jovens. Conforme destacado por Rovolis e Tsaliki (2012), as preocupações sociais, políticas e acadêmicas sobre o impacto do consumo de pornografia pelos jovens provavelmente foram exageradas. McKee (2010) respalda essa visão com resultados de pesquisas que indicam que a idade da primeira exposição à pornografia não parece estar relacionada a atitudes negativas em relação às mulheres. Além disso, jovens que buscam representações sexuais têm, em grande parte, um interesse pré-existente por sexo e sexualidade, sugerindo que a pornografia seria mais um resultado do que uma causa desse interesse.

No contexto da educação sexual, McKee (2010) argumenta que o desenvolvimento sexual saudável inclui uma curiosidade natural sobre a sexualidade, e a exposição accidental a representações sexuais reais não prejudica as crianças. Ele enfatiza que as gerações atuais de crianças não são mais sexuais do que as gerações anteriores e que restringir o conhecimento sobre sexualidade pode impor a necessidade de fingir ignorância para atender às expectativas dos adultos.

Entretanto, é crucial ressaltar que o termo "criança" abrange uma faixa etária ampla, desde crianças de cinco anos até adolescentes de quinze anos, e, portanto, as abordagens devem considerar a diversidade desse grupo (Buckingham; Chronaki, 2014). Embora alguns argumentem que jovens com 16 anos ou mais são capazes de compreender o que constitui uma "utilização apropriada da Internet" (Hope, 2006), a questão do acesso a material pornográfico por adolescentes vai além de uma questão tecnológica. Envolve a "vigilância" da disseminação de informações dentro da casa da família (Oravec, 2000) e os riscos que os pais enfrentam em relação aos materiais aos quais seus filhos são expostos através da Internet, conectando-se à construção social mais ampla do risco na sociedade moderna (Demertzis, 2002).

O acesso de crianças a sites pornográficos não é só idealizado, mas tratado como um fato e até piada por muitos usuários:

Figura 24 – Comentário 1⁶⁰

Fonte: Pornhub.com, 2023.

Nesse sentido, Le Roux (2010) destaca que o problema essencial é o acesso das crianças a conteúdos pornográficos que devem ser evitados a todo custo. Ressalta-se que o debate sobre a fala da educação sexual é intrinsecamente relacionado à como crianças curiosas podem ser direcionadas ao consumo de pornografia. A educação sexual, quando abordada de maneira adequada, pode desempenhar um papel crucial na orientação dos jovens, proporcionando-lhes compreensão e discernimento para lidar com questões relacionadas à sexualidade e ao mundo online. Basicamente, a falta de uma boa educação sexual pode levar crianças a buscarem por informação na internet. A curiosidade, unida da falta de informação e do acesso simples e sem muitas regulações⁶¹ torna fácil para crianças e adolescentes se depararem com pornografia.

Além de todas essas relações temos também o consumo de pornografia como um tipo de “espelho” cultural. É fato que cada cultura tem seu próprio padrão distinto e espectro de insultos que fornecem informações sobre a mentalidade e os valores de uma comunidade cultural. Uma regra básica aqui é que, para que epítetos e acusações sejam considerados “prejudiciais” para uma vítima, devem estar associados a algo que é geralmente percebido como “errado” e “mau” no contexto dessa sociedade (Moogk, 1979). Da mesma forma, no caso da pornografia, a determinação do seu grau de perigo para a sociedade como um todo é feita cada vez e em cada contexto histórico e social em termos da correlação social de forças e de qualquer visão/ cultura dominante na vida pública.

⁶⁰ Usuário 1: “Caralho, isso foi ‘picante’” (tradução própria)

Usuário 2: “Olha a boca, meu filho de sete anos usa isso aqui” (tradução própria)

⁶¹ As questões regulatórias serão abordadas no seguimento do capítulo.

Kendrick (1987) destaca a capacidade da sociedade em criar um “cenário imaginário de perigo e resgate” em torno da pornografia. Esta dinâmica contraditória entre a condenação pública da pornografia como uma ameaça e o consumo generalizado no âmbito privado revela uma dualidade significativa. O Brasil, por exemplo, enfrenta o desafio de ser considerado o país que mais mata pessoas trans consecutivamente, enquanto simultaneamente apresenta um expressivo consumo de pornografia com essas mulheres como protagonistas. Essa aparente dicotomia evidencia a necessidade de examinar a profundidade das contradições sociais que permeiam a representação e a vivência das pessoas trans no país (Smith, 1999).

Com base no que foi dito acima, pode-se dizer que a pornografia, bem como as controvérsias que a cercam, parecem ilustrar adequadamente os importantes desvios e diferenciações individuais dos sistemas de valores em uma sociedade (McPherson, 1999). A controvérsia em torno da pornografia nos EUA, por exemplo, capturou com “grandeza e clareza invulgares” toda a lógica e funcionamento do sistema jurídico local e a sua legitimação jurídica (Schachter, 1988). Os estudos e pesquisas que enfocam as peculiaridades e dimensões históricas e locais que cercam o fenômeno da pornografia também destacam a natureza complexa da questão de produzir políticas e impor medidas regulatórias baseadas no ambiente cultural de valores de uma determinada sociedade.

O Brasil foi considerado o país que mais mata pessoas trans por 14 anos consecutivos, no dossiê divulgado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) no ano de 2023, houve um aumento de mais de 10% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação a 2022 (ANTRA, 2024), paradoxalmente, observa-se um fenômeno curioso em relação ao consumo de pornografia no Brasil. Embora o país seja marcado pela violência contra pessoas trans, há um grande consumo de material adulto em que essas mulheres desempenham papéis protagonistas. Essa aparente dicotomia revela uma desconexão entre a fantasia representada na pornografia e a realidade enfrentada por esses grupos marginalizados.

Figura 25 - Trans⁶²

Fonte: Pornhub.com, 2020.

Enquanto são objeto de desejo em contextos virtuais, essas mesmas pessoas são frequentemente vítimas de discriminação e violência na vida real. Ao longo dos anos é possível ver um crescimento exponencial da categoria trans de acordo com os Insights do Pornhub, no ano de 2012 a categoria não aparecia nas mais buscadas:

Figura 26 – Pornhub Insights 1

Top 3 Searches - 2013 vs. 2012				
Country	Year	#1	#2	#3
United States	2012	teen	amateur	milf
	2013	teen	creampie	milf
United Kingdom	2012	british	milf	indian
	2013	british	lisa ann	lesbian
Germany	2012	german	deutsch	teen
	2013	german	deutsch	teen
France	2012	french	beurette	francaise
	2013	french	francaise	beurette
Italy	2012	italian	sara tommasi	amatoriale
	2013	italian	sara tommasi	amatoriale
Spain	2012	spanish	amateur	mature
	2013	spanish	casting	amateur
Mexico	2012	mexicanas	lisa ann	teen
	2013	mexicana	teen	lisa ann
Brazil	2012	brazilian	anal	teen
	2013	brazilian	novinha	anal
Japan	2012	japanese	japanese wife	hentai
	2013	japanese	japanese wife	japanese milf
World	2012	teen	milf	anal
	2013	teen	milf	compilation

Fonte: PornhubInsights.com, 2022.

⁶² Na imagem um exemplo da página de vídeos mais populares da categoria “Trans”. Nela temos produções com sexo lésbico, hétero e até mesmo uma cena gay. É importante apontar que a página está filtrada para expor os vídeos mais populares no Brasil.

Na imagem está disponibilizada uma comparação entre as categorias mais buscadas em 2012 e 2013, o termo “trans” não é mencionado em nenhum dos anos. Em ambos é possível ver termos relacionados a idade, “teen”⁶³ (adolescente) e “novinha”. Já em 2015 termos como “lésbica” começaram a aparecer no top 3 categorias e os termos “novinha” e “teen” se mantiveram entre os mais buscados. A mercantilização de corpos lésbicos na pornografia e a fetichização das mulheres lésbicas para agradar homens heterossexuais são questões profundamente problemáticas que merecem nossa atenção crítica. Essa prática perpetua estereótipos prejudiciais e desumaniza as mulheres envolvidas, reduzindo-as a meros objetos de desejo sexual masculino.

Figura 27 - *Lesbian*⁶⁴



Fonte: Pornhub.com, 2020.

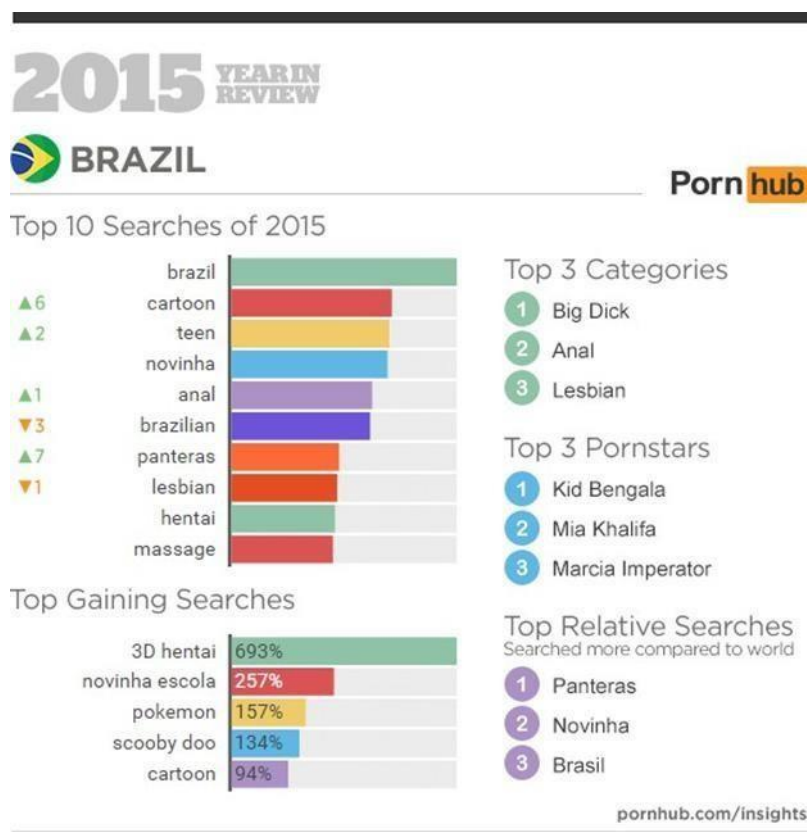
Ao transformar a sexualidade lésbica em um produto consumível para lucro, a indústria pornográfica marginaliza e explora mulheres lésbicas, ignorando completamente suas experiências e identidade. A representação fetichizada de mulheres lésbicas na pornografia não apenas reforça normas heteronormativas de gênero e sexualidade, mas também contribui para a perpetuação de fantasias irreais e expectativas prejudiciais sobre como as mulheres lésbicas devem se comportar na intimidade. Além disso, ao fetichizar a sexualidade lésbica para atender aos desejos dos homens heterossexuais, a pornografia desconsidera completamente a autenticidade das experiências lésbicas e desrespeita a integridade das mulheres envolvidas.

⁶³ O termo “novinha” já pode ser considerado um “flerte” com a pedofilia, mas o uso do termo “teen” torna claro o uso de certas categorias como uma desculpa disfarçada para promover atração por menores de idade. Isso cria um ambiente onde a pedofilia é normalizada e até mesmo incentivada.

⁶⁴ Exemplo da página inicial da categoria “Lesbian”, no vídeo superior a direita temos a categoria “Milfs” sendo compartilhada, no inferior à esquerda, temos o exemplo de uma mulher negra, sexualizada e racializada.

Essa prática não apenas perpetua a objetificação das mulheres, mas também contribui para a perpetuação de normas prejudiciais de gênero e sexualidade.

Figura 28 – PornHub Insights 2



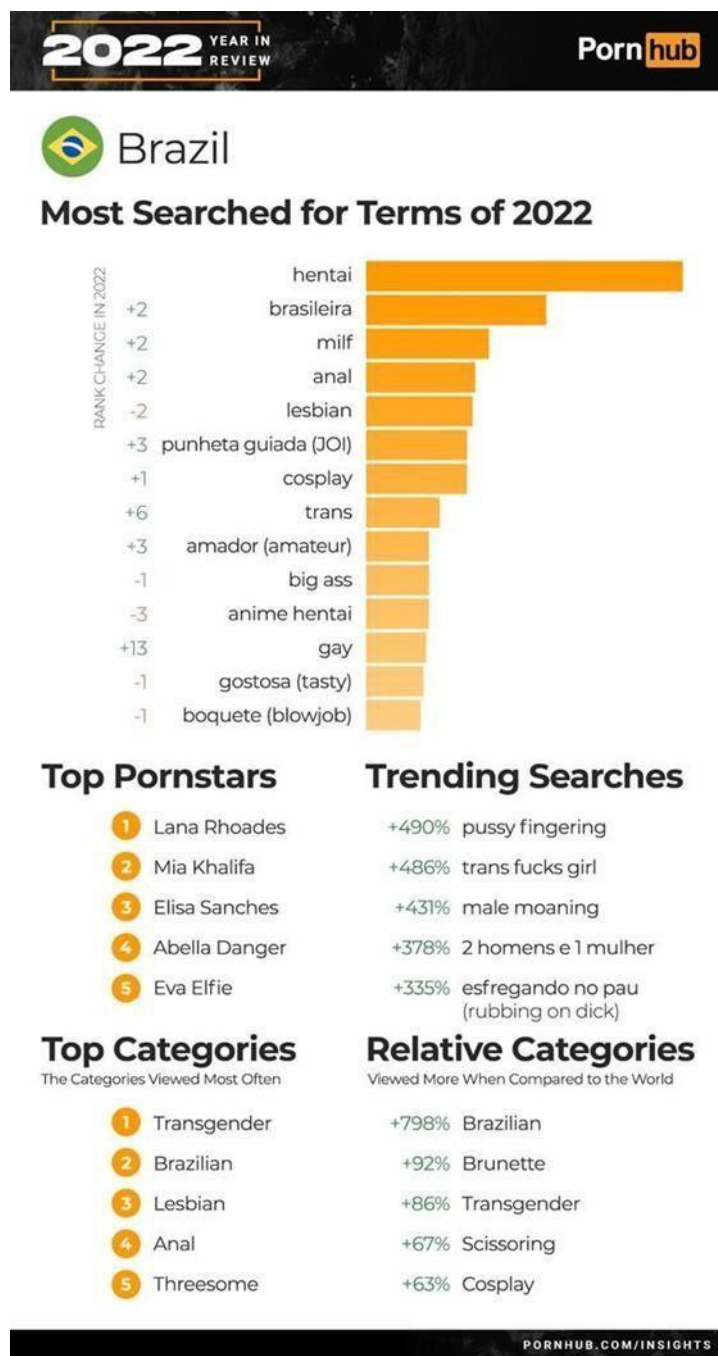
Fonte: PornHubInsights.com, 2022.

No ano de 2016 o Brasil se manteve o mesmo, com categorias como “teen” e “lésbica” entre as mais assistidas, foi em 2017 que o termo “transgender” apareceu pela primeira vez em buscas no Brasil, coincidindo com o ano em que a travesti Dandara dos Santos⁶⁵ foi assassinada. Attwood (2009) aponta que comumente a pornografia fetichiza corpos que são grandes alvos de violência, temos por exemplo os Estados Unidos, onde o termo “*ebony*”⁶⁶ foi um dos mais pesquisados em diversos anos, de acordo com o PornHub Insights. Como exposto por Attwood (2009), são os corpos mais violentados que portam o maior desejo no universo pornográfico. O corpo marginalizado é protagonista no ambiente do site.

⁶⁵ O vídeo que mostra o assassinato de Dandara foi amplamente divulgado em sites pornográficos e após diversas denúncias de usuários o vídeo foi retirado do PornHub e do Xvideos, mas em plataformas com menos interação de moderadores como o Xhamster.com é comum usuários repostarem o vídeo.

⁶⁶ O termo “*ebony*” é comumente usado na pornografia para se referir a mulheres negras ou de pele escura. Essa palavra tem suas origens na palavra em inglês “*ebony*”, que significa “ébano”, uma madeira densa e escura derivada de várias espécies de árvores do gênero *Diospyros*, nativas de regiões tropicais.

Figura 29 – PornHub Insights 3



Fonte: PornHubInsights.com, 2022.

Em 2022, ao analisar os dados do PornHub Insights como exposto acima, é possível observar uma preferência significativa dos brasileiros pela categoria Trans, indicando um consumo 798% maior em comparação com o restante do mundo. Essa estatística, por mais que seja apenas um reflexo do comportamento online, lança luz sobre as dinâmicas culturais e sociais que influenciam a forma como a sociedade brasileira percebe e consome pornografia. É fundamental considerar que, por trás desses números, existe uma complexa interação entre

fantasias virtuais e a realidade enfrentada por pessoas trans no país, evidenciando a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada. No site é exposta a seguinte informação:

A pesquisa número um do Brasil em 2022 foi “hentai, enquanto a classificação de “Brasileira” aumentou em +2 para se juntar às cinco principais pesquisas. As pesquisas “trans” cresceram na classificação +6 e as pesquisas “gay” em +13. Transgêneros também se tornaram a categoria de vídeos mais vista no Brasil, à frente de Brasileiras e Lésbicas. As tendências de pesquisa do ano incluíram um aumento de 490% para “dedilhar buceta” e um aumento de 431% para “gemidos masculinos”. Os brasileiros têm 92% mais probabilidade de ver vídeos de morenas e 86% mais probabilidade de ver vídeos de transgêneros quando comparados ao resto do mundo (PornHub Insights, 2022).

A controvérsia em torno da pornografia, como discutido por Schachter (1988), não é apenas uma questão de liberdade e censura, mas uma parte integrante de um processo cultural mais amplo. A pornografia não apenas reflete os valores culturais existentes, mas também contribui para a redefinição de significados e configurações políticas. Essa observação destaca a importância de se considerar a pornografia como um fenômeno cultural enraizado em contextos específicos, exigindo abordagens mais sensíveis às nuances culturais.

2.2 FEMINISMO(S) E CONSERVADORISMO HEGEMÔNICO

A crítica feminista à pornografia, e especialmente à sua manifestação mais radical que esteve associada ao curso da segunda onda do feminismo, constitui o eixo principal e básico em torno do qual a discussão em torno da pornografia foi estruturada e continua a girar. Portanto, desde o início deve ser esclarecido que a campanha feminista contra a pornografia polariza as feministas em dois, basicamente, grupos, o anti e o pró-pornografia (Norden, 1990)⁶⁷. De um modo mais geral, é claro, a multiplicidade de vozes dentro do movimento feminista e as diversas estratégias propostas para eliminar as desigualdades e proteger contra os riscos individuais, levaram a uma recepção não unânime e, em qualquer caso, céptica das políticas elaboradas no quadro abordando questões de igualdade e mulheres (Grenz, 2006).

Pode-se afirmar que qualquer análise sobre pornografia deve começar reconhecendo a significativa contribuição ao debate e a influência proveniente dos trabalhos de Andrea Dworkin e Catherine A. MacKinnon. Em particular *Pornografia: Homens Possuindo Mulheres* (1981), de Dworkin, emerge como o texto mais representativo do feminismo radical (Smith, 2007). A icônica feminista destaca enfaticamente que a temática fundamental da pornografia é

⁶⁷ Há valor na observação de Albury (2009) de que as divisões prós ou contras, que normalmente exigem respostas monolíticas de sim ou não, são problemáticas e inúteis para o debate público.

a natureza, extensão, uso e significado do poder masculino (1981), com o órgão genital masculino ocupando o papel central em toda a pornografia.

O valor substancial do trabalho de Dworkin e MacKinnon reside principalmente em sua habilidade de reformular o debate sobre a pornografia, centrando-se na retórica que destaca os danos potenciais provocados pelo seu uso, ao invés das soluções que propuseram (Wesson, 1993). Boyle (2010) corretamente argumenta que o feminismo acadêmico antipornografia não deve se restringir ao trabalho de Dworkin e MacKinnon. No entanto, é inegável que o trabalho significativo de feministas renomadas é um dos pontos cruciais que deve ser considerado em qualquer abordagem testável, sistemática e "global" do tema da pornografia.

Em particular Dworkin (1981) transita de uma visão que considera a pornografia como a "causa raiz" da discriminação contra as mulheres para uma abordagem que a descreve como prejudicial em si mesma. Dworkin (1981) argumenta que o poder masculino na pornografia é de natureza imperialista. No entanto, Smith (2007) considera o texto de Dworkin (1981) uma confusão de exemplos usados para justificar suas posições. Em outras palavras, a visão radical de Dworkin amplia o conceito de pornografia, alegando que toda imagem e representação de uma mulher pode ser considerada pornográfica. Dentro desse contexto de representações, Dworkin (1981) sugere que nenhuma transcendência do sistema masculino é possível enquanto os homens continuarem a ter o privilégio de determinar o significado das coisas. Contudo, para Smith (2007), as conclusões de Dworkin tornam-se irrelevantes quando se considera porque ou como os homens preferem e escolhem diferentes tipos de material sexual. O ponto de objeção de Smith tem mérito, embora não negue a realidade subjacente do problema.

A revelação de Dworkin é notável, especialmente no contexto atual de uma pornografia mais suave na internet e na busca por conteúdo relacionado a celebridades e imagens de mulheres reais. Isso sugere que, em um ambiente pós-moderno caracterizado pela "desregulamentação dos fetiches", onde surgem preferências sexuais múltiplas e heterogêneas, toda representação feminina pode ser potencialmente considerada material pornográfico. Em outras palavras, em um cenário em que a satisfação sexual é guiada por uma lógica pornográfica, qualquer representação envolvendo seres humanos, principalmente mulheres, torna-se material passível de estimulação sexual.

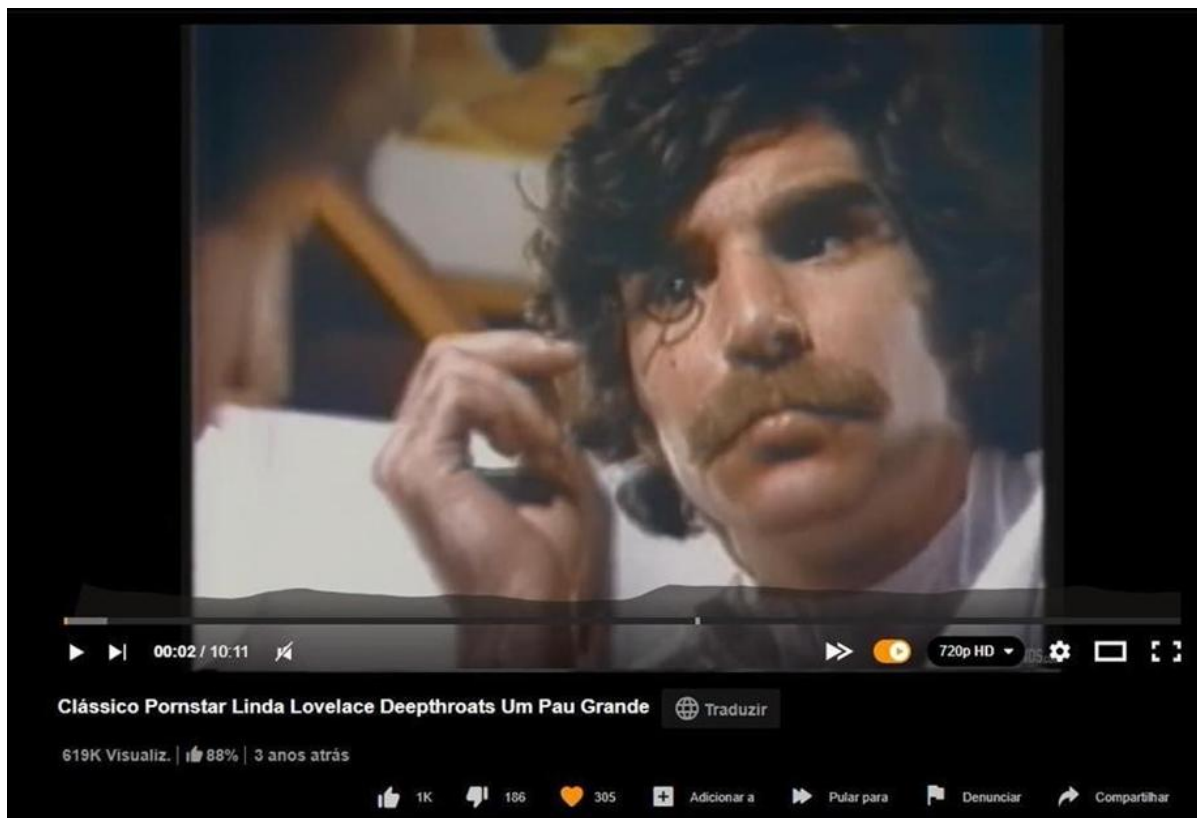
De maneira mais abrangente, Palczewski (1995), durante a controvérsia em torno da Portaria Anti-Pornografia proposta por MacKinnon e Dworkin, explorou argumentos centrados na definição de pornografia no contexto de uma tendência mais ampla. Ele sugere que os novos movimentos sociais estão mais interessados em mudanças culturais do que em mudanças estruturais ou políticas. Concordando com MacKinnon, Palczewski (1995) destaca que a

definição de pornografia é o “local de luta” e o cerne da controvérsia, tornando visíveis as dimensões da pornografia que muitas vezes permanecem obscurecidas.

Nesse contexto, considerando que o sucesso de um esforço cinematográfico não é apenas avaliado por sua eficácia em influenciar intervenções legislativas e políticas, mas também por sua capacidade de remodelar o "vocabulário público" em torno das questões em foco, Palczewski (2001) destaca que, embora a iniciativa legislativa de MacKinnon e Dworkin tenha falhado nos Estados Unidos, especialmente no âmbito legislativo, é notável que o trabalho persistente, diversificado e abrangente de MacKinnon tenha conseguido remodelar o discurso público mesmo para além das fronteiras estadunidenses.

Mais especificamente, o extenso trabalho de MacKinnon contribuiu para uma abordagem global e crítica da pornografia como um fenômeno social com características e efeitos específicos. Para MacKinnon (1986), a pornografia é encarada como uma forma de sexo forçado, uma prática de política sexual e uma instituição de desigualdade de gênero. A dominação masculina é percebida como sexual, pois os homens sexualizam a hierarquia social, tornando o gênero seu campo preeminente. Sob essa perspectiva, a pornografia não é meramente uma fantasia inofensiva ou uma perversão depravada da sexualidade, mas sim uma institucionalização da supremacia masculina na sexualidade, combinando a erotização da dominação e submissão com a construção social do gênero.

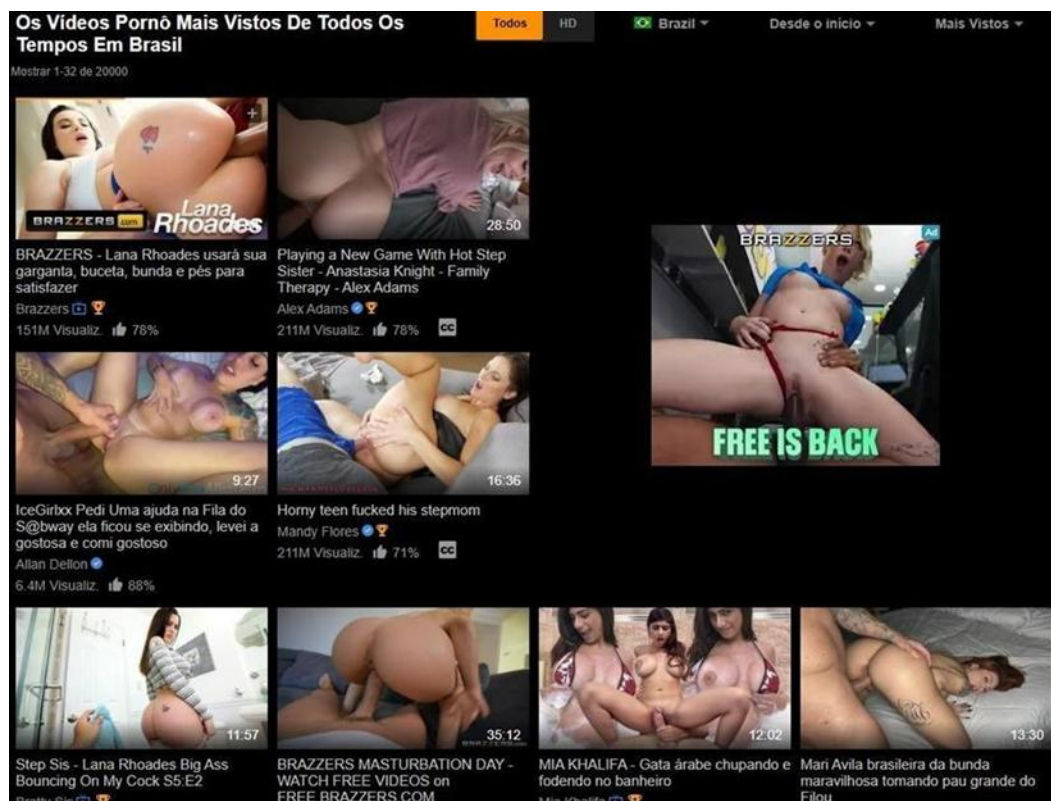
Em outras palavras, a pornografia, segundo MacKinnon (1993), constrói uma concepção de sexualidade em que os homens tratam as mulheres de acordo com sua visão, e essa visão é moldada pelo caráter condenável e objetificante da pornografia. MacKinnon argumenta que o impacto da pornografia vai além do âmbito mental, manifestando-se no mundo real. Contrariando a retórica que a representa como uma "não-realidade", ela considera a pornografia como a negação elitista dos males associados a ela. Em sua visão, é a indústria pornográfica, e não apenas as ideias e opiniões sobre sexo, que coage, ameaça, chantageia, pressiona e incita as mulheres a participarem na produção de material pornográfico. Assim, o trabalho de MacKinnon reflete a compreensão de que a pornografia tem repercussões tangíveis no mundo, indo além das meras percepções individuais. Exemplo disso seria o caso de Linda Lovelace, a atriz que ganhou notoriedade por seu papel no filme *Garganta Profunda*, destaca vividamente as preocupações levantadas por MacKinnon em relação à indústria pornográfica. Lovelace, cujo nome real era Linda Susan Boreman, afirmou posteriormente que foi forçada e coagida a participar de *Garganta Profunda* e de outras produções pornográficas por seu então marido, Chuck Traynor.

Figura 30 – *Garganta Profunda*

Fonte: Pornhub.com, 2020.

Linda detalhou essas experiências em sua autobiografia *Ordeal* (1980), onde descreve episódios de violência e exploração sexual. Apesar dessas revelações, *Garganta Profunda* ainda pode ser encontrado em plataformas de conteúdo adulto, como o Pornhub, assim como exposto na imagem. A presença contínua do filme nesses sites levanta questões éticas sobre a distribuição de materiais produzidos sob circunstâncias de abuso e coerção. A exibição contínua de *Garganta Profunda* em plataformas destaca os desafios que a indústria enfrenta com relação ao consumo de conteúdo com a responsabilidade ética e o respeito às vítimas de abuso.

Figura 31 – Mais Vistos



Fonte: Pornhub.com, 2020.

A imagem mostra a página do Pornhub na seção "Os Vídeos Pornô Mais Vistos de Todos Os Tempos Em Brasil", indicando que esses são os conteúdos mais populares entre os usuários brasileiros desde o início da plataforma. Essa categoria reflete as tendências de consumo do público nacional, destacando os vídeos que acumularam o maior número de visualizações ao longo do tempo.

Temos também o exemplo do caso de Mia Khalifa⁶⁸, cuja trajetória reflete os mesmos dilemas de exploração, coerção e falta de controle sobre a própria imagem. O vídeo intitulado *MIA KHALIFA – Gata árabe chupando e fodendo no banheiro* exemplifica como a pornografia frequentemente fetichiza a etnia e a cultura das atrizes, tornando suas identidades um produto de consumo.

Mia Khalifa entrou na indústria pornográfica em 2014 e rapidamente se tornou uma das figuras mais buscadas no Pornhub, especialmente por ter participado de cenas em que usava um hijab, um símbolo religioso islâmico. Apesar de ter gravado apenas um número limitado de vídeos, seu nome e sua imagem continuam sendo explorados pela indústria, mesmo anos após ter se distanciado da pornografia. Khalifa revelou que enfrentou assédio, ameaças de morte e

⁶⁸ O vídeo de Mia Khalifa está localizado na parte inferior central da Figura 31, na segunda linha à direita.

dificuldades para retomar sua vida fora do setor, enquanto os sites de conteúdo adulto seguem lucrando com seu nome sem seu consentimento.

A presença desse vídeo no Pornhub levanta questões semelhantes às de Garganta Profunda: até que ponto a pornografia respeita a autonomia das mulheres que participam dela? Assim como Linda não teve controle sobre a disseminação de sua imagem, Mia Khalifa continua sendo uma das atrizes mais visualizadas do site, mesmo tendo denunciado publicamente os abusos e as consequências negativas que sofreu. A permanência de vídeos como esse expõe um sistema de exploração contínua, onde mulheres que já se distanciaram da indústria ainda são mantidas dentro dela contra sua vontade, enquanto as plataformas se recusam a remover seus conteúdos. Esse cenário reflete os desafios éticos do consumo de pornografia e a necessidade urgente de repensar as políticas de consentimento e controle sobre a própria imagem dentro da indústria pornográfica.

A compreensão de MacKinnon de que a pornografia constitui uma forma de discriminação contra as mulheres, comparável ao discurso de ódio racial, leva-a a afirmar que essa discriminação deve ser interpretada literalmente, não metaforicamente. Segundo Saul (2006), a afirmação clássica de MacKinnon de que a pornografia representa a subordinação das mulheres permite a condenação dessa forma de entretenimento de duas maneiras: se a pornografia é, de fato, subordinação, há pouco espaço para os oponentes da visão da subjugação apoiá-la; por outro lado, a própria pornografia é alvo de violação do direito das mulheres à igualdade.

Embora as críticas à abordagem radical em geral sejam mencionadas mais adiante, é válido destacar algumas críticas específicas ao trabalho de MacKinnon. Conforme apontado por Palczewski (1995), a visão de MacKinnon de que a pornografia causa estupro é uma simplificação excessiva da dinâmica entre pornografia e sexismo. A pornografia, segundo essa perspectiva, não atua como uma causa ou efeito direto, nem como um mecanismo primário pelo qual sua associação ativa com o sexismo determina a transição do gênero biológico para o gênero socialmente construído. Dinielli (1994) critica MacKinnon por não destacar adequadamente os danos potenciais que o consumo de pornografia pode causar aos homens, argumentando que essa inclusão seria estrategicamente útil para o campo do feminismo radical, apesar de possivelmente desconsiderar e distorcer a visão masculina sobre a sexualidade.

Deve-se destacar que em nenhum momento se tem por intenção diminuir a importância das críticas levantadas por Dworkin e MacKinnon, mas sim abordar a recepção de suas teorias e de que maneira elas influenciaram e ainda influenciam o debate sobre pornografia. De maneira mais ampla, observa-se uma tendência dentro do feminismo radical de agrupar a pornografia

como uma entidade única e tratá-la não como um conjunto diverso de questões, mas sim como um indicador paradigmático do patriarcado monolítico (Brown, 1992). A proposta de considerar a pornografia em relação a outras formas de expressão não visa afirmar que toda a cultura patriarcal é intrinsecamente pornográfica, mas sim explorar como a pornografia ocorre e se distingue de outros gêneros (Nead, 1990). Nesse contexto, o feminismo radical, ao responsabilizar a pornografia por todos os males das mulheres e atribuir a ela todas as experiências de desigualdade desde a era da impressão, parece apresentar uma dimensão de "arbitrariedade" (Smith, 2007). Em outras palavras, ao globalizar e generalizar a opressão das mulheres sob a luz da pornografia, o feminismo radical tende a criar uma visão homogênea das mulheres, obscurecendo as dimensões de classe e racial que, na maioria dos casos, multiplicam os problemas de discriminação contra as mulheres (Miller-Young, 2010).

A crítica a essa visão concentra-se, em grande parte, na acusação de uma apropriação generalizada da pornografia pelo feminismo radical, enquanto, ao mesmo tempo, a crítica ao feminismo radical é muitas vezes restrita à sua vertente antipornografia. Isso resulta em uma discussão obscurecida em torno das questões das mulheres. Essa dinâmica é comparável à caracterização de "iconoclastas antipornografia" atribuída por Hardy (2000), evidenciando uma classificação geral da pornografia como uma forma de propaganda e dominação patriarcal pelo lado do feminismo radical. Simultaneamente, por parte dos críticos do feminismo radical, observa-se uma redução correspondente, limitando a discussão apenas à sua abordagem antipornografia, deixando de lado outras dimensões relevantes.

Nesse cenário, English, Hollibaugh e Rubin (1982) caracterizam a retórica feminista sobre a proibição da pornografia como um radicalismo de direita, distanciando-se de uma crítica de esquerda. Essa interpretação equivocada, segundo Stoltenberg (2000), contribui para a crítica de que o feminismo radical, ao traçar linhas entre homens e mulheres, essencialmente divide as pessoas com base em quem aceita a romantização da desigualdade e quem defende fervorosamente a fetichização da igualdade. Apesar de críticas que apontam para possíveis eufemismos, a reação antipornografia dentro do feminismo é principalmente fundamentada na compreensão da pornografia como uma forma de propaganda patriarcal que perpetua a violência contra as mulheres e contribui para sua subsequente situação desigual (Attwood, 2007).

As objeções do feminismo radical e antipornografia podem ser categorizadas em três níveis fundamentais: primeiro, a pornografia é considerada moralmente errada; segundo ela é vista como diretamente ligada à violência contra as mulheres; e terceiro, a própria pornografia é interpretada como uma forma de violência contra as mulheres em várias dimensões. Essas

críticas abrangem uma variedade de perspectivas. Por exemplo, argumenta-se que é uma forma de violência coagir as mulheres a participarem na produção de filmes pornográficos, e, de maneira mais abrangente, o capitalismo é visto como um sistema que força as mulheres a ingressarem na indústria pornográfica em busca de renda (Li, 2000). Diversas posições expressas ao longo do tempo compartilham essa direção.

Caputi (2002) destaca a pornografia como destrutiva para as mulheres, usurpando e distorcendo rituais, imagens e temas que anteriormente representavam "poder feminino e divindade". Esta crítica é particularmente direcionada à pornografia centrada no Ocidente, que frequentemente objetifica as mulheres para o olhar masculino, fazendo parte de sistemas de dominação que sustentam o abuso e a colonização, não apenas das mulheres, mas também de povos e da natureza. Perrin *et al.* (2008) consideram a pornografia uma questão social que requer esforços coletivos de conscientização, destacando a necessidade de normas e políticas coletivas para lidar com os "males sociais" causados pela indústria pornográfica.

Em resposta a essas críticas, Smith (2007) destaca que a "repulsa política" é evidente nos textos feministas antipornografia que se concentram nos "perigos da pornografia". Essas feministas são acusadas de manipular pesquisas empíricas em seu favor, baseando análises apenas nos primeiros *teasers* de sites pornográficos, não considerando o conteúdo global (Wilton, 2004). Estudos tradicionais que tentam provar uma relação causal entre pornografia e comportamento violento são vistos como aliados questionáveis do feminismo antipornografia. Boyle (2010) argumentam que esse espaço deveria rejeitar o modelo de efeitos e se concentrar em como determinada pornografia é produzida e consumida de maneiras abusivas para as mulheres.

Críticas adicionais à tendência antipornografia incluem argumentos de que a pornografia representa mitos patriarcais sobre a sexualidade feminina e a dominação fálica, sendo contestado por Koch (1981), que afirma que ela não apenas expressa práticas sexuais dominadas pelos homens, mas também representa suas deficiências na tentativa de reabilitar fantasias sexuais não realizadas. Cowan e Dunn (1994), ao examinarem materiais sexualmente explícitos, consideram formas específicas de desigualdade como mais depreciativas do que a desigualdade como situação geral, argumentando que a visão feminista da subjugação das mulheres é vista como depreciativa, não a representação do sexo em si. A "essencialização" da pornografia, segundo Smith (2007), ao centrar-se em uma sexualidade definida pelo homem, leva à retificação de sua abordagem como algo que promove e reproduz a subjugação das mulheres. Essas críticas resumem as objeções das feministas anticensura que se opõem à equiparação da pornografia à sexualidade masculina.

É de importância abordar também o movimento cristão antipornografia, faz parte de uma corrente social mais geral que influenciou e continua a influenciar a discussão sobre a pornografia, a do pensamento conservador⁶⁹. Mais especificamente, são de particular importância para Cottle (1989) as alianças sociais criadas no decurso da controvérsia da pornografia, no sentido de que o comércio informal.

A aliança entre feministas antipornografia e forças conservadoras pró-censura gerou uma agenda mais ampla de conservadores religiosos, contrastando com a colaboração entre feministas anticensura e forças não-feministas, que fortaleceram suas posições em relação à emancipação sexual. Aqueles que apoiam o controle legislativo da pornografia muitas vezes compartilham o mesmo lado que os conservadores, ambos acreditando que a pornografia é degradante para as mulheres e contribui para a violência contra elas, com os conservadores também preocupados com as consequências negativas para a família e a imoralidade da sexualidade explícita (Cowan; Chase; Stahly, 1989).

O "*lobby moral*" e as feministas antipornografia concordam que a participação das mulheres na pornografia é uma perversão, embora suas motivações possam diferir. Os conservadores fundamentam sua oposição à pornografia em uma ideia mais essencialista dos direitos das mulheres à sexualidade, enquanto as feministas estão mais preocupadas com a construção da sexualidade feminina pelos atores (Luff, 2001). Apesar das diferenças nos argumentos, a forte aliança política entre conservadores e feministas antipornografia foi evidente, especialmente no Relatório da Comissão de Pornografia do Procurador-Geral de 1986, também conhecido como Relatório Meese.

Apesar dessa colaboração, a falta de mobilização conjunta entre feministas e conservadores, devido a suas posições incompatíveis em outras questões, pode explicar em parte por que a redução da pornografia não se tornou um ponto central no debate público e político. O Relatório Meese lançou as bases para uma abordagem mais funcional para a regulação da obscenidade, concentrando-se na condenação de ações historicamente reconhecidas como criminalmente infernais, ao invés de buscar efeitos causais específicos (Bruce, 1987).

É relevante destacar que as conclusões da Comissão sublinharam a importância de abordar representações de violência contra as mulheres, independentemente de estarem no

⁶⁹ De forma mais geral, a oposição protestante conservadora à pornografia está enraizada na interpretação bíblica e no alto envolvimento religioso que constitui um absolutismo moral e na ênfase em crenças sobre ameaças à tranquilidade social adequada (Sherkat; Ellison, 1997). É, por outras palavras, o eu profundamente individualista e não socializado que os conservadores temem, consideram imoral e tentam prevenir através da censura da pornografia (Paden, 1984).

contexto de textos explicitamente sexuais, como uma preocupação pública. Mesmo organizações pró-pornografia, como a Backlash (2007), reconhecem a distinção entre participantes consentidos e não consentidos em representações pornográficas, argumentando que o último deve ser tratado como um problema social mais amplo e não como algo de interesse público que justifique legislação restritiva. Desde 1957, o Supremo Tribunal dos EUA tem tentado definir a linha entre representações pornográficas protegidas e desprotegidas pela Constituição dos EUA, reconhecendo a necessidade de equilibrar a liberdade de expressão com a proteção contra efeitos negativos sobre alguns membros da sociedade.

O cerne do problema residia em encontrar uma definição de obscenidade que permitisse ao governo regulamentar as formas mais "prejudiciais" de pornografia em prol do bem-estar dos cidadãos, sem restringir o discurso de "valor real" para a sociedade. Em outras palavras, apesar dos esforços constantes para estabelecer uma definição legalmente aceitável de obscenidade e pornografia no sistema jurídico americano, parece que cada caso é julgado individualmente, sujeito ao julgamento subjetivo de cada juiz (Fee, 2007).

A famosa declaração do juiz Potter Stewart, de que pode não ser capaz de definir com precisão o que é pornografia, "mas eu sei quando a vejo", reflete não apenas a impossibilidade de formar uma definição pública consensual, mas também a relativa e ambígua natureza do fenômeno em questão (Hagle, 1991; Tibbetts; Blankenship, 1999). Essa relutância em oferecer uma definição clara destaca a complexidade e subjetividade envolvidas na tentativa de legislar sobre obscenidade e pornografia.

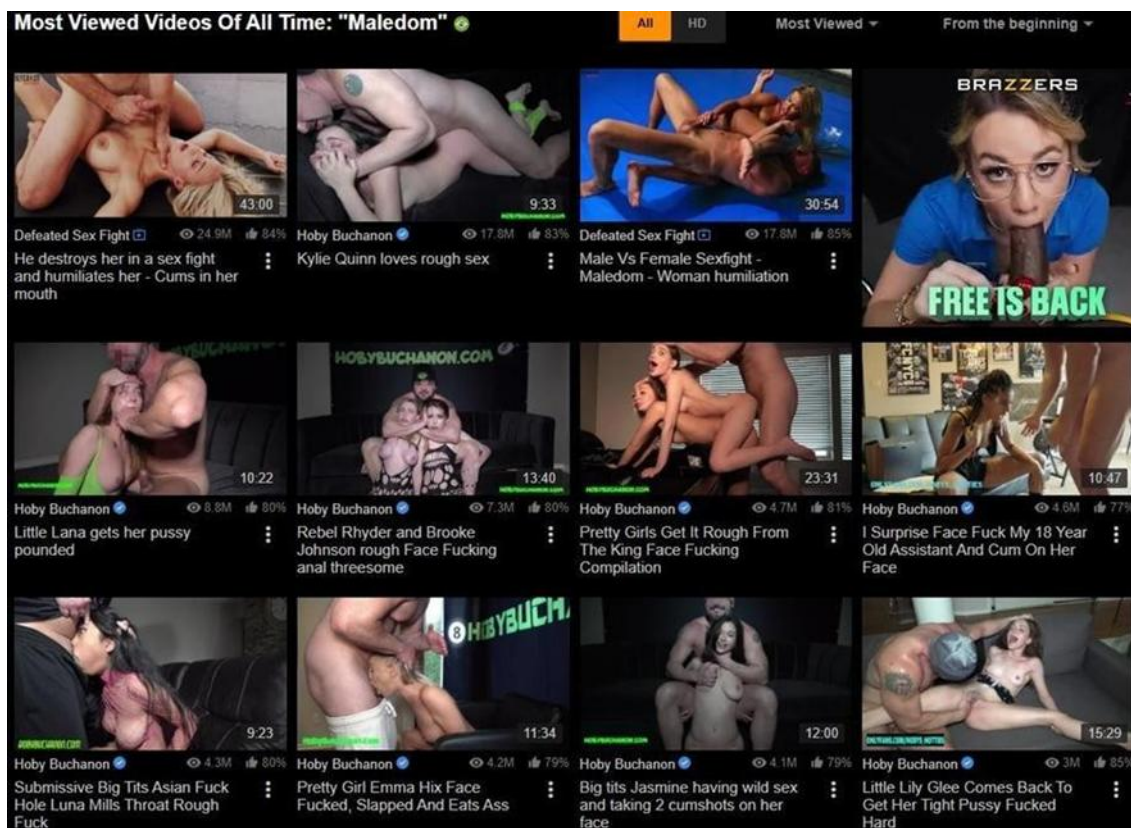
2.2.1 Depreciação e objetificação

Se fosse resumido, de forma esquemática e abstrata, as críticas globais de orientação feminista relativamente ao caráter problemático do conteúdo pornográfico, então talvez se pudesse dizer que elas giram em torno dos conceitos de degradação e objetificação. Da mesma forma, em primeiro lugar, ao definir o que é degradante, humilhante ou desumano, uma série de questões poderiam ser incluídas, tais como: ações degradantes que incluem o uso de linguagem ofensiva ou ejaculação depreciativa no rosto de uma pessoa, demonstrações dominadoras onde um dos participantes parece estar numa posição menos poderosa e claramente subjugada do que a outra, objetivando representações onde as mulheres são geralmente retratadas como objetos a serem usados para o prazer sexual — até mesmo as insinuações de uma disponibilidade indiscriminada que apresenta as mulheres como insaciavelmente dispostas a ter contato sexual direto com qualquer pessoa, ao lado de um culto absoluto ao pênis que coloca uma ênfase monológica na sua centralidade como ferramenta e

símbolo do prazer sexual (Malamuth, 1993). De forma mais geral, na literatura, o conceito de degradação/humilhação, tal como o conceito de desumanização, inclui basicamente uma despromoção de classe ou posição social, uma despromoção que constitui, em última análise, uma perda de privilégios e direitos ao nível da vida humana. Existência.

Da mesma forma, subjugar uma pessoa ou um grupo de pessoas é, para Vadas (1987), submetê-los a uma categoria onde os inerentes cujo valor moral (valor moral inerente) não é de “primeira categoria” e cujos direitos são, correspondentemente, de menor alcance e importância do que os dos outros. No entanto, ao considerar a abordagem de Vadas sobre submissão de maneira crítica, podemos pensar que o mesmo a considera causadora de uma ambiguidade e dificuldade conceptual — no sentido de que a ideia de valor moral intrínseco necessita de maior esclarecimento, especialmente à luz da opinião de que os portadores deste valor podem ser classificados em algum tipo de hierarquia. O apelo, isto é, a um valor moral intrínseco, deveria servir para excluir qualquer classificação deste tipo. Neste contexto, a pornografia é uma representação do ódio, uma romantização do ódio devido à ligação da pornografia com relações sexuais de dominação masculina, violência contra as mulheres, violência racial e crimes de ódio. É claro que a análise feminista radical considera uma “estrutura pornográfica de representação”, essencialmente a objetificação das mulheres, como sendo comum em muitas formas de arte (Sheets, 1991).

Ao analisar o conteúdo disponível na rede Pornhub, é possível observar como a representação das mulheres muitas vezes reforça dinâmicas de subordinação e supremacia masculina nas relações sexuais. O Pornhub, como uma das principais plataformas de compartilhamento de pornografia na internet, reflete e influencia as tendências da indústria pornográfica como um todo.

Figura 32 – *Maledom*

Fonte: PornHub.com, 2022.

A imagem evidencia a popularidade do gênero "*Maledom*" (abreviação de *male domination*, ou "dominação masculina"), onde a narrativa gira em torno da submissão extrema das mulheres. Os títulos dos vídeos reforçam essa dinâmica de forma explícita, utilizando termos como *He destroys her in a sex fight and humiliates her* ("Ele a destrói em uma luta sexual e a humilha", tradução própria), *Male vs Female Sexfight - Woman humiliation* ("Homem vs Mulher em luta sexual - Humilhação feminina", tradução própria) e *Pretty Girls Get It Rough* ("Garotas bonitas são tratadas com brutalidade", tradução própria).

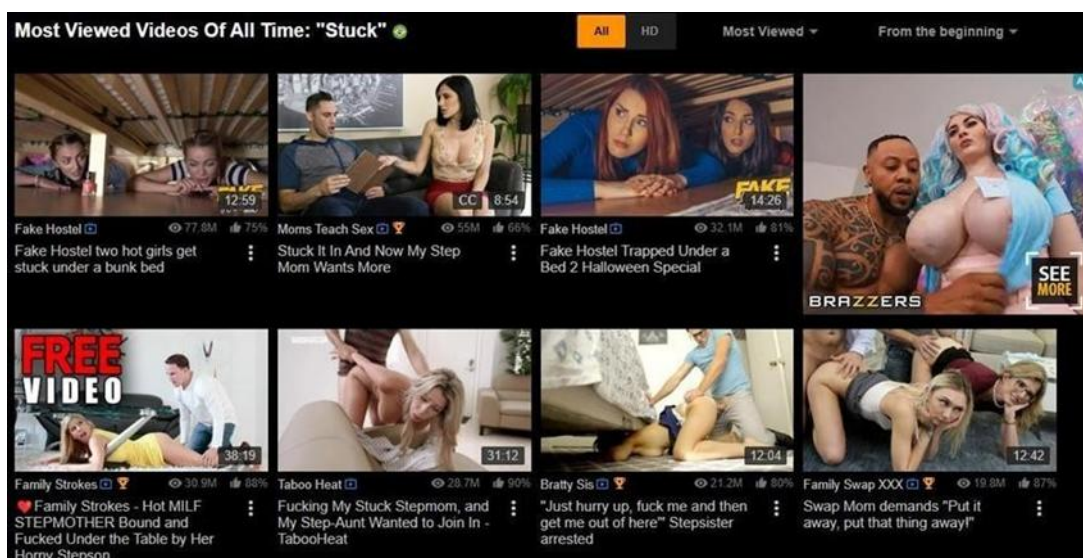
Além disso, há um forte apelo à violência sexualizada, como demonstram títulos que destacam agressões explícitas (*Face fucked, slapped and eats ass*, ou seja, "Fodida no rosto, esbofeteada e come bunda", tradução própria) e a repetida referência a *face fucking* (prática onde a mulher é forçada a realizar sexo oral de forma intensa e frequentemente sem controle). O uso de palavras como "*surprise face fuck*" ("foda no rosto surpresa", tradução própria) em um vídeo que menciona explicitamente uma "assistente de 18 anos" evidencia uma tentativa de erotizar contextos que, no mundo real, poderiam facilmente ser interpretados como situações de coerção ou abuso. A menção constante a mulheres "novas", "pequenas" e recém-adultas (*Little Lana*, *My 18-year-old assistant* e *Little Lily Glee*) revela uma obsessão com a juventude

feminina, frequentemente associada a um fetiche pela vulnerabilidade e inexperiência, o que reforça a dinâmica de poder entre os gêneros.

A pornografia veiculada no Pornhub muitas vezes retrata as mulheres em papéis objetificados durante as interações sexuais. Essas representações podem incluir cenas de dominação masculina, linguagem depreciativa, ou práticas que evidenciam desigualdades de poder entre os gêneros. A ênfase em atitudes e comportamentos que rebaixam as mulheres não apenas sexualiza a submissão feminina, mas também perpetua estereótipos prejudiciais sobre o papel e a autonomia das mulheres na sociedade.

O cultivo desse tipo de representação contribui para a formação de hábitos de excitação que vão além do estímulo visual das cenas sexuais. Ao incorporar elementos de degradação das mulheres, a pornografia no Pornhub e em plataformas semelhantes cria uma associação entre prazer sexual e a inferiorização das mulheres. Isso pode moldar a percepção e as expectativas dos consumidores de pornografia, influenciando suas atitudes em relação aos papéis de gênero na intimidade.

Figura 33 – *Stuck Porn*



Fonte: Pornhub.com, 2019.

A imagem evidencia a popularidade da categoria "*Stuck Porn*", um subgênero no qual mulheres são retratadas presas em situações absurdas e vulneráveis, como debaixo de camas, em móveis ou entre objetos, e então submetidas a atos sexuais. Títulos como *Fake Hostel - Two hot girls get stuck under a bunk bed* ("Fake Hostel - Duas garotas gostosas ficam presas sob um beliche", tradução própria) e *Fake Hostel Trapped Under a Bed - Halloween Special* ("Fake Hostel - Presa sob uma cama - Especial de Halloween", tradução própria) sugerem uma situação de vulnerabilidade feminina que é erotizada para o público.

Além disso, a recorrência de enredos envolvendo relações familiares simuladas é preocupante. Vídeos como *Stuck It In And Now My Step Mom Wants More* ("Coloquei dentro e agora minha madrasta quer mais", tradução própria) e *Fucking My Stuck Stepmom, and My Step-Aunt Wanted to Join In* ("Fodendo minha madrasta presa, e minha tia de consideração quis se juntar", tradução própria) reforçam o fetiche incestuoso, que tem sido cada vez mais explorado pela pornografia online. Esses conteúdos não apenas alimentam fantasias tabu, mas também podem normalizar a ideia de coerção sexual dentro da dinâmica familiar, um contexto onde o abuso real muitas vezes ocorre.

Outro aspecto alarmante é a relação entre *stuck porn* e a erotização da não-consensualidade. O título *Just hurry up, fuck me and then get me out of here - Stepsister arrested* ("Apenas se apresse, me foda e depois me tire daqui - Meia-irmã presa, tradução própria") sugere uma narrativa em que a mulher, apesar de estar inicialmente relutante ou em uma situação indesejada, acaba cedendo à relação sexual. Essa dinâmica reforça a cultura da desconsideração do consentimento e pode influenciar a maneira como o público percebe e responde a sinais de hesitação ou resistência em situações sexuais reais.

A persistência desse tipo de conteúdo no Pornhub revela uma indústria que se aproveita da vulnerabilidade feminina como fonte de excitação, estabelecendo uma conexão problemática entre dominação, coerção e desejo sexual. A normalização dessas narrativas pode ter consequências graves no comportamento dos consumidores de pornografia, especialmente jovens que utilizam esses conteúdos como referência para sua educação sexual. Esse cenário exige uma reflexão mais profunda sobre os impactos da pornografia na forma como a sociedade enxerga o sexo, o consentimento e o papel das mulheres nas relações íntimas.

Essa dinâmica indica que a pornografia, ao invés de ser apenas uma expressão de sexualidade diversificada, muitas vezes se torna uma ferramenta que legitima e erotiza as relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Portanto, ao examinar o conteúdo disponível no Pornhub, é crucial considerar como essas representações contribuem para a construção social da sexualidade e para as percepções sobre as relações de gênero na sociedade em geral. A pornografia, em outras palavras, ensina magistralmente aos homens, de acordo com a crítica radical, não apenas que as mulheres existem simplesmente para seu prazer, mas que elas desfrutem da servidão, violência e até tortura — retratando assim uma romantização da dominação, submissão e degradação e reforçando assim o desafio/convite à subjugação das mulheres (Bart, 1985)⁷⁰. Como Russo (1998) afirma, as feministas antipornografia não atacam

⁷⁰ Para Gracyk (1987), as representações pornográficas devem ser abordadas em termos de "atitude pornográfica", no sentido de compreender todo o contexto da representação e não apenas o seu sujeito. Assim, o julgamento caso

os materiais sexuais em si, mas as estruturas e dinâmicas de desigualdade sexual, maus tratos, abuso e violência que deles resultam, relação à produção, distribuição e consumo de pornografia.

É importante ressaltar que as críticas não estão dirigidas à pornografia em si, mas sim à indústria pornográfica capitalista e à forma como ela molda a representação sexual. A questão central não é a expressão consensual da sexualidade, mas sim a maneira como a busca por lucro na indústria pornográfica muitas vezes resulta na criação e promoção de conteúdos que reforçam estereótipos prejudiciais de gênero e perpetuam dinâmicas de poder desiguais. Ao focalizar exclusivamente no aumento dos lucros, a indústria pode negligenciar considerações éticas e responsáveis, contribuindo assim para a produção de material que não apenas sexualiza a objetificação feminina, mas também influencia as percepções sociais sobre as relações de gênero. Portanto, uma análise crítica deve direcionar suas preocupações não contra a sexualidade em si, mas sim contra a exploração capitalista que frequentemente distorce e compromete a diversidade e a equidade na expressão sexual.

Por isso e por Dines (2010)⁷¹, uma vez examinadas e destacadas as formas como a indústria pornográfica opera no quadro de uma economia capitalista, então será perfeitamente compreendido que os pornógrafos não estão de todo interessados na libertação sexual e no empoderamento, mas sim em aumentar os seus lucros. E o problema que Dines (2010) foca é o sucesso da indústria pornográfica em identificar o sexo com a pornografia, de modo que qualquer pessoa que se oponha à pornografia também é considerada anti-sexo. O exemplo/analogia que ele usa é que se alguém critica os alimentos pouco saudáveis, industrializados do McDonald's com base em relações de trabalho exploratórias, isso não significa que seja anti-comida em geral. Assim, ao perpetuar ou construir mitos depreciativos sobre as mulheres para obter ganhos financeiros, a indústria pornográfica trata a categoria das mulheres apenas como um meio e não como indivíduos de um grupo social, reduzindo assim todos os seus membros a uma categoria inferior à da condição humana plena numa categoria não de sujeito, mas de objeto (Hill, 1987).

Ou seja, na cultura da pornografia comercial, a objetificação do corpo feminino como campo de satisfação de fantasias sexuais que remetem à escravização da mulher, é subproduto

a caso ajudará a evitar a censura de obras e materiais sexualmente explícitos que não seriam considerados censuráveis. Além disso, o argumento de que a representação sexual pode ser uma fonte de poder e autoridade mostra que a leitura da pornografia é enquadrada de formas bastante diferentes, até mesmo contraditórias, e não constitui necessariamente um “perigo” para as mulheres e uma área de regulação.

⁷¹ Gail Dines, após a morte de Andrea Dworkin, é talvez a figura mais icônica do movimento antipornografia atualmente.

de uma estetização e “idealização” do corpo, sexo e violência num contexto de “desnaturalização do sexo” onde a alegria do próprio ato sexual é gradualmente perdida. Por outras palavras, a objetivação é considerada uma condição necessária para o olhar erótico (Attwood, 2004), o que, no entanto, ocorre numa cultura narcisista onde o corpo é amplamente representado como um objeto de exibição e uma componente chave do eu comercializável. Neste sentido, a visão radical de que as pessoas são objetivadas na pornografia não deve, segundo Toolin (1983), ser vista tanto como um problema da sociedade a ser resolvido, mas como um sintoma mais geral de alienação social, declínio moral e cultural. Neste contexto, a conhecida filósofa norte-americana Martha Nussbaum (1995) postula sete conceitos diferentes envolvidos na ideia de objetivação, nenhum dos quais implica qualquer um dos outros. São eles: 1) instrumentalidade, onde o objeto é tratado como uma ferramenta para os próprios propósitos; 2) negação da autonomia, onde a autonomia e a autodeterminação não são suficientemente reconhecidas no objeto; 3) a inércia, onde o objeto não é reconhecido como agente de ação e capacidade de ação; 4) fungibilidade, onde o objeto é tratado como algo trocável com objetos do mesmo tipo ou de outros tipos; 5) a "violação" (violabilidade), onde o objeto é tratado como algo que não é entendido em termos de integridade, mas pode ser separado, quebrado ou fragmentado; 6) propriedade (propriedade), onde o objeto está sujeito à lógica da propriedade; e 7) negação da subjetividade (negação da subjetividade), onde o objeto é tratado como algo cuja experiência e sentimentos não precisam ser levados em conta.

Deve-se notar, entretanto, que a tipologia ideotípica de Nussbaum é uma abordagem mais analítica da objetificação do que aquelas encontradas em textos sobre pornografia e faz parte de uma visão mais geral do conceito. Nesse sentido, uma visão de Nussbaum sobre a objetificação na pornografia não constitui a equivalência quase automática de uma mulher com um objeto, mas a atribuição parcial/deficiente de subjetividade às mulheres (Assiter, 1996). É claro que avaliações abrangentes e unidimensionais do papel objetivado das mulheres na pornografia, e da incorporação e reprodução de valores patriarcais nela, não podem ser derivadas de análises detalhadas e completas de diversos textos pornográficos, nem todos dos quais são “obsceno, imoral, transcendente e carnavalesco” (Attwood, 2002). É por isso que Attwood (2004) considera que, apesar dos conceitos de pornografia e objetificação chamarem a atenção para os códigos e práticas características que indicam o sexo, as suas regras e a sua transgressão, pouco têm a dizer sobre a importância de todos isso em todos os momentos.

A discussão sobre a pornografia não deve ser desvinculada da indústria que a produz e comercializa. Ao abordar as críticas relacionadas à submissão e objetificação sexual, é crucial considerar o contexto de consumo e não isolar os filmes pornográficos de sua realidade de

prosuming. Smith (2007) destaca que a fixação nos conceitos de submissão e objetificação decorre muitas vezes do isolamento dos filmes como simples produtos cinematográficos. No entanto, é essencial lembrar dois parâmetros importantes: primeiro, a subjugação e a dependência podem ser percebidas em qualquer gênero de filme se outros códigos e parâmetros forem ignorados; segundo a análise monológica da submissão presume uma visão estática da pornografia, como se não estivesse sujeita a evoluções em sua concepção "original" e "básica".

Myers (1987) contribui para a discussão ao destacar a necessidade de diferenciar a objetificação da sexualidade feminina, advertindo contra a conclusão automática de que toda imagem desse tipo constitui apropriação, exploração mercantilizada e alienação. A crítica, segundo Myers, deve centrar-se na fetichização do corpo feminino em diversas manifestações da cultura visual ocidental, indo além do mero conceito de objetificação. Dessa forma, a análise deve incorporar a dinâmica da indústria pornográfica e sua relação com a perpetuação de padrões prejudiciais na representação visual.

Corretamente, então, Segal (1998) aponta que os argumentos feministas antipornografia são atraentes porque a maior parte da pornografia convencional incorpora as imagens mais abertamente sexistas. Baseia-se na crítica feminista radical da pornografia quando enfatiza enfaticamente que a pornografia tende a reduzir o sexo à penetração e ao orgasmo masculino, e as mulheres às partes sexualizadas do seu corpo (Shrage, 2002). Mais especificamente, através da pornografia, o corpo feminino é objetificado e fragmentado com a mesma estratégia, a sua sexualização e controle (Katz, 1988) — com imagens pornográficas no processo de construção das mulheres como objetos que isolam muitas vezes partes do corpo, especialmente femininas, os genitais, seios e nádegas (Heider; Harp, 2002). Assim, nos termos de Andrea Dworkin (1981), a objetificação sexual, cuja consequência inevitável é a ereção, constitui um sistema avaliativo que tem a ejaculação como seu fim inevitável.

Por outro lado, e de acordo com Bernstein (2004), todas as práticas sexuais humanas que valem a pena contêm momentos de objetificação, agressão e até comportamento animalesco — momentos de prazer extático que também podem ser entendidos como desengajamentos enfáticos de quaisquer regras culturais⁷². Boulton (2008) considera que não destacar, mesmo de forma crítica, os prazeres da objetificação sexual e da fetichização do corpo humano leva a crítica feminista radical ao duplo risco de tanto marginalizar o seu argumento, como absorver,

⁷² A investigação de Ray e Rosow (2010) confirma que quando um sistema institucional normativo está alinhado com os valores hegemônicos prevalecentes, então é mais provável que ocorra a objetificação sexual.

conectar ou mesmo e expulsá-la pelo cristianismo, movimento antipornografia⁷³. Essa discussão destaca a importância de abordar a diversidade de experiências e perspectivas dentro do debate sobre pornografia, reconhecendo que as práticas sexuais humanas são multifacetadas e podem envolver uma variedade de dinâmicas, tanto positivas quanto negativas.

2.2.2 Pornografia na internet, PornHub e questões regulatórias

No Brasil, a legislação sobre pornografia se concentra principalmente nos aspectos de consentimento e na proteção de menores. A produção, distribuição e posse de material pornográfico que envolva crianças e adolescentes são expressamente proibidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), refletindo a preocupação do ordenamento jurídico com a integridade e o bem-estar dos menores. Por outro lado, a pornografia envolvendo adultos é permitida, desde que haja consentimento expresso das partes envolvidas e que o conteúdo não infrinja outras normas legais.

Apesar da legalidade da produção de conteúdo adulto, a indústria pornográfica no Brasil não possui uma regulamentação específica, sendo tratada como uma atividade comercial sujeita às leis gerais de produção e distribuição de conteúdo audiovisual. Essa ausência de um marco regulatório específico gera desafios tanto para os profissionais do setor quanto para o Estado, especialmente no que se refere à fiscalização e à garantia de condições adequadas de trabalho para aqueles que atuam na produção desse tipo de material.

No ambiente digital, a legislação brasileira não impõe restrições diretas ao acesso à pornografia online, mas prevê mecanismos para proteger menores de idade e combater a disseminação de material considerado obsceno. O Marco Civil da Internet e o Código Penal possibilitam ações contra a disponibilização de conteúdo ilegal, incluindo materiais que violem normas sobre exploração sexual e consentimento. Assim, embora não haja censura explícita, dispositivos legais podem ser acionados para coibir abusos e garantir que o consumo desse tipo de conteúdo ocorra dentro dos limites estabelecidos pela legislação vigente.

Dessa forma, o tratamento legal da pornografia no Brasil busca equilibrar a liberdade individual e a proteção de direitos fundamentais, especialmente os que envolvem crianças e adolescentes. A ausência de regulamentação específica para a indústria pornográfica, contudo,

⁷³ O movimento mencionado, representado de maneira mais ampla pela direita cristã, tem suscitado e continua a suscitar várias questões relacionadas ao sexo, à pornografia e ao corpo. Destaca-se, por exemplo, que seu embate com as forças LGBTQ+ trouxe o próprio conceito de corpo para o centro do debate mais amplo sobre a concepção de nação (Patton, 1998).

evidencia a necessidade de um debate mais amplo sobre o tema, considerando os impactos sociais, econômicos e jurídicos da produção e circulação de conteúdo adulto no país.

Mesmo que as questões regulatórias brasileiras sejam escassez é possível pensar no tema usando as diretrizes do próprio Pornhub, sendo um site pornográfico com uma das melhores⁷⁴ mediações entre segurança de usuários e produtores. O Pornhub destaca seu compromisso em ser um espaço seguro para criadores e usuários compartilharem e consumirem conteúdo adulto. Para garantir a segurança da comunidade e a integridade da plataforma, são adotadas medidas rigorosas, incluindo a conformidade de todo o conteúdo com os Termos de Serviço. Uma visão geral das políticas relevantes foi fornecida para auxiliar os usuários a compreenderem o que é permitido ou não na plataforma. Cabe ressaltar que essa visão geral não é exaustiva, e políticas mais detalhadas sobre conteúdo proibido estão disponíveis para leitura (Pornhub, Community Guidelines, 2023).

Dentre as restrições (Pornhub, Community Guidelines, 2023), destacam-se proibições para conteúdos ilegais, como atividades ilegais, envolvimento de menores, tráfico humano e crueldade animal. Além disso, são vetados conteúdos não consensuais, como atos não autorizados, gravação ou distribuição de material íntimo sem consentimento, e exposição não autorizada de informações privadas. O Pornhub também combate conteúdos prejudiciais, como assédio, discurso de ódio, promoção de terrorismo, glorificação de atos de automutilação ou suicídio, distúrbios alimentares e outros comportamentos inseguros.

No cenário do Pornhub, a plataforma faz alarde sobre seu compromisso com a segurança dos usuários, apresentando-se como um espaço de compartilhamento de conteúdo adulto que implementa diversas medidas para preservar a integridade da comunidade e da plataforma. Essa suposta ênfase na aplicação rigorosa dos Termos de Serviço, garantindo a conformidade de todo o conteúdo carregado, é apresentada como um pilar fundamental. Entretanto, o resumo oferecido aos usuários sobre o que é permitido ou não parece ser uma visão superficial das complexas políticas da plataforma. Incitando os usuários a explorarem as políticas completas, o Pornhub sutilmente transfere a responsabilidade para os próprios usuários, em vez de fornecer transparência e clareza adequadas sobre as regras e regulamentos.

A insistência na operação 24/7 da equipe de moderação humana é destacada como uma prioridade constante, mas, considerando as constantes notícias sobre falhas na plataforma, surge a questão da eficácia real dessas operações. A comunidade é incentivada a relatar conteúdos

⁷⁴ Mesmo com todas as notícias expondo a MindGeek e o Pornhub como empresas extremamente abusadoras, ainda assim o Pornhub é um dos únicos sites pornográficos que tende a priorizar a segurança do usuário e a suposta segurança de trabalhadores do mercado de produção.

violativos, revelando a dependência da autorregulação e, novamente, questionando a eficácia das medidas proativas do Pornhub. Em vários casos essa assistência não funciona e muitos são os vídeos denunciados que levam semanas ou até meses para serem tirados do ar mesmo com múltiplas denúncias de vários usuários.

A empresa também “vende” em suas diretrizes sua parceria com ferramentas automatizadas (PornHub, Community Guidelines, 2023), como CSAI Match, PhotoDNA e Content Safety API, é apresentada como um avanço tecnológico. No entanto, a colaboração com empresas terceirizadas como Safer da Thorn e MediaWise® da Vobile levanta preocupações sobre a independência dessas ferramentas e a verdadeira autonomia do Pornhub em supervisionar seu próprio conteúdo. A alegação de empregar tecnologias proprietárias, como Safeguard, e métodos de estimativa de idade para prevenir conteúdo prejudicial, pode ser interpretada como uma resposta reativa a críticas, e a falta de detalhes sobre essas tecnologias levanta questionamentos sobre a eficácia real.

Em última análise, o discurso do Pornhub sobre segurança parece ser mais uma tentativa de relações públicas do que uma demonstração convincente de medidas efetivas. O comprometimento proclamado com a segurança dos usuários parece requerer uma avaliação mais crítica diante das crescentes preocupações e controvérsias em torno da plataforma.

Embora o Pornhub reitere seu compromisso com a segurança e a integridade, é essencial abordar o cenário crítico que surge em meio a notícias frequentes sobre falhas na plataforma. A promessa de ser um "espaço seguro" para criadores e usuários é constantemente testada, principalmente quando se observa a natureza sensível de muitos conteúdos disponíveis.

A plataforma destaca a proibição de conteúdo ilegal, incluindo atividades ilícitas e envolvimento de menores, mas relatos recorrentes indicam a presença de material questionável que escapa aos mecanismos de controle. Questões relacionadas à proteção da privacidade e ao consentimento, especialmente em relação à distribuição não consensual de conteúdo íntimo, têm sido um ponto focal das críticas. Além disso, a abordagem da plataforma em relação ao combate a práticas prejudiciais, como assédio e discurso de ódio, pode ser questionada diante de situações em que tais comportamentos não são devidamente contidos. A glorificação de temas sensíveis, como automutilação, suicídio e distúrbios alimentares, desafia a promessa de um ambiente seguro.

A gestão de conteúdo inautêntico, incluindo spam e desinformação, também merece escrutínio, considerando os desafios contemporâneos associados à disseminação de informações enganosas online. A eficácia das medidas contra a promoção de serviços sexuais remunerados, incesto, material com fezes ou vômito e uso de drogas injetáveis é outro aspecto

que levanta questões quanto à efetividade das políticas. Em resumo, a narrativa de um Pornhub seguro enfrenta desafios constantes, destacando a necessidade de uma revisão contínua das práticas e políticas da plataforma, bem como a implementação de medidas mais robustas para garantir um ambiente online verdadeiramente seguro e respeitoso.

Palczewski (2001) aponta acertadamente que antes de qualquer tipo de análise da controvérsia sobre a pornografia deve haver uma compreensão clara da dinâmica da definição, porque uma vez que uma determinada definição é “aceita”, então um curso específico espera-se que a ação seja seguida. Por exemplo, se a pornografia é uma forma de obscenidade, então devem ser impostas sanções criminais contra todos os envolvidos na sua produção e utilização. Se a pornografia é uma forma de expressão, então deveria ser incentivada numa sociedade que valoriza a liberdade de expressão. Embora, finalmente, se a pornografia constitui a subjugação das mulheres, então devem ser aplicadas sanções civis e criminais contra aqueles que prejudicam as mulheres. No entanto, cada caso também constitui um processo separado de conceituação da pornografia, onde um texto cultural é, em última análise, entendido como "pornográfico" através de ações de categorização e de arranjos legislativos ou regulatórios - isto é, o que Kendrick (1987) chamará "pequeno melodrama perene".

2.3 O SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO PORNHUB

Desde o seu surgimento em 2007, o Pornhub emergiu como uma força dominante na paisagem global da pornografia, influenciando não apenas a indústria do entretenimento adulto, mas também a cultura *mainstream* em geral. Ao desafiar as convenções tradicionais e transformar a percepção da pornografia de algo privado para uma forma de entretenimento amplamente acessível através de dispositivos móveis, o site canadense alcançou um sucesso fenomenal. No entanto, esse sucesso não veio sem uma série de controvérsias e críticas. Enquanto o Pornhub liderava a transição da pornografia física para o conteúdo online gratuito, ele se viu no centro de debates sobre segurança, moralidade e ética comercial. A eliminação dos antigos modelos de pagamento por acesso a conteúdo pornográfico em favor de um acesso mais amplo e gratuito levantou preocupações sobre a desvalorização da indústria pornô e a sua sustentabilidade econômica a longo prazo.

A situação atingiu um ponto crítico em 2021, quando o Pornhub enfrentou acusações de hospedar e lucrar com conteúdo ilegal, incluindo pornografia infantil e vídeos não consensuais. Essas alegações desencadearam uma resposta significativa da plataforma, com a remoção de centenas de milhares de vídeos e a implementação de medidas mais rigorosas de moderação e verificação de conteúdo. No entanto, as repercussões dessas ações continuam a

ecoar na indústria, com muitos questionando a eficácia das mudanças e o compromisso real do Pornhub com a responsabilidade e a segurança dos seus usuários. À medida que a indústria pornô enfrenta pressões crescentes de reguladores e legisladores, especialmente nos Estados Unidos, o futuro do Pornhub e da empresa-mãe, MindGeek, permanece incerto. Este período de mudança pode muito bem representar um ponto de viragem crítico para o site e para a indústria como um todo, obrigando a uma reavaliação de práticas comerciais e padrões éticos.

Figura 34 – Logo original do Pornhub em 2007



Fonte: SexTech.com⁷⁵, 2020.

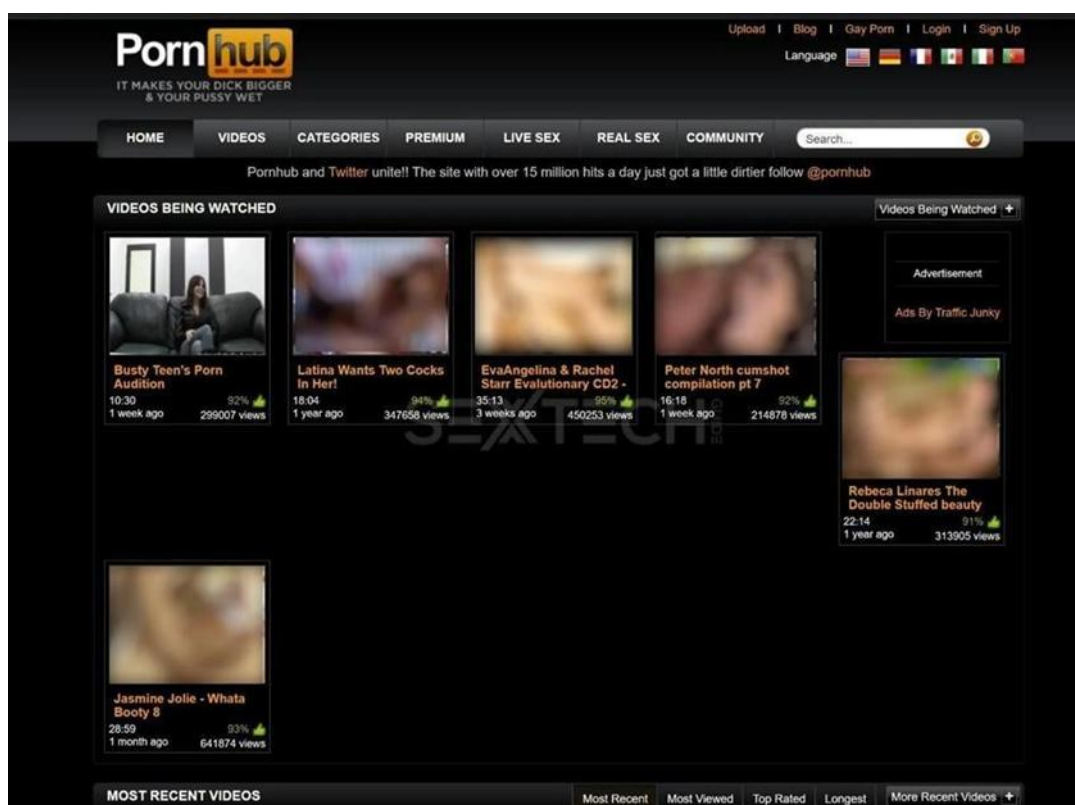
No cenário pré-2007, a pornografia online era predominantemente acessada através de métodos pagos, como assinaturas de sites, a compra de DVDs em lojas virtuais ou locação em videolocadoras, além das clássicas revistas pornográficas. No entanto, em um movimento disruptivo, um grupo de quatro amigos da Universidade Concordia, em Montreal, fundou um projeto revolucionário: o Pornhub. Stephane Manos, Ouissam Youssef, Feras Antoon e Matt Keezer foram as mentes por trás da empreitada, com Keezer adquirindo o domínio Pornhub por uma quantia relatada de \$2.750. Antes mesmo do lançamento do Pornhub em 25 de maio de 2007, esses amigos já haviam se aventurado em outros empreendimentos na indústria, incluindo o estúdio pornô e site de assinatura Brazzers, fundado em 2005. Com o Pornhub, inicialmente operando sob o nome da empresa Interhub, os fundadores decidiram inovar, concentrando-se nas categorias de pornografia que mais ressoavam com os usuários online.

O Pornhub adotou uma abordagem única, permanecendo gratuito para acesso (embora oferecesse uma opção de assinatura Premium), financiando-se principalmente por meio de anúncios em banners exibidos ao lado dos vídeos pornográficos, categorizados em seções como 'seios grandes' e 'MILFs', que rapidamente se tornaram algumas das mais populares. O sucesso foi imediato, com o site registrando um milhão de visitas diárias dentro de apenas sete meses após o lançamento.

⁷⁵ “PornHub.com, deixa seu pênis maior” (tradução própria)

No entanto, o crescimento rápido e a popularidade do Pornhub não vieram sem controvérsias. Logo após o lançamento, surgiram acusações de plágio, com o site sendo acusado de plagiar vídeos de outros sites pornôns. Essas acusações, juntamente com alegações de violações de direitos autorais, seguiram o Pornhub por anos, às vezes até chegando aos tribunais. Esta história de sucesso e controvérsia lançou luz sobre os desafios e as complexidades da indústria da pornografia online.

Figura 35 – Interface do site em 2010



Fonte: SexTech.com, 2020.

Em 2010, a Interhub, empresa sob a qual operava o Pornhub⁷⁶, juntamente com a Mansef, que era responsável por outros sites pornográficos operados pelos quatro amigos fundadores, foram vendidas por aproximadamente US \$140 milhões. O comprador foi Fabian Thylmann, um empresário alemão. Thylmann expandiu seus interesses adquirindo outros sites pornográficos e os consolidou sob uma nova empresa chamada Manwin, que mais tarde foi renomeada como MindGeek. Esta última continua sendo a empresa controladora do Pornhub até 2024 (PornHub.com).

⁷⁶ Nesse mesmo ano, o Pornhub já contava com mais de 100.000 vídeos em seu acervo e registrava mais de 10 milhões de visitas diárias em sua plataforma.

Durante a década que teve início em 2010, o Pornhub conseguiu popularizar ainda mais o consumo de pornografia, tanto em termos de estatísticas de consumo quanto de aceitação geral. A estratégia de marketing do site era descontraída, sem vergonha e divertida, contrastando com o tom obscuro e agressivo frequentemente associado ao setor. Críticos argumentariam que isso nem sempre era refletido nos vídeos do Pornhub, e que por trás de uma fachada de marketing descontraída, conteúdo problemático era permitido proliferar no site.

Em 2011, a Manwin comprou o YouPorn, um dos maiores concorrentes do Pornhub, que permanece um dos sites pornográficos mais populares do mundo. Dois anos depois, a Manwin adquiriu o RedTube, outro site pornográfico extremamente popular. Em fevereiro de 2012, o Pornhub testemunhou um notável crescimento para 25 milhões de visitas diárias, reforçando sua posição como uma potência na indústria do entretenimento adulto online. No entanto, enquanto o site se esforçava para expandir sua presença, suas táticas de marketing muitas vezes levantavam questões sobre ética e responsabilidade social.

O lançamento do "*Boob Bus*" em Nova York exemplifica essa dualidade. Embora a iniciativa tenha sido apresentada como uma campanha de conscientização sobre o câncer de mama, houve críticas em relação à sua abordagem. O uso de humor e provocação em torno de uma questão séria como a saúde feminina pode ser percebido como insensível ou até mesmo ofensivo por algumas pessoas. Além disso, o envolvimento de uma estrela pornô como porta-voz da campanha levanta questões sobre a exploração da imagem feminina e a perpetuação de estereótipos de gênero na indústria do entretenimento adulto.

Além disso, é importante reconhecer que o Pornhub não está isento de críticas em relação à sua responsabilidade em relação ao conteúdo hospedado em sua plataforma. A pornografia muitas vezes é associada a problemas como a exploração sexual, o tráfico de pessoas e a representação negativa das mulheres e de outras minorias. Portanto, enquanto o Pornhub pode tentar se apresentar como uma empresa preocupada com questões de saúde e bem-estar, é fundamental questionar suas práticas mais amplas e seu impacto na sociedade. Em resumo, embora o "*Boob Bus*" possa ter sido uma tentativa de associar o Pornhub a uma causa nobre, sua implementação levanta questões mais amplas sobre a responsabilidade social e ética da empresa, bem como sobre a representação da sexualidade e da saúde feminina na cultura contemporânea.

Figura 36 – Bree Olsen



Fonte: SexTach.com, 2020.

Em agosto de 2012, o Pornhub deu mais um passo em direção à modernização ao começar a hospedar vídeos em alta definição (HD), promovendo uma experiência visual mais imersiva para seus usuários. Pouco depois, em setembro de 2013, lançou seu programa de pagamento para amadores, oferecendo uma oportunidade para artistas pornôs ganharem dinheiro com os vídeos que carregavam no site. Este movimento foi uma tentativa de capitalizar o crescente mercado de conteúdo amador e proporcionar uma fonte de renda para aqueles que desejavam compartilhar seu próprio material erótico.

No entanto, mesmo com esses avanços, o Pornhub e outros sites do gênero ainda enfrentavam desafios significativos em relação à sua reputação e segurança. Em 2013, o *rebranding* da empresa por trás do Pornhub, de Manwin para MindGeek, não conseguiu afastar completamente a associação com vírus de computador potencialmente prejudiciais e anunciantes sem escrúpulos. O especialista em segurança Conrad Longmore relatou que os usuários do Pornhub, assim como de outros sites pornográficos populares, estavam em risco de serem infectados por *malware* prejudicial através de anúncios no site.

Apesar dessas preocupações, a popularidade do Pornhub continuou a crescer exponencialmente. Em fevereiro de 2015, o site atingiu a marca impressionante de 50 milhões de visitas diárias. Este aumento pode ter sido impulsionado em parte pelo envolvimento de figuras públicas, como o rapper Coolio, que se tornou uma espécie de embaixador do Pornhub em 2014 ao lançar a música "*Take it to the Hub*"⁷⁷. No entanto, enquanto o Pornhub se esforçava para atrair mais público e expandir sua influência, persistiam questões sobre segurança, ética e o impacto mais amplo da indústria pornô na sociedade.

⁷⁷ "Leve ao Hub" (tradução própria)

Figura 37 – Videoclipe de *Take it to the Hub*



Fonte: Pornhub.com, 2020.

Em 2015, o Pornhub inovou ao criar uma forma de associar-se a causas e tópicos dignos de destaque: o Pornhub Cares. O tom desses esforços de marketing era em grande parte irônico, desde iniciativas baseadas em como se masturbar de maneira ambientalmente sustentável, até guias para uma relação sexual mais segura durante a pandemia de Covid-19. No verão de 2016, o Pornhub deu um passo adiante ao se juntar ao setor pornográfico que muitos acreditam representar o seu futuro, estreando vídeos de pornografia em realidade virtual no site.

No entanto, uma visão menos lisonjeira do site surgiu na série de documentários em podcast *"The Butterfly Effect"*, lançada em 2017 pelo escritor britânico Jon Ronson. Esta série proporcionou uma análise brilhantemente executada e centrada nas pessoas, oferecendo uma visão íntima da indústria de filmes pornográficos nos Estados Unidos. Ronson examinou como os sites de pornografia gratuita, principalmente o Pornhub e outras marcas da MindGeek, haviam forçado os criadores de pornografia a se adequar a termos de pesquisa e categorias de sites pornográficos, resultando na produção de um volume muito maior de conteúdo do que antes do surgimento do Pornhub. O que muitos veem como uma prestação de contas ética do Pornhub teve início em 2020. Em dezembro daquele ano, uma investigação do *New York Times* alegou que crianças haviam aparecido em conteúdo do Pornhub, e que o site permitia a presença de conteúdo violento. Essas revelações geraram um debate público sobre a responsabilidade do Pornhub na moderação do conteúdo e nas práticas éticas da indústria pornográfica como um todo.

Desde essa acusação, várias mulheres processaram o Pornhub nos Estados Unidos, rotulando o site como uma “empresa criminosa” que, segundo elas, violou as leis de tráfico sexual. Políticos dos EUA têm pressionado por mudanças na legislação para tornar sites como

o Pornhub mais legalmente responsáveis pelo conteúdo que hospedam, e para fortalecer as regras de consentimento e verificação. Em paralelo com esse aumento de pressão, empresas de cartão de crédito têm sido rigorosas com os bancos que trabalham com sites pornográficos. Essas ações refletem uma crescente conscientização sobre a responsabilidade das plataformas online em relação ao conteúdo que hospedam, bem como um reconhecimento das sérias consequências do tráfico sexual e da exploração na internet (New York Times, 2020).

Em meio a alegações graves, o Pornhub e sua empresa controladora, MindGeek, enfrentam um turbilhão de processos legais. Trinta e quatro mulheres acusam a empresa de explorá-las ao hospedar vídeos explícitos sem consentimento, classificando o site como um "empreendimento criminoso". O processo, movido na Califórnia em junho, aponta violações da Lei de Proteção às Vítimas de Tráfico e Violência de 2000 dos Estados Unidos, além de acusações de exploração infantil, extorsão e divulgação indevida de informações privadas.

As respostas do Pornhub às acusações foram rápidas e contundentes, rejeitando veementemente as alegações como "absurdas, irresponsáveis e falsas". Enquanto isso, relatos revelam histórias dolorosas, como o de uma mulher cujo vídeo íntimo, filmado sem seu consentimento aos 17 anos, foi viralizado na plataforma, resultando em sérias consequências emocionais e sociais para ela. O escritório de advocacia que lidera o processo descreve-o como um "caso emblemático", destacando os lucros que o Pornhub e a MindGeek teriam obtido com conteúdo de exploração sexual, estupro e tráfico humano. Essas alegações lançam uma sombra sobre a indústria pornô online, destacando questões urgentes sobre o consentimento, a responsabilidade corporativa e a proteção das vítimas (New York Times, 2020).

Esses eventos tumultuados não são isolados. Em 2020, uma investigação do *New York Times* expôs a presença de crianças em vídeos explícitos hospedados no Pornhub, desencadeando uma revisão urgente dos processos de moderação e remoção de conteúdo da plataforma. Contudo, para as vítimas e seus defensores, essas medidas são vistas como reativas e insuficientes diante da gravidade das alegações. Nesse ambiente de crescente escrutínio, advogados e legisladores estão pressionando por mudanças significativas na regulamentação da pornografia online, buscando responsabilizar os gigantes do setor por práticas prejudiciais e exploração. Enquanto o Pornhub reitera sua "tolerância zero" para conteúdo ilegal, a batalha legal e moral em torno do site está longe de terminar, lançando luz sobre questões profundas de justiça, segurança e dignidade humana na era digital.

Em 18 de dezembro de 2020, um projeto de lei bipartidário denominado Stop Internet Sexual Exploitation Act (SISEA) (Stop Internet Sexual Exploitation Act. 116th Congress, 2019-2020) foi apresentado nos Estados Unidos. Se implementado, o projeto de lei teria

enormes consequências para sites e serviços de pornografia, e potencialmente para trabalhadores sexuais que os utilizam. O projeto de lei, em suas próprias palavras, foi projetado "para evitar o upload de imagens pornográficas para plataformas online sem o consentimento das pessoas nas imagens". Foi introduzido pelo senador do Oregon Jeff Merkley e pelo senador de Nebraska Ben Sasse. A intenção é ajudar a prevenir a exploração de trabalhadores sexuais e crianças online, além de evitar que pornografia com outras pessoas não consentidas seja enviada.

O projeto de lei abrange qualquer site que "hospede e disponibilize ao público imagens pornográficas" (Stop Internet Sexual Exploitation Act. 116th Congress, 2019-2020), portanto, potencialmente poderia abranger sites de mídia social que apresentam pornografia, em vez de apenas sites de pornografia dedicados. A lei exigiria que os sites garantissem que os usuários que enviam imagens pornográficas verifiquem suas identidades e que tenham idade suficiente para consentir em atos sexuais sob a lei do estado em que estão. Os enviadores teriam que enviar formulários de consentimento assinados por todos que aparecem no conteúdo.

Sites que hospedam pornografia teriam que manter uma linha direta telefônica 24 horas por dia, na qual as pessoas poderiam relatar que estão sendo apresentadas no site em imagens explícitas sem consentimento. Os sites teriam que remover o conteúdo relacionado a tais reclamações dentro de duas horas. Sites incapazes de financiar uma linha direta e uma equipe de verificação e moderação grande o suficiente para lidar com as medidas propostas correriam o risco de fechar. Sites menores, sem o poder de gasto da equipe de gigantes como o Pornhub, estariam mais em risco. De acordo com o projeto de lei, um banco de dados de pessoas que declararam que não consentem com o upload de qualquer imagem pornográfica em que apareçam seria estabelecido pelo governo. Os sites teriam que verificar se os indivíduos em seu conteúdo pornográfico não aparecem no banco de dados antes de enviá-lo.

O projeto de lei afirma que o governo dos Estados Unidos "protegeria as informações pessoalmente identificáveis de qualquer indivíduo listado no banco de dados". A proposta de lei seguiu a aprovação das leis Stop Enabling Sex Traffickers Act (SESTA) e Allow States and Victims to Fight Online Sex Trafficking Act (FOSTA) em abril de 2018, destinadas a reprimir o tráfico sexual através de sites como o Backpage.

As leis FOSTA/SESTA deram às autoridades dos EUA o poder de fechar qualquer site no qual serviços de acompanhantes são anunciados. O resultado foi uma paisagem online de 2021 na qual sites como OnlyFans e Reddit muitas vezes são rápidos em tomar medidas contra usuários e conteúdos vinculados ao trabalho sexual, mesmo que tal trabalho seja legal onde eles

estão. O senador Merkley sugeriu que uma investigação do *New York Times* sobre o conteúdo do Pornhub apresentando crianças influenciou o SISEA.

O senador Sasse (2020) disse em entrevista:

A dignidade humana importa. Uma sociedade decente tem a obrigação de combater a exploração sexual e o tráfico humano. Por anos, o Pornhub e sua empresa controladora, Mindgeek, lucraram com estupro, abuso e exploração infantil. Enquanto esses traficantes de terno enriqueciam, suas vítimas viveram com dor e medo. Isso tem que acabar agora. Nosso projeto de lei visa diretamente os monstros que lucram com o estupro. Washington deve ser capaz de se unir para combater o tráfico humano e corrigir isso (tradução própria).

O Pornhub está reformulando seu processo de verificação de usuários, proibindo novos *uploads* enquanto atualiza seus processos na tentativa de evitar violar regulamentos mais rígidos (New York Times, 2020).

Após os escândalos, o Pornhub atualizou suas políticas e agora deixa claro em suas diretrizes que:

No Pornhub, nada é mais importante do que a segurança de nossa comunidade e a confiança de nossos usuários. Nossos valores fundamentais, como inclusão e liberdade de expressão, só são possíveis quando nossa plataforma mantém sua segurança e integridade e pode ser confiada por nossos usuários adultos, assim como nossos parceiros de negócios e conteúdo. Permanecemos firmes em nosso compromisso de eliminar conteúdo ilegal, incluindo material íntimo não consensual e material de abuso sexual infantil (CSAM). Toda plataforma online compartilha essa responsabilidade, e requer ação coletiva, cooperação e vigilância constante. [...] Em abril de 2020, contratamos especialistas externos para revisar independentemente nosso programa de conformidade e fazer recomendações que se concentrem na eliminação de todo o conteúdo ilegal; nosso objetivo é alcançar um programa "de primeira classe" que estabeleça padrões de confiança e segurança na indústria para todas as plataformas de conteúdo gerado pelo usuário adulto.

No início de 2020, também nos registramos voluntariamente para relatar ao Centro Nacional de Crianças Desaparecidas e Exploradas (NCMEC) como parte de seu programa ESP. Na primavera de 2021, emitimos nosso primeiro relatório de transparência, que fornece mais informações sobre nossa abordagem de moderação, políticas relacionadas, parcerias e esforços de confiança e segurança. Planejamos produzir Relatórios de Transparência anuais daqui para frente. Mais detalhes sobre nossas políticas podem ser encontrados abaixo (tradução própria). (PornHub.com, 2020).

O Pornhub respondeu ao escrutínio reformulando seus processos de consentimento e verificação, além de remover centenas de milhares de vídeos. Enquanto isso, Bernd Bergmair, o proprietário majoritário da MindGeek em 2021, permaneceu misteriosamente nas sombras enquanto a controvérsia se desenrolava. Embora os EUA tenham implementado mudanças na legislação com potencial para afetar sites pornográficos de todos os tamanhos, a popularidade do Pornhub permaneceu aparentemente inabalada, com 130 milhões de visitantes diários registrados em abril de 2021 (Porn Hub Insights, 2022).

Contudo, por trás das estatísticas impressionantes e das reformas aparentemente positivas, pairam questões preocupantes sobre a natureza do conteúdo hospedado pelo Pornhub e suas ramificações. O escrutínio e as mudanças nos processos de verificação levantam a questão sobre quão eficaz é a plataforma na prevenção de conteúdo ilegal, como abuso sexual infantil e exploração. Afinal, a remoção de vídeos e a reformulação de processos podem ser apenas medidas paliativas, enquanto questões mais profundas sobre a responsabilidade e a ética permanecem sem resposta.

Além disso, a divulgação limitada sobre o proprietário majoritário da MindGeek, em meio a alegações sérias sobre o conteúdo hospedado, levanta preocupações sobre a transparência e a responsabilidade corporativa. A opacidade em torno das figuras de poder por trás do Pornhub pode sugerir uma falta de prestação de contas e um desequilíbrio de poder que afeta negativamente a segurança e o bem-estar dos usuários da plataforma. Enquanto o Pornhub continua a buscar manter sua posição como líder na indústria, é crucial questionar não apenas suas práticas atuais, mas também as implicações mais amplas de seu modelo de negócios e influência cultural. Afinal, a pornografia online não é apenas uma questão de entretenimento, mas também uma questão de segurança, ética e responsabilidade social.

CAPÍTULO 3 – PORNOGRAFIA COMO FORMA DE SEXUALIZAÇÃO: SEXISMO E PERFORMANCE DE GÊNERO

Neste último capítulo, busca-se abordar resultados potenciais no campo mais amplo da sexualidade e da realidade social, desde a transição da pornografia de algo "obsceno e fora da cena pública" para algo "na cena". Uma transição que resulta da acessibilidade essencialmente desimpedida à pornografia e que pode ser atribuída ao fenômeno mais geral da pornograficação, entendido como a proliferação de representações de sexo e sexualidade nos meios de comunicação de massa.

Neste contexto, o Pornhub emerge como um marco fundamental na consolidação desse fenômeno. Como uma das plataformas mais acessadas globalmente, o site não apenas democratizou o acesso à pornografia, mas também desempenhou um papel central na popularização e integração de práticas e discursos relacionados à pornografia na cultura dominante. Através de suas ferramentas, como categorias, algoritmos e insights estatísticos, o Pornhub molda e reflete a cultura pornográfica contemporânea, tornando-se uma peça-chave na compreensão de como o discurso sexual se inscreve nos meios de comunicação e nas tecnologias digitais.

Especificamente, a pornograficação envolve a integração de práticas e discursos verbais e racionais relacionados à pornografia nos âmbitos da cultura dominante, nos meios de comunicação de massa e nas novas tecnologias de informação. No caso do Pornhub, essa integração se manifesta em suas estratégias de marketing, nas narrativas promovidas em suas campanhas publicitárias e até mesmo em seus relatórios de consumo, que trazem à tona um retrato detalhado das preferências globais de seus usuários. Para além de uma tentativa geral de delimitar e conceituar esse fenômeno polissêmico e controverso, toda a discussão constitui também uma tentativa de explorar a redefinição da socialização sexual mediada pela inscrição de elementos do discurso pornográfico na cultura contemporânea.

Esse processo ocorre dentro de uma tendência mais ampla de sexualização da cultura, frequentemente atribuída à presença cada vez maior de representações sexuais mediadas, e mais recentemente pornográficas, na esfera pública. Isso contribui para a disseminação e expansão do discurso sexual. No entanto, essa tendência se torna ainda mais evidente no contexto do consumo digital, em que plataformas como o Pornhub desempenham um papel catalisador. A lógica algorítmica da plataforma, combinada com a facilidade de navegação e personalização da experiência do usuário, exemplifica como a sociedade contemporânea consome representações de sexualidade de maneira fluida e cada vez mais integrada ao cotidiano.

No âmbito da sociedade de consumo do espetáculo (Debord, 1972), em que o entretenimento permeia todos os aspectos da vida cotidiana, a pornografia ocupa uma posição central. O Pornhub, com sua vasta gama de conteúdos e sua abordagem altamente visual e "gamificada", exemplifica como a pornografia moderna adota formas sofisticadas para se alinhar à cultura dominante. O conceito de "cultura *strip*" (McNair, 2009) ilustra bem esse cenário, no qual a pornografia transcende os limites tradicionais e passa a compor um elemento essencial da mídia *mainstream*.

Além disso, a disponibilidade quase ilimitada de materiais de conteúdo sexual, promovida pela internet e reforçada pelo Pornhub, reflete a convergência de inovações tecnológicas e a proliferação de discursos sexuais. Essa acessibilidade também é alimentada pela existência de um público cada vez mais diversificado, que tem liberdade política, econômica e tecnológica para consumir e se engajar com esses materiais. Nesse cenário, o Pornhub não apenas disponibiliza conteúdo, mas também se posiciona como um agente ativo na "pornosfera" (McNair, 2009), representando um espaço onde o consumo e a produção de material pornográfico coexistem de maneira única.

De forma mais geral, o desenvolvimento tecnológico, representado por plataformas como o Pornhub, faz parte de um entusiasmo coletivo em que cada avanço é associado à promessa de uma experiência mais imersiva e personalizada. Essa "tirania das escolhas" oferecida pela cena pornográfica contemporânea é, ao mesmo tempo, reflexo e catalisador de padrões de consumo que saturam as sociedades modernas com o discurso sexual e a pornografia (Kammeyer, 2008). O Pornhub, nesse contexto, consolida-se como um símbolo da integração da pornografia ao *mainstream* cultural, ao mesmo tempo em que reforça narrativas sobre gênero, sexualidade e identidade que estão profundamente enraizadas na lógica de mercado e nas tecnologias digitais. Por fim, é necessário enfatizar que toda essa discussão sobre pornograficação está intrinsecamente conectada à construção social do conceito de pornografia como algo "inadequado". Contudo, o Pornhub, em seu papel central, exemplifica como essa construção é continuamente negociada, transformada e integrada à vida cotidiana, abrindo espaço para novas interpretações e debates sobre sexualidade, poder e tecnologia.

Referindo-nos ao conceito de sexualização, Wouters (1998) argumenta que este não é um processo que deveria ser erroneamente reduzido ao funcionamento do mercado e da mídia. Em vez disso, trata-se de um desenvolvimento complexo que se baseia na expansão do fluxo de informação e conhecimento, iniciada já no final do século XIX. Essa perspectiva permite compreender a sexualização não apenas como um reflexo do mercado, mas como um fenômeno histórico e cultural profundamente enraizado em transformações sociais mais amplas.

Podemos adotar aqui a lógica neoliberal, centrada na ideia de que os indivíduos são agentes racionais e autorreguladores de si mesmos, promoveu, nas últimas décadas, uma reconfiguração profunda dos mercados culturais — e a pornografia digital não foi exceção. No cerne dessa transformação está a mercantilização das práticas sexuais, que passaram a ser ofertadas não apenas como conteúdo erótico mas como serviços personalizados, subscrições, experiências de nicho e comunidades virtuais.

Em um modelo de economia da experiência, as plataformas pornográficas ampliam seu escopo para além do simples acesso a vídeos: lançam mão de algoritmos de recomendação, funcionalidades de *livestreaming* e formatos interativos (como câmeras *on-demand*⁷⁸ e realidades virtuais) para capturar a atenção e, sobretudo, a lealdade do usuário. Essa transição reflete a essência do capitalismo de plataforma, em que dados comportamentais são coletados, analisados e monetizados, definindo novos padrões de consumo e de regulação do desejo. Ao adotar práticas típicas das grandes corporações de tecnologia — precificação dinâmica, testes A/B de *thumbnails*, microtransações — as empresas pornográficas se inserem em cadeias globais de valor, competindo por fatias de mercado baseadas em inovação tecnológica e na capacidade de criar ecossistemas de consumo contínuo.

A dinâmica competitiva imposta pelo neoliberalismo acirra ainda mais a busca por diferenciação: enquanto plataformas consolidadas investem em infraestrutura para suportar altíssima demanda (servidores em nuvem, CDNs dedicados a *streams* de alta resolução), produtores independentes se organizam em *marketplaces* e redes de afiliados, oferecendo conteúdo exclusivo mediante assinaturas e *paywalls*. Assim, o mercado pornográfico digital se fragmenta em micro-nichos — movimentando desde a pornografia mainstream até expressões marginalizadas, como produções transgressoras, feministas ou queer — e promove o que se pode chamar de cidadania de consumo sexual: o direito (e o dever) de escolher, personalizar e pagar por aquilo que corresponde mais exatamente ao próprio gosto e identidade erótica.

Essa ênfase na autonomia individual — característica central do neoliberalismo — é, porém, atravessada por paradoxos. Se, por um lado, o usuário é convidado a exercer sua liberdade de escolha, por outro, a lógica de mercado impõe padrões homogêneos de *design* e classificação de conteúdo (*tags*, categorias, algoritmos), que tendem a reproduzir estereótipos e hierarquias já consolidados no imaginário coletivo. A promessa de empoderamento sexual, embalada por promessas de acesso ilimitado e anônimo, convive com mecanismos de vigilância e controle: perfis de consumo são monitorados, armazenados e, em muitos casos,

⁷⁸ “Em demanda”.

compartilhados com terceiros (redes sociais, anunciantes, empresas de crédito), expondo o usuário a riscos de privacidade e estigmatização.

Nesse cenário, cabe retomar o conceito de cidadão sexual (Weeks, 1998), que assume uma face ambígua: ao mesmo tempo em que desfruta de uma suposta liberdade de mercado para construir e performar sua sexualidade, ele se submete a uma regulação invisível, exercida por empresas transnacionais de tecnologia e pelos próprios regimes legais que tentam conter — sem nunca extinguir — o fluxo de material erótico online. A pornografia digital, assim, torna-se um laboratório privilegiado para estudar como o neoliberalismo opera na esfera íntima, estabelecendo novos contratos de governamentalidade sexual, nos quais o sujeito é responsável por gerenciar seu próprio corpo e prazer, mas dentro de um conjunto de “boas práticas” definidas por interesses comerciais.

Do ponto de vista metodológico, essa interseção entre neoliberalismo e mercado pornográfico exige uma análise que vá além da mera descrição de tendências de acesso ou de estatísticas de visualização. É preciso incorporar ferramentas de análise política da economia — por exemplo, estudar relatórios financeiros das empresas controladoras (como a MindGeek), mapear fluxos de receita por região geográfica e entender contratos de licenciamento de conteúdo — e compatibilizá-los com métodos etnográficos que captem a experiência subjetiva dos usuários: suas motivações, estratégias de resistência e percepções acerca das políticas de privacidade e dos termos de uso.

Ao integrar essa dimensão político-econômica às técnicas já delineadas (análise de conteúdo, discurso e etnografia digital), abre-se caminho para compreender como as transformações mercadológicas influenciam — e, por sua vez, são alimentadas por — as narrativas íntimas dos sujeitos. Por exemplo, observar como (e por que) certos nichos de conteúdo crescem desproporcionalmente em função de campanhas de marketing direcionadas em redes sociais, ou analisar como a figura do “performer” pornográfico se insere em lógicas de microcelebridade e *work-for-tips*, aproximando o estudo da pornografia digital de investigações sobre economia criativa e gênero.

Essas representações, amplamente difundidas por meio de plataformas digitais como o Pornhub, ampliam a abrangência da sexualização de mulheres ao vinculá-las a categorias específicas que priorizam a submissão, a fragilidade e a passividade. O Pornhub exemplifica como a mídia contemporânea utiliza estereótipos culturais para moldar os padrões de desejo. As categorias e palavras-chave da plataforma, orientadas por algoritmos que priorizam o engajamento do usuário, reproduzem essas normas ao posicionar mulheres como objetos centralizados na narrativa heteronormativa. Essa lógica reflete a perpetuação de estruturas

patriarcais que controlam a representação dos corpos femininos e reforçam papéis de gênero desiguais.

Temos o exemplo de Tom (2010) em seu estudo sobre líderes de torcida, onde observa que, embora atletas femininas de todos os tipos sejam sexualizadas, a figura da líder de torcida aparece com muito mais frequência em narrativas e representações pornográficas. Nessas representações, o foco recai sobre a subjugação sexual de líderes de torcida por atletas e torcedores masculinos, reforçando dinâmicas de poder e controle. No Pornhub, essa figura é centralizada em diversas categorias e se tornou um arquétipo dentro da pornografia digital, explorando o fetiche da liderança feminina subordinada à masculinidade dominante. As representações destacam uma narrativa em que as líderes de torcida são retratadas como desejáveis apenas na medida em que se alinham às fantasias masculinas, perpetuando a ideia de que sua identidade está inseparavelmente ligada à sua sexualidade.

Esse processo de sexualização, como destaca Lee (1994), constitui geralmente uma conceptualização de orientação heterossexual, ou seja, implica uma heterossexualização em que as mulheres aprendem a viver e disciplinar-se de acordo com as especificações da masculinidade dominante. Essa heteronormatividade posiciona as mulheres como objetos sexuais para o prazer de homens heterossexuais, perpetuando sua subjugação. O Pornhub exemplifica essa dinâmica ao priorizar categorias que retratam mulheres como figuras subservientes, moldadas para atender aos desejos masculinos. Mesmo a sexualização de lésbicas, como observa Gill (2009), é construída em termos de heterossexualidade, atendendo principalmente ao olhar masculino, em vez de respeitar sua autonomia como identidade sexual independente. Jackson e Gilbertson (2009), por exemplo, descobriram que as construções do lesbianismo são frequentemente “heteroflexíveis”, em que atos lésbicos são moldados para se adequar às fantasias masculinas, enquanto os desejos das mulheres lésbicas são amplamente negligenciados. No Pornhub, categorias como “*lesbian*” reforçam essas análises, ao apresentar relações entre mulheres frequentemente orientadas pela estética e pela narrativa que priorizam o prazer masculino.

Assim, a sexualização constrói “toda” mulher como um potencial executor de atos sexuais vividos de forma heterossexualizada, especialmente em um contexto onde o eu sexual é transformado em espetáculo globalizado. O Pornhub exemplifica essa construção ao gamificar a experiência sexual, transformando-a em um produto consumível e controlado por métricas algorítmicas. As representações dentro da plataforma apresentam mulheres como agentes que se doam à lógica do consumo, onde seus corpos são fragmentados em categorias e vendidos como mercadorias.

Os algoritmos do Pornhub, que moldam as preferências, também reforçam a objetificação feminina, criando um ciclo de consumo que condiciona as escolhas dos usuários e molda padrões de desejo. Categorias específicas são priorizadas com base em seu desempenho em métricas de engajamento, o que significa que conteúdos que reforçam padrões hegemônicos — como representações de passividade feminina ou subjugação sexual — são promovidos em detrimento de narrativas alternativas. Essa dinâmica demonstra como a sexualização digital é mediada por interesses econômicos que perpetuam desigualdades e limitações à expressão sexual.

A sexualização da esfera pública deve também ser analisada em relação às condições específicas de cada contexto. Por exemplo, a sexualização desestabiliza as fronteiras e os significados da nudez e do olhar não sexual. De forma semelhante, o corpo quase nu dos nadadores pode ser interpretado como uma “ameaça potencial”, na medida em que a interação pode ser erroneamente percebida como sexual – embora códigos e convenções regulem essas interações. No Pornhub, no entanto, a presença de categorias dedicadas a contextos esportivos, como competições de natação ou academias, transforma esses ambientes em cenários hipersexualizados, onde o corpo feminino é reduzido a um objeto de prazer. Na imagem abaixo se tem o exemplo de tags o corpo da atriz é categorizado, “rabuda”, “negra” e “peitos pequenos”.

Figura 38 – Exemplos



Fonte: Pornhub.com, 2021.

Assim, o Pornhub não apenas exemplifica a sexualização como uma mercantilização globalizada da sexualidade, mas também opera como um mecanismo que reforça as desigualdades de gênero e sexualidade. Por meio de seus conteúdos e algoritmos, a plataforma

reflete e molda as normas culturais, consolidando a visão de corpos femininos e LGBTQ+ como objetos primariamente construídos para consumo e desejo masculino.

Esse sistema de categorização, presente em grande parte dos vídeos da plataforma, não apenas reduz a identidade das mulheres a características físicas específicas, mas também reflete uma lógica de fetichização racial e corporal. A existência da *tag* “negra”, por exemplo, reforça a maneira como mulheres racializadas são objetificadas e consumidas dentro da indústria pornográfica. Essa prática se encaixa em uma longa tradição da hipersexualização de corpos negros, uma realidade que vai além da pornografia e está profundamente enraizada em construções coloniais e racistas.

Além disso, a categorização baseada no corpo feminino, como “peitos pequenos” e “rabuda”, demonstra como a pornografia opera em um modelo de segmentação mercadológica da sexualidade, onde corpos femininos são reduzidos a atributos físicos específicos para atender a fantasias pré-estabelecidas. Essa lógica não apenas desumaniza as atrizes, mas também influencia a maneira como as mulheres são percebidas fora do contexto pornográfico, impactando expectativas sobre seus corpos e desejos sexuais na vida real.

A forma como essas categorias são construídas e apresentadas no Pornhub reflete um modelo de consumo altamente influenciado por tendências algorítmicas, onde a visibilidade de certos conteúdos é determinada pelo que gera mais engajamento e lucro. Dessa forma, o site não apenas reflete os desejos de sua audiência, mas ativa e reforça padrões de fetichização e objetificação. Isso impacta tanto o público consumidor, que internaliza esses padrões, quanto as próprias atrizes e criadoras de conteúdo, que muitas vezes precisam se encaixar nessas categorias para alcançar sucesso dentro da plataforma.

3.1 A MATERIALIZAÇÃO DA MASCULINIDADE

A masculinidade, enquanto construção social, reflete normas e práticas que estruturam a experiência masculina hegemônica, legitimando a dominação sobre mulheres e outras formas de expressão masculina que se distanciam do modelo dominante. Esse padrão, amplamente discutido por Raewyn Connell e revisitado em estudos posteriores, estabelece uma hierarquia de gênero que reforça a posição dos homens na sociedade. No ambiente digital, plataformas como o Pornhub desempenham um papel relevante na reprodução e questionamento dessas dinâmicas, influenciando percepções sobre poder e identidade masculina.

A pornografia opera como um espaço no qual esses padrões são reafirmados e, em alguns casos, reformulados. O ambiente pornográfico frequentemente associa a masculinidade a atributos como dominação, assertividade e controle, reforçando estereótipos que se alinham

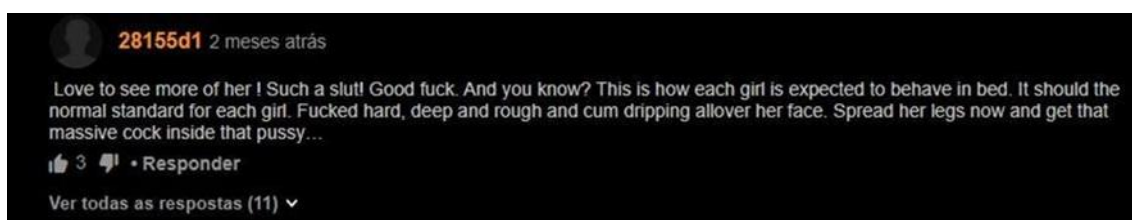
às normas sociais ocidentais. Esse modelo serve como referência normativa, orientando a maneira como os indivíduos percebem e reproduzem relações de gênero.

O debate acadêmico sobre o tema ganhou força na década de 1980, especialmente com as contribuições de Connell, que analisou como a cultura promove um modelo masculino dominante ao qual todos são convidados a se conformar. Esse padrão não apenas fortalece a subordinação das mulheres, mas também estabelece uma hierarquia interna entre diferentes expressões da masculinidade, marginalizando aqueles que não correspondem às expectativas tradicionais de força e poder.

No entanto, plataformas digitais não apenas reforçam essas normas, mas também oferecem espaço para questionamentos. Embora a pornografia online frequentemente reproduza narrativas que vinculam a identidade masculina ao controle do corpo feminino, o consumo e a interação do público com esse conteúdo revelam nuances na forma como esses discursos são apropriados. A diversidade crescente nas representações permite a emergência de novas perspectivas sobre gênero e sexualidade, desafiando os limites impostos pelo modelo tradicional.

A pornografia online, portanto, não deve ser vista apenas como um meio de reafirmação das normas estabelecidas, mas também como um espaço de disputa simbólica, onde discursos sobre identidade e poder são negociados. A análise dessas dinâmicas evidencia como tecnologia, cultura e comportamento interagem na construção das masculinidades contemporâneas, ressaltando a importância de um olhar crítico sobre os impactos da pornografia na sociedade.

Figura 39 – Comentário



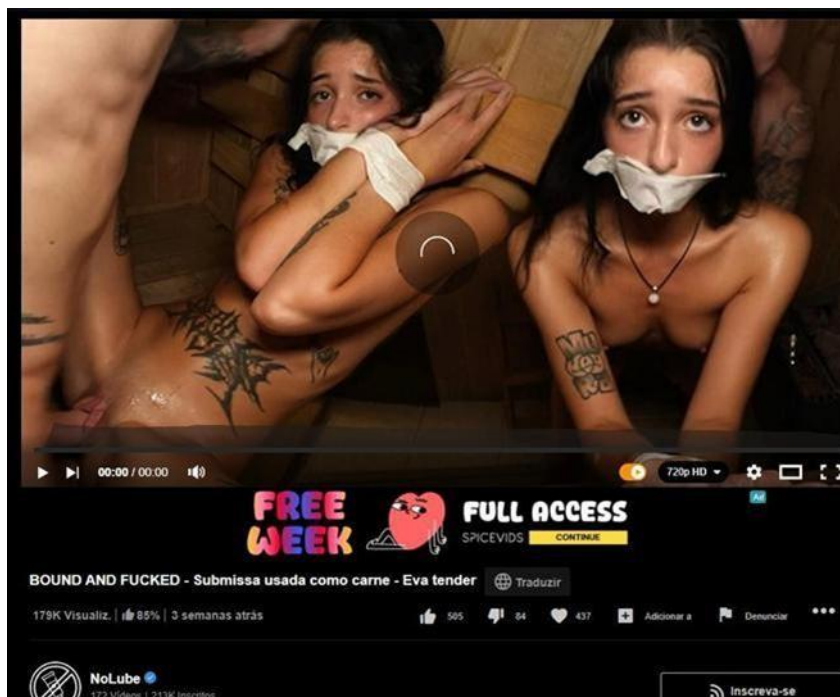
Fonte: Pornhub.com, 2022.

No vídeo *No Mercy Anal Compilation - Tight | Relentless Rough Fucking | Painal*, já se antecipa uma narrativa de dominação extrema e agressividade sexual. A tradução para o português seria algo como "Compilação Anal Sem Piedade – Apertado | Trepada Brutal Implacável | Painal" (tradução própria). O título carrega múltiplos significados que dialogam com as discussões sobre gênero, poder e as formas como a pornografia mainstream reforça dinâmicas de desigualdade entre homens e mulheres.

Um dos elementos centrais dessa análise é a linguagem empregada, que associa o prazer masculino à violência e à submissão feminina. O termo "painal", uma fusão entre as palavras *pain* (dor) e anal, indica que o sofrimento é um elemento central da experiência sexual representada no vídeo, reforçando uma estética pornográfica que erotiza a dor e a subjugação da mulher. Além disso, os comentários destacados na plataforma frequentemente refletem uma visão hipermasculinizada da sexualidade, na qual a mulher não é retratada como um sujeito com agência própria, mas sim como um objeto de prazer moldado para atender às expectativas masculinas. O tom imperativo e a linguagem explícita evidenciam a naturalização da violência sexualizada, consolidando a ideia de um "padrão" esperado de comportamento feminino na esfera sexual.

A construção da masculinidade hegemônica ocorre em relação não apenas às mulheres, mas também a outras formas de expressão masculina que se desviam do modelo dominante. Esse conceito, amplamente estudado por Raewyn Connell (2008), descreve como determinados padrões de comportamento garantem a manutenção da hierarquia de gênero, sustentando a superioridade masculina e marginalizando masculinidades alternativas. Connell (2008) também introduz o conceito de "dividendo patriarcal", que se refere aos benefícios estruturais concedidos aos homens, como prestígio, poder econômico e influência estatal, sustentando a dominação sobre as mulheres e a perpetuação do patriarcado.

No contexto do Pornhub, essas dinâmicas se manifestam de diversas formas. Certas categorias de conteúdo promovem narrativas que reforçam a subordinação feminina e a centralidade masculina no ato sexual, consolidando expectativas de dominação e controle. Entretanto, a plataforma também oferece visibilidade a representações que desafiam esses modelos, exibindo práticas sexuais e identidades que escapam ao paradigma tradicional. Apesar disso, mesmo essas representações alternativas acabam sendo absorvidas pelas lógicas do mercado pornográfico, que prioriza conteúdos que mantêm o padrão masculino dominante como o mais rentável e amplamente consumido.

Figura 40 – *Bound and Fucked*

Fonte: Pornhub.com, 2022.

A imagem exemplifica uma das categorias mais problemáticas da pornografia online: o fetiche pela submissão forçada e pela humilhação extrema das mulheres. O título do vídeo, *BOUND AND FUCKED*⁷⁹ - *Submissa usada como carne*, explicita a objetificação feminina ao extremo, transformando o corpo da mulher em um simples recurso a ser consumido e explorado sexualmente. A presença das modelos amordaçadas e com expressões que remetem à vulnerabilidade reforça essa narrativa de desumanização, onde o prazer masculino está diretamente atrelado à degradação feminina.

Esse tipo de conteúdo não apenas romantiza a violência e a submissão extrema, mas também borra a linha entre fantasia e coerção real, algo que já foi denunciado diversas vezes dentro da indústria pornográfica. Ao permitir a ampla circulação desse material, o Pornhub não apenas normaliza o consumo de violência sexualizada, mas também contribui para a formação de espectadores que podem internalizar essas dinâmicas como normais ou desejáveis no sexo real.

A análise dessas representações evidencia que a masculinidade não é um conceito fixo, mas sim um processo em constante disputa. Connell e Messerschmidt (2005) revisam essa perspectiva, destacando que a masculinidade dominante não deve ser vista apenas como um modelo cultural rígido, mas como um fenômeno multidimensional que se adapta a diferentes

⁷⁹ “Amarrada e fodida” (tradução própria).

contextos sociais, geográficos e históricos. Assim, é necessário considerar como as plataformas digitais influenciam e, ao mesmo tempo, são moldadas por essas relações de poder.

No Pornhub, esse debate se desdobra na forma como os homens interagem com os conteúdos disponíveis e nos tipos de masculinidade que recebem maior visibilidade. Além disso, é essencial compreender como essas dinâmicas reforçam hierarquias não apenas entre homens e mulheres, mas também dentro do próprio gênero masculino. Elementos como capital econômico, prestígio social e padrões corporais desempenham um papel crucial na construção de uma hierarquia interna, na qual certos homens são posicionados como dominantes e outros como subordinados.

Nesse cenário, o corpo deve ser compreendido como um elemento central na materialização das normas de gênero. A masculinidade dominante não se manifesta apenas por meio do discurso, mas também na corporificação de atitudes, comportamentos e representações visuais. O corpo masculino, frequentemente retratado como forte, agressivo e controlador, é um símbolo de superioridade e domínio. Por outro lado, o corpo feminino, na pornografia mainstream, é majoritariamente apresentado como objeto de consumo, subordinado ao desejo masculino e privado de autonomia. Essa configuração reforça a hierarquia de gênero, naturalizando desigualdades e consolidando a masculinidade dominante como norma social.

Apesar da predominância desses padrões, a masculinidade não é estática. A revisão teórica realizada por Connell e Messerschmidt (2005) sugere que esse modelo está em constante transformação e pode ser desafiado. No Pornhub, esse fenômeno se manifesta na existência de conteúdos que oferecem visibilidade a masculinidades alternativas, práticas queer e produções independentes que questionam os padrões tradicionais. No entanto, essas representações, embora possam atuar como espaços de contestação, frequentemente são assimiladas pela lógica comercial da plataforma, que as comercializa de forma a torná-las aceitáveis para um público majoritariamente masculino e consumidor de narrativas tradicionais de dominação.

Essa contradição revela um aspecto fundamental das relações de gênero no ambiente digital: ao mesmo tempo que o consumo pornográfico reforça normas tradicionais, ele também reflete as mudanças culturais e sociais que desafiam essas estruturas. O conceito de masculinidade dominante, nesse sentido, não deve ser entendido como um modelo homogêneo e inquestionável, mas como uma construção dinâmica que responde a contextos históricos e socioculturais específicos.

A pornografia, enquanto espaço de representação e disputa simbólica, desempenha um papel crucial nesse processo. Ao mesmo tempo que reitera normas de gênero, pode abrir brechas para a subversão dessas hierarquias, permitindo a emergência de novas formas de vivenciar a

masculinidade e a sexualidade. No entanto, para que essa transformação ocorra de maneira significativa, é essencial uma abordagem crítica que leve em conta os impactos dessas representações na construção da identidade masculina e na perpetuação das desigualdades de gênero.

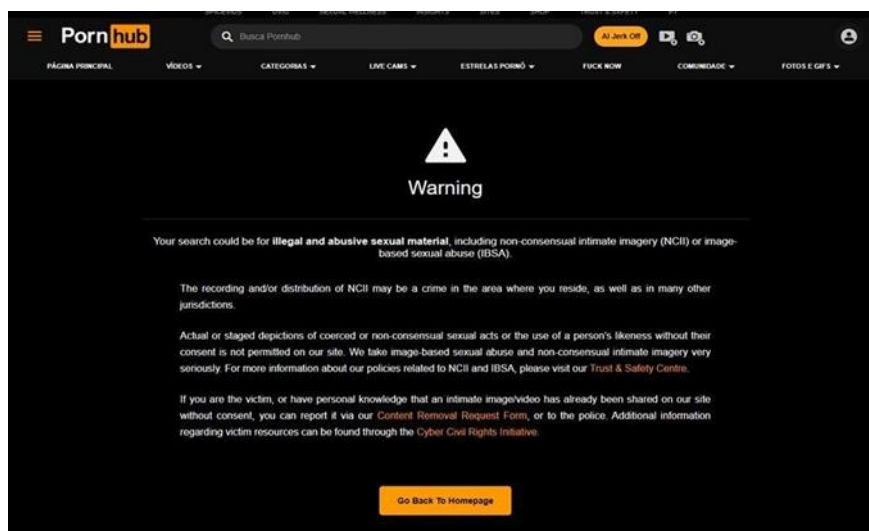
3.2 PORNOGRAFIA E MASCULINIDADE

A relação entre pornografia e masculinidade torna-se ainda mais complexa ao considerar a existência de categorias de conteúdo que simulam situações de coerção. No Pornhub, vídeos que romantizam ou sexualizam a violência, mesmo sob a justificativa de serem apenas "fantasias", levantam questões éticas sobre o impacto dessas representações. A normalização da violência na pornografia *mainstream* pode contribuir para a banalização de narrativas que legitimam a coerção e a subjugação feminina.

Atualmente, após processos judiciais enfrentados pela plataforma, a busca pelo termo “*rape*” (estupro) exibe uma mensagem que reforça a proibição desse tipo de conteúdo. No entanto, mesmo que a categoria tenha sido formalmente removida, vídeos que exploram essa temática continuam circulando sob outras nomenclaturas, evidenciando a dificuldade de regular e restringir efetivamente esse tipo de material.

Dessa forma, a pornografia, além de refletir dinâmicas sociais preexistentes, contribui ativamente para a consolidação de padrões de comportamento e percepção da masculinidade. O desafio, portanto, está em compreender criticamente o papel dessas representações e em buscar formas de desconstruir discursos que perpetuam desigualdades de gênero e normalizam a violência.

Figura 41 – Aviso



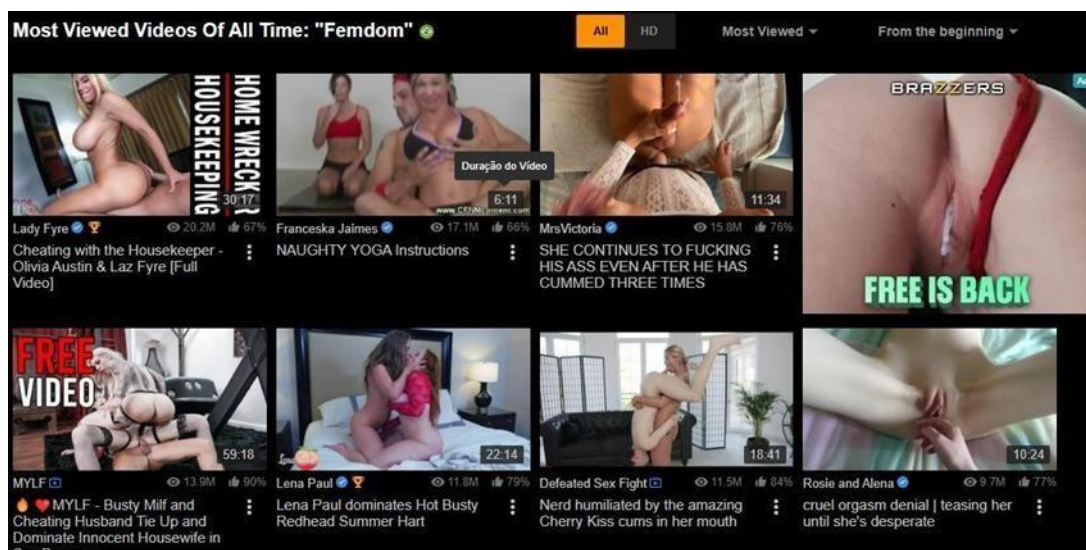
Fonte: Pornhub.com, 2022.

A popularização de termos como "*rape fantasy*" (fantasia de estupro) facilita o acesso a conteúdos que simulam violência sexual, uma vez que contornam os filtros algorítmicos ao inserir o elemento da atuação e do consentimento fictício. Além disso, a busca por esses conteúdos pode ser realizada diretamente em navegadores, inserindo o nome da plataforma ao lado dos termos desejados, permitindo que usuários acessem tais vídeos sem depender da interface de restrição do site. Na prática, a plataforma apenas disfarça esse tipo de material, utilizando nomenclaturas alternativas e diferentes categorias, mas o conteúdo continua disponível e amplamente consumido.

O Pornhub opera dentro de uma lógica que capitaliza a erotização da violência e o controle masculino, o que tem implicações profundas para as dinâmicas de gênero. Esse tipo de representação legitima um ideal de masculinidade baseado no domínio absoluto e na negação da agência feminina. Embora defensores desse conteúdo argumentem que se trata de um espaço seguro para explorar fantasias consensuais, essa lógica ignora o contexto mais amplo no qual a pornografia é consumida, onde tais representações reforçam estereótipos prejudiciais e podem influenciar práticas violentas no mundo offline.

Além disso, a estrutura algorítmica da plataforma sugere conteúdos com base no consumo anterior, criando um ciclo vicioso no qual o aumento do engajamento com determinadas categorias incentiva sua proliferação. Isso amplia o impacto cultural das narrativas de submissão feminina e violência sexual, tornando esse tipo de conteúdo não apenas uma escolha individual, mas parte de uma rede de produção e distribuição que reflete e alimenta o patriarcado.

Por outro lado, a categoria de dominação feminina, presente na plataforma, parece oferecer uma visão oposta ao modelo tradicional de masculinidade. Nessas representações, mulheres assumem posições de controle sobre homens, o que poderia ser interpretado como uma tentativa de subverter normas de gênero. No entanto, uma análise mais aprofundada revela contradições significativas.

Figura 42 – *Femdom*

Fonte: Pornhub.com, 2023.

A imagem mostra os vídeos mais assistidos de todos os tempos dentro da categoria *Femdom* no Pornhub, onde mulheres desempenham papéis de dominadoras. Os títulos dos vídeos, traduzidos, revelam como a narrativa da dominação feminina ainda se estrutura para atender ao desejo masculino:

1. **Cheating with the Housekeeper – Olivia Austin & Laz Fyre [Full Video]** (*Traindo com a empregada doméstica – Olivia Austin & Laz Fyre [Vídeo completo]*)
2. **NAUGHTY YOGA Instructions** (*Instruções safadas de ioga*)
3. **SHE CONTINUES TO FUCKING HIS ASS EVEN AFTER HE HAS CUMMED THREE TIMES** (*ELA CONTINUA FODENDO O CU DELE MESMO DEPOIS D'ELE TER GOZADO TRÊS VEZES*)
4. **MYLF – Busty Milf and Cheating Husband Tie Up and Dominate Innocent Housewife in Sex Dungeon** (*MYLF – Milf peituda e marido infiel amarram e dominam dona de casa inocente na masmorra sexual*)
5. **Lena Paul dominates Hot Busty Redhead Summer Hart** (*Lena Paul domina a ruiva peituda gostosa Summer Hart*)
6. **Nerd humiliated by the amazing Cherry Kiss cums in her mouth** (*Nerd humilhado pela incrível Cherry Kiss goza na boca dela*)
7. **Cruel orgasm denial | teasing her until she's desperate** (*Negação cruel do orgasm | provocando-a até que ela fique desesperada*) (traduções próprias).

Mesmo nesses conteúdos, o olhar masculino continua centralizado, com a mulher dominadora muitas vezes sendo uma "extensão performativa" da masculinidade tradicional. Seu poder está restrito ao espaço da fantasia e permanece atrelado a estruturas que atendem às expectativas do espectador masculino. Além disso, há um uso recorrente de estereótipos fetichistas e racializados, limitando a noção de poder feminino a construções hipersexualizadas.

Além disso, há um uso recorrente de estereótipos fetichistas, como a ênfase em figuras como a “MILF dominadora”, que aparece em diversos vídeos da imagem. O fetichismo da maturidade feminina como símbolo de dominação muitas vezes se encaixa em um modelo onde

a autoridade das mulheres é sexualizada e mercantilizada, ao invés de ser representada como uma expressão legítima de poder.

Embora a dominação feminina pudesse, em tese, oferecer maior agência para as performers, a lógica econômica da pornografia reduz essa possibilidade. No contexto do Pornhub, tais representações são cuidadosamente editadas e comercializadas para maximizar a lucratividade, muitas vezes sacrificando a autenticidade em favor de um espetáculo formatado para o público masculino.

A coexistência dessas duas categorias — simulação de estupro e dominação feminina — reflete uma tensão na pornografia contemporânea. Enquanto uma reforça diretamente as estruturas patriarcais, a outra cria uma ilusão de resistência que raramente transcende as dinâmicas tradicionais de dominação masculina. Ambas são moldadas por uma economia de mercado que prioriza o sensacionalismo e a exploração de tabus sociais para atrair visualizações e maximizar lucros.

A pornografia de orientação masculina, especialmente no contexto digital do Pornhub, influencia profundamente as percepções contemporâneas de masculinidade. Essa forma de conteúdo apresenta um modelo predominante baseado em conceitos falocêntricos e em padrões inatingíveis de desempenho sexual. No contexto mais amplo da pornografização da cultura, essa lógica impacta tanto homens quanto mulheres, perpetuando um ciclo de objetificação, ansiedade e reforço de normas problemáticas de gênero e poder.

Estudos como os de Zillmann e Bryant (1982) demonstram que a pornografia não afeta apenas a maneira como as mulheres são percebidas, mas também a autoimagem masculina. Homens são posicionados como "vítimas" de uma cultura que exacerba a pressão para atender aos padrões de desempenho sexual promovidos pela pornografia, o que pode impactar negativamente suas relações interpessoais e românticas. No Pornhub, a valorização de atributos como o tamanho do pênis e a capacidade de manter ereções prolongadas reforça a ideia de que a masculinidade está intrinsecamente ligada ao desempenho sexual.

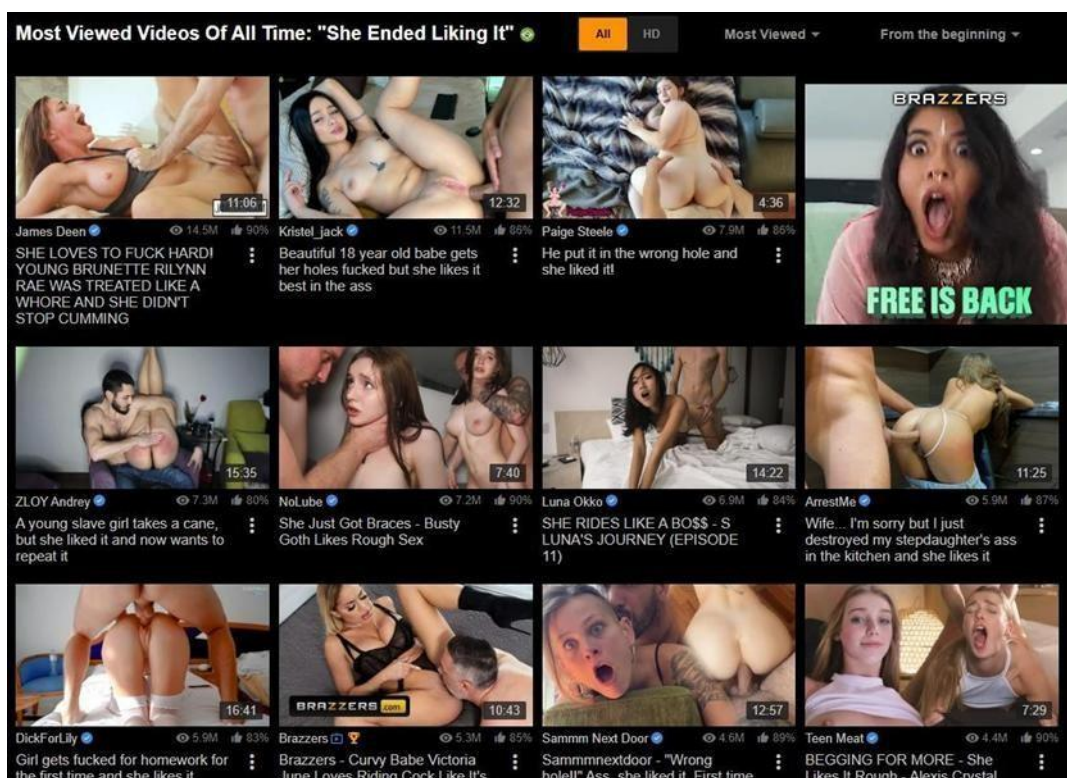
A lógica falocêntrica reduz o prazer feminino à performance fálica, desconsiderando outras dimensões da sexualidade. Essa pressão é intensificada por propagandas frequentemente exibidas em sites pornográficos, promovendo produtos e suplementos para aumento peniano. Esses anúncios exploram inseguranças masculinas geradas por representações irreais, consolidando a ideia de que a masculinidade está atrelada a um ideal físico específico e perpetuando um ciclo de consumo baseado em ansiedade e insatisfação corporal.

A popularidade de categorias que ridicularizam pênis pequenos ou flácidos exemplifica como a pornografia reforça o poder simbólico do falo. Essa narrativa sugere que a

masculinidade é definida pela capacidade de satisfazer mulheres sexualmente e que esse reconhecimento pelos outros homens é uma medida de status e poder. No Pornhub, isso se manifesta na valorização de vídeos que glorificam conquistas sexuais masculinas, perpetuando a ideia de que o prazer feminino serve como um troféu de superioridade masculina.

Essa lógica se torna ainda mais preocupante quando se observa como o não consentimento é transformado em um fetiche recorrente dentro da pornografia mainstream. A categoria *She Ended Liking It*⁸⁰, que literalmente sugere que a resistência inicial feminina pode e deve ser superada, é um exemplo explícito de como a ausência de consentimento é erotizada e convertida em um elemento narrativo central. Tal representação não apenas erotiza a violência, mas também valida o modelo masculino tradicional ao sugerir que a subjugação feminina é transformadora e legítima, ignorando as implicações éticas e culturais dessas construções narrativas.

Figura 43 – *She Ended Liking It*



Fonte: Pornhub.com, 2020.

Títulos como *Ela foi tratada como uma vadia e não parou de gozar*, *Ele colocou no buraco errado e ela gostou*, e *Garota é fodida pelo dever de casa pela primeira vez e ela gosta!* reforçam uma mesma mensagem: o prazer feminino não precisa ser uma escolha, mas sim uma

⁸⁰ “Ela acabou gostando” (tradução própria).

consequência inevitável da dominação masculina. Essa narrativa se encaixa perfeitamente na cultura da insistência, onde a recusa inicial de uma mulher não é vista como um limite legítimo, mas sim como um obstáculo que pode ser revertido.

O uso de frases como "*ela não queria, mas acabou gostando*", "*resistiu no começo, mas adorou depois*", e "*foi forçada e agora pede mais*" sugere que o desejo feminino não tem agência própria, mas pode ser moldado pela vontade do parceiro masculino. Esse tipo de representação distorce a noção de consentimento, transformando-o em algo negociável ou até dispensável, desde que o ato sexual culmine com a mulher expressando prazer. O problema desse discurso é que ele não fica restrito à ficção: a normalização dessa lógica na pornografia influencia a forma como os consumidores internalizam e replicam expectativas sobre consentimento no mundo real.

Além disso, algumas das cenas mais populares nessa categoria utilizam cenários de coerção simulada, onde a mulher é inicialmente retratada como relutante, apenas para depois ser "convertida" ao prazer. O próprio nome da categoria — "*Ela Acabou Gostando*" — sugere que não importa o que a mulher expressa no início, pois o desejo masculino inevitavelmente será imposto e aceito. Isso não apenas mina a importância do consentimento afirmativo, mas também cria um ambiente onde a violência e a resistência são ressignificadas como parte de um jogo erótico, apagando completamente as implicações reais da coerção sexual.

Outro aspecto crucial é a racialização da masculinidade na pornografia. Conforme apontado por Williams (2004), a pornografia frequentemente reforça o estereótipo do homem negro como uma "besta sexual", desumanizando-o ao reduzi-lo a atributos fálicos hiperbólicos. Essa construção perpetua o mito de uma suposta superioridade sexual masculina negra, ao mesmo tempo que reforça dinâmicas de objetificação e exploração racial.

Enquanto isso, o corpo masculino branco ocupa uma posição de normatividade cultural, sendo avaliado menos pela imposição física e mais por desempenhos alinhados à estética dominante. Essa dicotomia racial, amplificada pelos algoritmos do Pornhub, consolida hierarquias de desejo e poder, explorando economicamente os estereótipos para atrair visualizações e engajamento.

Na imagem abaixo, um canal focado na categoria "BBC" (*Big Black Cock*) exemplifica essa sexualização dos homens negros, categorizando-os primariamente pelo tamanho do pênis, o que reforça construções hiperssexualizadas e desumanizantes.

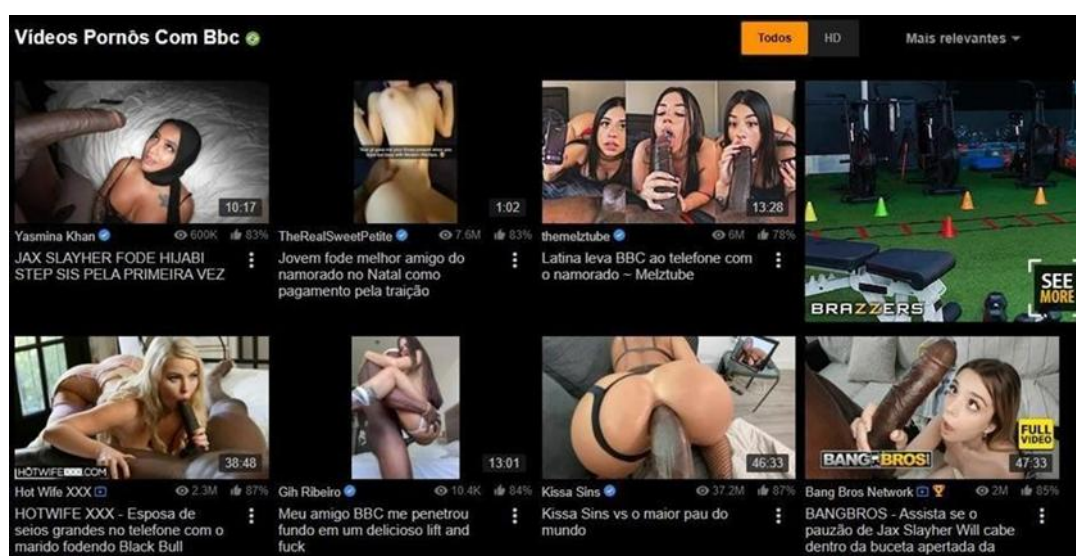
Figura 44 – BBC 1



Fonte: Pornhub.com, 2021.

No contexto pornográfico, o pênis é centralizado como símbolo de poder e dominação masculina. Stephens (2007) argumenta que um exame mais detalhado da representação do pênis pode revelar os mecanismos contemporâneos de dominação, desafiando sua posição como órgão exclusivo do poder sexual. No entanto, na cultura pornográfica amplamente disseminada pelo Pornhub, ele continua a ser objetificado como o principal instrumento de validação masculina, especialmente em vídeos que enfatizam dominação e desempenho ininterrupto.

Figura 45 – BBC 2



Fonte: Pornhub.com, 2022.

A imagem evidencia essa lógica ainda dentro da categoria "BBC", vídeos como *Latina leva BBC ao telefone com o namorado*, *Kissa Sins vs o maior pau do mundo* e *Meu amigo BBC me penetrou fundo em um delicioso lift and fuck* (traduções próprias) demonstram como o pênis se torna o centro da narrativa erótica, enquanto as mulheres são retratadas como meros recipientes de prazer masculino.

Além disso, essa categoria reforça um fetiche racializado, onde homens negros são hipersexualizados e retratados quase exclusivamente pelo tamanho de seus órgãos genitais e

por uma suposta virilidade descontrolada. Esse estereótipo, longe de ser apenas uma preferência sexual inofensiva, se conecta a séculos de narrativas racistas que animalizam corpos negros, colocando-os em oposição à masculinidade branca, que se constrói sobre o poder social e econômico, enquanto a masculinidade negra é limitada ao campo sexual.

Essa construção também se alinha à ideia de que o prazer feminino só é completo diante de uma performance masculina extrema, representada na pornografia pela ênfase em tamanhos exagerados de pênis e na capacidade de penetração prolongada e agressiva. Em vídeos como *BANGBROS - Assista se o pauzão de Jax Slayher Will cabe dentro da buceta apertada da Molly Little* (tradução própria) há uma narrativa implícita de submissão e resistência feminina, onde o desafio do ato sexual está na capacidade da mulher de "aguentar" a penetração.

A lógica falocêntrica predominante na pornografia reforça a ideia de que o pênis é o elemento central da experiência sexual. Potts (2000) sugere que dissociá-lo desse papel exclusivo poderia contribuir para uma percepção mais ampla e menos reducionista do corpo masculino, permitindo a exploração de outras formas de prazer. No entanto, o Pornhub perpetua essa visão ao estruturar sua narrativa visual em torno do tamanho e da resistência prolongada, consolidando o falo como a peça-chave do desejo e da masculinidade.

Essa centralidade se manifesta em um paradoxo cultural, enquanto o pênis é um símbolo de poder masculino, ele permanece oculto no espaço público, mas é amplamente exposto e fetichizado na esfera privada da pornografia. No Pornhub, essa contradição se reflete na constante visualização e consumo do falo, ao mesmo tempo em que sua invisibilidade no discurso público reforça a aura de poder associada a ele. Essa política cultural de ocultação e exposição sustenta a lógica falocêntrica e reforça normas de gênero que vinculam o desempenho sexual à identidade masculina.

A narrativa pornográfica, estruturada nessa lógica, reduz o homem a uma máquina de suporte ao pênis. Seu corpo se torna secundário diante da função sexual que desempenha, excluindo outras dimensões de prazer e intimidade. Esse modelo contribui para a construção de uma masculinidade ansiosa, na qual a validação depende do cumprimento de padrões inatingíveis de virilidade e resistência.

Além da objetificação dos performers masculinos, essa lógica também impacta o público consumidor de pornografia. Homens que internalizam essas normas frequentemente experimentam sentimentos de inadequação e pressão para corresponder aos padrões irreais promovidos pelo material pornográfico. No Pornhub, os algoritmos intensificam essa dinâmica

ao priorizar conteúdos que reforçam essas expectativas, criando um ciclo de validação mútua entre produtores e consumidores.

Dessa forma, a pornografia *mainstream*, ao estruturar sua narrativa em torno da performance masculina e da centralidade do falo, não apenas molda percepções de masculinidade, mas também reforça desigualdades estruturais ao consolidar um ideal sexualmente normativo e excludente. Esse fenômeno evidencia a necessidade de uma análise crítica sobre o impacto da pornografia digital na construção das identidades de gênero e das relações de poder contemporâneas.

3.3 MERCANTILIZAÇÃO DOS CORPOS

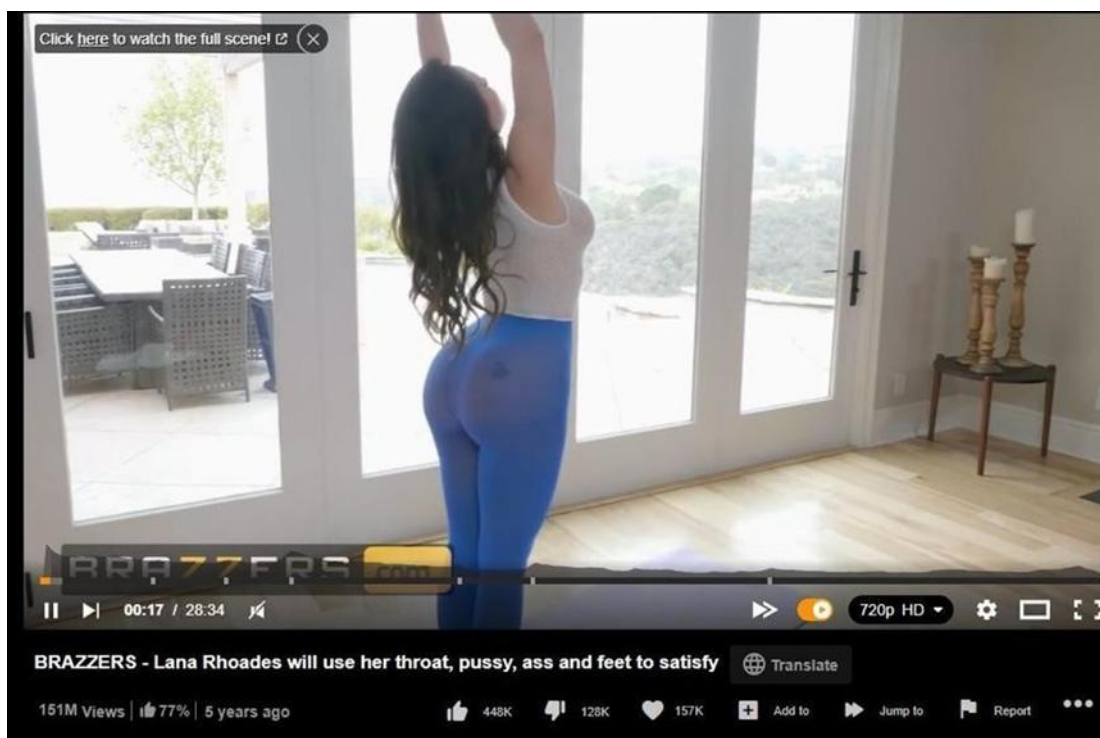
Campanhas publicitárias globais, como as da marca Victoria's Secret, incorporam elementos da estética pornográfica de maneira sofisticada, alinhando-se a um discurso que associa sensualidade e autonomia feminina. Essa estratégia sugere a possibilidade de desconstrução da clássica dicotomia público-privado, que historicamente limitava a sexualidade feminina ao espaço doméstico (Juffer, 1996). De maneira semelhante, o Pornhub reflete esse fenômeno ao representar o corpo feminino como objeto de desejo dentro de uma narrativa comercializada que, simultaneamente, o posiciona como símbolo de poder individual. A estética pornográfica “chic”, promovida tanto pela moda quanto pelas plataformas digitais, fragmenta a experiência corporal em partes segmentadas e mercantilizadas, transformando-as em commodities culturais.

Essa lógica se manifesta na forma como as categorias e tendências do Pornhub destacam atributos específicos do corpo feminino, estabelecendo uma estetização que combina desejo e consumo. Essas representações não apenas reforçam padrões de objetificação, mas também sugerem um modelo de "autodomínio narcisista", em que o corpo feminino, mesmo exposto ao olhar público, é moldado como uma ferramenta de autoconfiança e agência. Assim, seja por meio de uma seleção cuidadosa de vestuário na publicidade ou por representações explícitas em vídeos e imagens, o corpo feminino torna-se o elemento central de expressões culturais que combinam libertação, prazer e identidade.

Mais amplamente, as representações do corpo feminino na mídia e nas plataformas digitais como o Pornhub frequentemente pré-julgam e definem o corpo como uma mercadoria erótica, centralizando-o como principal fonte de capital simbólico para as mulheres. Esse fenômeno ocorre em um contexto no qual a cultura de consumo moderna, amplificada pela lógica neoliberal global, intensifica o controle e a fragmentação do corpo feminino, transformando-o em um produto para o consumo visual. No caso do Pornhub, o corpo feminino

é frequentemente apresentado como a interseção entre desejo e poder, enquanto os mecanismos algorítmicos da plataforma perpetuam a categorização de atributos físicos, reforçando padrões estéticos e comportamentais amplamente compartilhados.

Figura 46 – Vídeo mais visto



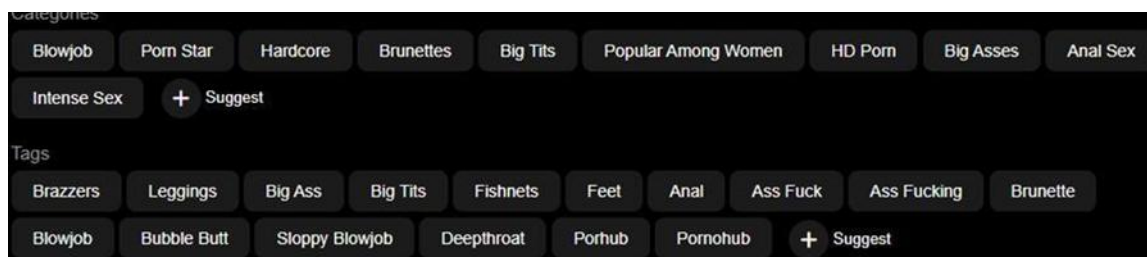
Fonte: Pornhub.com, 2023.

Essa dinâmica fica evidente no vídeo exibido na imagem, o mais assistido de todos os tempos no Brasil dentro do Pornhub, estrelado por Lana Rhoades. O título *Lana Rhoades will use her throat, pussy, ass and feet to satisfy* ("Lana Rhoades usará sua garganta, buceta, bunda e pés para satisfazer", tradução própria), ilustra como o corpo da mulher é fracionado e reduzido a partes específicas, cada uma delas funcionalizada para um determinado tipo de prazer. O vídeo sugere que cada segmento do corpo feminino tem uma utilidade específica dentro da narrativa pornográfica, consolidando a ideia de que o prazer masculino deve ser explorado ao máximo, enquanto a mulher se torna um objeto multifuncional dentro desse processo.

Além disso, a ênfase em diferentes partes do corpo no título do vídeo demonstra a fragmentação do corpo feminino dentro da lógica pornográfica, onde as mulheres deixam de ser vistas como sujeitos e passam a ser coleções de atributos eróticos, categorizados e explorados para consumo. A repetição dessa abordagem por meio de *tags*, categorias e algoritmos do Pornhub reforça um modelo onde certas características femininas são constantemente hipervalorizadas, enquanto outras são marginalizadas ou mesmo excluídas das representações *mainstream*.

O sucesso absoluto desse vídeo – com mais de 151 milhões de visualizações — demonstra como a lógica de objetificação extrema do corpo feminino se perpetua e continua sendo uma das principais forças motoras da indústria pornográfica. O modelo algorítmico do Pornhub, baseado no engajamento e na performance dos vídeos, consolida conteúdos que reforçam essas narrativas, tornando-os ainda mais populares e amplificando sua disseminação.

Figura 47 – Tags 1



Fonte: Pornhub.com, 2023.

Na lista de *tags* do mesmo vídeo é possível ver a maneira como o corpo da mulher é decomposto em partes específicas, transformadas em produtos de consumo visual. As categorias destacam elementos gerais do vídeo, mas já sugerem uma segmentação focada no corpo e na performance feminina, como em "*Big Tits*" (Seios Grandes), "*Big Asses*" (Bunda Grande), "*Anal Sex*" (Sexo Anal) e "*Blowjob*" (Sexo Oral), que definem a cena a partir de atributos físicos da atriz ou de atos sexuais específicos.

As *tags*, por sua vez, aprofundam ainda mais essa fragmentação, separando o corpo da mulher em fetiches distintos. "*Big Ass*" (Bunda Grande) e "*Bubble Butt*" (Bunda Arredondada) reforçam a valorização da anatomia específica da atriz, enquanto "*Big Tits*" (Seios Grandes) reaparece como um marcador da atratividade centralizada nos seios. Até mesmo partes tradicionalmente não sexualizadas, como os pés, são exploradas, como demonstra a *tag* "*Feet*" (Pés).

A cultura digital e de consumo, representada pelo Pornhub e pela mídia de massa, opera dentro do que Radner (2008) descreve como a interseção de dois regimes contraditórios: um regime disciplinador que molda corpos dóceis e controlados e outro que celebra a cultura do "eu", individualizando a ação e atribuindo agência ao sujeito feminino. Essa dualidade também é visível nas práticas de consumo de pornografia online, onde o engajamento das mulheres com esses conteúdos pode tanto reforçar quanto desafiar normas de gênero. Por outro lado, é necessário considerar que práticas de beleza e exposição digital, longe de serem escolhas individuais, refletem uma estrutura opressiva mais ampla, na qual o corpo feminino se torna um campo de controle social e cultural.

O impacto dessas práticas, combinado à exposição de imagens idealizadas em plataformas digitais, pode amplificar sentimentos de inadequação corporal entre mulheres contribuindo para a insatisfação com seus próprios corpos e afetando negativamente sua autoestima (Attwood, 2010). O algoritmo do Pornhub, ao priorizar conteúdos que se alinham a padrões estéticos específicos, desempenha um papel ativo nesse processo, reforçando estereótipos que permeiam a cultura moderna. Na realidade social contemporânea, o corpo é a “mensagem”, e no contexto da pornografia digital, essa mensagem é amplificada e distribuída globalmente.

Dessa forma, tanto o Pornhub quanto os meios de comunicação de massa contribuem para uma cultura na qual o corpo feminino é simultaneamente exaltado e controlado. Ele é exaltado por seu valor como mercadoria visual e, ao mesmo tempo, delimitado por normas sociais e culturais que restringem seu significado e uso. A análise dessa dinâmica permite compreender como a pornografia digital contemporânea participa ativamente da construção de narrativas sobre feminilidade, poder e identidade na era digital.

A cultura ocidental moderna combina elementos da pornografia com valores conservadores, criando um fenômeno descrito como “pornografia limpa” (*clean porn*). Essa concepção reflete a fusão da figura da estrela pornográfica com ideais contraditórios de feminilidade, mesclando sensualidade explícita com uma pureza idealizada. Essa dualidade é evidente no comportamento esperado das mulheres tanto na esfera pública quanto privada, onde são incentivadas a manter uma imagem de pureza, remanescente do “anjo vitoriano”, ao mesmo tempo em que seus corpos são mercantilizados dentro da lógica pornográfica. Um exemplo claro dessa contradição é a crescente normalização da depilação total da vulva, que se tornou um padrão estético predominante (Attwood, 2010).

A ênfase tradicional da pornografia em closes dos órgãos sexuais femininos permanece inegável, mas a popularização da vulva completamente raspada é um fenômeno recente. Essa mudança estética pode estar relacionada à transição do consumo pornográfico de grandes telas de cinema para dispositivos menores, como computadores e celulares, nos quais a visibilidade reduzida exige representações mais detalhadas e estilizadas. Nesse sentido, plataformas como o Pornhub desempenham um papel central ao amplificar e normalizar essa estética, incentivando a depilação completa e até mesmo procedimentos cirúrgicos para alcançar uma aparência genital considerada “perfeita”.

Apesar do crescente pluralismo na definição da beleza, as pressões sociais sobre a aparência feminina continuam a operar como formas de controle. Naomi Wolf (2018) argumenta que a qualidade chamada “beleza” não é objetiva nem universal, mas um sistema

simbólico que reforça a dominação masculina. Segundo essa lógica, as mulheres são incentivadas a buscar e incorporar a beleza, enquanto os homens são socialmente condicionados a desejá-la, perpetuando uma estrutura de competição sexual e hierarquização dos corpos. A categorização e as tendências promovidas pelo Pornhub não apenas reforçam esses padrões, mas também estabelecem novas formas de controle, adaptadas à era digital e ao consumo online.

Além disso, a pornografia mainstream também desempenha um papel fundamental na reprodução da heteronormatividade. O termo, cunhado por Warner (1991), refere-se não apenas à crença de que todas as pessoas são heterossexuais, mas também ao fato de que as instituições sociais são construídas com base nesse modelo binário. No contexto do Pornhub, a heteronormatividade se manifesta na organização das categorias e na forma como conteúdos não heterossexuais são frequentemente marginalizados, rotulados como “fetiches” ou enquadrados como práticas desviantes.

Embora algumas subcategorias promovam a diversidade sexual, essa inclusão frequentemente se dá de maneira superficial, mantendo a lógica da heterossexualidade compulsória. Por exemplo, conteúdos que exploram relações lésbicas costumam ser fetichizados para o olhar masculino, enquanto práticas sexuais queer são relegadas a nichos específicos, reforçando sua posição periférica no imaginário pornográfico dominante. Assim, mesmo em um ambiente que se apresenta como inclusivo, a pornografia digital segue estruturada por padrões normativos que perpetuam desigualdades de gênero e sexualidade.

A institucionalização da heterossexualidade nas plataformas pornográficas não apenas hierarquiza corpos e práticas, mas também influencia a percepção social do que é considerado normal ou desejável. O Pornhub, ao organizar conteúdos de acordo com um modelo predominantemente heteronormativo, reflete e amplifica desigualdades estruturais, promovendo narrativas que reforçam a lógica binária de gênero e limitam a visibilidade de sexualidades dissidentes.

Dessa forma, a pornografia digital, longe de ser apenas um reflexo das normas sociais, desempenha um papel ativo na sua manutenção e reprodução, moldando expectativas culturais e consolidando discursos sobre feminilidade, masculinidade e desejo na contemporaneidade.

3.4 A OBJETIFICAÇÃO E SUBJETIFICAÇÃO DOS CORPOS

O conceito de gênero, longe de ser uma identidade fixa, é um padrão de relações sociais no qual as posições de homens e mulheres são definidas, os significados culturais são negociados e os caminhos de vida são traçados. Como argumenta Connell (2008), trata-se de

uma tecnologia social, um comportamento aprendido que molda a forma como um indivíduo se percebe e, ao mesmo tempo, influencia a construção da sua identidade. Essa construção, no entanto, não ocorre de maneira isolada, mas é também atravessada por dinâmicas interseccionais, sendo simultaneamente de gênero e racializada. Dessa forma, o conceito de gênero está em constante negociação, debate e conflito em praticamente todas as sociedades e períodos históricos, no Pornhub o gênero está permanentemente em “crise”. No contexto da morfologia heterossexual, o gênero é percebido como uma diferença fundamental e binária que separa homens e mulheres, estruturando o desejo erótico e sexual a partir dessa oposição. Esse modelo, definido como “estruturalismo heterossexual”, compreende os sexos como unidades opostas e complementares, fundamentando a gramática sexual na interligação dos órgãos genitais (Paasonen, 2007).

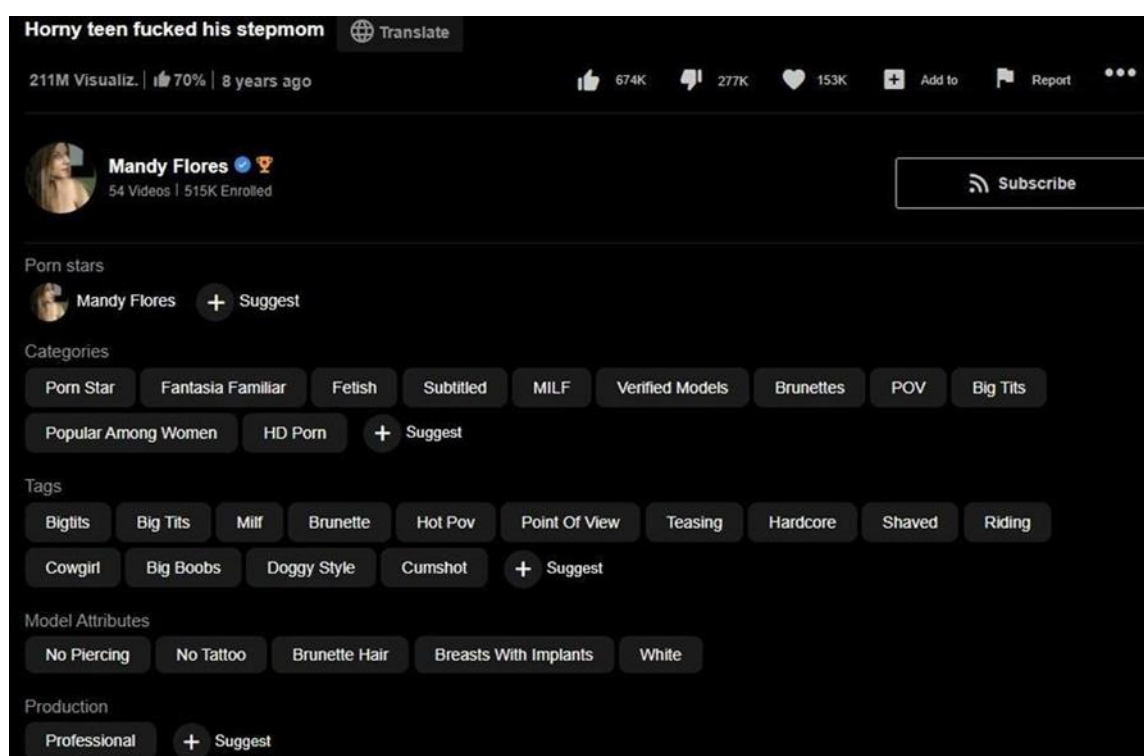
No entanto, as configurações contemporâneas do gênero têm sido cada vez mais influenciadas por plataformas digitais, como o Pornhub, que desempenham um papel significativo tanto na perpetuação quanto no questionamento das construções de gênero e sexualidade. Sendo o maior site de compartilhamento de conteúdo pornográfico do mundo, o Pornhub reflete e contribui ativamente para a configuração das narrativas predominantes sobre as dinâmicas de gênero. A pornografia disponibilizada na plataforma, em sua grande maioria, é estruturada por padrões binários que reforçam estereótipos heteronormativos e racializados, alinhados às formas hegemônicas de poder. Entretanto, o site também abre espaço para a discussão da performatividade de gênero, conceito amplamente explorado por Butler (2013), ao expor como as representações de gênero podem ser reproduzidas, subvertidas ou reconfiguradas por meio de práticas performativas.

Butler (2013) argumenta que o gênero não é uma identidade fixa ou um lócus de poder pessoal, mas uma identidade fluida, constituída por meio da repetição estilizada de atos individuais. O corpo, dentro dessa lógica, torna-se uma de suas expressões mais primárias, a partir de ações que se renovam ao longo do tempo. Assim, as possibilidades de transformação de gênero residem na relação arbitrária entre esses atos e na subversão das normas sociais que os moldam. A desconstrução do gênero feita por Butler (2013) é uma contribuição epistemológica fundamental para os estudos de gênero, pois questiona a noção tradicional de que gênero e sexo são categorias distintas e biologicamente determinadas. Ao tratar o gênero como performativo, Butler enfatiza que a identidade de gênero não é algo pré-existente, mas uma construção discursiva vinculada e moldada por normas sociais.

No contexto do Pornhub, essa performatividade pode ser observada na maneira como a pornografia reforça representações tradicionais do desejo heteronormativo, mas também na

forma como expõe as dinâmicas de poder que sustentam essas narrativas. Além disso, ao permitir representações alternativas ou subversivas, a plataforma pode ser entendida como um espaço de experimentação performativa de gênero — embora ainda limitado pelas estruturas regulatórias e econômicas do mercado pornográfico. Essa ambivalência é uma característica central da pornografia digital, que simultaneamente reforça e desafia normas de gênero e sexualidade.

Figura 48 – Tags 2



Fonte: Pornhub.com, 2023.

No vídeo *Horny teen fucked his stepmom*, de onde foi retirada a imagem acima, A presença da categoria "Fantasia Familiar" é um exemplo central desse fenômeno, pois insere o vídeo dentro de uma das narrativas mais populares da pornografia contemporânea: a erotização de relações pseudo-incestuosas. Ainda que o termo "fantasia" tente suavizar a problemática dessa representação, ela continua a explorar dinâmicas de poder onde figuras maternas e juvenis são colocadas em um contexto sexualizado, reforçando uma estrutura em que a autoridade parental é resignificada dentro de um fetiche. A inclusão da categoria "MILF", por sua vez, reforça a hipersexualização da maturidade feminina, atribuindo à mulher o papel de experiente e desejável, mas ainda subordinada ao desejo masculino.

Além disso, o vídeo é estruturado em torno de atributos físicos específicos da atriz, reforçando a fragmentação do corpo feminino dentro da pornografia digital. A categorização

do corpo aparece mais uma vez, termos como "Branca", "Seios com Implantes" e "Sem Piercings ou Tatuagens" demonstra a normatização do corpo ideal dentro da lógica mercadológica do Pornhub, onde certos traços são mais valorizados e comercializados do que outros. Essa normatização também aparece nas *tags* que descrevem o ato sexual, como "*Hardcore*" e "*Cumshot*", que enfatizam a intensidade do sexo e a centralidade da ejaculação masculina como ponto de validação da cena.

A perspectiva do espectador masculino é fortalecida por categorias como "*Point of View*" (Ponto de Vista), que transforma a câmera em um prolongamento do olhar masculino, criando uma experiência voyeurística e de controle sobre a mulher filmada. Essa estrutura garante que, mesmo quando a atriz assume papéis ativos, como em posições sexuais categorizadas como "*Riding*" (Montando), sua autonomia seja limitada ao enquadramento narrativo projetado para o consumo masculino.

A pornografia digital, portanto, opera dentro de uma lógica paradoxal: enquanto pode oferecer um espaço para subversão de normas sexuais e experimentação de gênero, ela ainda se mantém rigidamente estruturada dentro das exigências do mercado, garantindo que as hierarquias de poder e a centralidade do prazer masculino permaneçam intactas.

Entretanto, é necessário observar as limitações dessa abordagem. Como aponta Connell (2008), o foco excessivo na performatividade pode negligenciar a economia política das relações de gênero, isto é, a construção do gênero no contexto das relações de produção, consumo e reprodução social. A performatividade, ao enfatizar os aspectos discursivos do gênero, pode minimizar a dimensão estrutural e histórica das relações de poder, tratando o gênero como algo momentâneo e fluido, sem considerar os limites impostos pelas normas sociais e econômicas. Nesse sentido, a dicotomia de gênero não é apenas um produto da linguagem e da repetição de atos, mas também uma estrutura materialmente reproduzida por práticas institucionais, representações socioculturais e normas cotidianas. Dessa forma, se o objetivo for transformar as relações de gênero, é necessário questionar criticamente as percepções do "senso comum", analisando como essas concepções reforçam o status quo. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar os avanços históricos e políticos no campo das relações de gênero, que resultam de lutas e transformações sociais.

Plataformas digitais como o Pornhub, portanto, desempenham um papel contraditório nesse debate. Ao mesmo tempo que reforçam normas de gênero e sexualidade, elas também possibilitam novas formas de questionamento e resistência. No entanto, a construção social da realidade operada por essas plataformas não é apenas uma imposição de cima para baixo, mas sim um processo que envolve relações complexas de poder, mercado e subjetividade. O

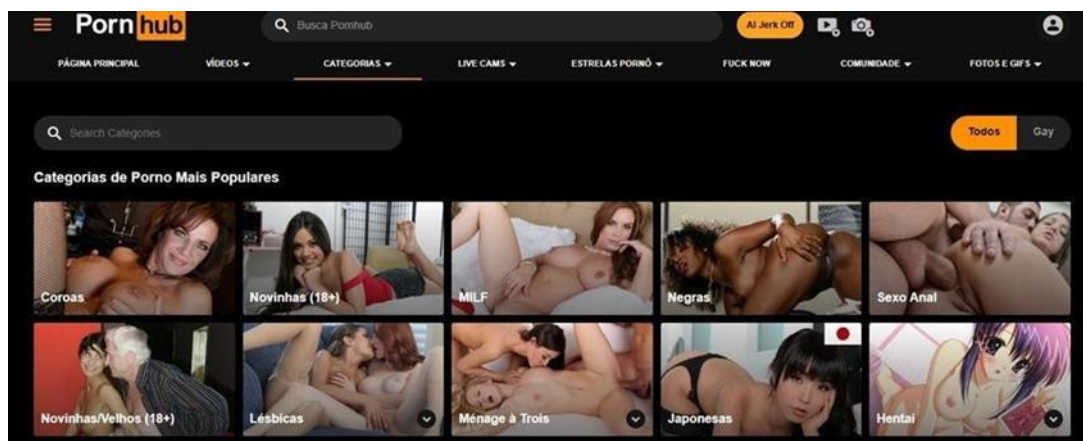
PornHub, como reflexo da cultura neoliberal, amplifica as dinâmicas de objetificação e subjetificação de gênero. A pornografia veiculada na plataforma não apenas reforça a mercantilização das relações íntimas, mas também opera dentro de um sistema que transforma a sexualidade em um campo de troca e visibilidade individual.

O maior problema dessa lógica é que a objetificação sexual está sendo substituída pela subjetificação sexual. Esse deslocamento favorece uma narrativa na qual as mulheres supostamente têm total controle sobre seus corpos e relações sexuais, legitimando a instrumentalização da sexualidade dentro da lógica de mercado. Essa ideologia, amplamente difundida no discurso neoliberal, reforça a cultura da transação, na qual o desejo e o corpo são gerenciados como ativos econômicos. Além disso, a estrutura algorítmica do PornHub desempenha um papel fundamental na construção do desejo e da subjetividade. Os algoritmos, projetados para maximizar o engajamento, promovem conteúdos que reforçam estereótipos de gênero, raça e sexualidade, priorizando narrativas lucrativas em detrimento da diversidade de experiências sexuais.

Esses algoritmos, ao recomendar conteúdos baseados no histórico de consumo, criam um ciclo de reforço que prioriza determinadas categorias e exclui outras. Dessa forma, os usuários são constantemente expostos a conteúdos que reafirmam normas preestabelecidas, enquanto representações alternativas ou subversivas permanecem marginalizadas. Performances que não se encaixam nos padrões convencionais são menos promovidas, reduzindo a diversidade das experiências disponíveis na plataforma. Esse mecanismo não apenas reflete as normas sociais predominantes, mas também contribui para sua perpetuação, tornando a pornografia digital um espaço de reprodução das hierarquias de poder que estruturam as relações de gênero e sexualidade.

A análise do PornHub no contexto da performatividade de gênero evidencia as contradições da pornografia digital na contemporaneidade. Se, por um lado, a plataforma oferece um espaço de visibilidade para múltiplas expressões de gênero e sexualidade, por outro, ela opera dentro de um sistema que favorece representações normativas e economicamente rentáveis. Essa dualidade demonstra que, embora a pornografia possa ser um campo de experimentação e resignificação, ela continua profundamente vinculada às estruturas de poder e mercado que moldam a subjetividade e o desejo.

Figura 49 – Categorias mais populares



Fonte: PornHub.com, 2022.

A pornografia, enquanto fenômeno cultural e mercadológico, reflete e reforça dinâmicas de poder que atravessam gênero, idade, raça e sexualidade. No PornHub, quatro categorias específicas evidenciam a maneira como a idade da mulher é negociada como fetiche, reduzindo-as a faixas etárias que correspondem às expectativas culturais do que é considerado “desejável”. Termos como “novinha” e “milf” exemplificam essa lógica, em que a juventude extrema e a maturidade sexual são fetichizadas de maneiras diferentes, mas igualmente objetificantes. A categoria “novinha”, em particular, relaciona juventude e desejo, muitas vezes retratando mulheres que aparentam estar no limite da legalidade, reforçando a fantasia da inocência corrompida. Já a categoria “milf” transforma a maturidade feminina em uma narrativa sexual específica, na qual mulheres são representadas como figuras maternas que transgridem suas funções tradicionais para atender ao desejo masculino.

Essa categorização reforça a ideia de que a sexualidade feminina deve se encaixar em determinados arquétipos, apagando a diversidade das experiências individuais. A juventude e a maturidade, em vez de serem características neutras, são consumidas como fetiches desprovidos de contexto, reforçando a noção de que o corpo feminino é um objeto de consumo ajustado às fantasias masculinas. No PornHub, essa lógica consolida a percepção de que as mulheres existem prioritariamente para o olhar e o desejo dos homens, independentemente de suas realidades ou da sua agência. Dessa forma, a pornografia mainstream não apenas reproduz, mas intensifica a mercantilização da feminilidade e a delimitação da mulher dentro de papéis sexualizados pré-definidos.

Além da idade, a racialidade das mulheres também é categorizada de forma a reforçar estereótipos históricos e culturais. Duas categorias, em especial, demonstram como o PornHub contribui para a fetichização de corpos racializados: “negras” e “japonesas”. Essas categorias

não apenas classificam as mulheres com base em sua etnia, mas também as reduzem a estereótipos hipersexualizados que se originam de processos históricos de dominação e subjugação. A categoria “negras”, por exemplo, frequentemente reforça a narrativa de corpos negros como inerentemente sexuais, evocando estereótipos raciais que remontam ao período colonial e à escravidão. As mulheres negras são frequentemente retratadas como figuras exóticas e agressivas, sempre disponíveis para o prazer masculino, perpetuando uma visão desumanizante e baseada na exploração.

De forma semelhante, a categoria “japonesas” explora o exotismo e a submissão, representando mulheres asiáticas como figuras dóceis, misteriosas e disciplinadas, reforçando estereótipos orientalistas. Essas representações não apenas ignoram a diversidade de identidades femininas dentro dessas categorias raciais, mas também perpetuam narrativas colonialistas que enquadram mulheres racializadas como objetos de consumo para um público majoritariamente branco e heterossexual. No contexto do Pornhub, a categorização baseada em raça não serve apenas como um mecanismo organizacional, mas opera como um instrumento de fetichização, reduzindo corpos a representações historicamente carregadas de opressão e controle.

A forma como a sexualidade feminina é tratada na pornografia mainstream também reflete um protagonismo que, paradoxalmente, é construído para atender ao desejo de homens heterossexuais. A categoria “lésbicas” exemplifica essa lógica ao representar relações entre mulheres não como experiências autênticas de intimidade e desejo, mas como um espetáculo voltado ao prazer masculino. Essa narrativa desconsidera a complexidade da sexualidade lésbica, transformando-a em uma performance que reafirma a primazia do olhar heterossexual sobre os corpos femininos. Como apontam Jackson e Gilbertson (2009), essa prática reflete o conceito de “heteroflexibilidade”, em que atos lésbicos são moldados para se encaixar na fantasia masculina, ao mesmo tempo que os desejos reais das mulheres lésbicas são ignorados.

No Pornhub, a categoria “lésbicas” raramente apresenta representações que priorizem a perspectiva feminina. Em vez disso, as dinâmicas sexuais e a estética dos vídeos são ajustadas para que permaneçam dentro do campo de visão e da lógica do desejo heterossexual masculino. O apagamento da experiência lésbica autêntica na pornografia *mainstream* demonstra como a sexualidade feminina continua sendo moldada por padrões normativos que priorizam o desejo masculino e minimizam a autonomia das mulheres em relação ao seu próprio prazer. Esse fenômeno se intensifica à medida que a pornografia se adapta às demandas algorítmicas e de mercado, promovendo conteúdos que maximizam a lucratividade em detrimento da diversidade de representações.

A interseção entre gênero, raça e classe adiciona mais camadas de exploração dentro desse sistema. Performers pertencentes a grupos marginalizados enfrentam menos oportunidades de monetizar seu trabalho ou de alcançar visibilidade em um mercado dominado por normas eurocêtricas e heteronormativas. Como aponta Gill (2003), a objetificação na pornografia *mainstream* não apenas desumaniza, mas também marginaliza economicamente corpos que fogem dos padrões estéticos e raciais dominantes. No Pornhub, a lógica mercadológica privilegia performers e narrativas que reforçam estereótipos hegemônicos, tornando mais difícil para criadores de conteúdo subverterem essas normas.

Dessa maneira, o Pornhub contribui para a construção de um desejo coletivo baseado na desumanização e na mercantilização da sexualidade. Corpos femininos e marginalizados são tratados como objetos de prazer, enquanto os corpos masculinos são frequentemente posicionados como agentes dominantes desse prazer. Essa dinâmica não apenas reforça normas patriarcais, mas também limita as possibilidades de transformação dentro do próprio campo da pornografia, ao reduzir o desejo a padrões pré-determinados e economicamente rentáveis. Ainda que performers e consumidores tenham o potencial de desafiar essas normas, as estruturas econômicas e tecnológicas da plataforma dificultam significativamente tais esforços, pois a lógica da objetificação permanece predominante devido à sua eficácia na manutenção do status quo das hierarquias de poder.

Ao analisar essas dinâmicas, fica evidente que o Pornhub, enquanto espaço digital, não apenas reflete as estruturas sociais de opressão, mas também as amplifica e normaliza. O desejo é formatado por meio de um processo de curadoria algorítmica, em que determinadas representações se tornam dominantes e outras são marginalizadas ou invisibilizadas. Esse processo reforça a hierarquização dos corpos e a fixação de categorias pré-definidas, onde juventude, racialidade e sexualidade são consumidas de forma estereotipada e descontextualizada. Assim, a pornografia *mainstream*, longe de ser um campo neutro, opera como um instrumento de reprodução das relações de poder, consolidando narrativas que perpetuam a desigualdade de gênero, raça e classe no imaginário coletivo.

3.5 PORNOGRAFIA, PODER E PERFORMATIVIDADE NA ERA DIGITAL

O estudo da pornografia digital, especificamente analisado através da plataforma Pornhub, revela a complexa interseção entre sexualidade, mercado e tecnologia. A pornografia contemporânea, potencializada pela lógica algorítmica e mercantil do site, vai além da simples representação do ato sexual, tornando-se um espaço onde normas de gênero, dinâmicas de poder e narrativas culturais são simultaneamente reproduzidas, contestadas e transformadas. Nesse

contexto, as noções de autonomia e liberdade individual são constantemente negociadas dentro de um sistema estruturado por exigências econômicas e sociais que moldam o desejo e a visibilidade dos corpos.

A subjetificação sexual surge como uma das principais dinâmicas desse fenômeno. Enquanto o Pornhub promove uma ideia de liberdade de escolha e autogestão por parte dos performers, essa aparente autonomia é frequentemente mediada por demandas de mercado que impõem padrões rígidos de desejabilidade e consumo. Assim, a plataforma opera dentro de um modelo neoliberal que transforma corpos em produtos e o desejo em uma moeda cultural, reforçando a lógica de que o sucesso ou fracasso dentro desse sistema depende exclusivamente do indivíduo, ignorando as forças estruturais que limitam essas escolhas. Performers, especialmente mulheres e minorias racializadas, encontram-se inseridos em um sistema que avalia suas performances e aparências com base na lógica de monetização e visibilidade, criando um cenário no qual determinados corpos são mais explorados e fetichizados do que outros.

Além de refletir normas culturais hegemônicas, a pornografia digital desempenha um papel ativo na formação de preferências e práticas sexuais. Os algoritmos do Pornhub, ao priorizarem conteúdos alinhados a padrões tradicionais de gênero e raça, influenciam a maneira como o desejo é construído e consumido. A lógica falocêntrica e racializada da plataforma categoriza e hierarquiza corpos, perpetuando dinâmicas de exotização e objetificação. Mulheres negras, por exemplo, são frequentemente enquadradas em narrativas hipersexualizadas, enquanto mulheres asiáticas são representadas de forma submissa e infantilizada, reforçando estereótipos históricos. Da mesma forma, categorias como “novinhas” e “ milfs” evidenciam como a pornografia negocia a idade da mulher como fetiche, reduzindo sua sexualidade a uma faixa etária específica que corresponde às expectativas culturais sobre o que é considerado desejável.

Embora essas tendências apontem para uma manutenção das estruturas de poder dentro da pornografia digital, é importante reconhecer que o espaço pornográfico também oferece potencial para resistência e subversão. Ainda que limitadas pela lógica do mercado, representações alternativas que desafiam padrões estéticos e narrativos tradicionais emergem dentro desse cenário, revelando contradições e tensões dentro do próprio sistema. Além disso, a recepção e o consumo crítico dos usuários podem pressionar as plataformas a promover maior diversidade e inclusão. Performers que fogem aos padrões convencionais, bem como produções que priorizam perspectivas femininas e queer, exemplificam como a pornografia pode ser um espaço de experimentação e contestação das normas hegemônicas.

Contudo, as pressões exercidas pelo mercado pornográfico digital afetam não apenas os performers, mas também os consumidores. Homens, em particular, enfrentam expectativas relacionadas à masculinidade, onde o desempenho sexual e a virilidade são posicionados como medidas fundamentais de seu valor. Esse ciclo de ansiedade e consumo reforça normas de gênero opressivas, ao mesmo tempo em que perpetua um modelo de desejo baseado na constante insatisfação. A pornografia digital, nesse sentido, opera dentro de uma lógica capitalista na qual o desejo nunca é plenamente satisfeito, mantendo consumidores em um estado de busca perpétua e reforçando padrões irrealistas e inatingíveis de prazer e performance.

A fetichização de corpos racializados dentro da pornografia digital também destaca como a indústria reforça desigualdades raciais e econômicas. O Pornhub, ao classificar mulheres com base em sua etnia e ao enquadrá-las em categorias estereotipadas, inscreve no campo do prazer sexual dinâmicas coloniais e de dominação. Essa racialização não apenas afeta a forma como corpos não brancos são representados, mas também impacta a monetização e a visibilidade desses performers, criando um sistema no qual aqueles que não se encaixam nos padrões eurocêntricos enfrentam maiores dificuldades para alcançar reconhecimento e estabilidade financeira dentro da indústria.

Além disso, a lógica mercantilista do Pornhub transforma os corpos em mercadorias altamente categorizadas e estrategicamente distribuídas para maximizar o engajamento. O algoritmo da plataforma, ao detectar quais conteúdos geram mais cliques e retenção de audiência, prioriza a exibição de vídeos que reforçam narrativas tradicionais de dominação masculina, objetificação feminina e normatividade heterossexual. Isso não apenas limita a diversidade do conteúdo disponível, mas também condiciona os padrões de desejo dos consumidores, reforçando expectativas que, na prática, são impossíveis de serem plenamente realizadas no mundo offline.

A análise da pornografia digital contemporânea, portanto, revela um espaço ambíguo, onde forças de opressão e resistência coexistem. O Pornhub, enquanto plataforma dominante, exemplifica essas contradições ao ser, ao mesmo tempo, um ambiente que reproduz desigualdades estruturais e um espaço onde novas possibilidades de subjetividade e representação podem surgir. No entanto, a hegemonia do modelo mercantilista e algorítmico dificulta transformações significativas, uma vez que a lógica de maximização de lucro prioriza a perpetuação de padrões tradicionais de gênero, raça e sexualidade.

Diante desse cenário, o desafio reside em desvelar essas estruturas de poder e propor alternativas que promovam uma sexualidade mais ética, inclusiva e diversa. Isso envolve não apenas a regulamentação das plataformas, mas também a promoção de uma educação sexual

crítica, que capacite indivíduos a consumir, produzir e refletir sobre conteúdos pornográficos de maneira consciente. A pornografia pode, assim, transcender seu papel de mercadoria cultural e se tornar um espaço para a exploração de novas formas de subjetividade e relação humana, contribuindo para uma cultura sexual mais equitativa e transformadora.

A mercantilização dos corpos na pornografia digital, por fim, é um dos aspectos mais evidentes e problemáticos dessa discussão. No Pornhub, os corpos não são apenas meios de expressão sexual, mas produtos formatados para atender às demandas de um mercado competitivo e globalizado. Performers são avaliados e categorizados de acordo com seu potencial de consumo, enquanto padrões eurocêtricos e heteronormativos continuam a definir quais corpos são mais valorizados. Essa estrutura não apenas reforça normas estéticas excludentes, mas também perpetua desigualdades sociais e econômicas, uma vez que aqueles que não correspondem a esses padrões enfrentam dificuldades para alcançar visibilidade e sucesso financeiro.

Além disso, essa lógica mercantilista também afeta os consumidores, que internalizam padrões de desejo construídos pela pornografia digital e muitas vezes experimentam insatisfação e ansiedade devido às expectativas irreais que lhes são impostas. O ciclo de consumo gerado pelo Pornhub reflete um dos principais paradoxos do capitalismo contemporâneo: um sistema que estimula constantemente o desejo, mas nunca permite sua plena realização, garantindo a perpetuação da indústria e da lógica de consumo incessante.

Portanto, a pornografia digital não apenas reflete as hierarquias sociais existentes, mas também as reforça e normaliza, moldando percepções sobre prazer, poder e identidade. Para desafiar essa dinâmica, é fundamental não apenas compreender suas estruturas, mas também promover alternativas que valorizem a diversidade e a autonomia de forma genuína. Isso exige um esforço coletivo que transcenda o espaço da pornografia, abrangendo mudanças culturais, econômicas e políticas que desestabilizem as hierarquias de poder e incentivem um olhar mais crítico sobre a relação entre tecnologia, mercado e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou as interseções entre pornografia digital, identidade de gênero, mercantilização dos corpos e dinâmicas de poder, tendo como foco a plataforma Pornhub. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a pornografia online não é apenas um reflexo das normas culturais, mas também um elemento ativo na sua consolidação e transformação. Como um dos principais espaços de disseminação de narrativas sexuais contemporâneas, o Pornhub opera dentro de uma lógica de mercado que prioriza conteúdos alinhados a padrões hegemônicos de gênero e sexualidade, reforçando a objetificação dos corpos, especialmente os femininos e racializados.

A pesquisa destacou que a pornografia digital funciona como um espaço onde as dinâmicas de poder são reafirmadas e negociadas. A análise das categorias e dos conteúdos mais populares demonstrou como as representações da sexualidade na plataforma são amplamente moldadas pelo olhar masculino e por estereótipos de gênero, com forte presença de narrativas que enfatizam a dominação masculina e a submissão feminina. Além disso, a fetichização da idade e da raça também se mostrou um elemento estruturante do consumo pornográfico digital, reduzindo corpos a categorias fixas e perpetuando dinâmicas de erotização e hierarquização baseadas em padrões coloniais.

Outro aspecto relevante abordado foi o impacto dos algoritmos na curadoria de conteúdos e na reprodução das normas sexuais predominantes. A lógica de recomendação personalizada, baseada em dados de navegação, cria um ciclo de reforço que prioriza determinadas categorias e padrões estéticos em detrimento de representações mais diversas ou subversivas. Isso não apenas limita a variedade de experiências sexuais disponíveis na plataforma, mas também contribui para a internalização de padrões irreais de desejo e desempenho sexual por parte dos consumidores.

A pesquisa também explorou a questão da subjetificação sexual no contexto da pornografia digital, destacando como a lógica neoliberal de mercado transforma o desejo e o corpo em mercadorias. Performers, especialmente mulheres e pessoas pertencentes a grupos marginalizados, frequentemente precisam adaptar-se às demandas do público para garantir visibilidade e monetização, reforçando a ideia de que a liberdade de escolha no mercado pornográfico é, na realidade, profundamente condicionada pelas dinâmicas econômicas e culturais que governam a indústria.

Além disso, o impacto da pornografia online na construção da masculinidade contemporânea também foi um ponto central da análise. A ênfase em narrativas que privilegiam o desempenho sexual ininterrupto, o domínio sobre o corpo feminino e a centralidade do falo contribui para a manutenção da masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo que impõe aos homens pressões e expectativas inatingíveis. Essas dinâmicas afetam não apenas as relações interpessoais, mas também a percepção que os próprios homens têm de si mesmos e de sua sexualidade.

Por fim, este estudo demonstrou que a pornografia digital é um fenômeno multifacetado, cujos impactos extrapolam a esfera do consumo privado e se inserem em um contexto mais amplo de relações de poder, economia digital e construção social da sexualidade. Ainda que o Pornhub e outras plataformas similares apresentem um potencial para desafiar certas normas, sua estrutura comercial e seus mecanismos algorítmicos tendem a reforçar padrões hegemônicos e a explorar economicamente as desigualdades já existentes. Dessa forma, torna-se essencial ampliar o debate sobre os efeitos da pornografia online na sociedade, promovendo uma análise crítica que considere não apenas seu impacto individual, mas também suas implicações estruturais.

A partir desses achados, futuras pesquisas podem aprofundar a discussão sobre possíveis alternativas para uma pornografia mais inclusiva e ética, bem como explorar estratégias de regulação e educação midiática que capacitem os consumidores a desenvolverem um olhar crítico sobre os conteúdos pornográficos. Somente através de uma abordagem interseccional e multidisciplinar será possível compreender as transformações e desafios impostos pela pornografia digital na contemporaneidade e propor caminhos para uma representação mais equitativa e consciente da sexualidade no ambiente online.

REFERÊNCIAS

- ABEL, M. **Violent Effect: Literature, Cinema, and Critique after Representation**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007.
- ADAMS, C. J. **The Pornography of Meat**. New York, London: Continuum, 2003.
- ANDREWS, D. **Soft in the Middle: The Contemporary Softcore Feature in Its Contexts**. Columbus, USA: The Ohio State University Press, 2006.
- ANDREWS, D. "Softcore as Serialized (and Feminized) Featurette: Postfeminist Propriety on Late-Night Cable". **Television & News Media**, v. 8, n. 4, 2007. pp. 312-340.
- ANDREWS, D. "What Soft-Core Can Do for Porn Studies". **Velvet Light Trap**, n. 59, 2007. pp. 51-61.
- ANTHONY, S. "Just How Big Are Porn Sites?", Extreme Tech, 12.abr.2012. Disponível em: <https://www.extremetech.com/computing/142515-just-how-big-are-porn-sites>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- ASSISTER, A. **Enlightened Women: Modernist Feminism in a Postmodern Age**. London, New York: Routledge, 1996.
- ASSOCIATIONS between consumption of violent pornography and perpetration of intimate partner violence in a sample of mainly nonviolent males. **Archives of Sexual Behavior**. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0884-x>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ATTWOOD, F. "Call Girl Diaries: New Representations of Cosmopolitan Sex Work". **Feminist Media Studies**, v. 10, n. 1, 2010. pp. 109-112.
- ATTWOOD, F. "Conclusion: Toward the Study of Online Porn Cultures and Practices". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010. pp. 236-243.
- ATTWOOD, F. "Deepthroatfucker" and "Discerning Adonis: Men and cybersex". **International Journal of Cultural Studies**, v. 12, n. 3, 2009. pp. 279-294.
- ATTWOOD, F. "Intimate Adventures: Sex Blogs, Sex 'Blooks' and Women Sexual Narration". **European Journal of Cultural Studies**, v. 12, n. 1, 2009. pp. 5-20.
- ATTWOOD, F. "Introduction: Porn Studies: From Social Problem to Cultural Practice". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010. pp. 1-13.
- ATTWOOD, F. "Introduction: The Sexualization of Culture". In: ATTWOOD, F. (ed.) **Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture**. London, New York: IB Tauris, 2009. pp. XIII-XXIV.

ATTWOOD, F. No Money Shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures. **Sexualities**, v. 10, 2007. pp. 441-456.

ATTWOOD, F. "Other" or "One of Us"? The Porn User in Public and Academic Discourse'. **Particip@tions**, v. 4, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.participations.org/Volume%204/Issue%201/4_01_attwood.htm. Acesso em: 3 abr. 2023.

ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010.

ATTWOOD, F. **Pornography and the politics of fantasy in America**. Routledge, 2006.

ATTWOOD, F. "Sexed Up: Theorizing the Sexualization of Culture". **Sexualities**, v. 9, n. 1, 2006. pp. 77-94.

ATTWOOD, F. "Sexualization Sex and Manners". **Sexualities**, v. 13, item 6, 2010. pp. 742-747.

ATTWOOD, F. "Sluts and Riot Grrrls: Female Identity and Sexual Agency". **Journal of Gender Studies**, v. 16, n. 3, 2007. pp. 233-247.

ATTWOOD, F. The pornographic imaginary and the imaginary of pornography. **Sexualities**, v. 8, n. 5, 2025. pp. 587-609.

ATTWOOD, F. "Through the Looking Glass?: Sexual Agency and Subjectification Online". In: GILL, R.; SCHARFF, C. (eds.). **New Femininities: Postfeminism, Neoliberalism and Subjectivity**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2011. pp. 203-214.

ATTWOOD, F. "What Do People Do With Porn?: Qualitative Research Into the Consumption, Use and Experience of Pornography and other Sexually Explicit Media". **Sexuality and Culture**, v. 9, n. 2, 2005. pp. 65-86.

ATTWOOD, F. "Younger, Paler, Decidedly Less Straight': The New Porn Professionals". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010. pp. 88-104.

ATTWOOD, F.; BALE, C.; BARKER, M. **The Sexualization Report**. 2013.

ATTWOOD, F.; BALE, C.; BARKER, M. **The Sexualization Report**. 2014.

ATTWOOD, F.; IAN, Q. H. "Not Safe for Work?: Teaching and Researching the Sexually Explicit". **Sexualities**, v. 12, n. 5, 2009. pp. 547-557.

ATTWOOD, F.; LOCKYER, S. "Controversial Images: An Introduction". **Popular Communication**, v. 7, n. 1, 2009. pp. 1-6.

ATTWOOD, F.; SMITH, C. "Extreme Concern: Regulating 'Dangerous Pictures' in the United Kingdom". **Journal of Law & Society**, v. 37, n. 1, 2010. pp. 171-188.

ATTWOOD, F.; SMITH, C. "Porn Studies: an Introduction". **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 1-6.

BACKLASH. Extreme Pornography Provisions: Ill-Conceived and Wrong. In: MCGLYNN, C.; RACKLEY, E.; WESTMARLAND, N. (eds.). **Positions on the Politics of Porn: A Debate on Government Plans to Criminalise the Possession of Extreme Pornography**. Durham: Durham University, 2007. pp. 9-14.

BARDIN, L. **A análise de conteúdo**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARKER, M. "Psychology and Pornography: Some Reflections". **Porn Studies**, v. 1, 2014. pp. 120-126.

BART, P. B. Pornography: Institutionalizing Woman-Hating and Eroticizing Dominance and Submission for Fun and Profit. **Justice Quarterly**, v. 2, n. 2, 1985. pp. 183-292.

BATAILLE, G. **Histoire de l'œil**. Paris: Éditions Gallimard, 1928.

BATAILLE, G. **The Cursed Part II and III** (The History of Eroticism and Sovereignty), MTF. Robert Hurley, 5th ed., New York: Zone Books. Bazin, 2007.

BAUDRILLARD, J. **Seduction**. Translated Brian Singer, Montreal: New World Perspectives, 1979 [2001].

BAUDRILLARD, J. "War Porn". **International Journal of Baudrillard Studies**, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: https://www2.ubishops.ca/baudrillardstudies/vol2_1/baudrillard.htm. Acesso em: 11 ago. 2023.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BÄUMLER, R. Renaissance humanism and pornography. **Journal of the History of Sexuality**, v. 12, n. 1, 2003. pp. 1-24.

BELL, G. G. **The discovery of pornography: A history of attitudes towards sexuality**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1991.

BERARDI, F. "BIFO". "The Obsession of the (Vanishing) Body". In: JACOBS, K.; JANSSEN, M.; PASQUINELLI, M. (eds.). **C'Lick Me: A Netporn Studies Reader**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007. pp. 197-202.

BERGNER, R. M. "Lovemaking as a Ceremony of Accreditation". **Journal Of Sex & Marital Therapy**, v. 31, n. 5, 2005. pp. 425-32.

BOELLSTORF, T. **Coming of Age in Second Life**. Princeton: Princeton University Press, 2008.

BOULTON, C. Porn and Me(n): Sexual Morality, Objectification, and Religion at the Wheelock Anti-Pornography Conference. **The Communication Review**, v. 11, n. 3, 2008. pp. 247-273. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10714420802306544>. Acesso em: 9 fev. 2024.

BOURDIEU, P. **Outline a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BOUSQUET, G. Space, Power, Globalization: The Internet Symptom. **In Societies**, v. 4, 1998. pp. 105–13.

BOYD, D. How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects: A response to Christine Hine. In: MARKHAM, A. N.; BAUM, N. K. (eds.). **Internet inquiry: Conversations about method**. Los Angeles: Sage, 2008. pp. 26-32.

BOYD, D.; ELLISON, B. N. Social Network Sites Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer Mediated Communication**, v. 13, n. 1, article 11, 2007.

BRECHER, B. Pornography: Men Possessing Women. In: MARWAY, H. **Women and Violence: The Agency of Victims and Perpetrators**. London: Palgrave Macmillan, 2012.

BRIDGES, A. J.; WOSNITZER, R.; SCHARRER, E.; SUN, C.; LIBERMAN, R. Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update. **Violence against women**, v. 16, n. 10, 2010. pp. 1065-1085.

BROWN, J. D.; L'ENGLE, K. L. X Rating: Attitudes and Sexual Behaviors Associated with U.S. Adolescents' Early Exposure to Sexually Explicit Media. **Communication Research**, v. 36, n. 1, 2009. pp. 129–151.

BROWN, P. **The body and society: Men, women, and sexual renunciation in early Christianity**. New York: Columbia University Press, 1988.

BRUGGER, N. Website History and the website as an object of study. **New media and Society**, v. 11, n. 1-2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444808099574>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRYANT, J.; ZILLMANN, D. (eds.). **Media Effects: Advances in Theory and Research**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

BUCKINGHAM, D.; JENSEN, H. S. “Beyond “Media Panics”: Reconceptualising Public Debates About Children and Media”. **Journal of Children And Media**, v. 6, n. 4, 2012. pp. 413-429.

BUTLER, J. **Performativity's Social Magic**. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/02632769922050511>. Acesso em: 23 maio 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CANTE, R. C.; RESTIVO, A. “The “World” of All-Male Pornography: On the Public Place of Moving-Image Sex in the Era of Pornographic Transnationalism”. In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 1994 [2004].

CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society, With a New Preface, Volume 1, The Information Age: Economy, Society, and Culture.** Wiley: Blackwell, 2010.

CHENEY-LIPPOLD, J. A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control. **Theory, Culture and Society**, v. 28, n. 6, 2011. pp. 184-191.

CONNELL, R. A thousand miles from kind: Men, masculinities and modern institutions. **The Journal of Men's Studies**, v. 16, n. 3, 2008. pp. 237-252.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, 2005. pp. 829–859.

COOPERSMITH, J. “Does Your Mother Know What You Really Do?: The Changing Nature and Image of Computer-Based Pornography”. **History and Technology**, v. 22, n. 1, 2006. pp. 1-25. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07341510601060304>. Acesso em: 12 abr. 2024.

CRAMER, E.; MCFARL, J. Pornography and Women Abuse. **Public Health Nursing**, v. 11, n. 4, 1994. pp. 268–272.

CRÉPAULT, Claude. Sexual Fantasies and the Visualization of Pornographic Scenes. **Journal of Sex Research**, v. 8, n. 2, 1972. pp. 154–155.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches.** 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

CRONIN, B.; DAVENPORT, E. “E-Rogenous Zones: Positioning Pornography in the Digital Economy”. **The Information Society**, v. 17, n. 1, 2001. pp. 33-48.

CSORDAS, J. T. Embodiment as Paradigm for Anthropology. **Ethos**, v. 18, 1990. pp. 5-47.

CSORDAS, J. T. Somatic modes of attention. **Cultural Anthropology**. v. 8, n. 2, 1993. pp. 135- 156.

CSORDAS, J. T. **The Sacred Self: A Cultural Phenomenology of Chrismatic Healing.** Berkley: University of California Press, 1994.

DAVENPORT, R. **Aphrodite and the shepherd:** The role of eros in the pastoral tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIDSON, J. **The Greeks and Greek Love: A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece.** London: Weidenfeld & Nicolson, 2007.

DEBORD, G. **The Society of the Spectacle.** Translated by Fredy Perlman and Jon Supak. Detroit: Black & Red, 1972.

DEJEAN, J. A politização da pornografia: L'École de filles. In: HUNT, L. **A invenção da pornografia: A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800.** São Paulo: Hedra, 1999.

DELEUZE, G. **Postscripts on the Societies of Control**. Cambridge-MA: The MIT Press, 1992.

DELEUZE, J.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. New York: Penguin Books. 2009.

DINES, G. “**Adventures in Pornland**”. The Huffington Post, 6/7/2010.

DINIELLI, D. C. Book Review: Catharine A. MacKinnon. Only Words. **Michigan Law Review**, v. 92, n. 6, 1994. pp. 1943-1952.

DOWNING, L. “French Cinema’s New “Sexual Revolution”: Postmodern Porn And Troubled Genre”. **French Cultural Studies**, v. 15, n. 3, 2004. pp. 265-280.

DOWNING, L. **Pornography and the ethics of censorship**. Film and Ethics, 2009.

DWORKIN, A. **Pornography: Men Possessing Women**. G. P. Putnam's Sons, EUA, 1981.

DWORKIN, A. **Pornography: Men Possessing Women**. New York: Dutton, 1981.

DWORKIN, A. **Pornography: Men Possessing Women**. New York: Plume, 1981[1989].

DWORKIN, A.; MACKINNON, C. A. **Pornography and Civil Rights: A New Day for Women’s Equality**. Minneapolis, Minnesota: Organizing Against Pornography, 1988.

DWORKIN, R. Is There a Right to Pornography? **Oxford Journal of Legal Studies**, v. 1, n. 2, 1981, pp. 177-212.

DYER, R. “Idol Thoughts: Orgasm and Self-Reflexivity in Gay Pornography”. In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 1994[2004]. pp. 102-109.

EBERSTADT, M.; LAYDEN, M. A. **Os Custos sociais da pornografia**. 2019.

EDELMAN, B. “Red Light States: Who Buys Online Adult Entertainment?”. **Journal of Economic Perspectives**, v. 23, n. 1, 2009. pp. 209-220. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.23.1.209>. Acesso em: 29 nov. 2023.

EKBLOM, L. “**Shocking Truth and Dirty Diaries: A discourse analysis of Perceptions of pornography in Sweden**”. 60th Political Studies Association Annual Conference, Edinburgh, UK, 2010.

FEATHERSTONE, M. “The Body in Consumer Culture”. In: FEATHERSTONE, M; HEPWORTH, M; TURNER, B. S. (eds.). **The Body: Social Process and Cultural Theory**. London: SAGE, 1996. pp. 170-196.

FEE, J. E. **Obscenity and the World Wide Web**. BYU Law Review, Provo, UT, n. 6, 2007. pp. 1691–1719.

- FINN, J. "A Survey of Online Harassment at a University Campus". **Journal of Interpersonal Violence**, v. 19, n. 4, 2004. pp. 468-483.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola. 1999.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FRABLE, D. E.; JOHNSON, A. E.; KELLMAN, H. "Seeing Masculine Men, Sexy Women, and Gender Differences: Exposure to Pornography and Cognitive Constructions of Gender". **Journal of Personality**, v. 65, n. 2, 1997. pp. 311-355.
- GELL, A. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GERBNER, G.; GROSS, L. Living with Television: The Violence Profile. **Journal of Communication**, v. 26, n. 2, 1976. pp. 173-199.
- GILL, R. From sexual objectification to sexual subjectification: the resexualisation of women's bodies in the media. **Feminist Media Studies**, v. 3, n. 1, 2003. pp. 100-106.
- GILLESPIE, T. #trendingistrending: when algorithms become culture. In: ROBERGE, J.; SEYFERT, R. (ed.). **Algorithmic Cultures**. New York: Routledge, 2016. pp. 52-75.
- GLOBAL ACTION FOR TRANS EQUALITY. **The state of trans rights in the United States**. 2017. Disponível em: <https://globalactionfortransequality.org/wordpress/wp-content/uploads/2017/08/The-State-of-Trans-Rights-in-the-US.pdf>. Acesso em: 9 maio 2023.
- GORDON, M; BELL, R. R. "Medium and Hard-Core Pornography: A Comparative Analysis". **The Journal of Sex Research**, v. 5, n. 4, 1969. pp. 260-268.
- GRAHAM, L. "Post-Positions on the Politics of Pornography: Internet Discussion of the Seminar". In: MCGLYNN, C.; RACKLEY, E.; WESTMARLAND, N. (eds.). **Positions on the Politics of Porn: A Debate on Government Plans to Criminalize the Possession of Extreme Pornography**. Durham University, UK, 2007. pp. 24-28.
- GRAHAM, S. Software sorted Geographies. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 5, 2007. pp. 1-19.
- GRAHAM, S.; MARVIN, S. **Telecommunications and the city**. London: Routledge, 1996.
- GREBOWICZ, M. **Democracy and Pornography: On Speech, Rights, Privacies, and Pleasures in Conflict**. *Hypatia*, v. 26, n. 1, 2011. pp. 150-165. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23016686>. Acesso em: 03 dez. 2022.
- GREEN, L. "Pornographies". **The Journal of Political Philosophy**, v. 8, item 1, 2000. pp. 27-52.

HÄGGSTRÖM-NORDIN, E.; SANDBERG, J.; HANSON, U.; TYDÉN, T. It's Everywhere!: Young Swedish People's Thoughts and Reflections About Pornography, Scandinavian. **Journal of Caring Sciences**, v. 20, n. 4, 2006.

HALAVAIS, A. C. "Small Pornographies". **SIGGROUP Bulletin**, v. 25, n. 2, 2005. pp. 1922.

HALL, A. C.; BISHOP, M. J. (eds.). **Pop-Porn: Pornography in American Culture**. Westport, USA: Praeger, 2007.

HARDY, S. "Feminist Iconoclasm and the Problem of Eroticism". **Sexualities**, v. 3, n. 1, 2000. pp. 77-96.

HARDY, S. "More Black Lace: Women, Eroticism and Subjecthood". **Sexualities**, v. 4, n. 4, 2001. pp. 435-453.

HARDY, S. "Reading pornography". **Sex Education: Sexuality, Society and Learning**, v. 4, n. 1, 2004a. pp. 3-18.

HARDY, S. "The Greeks, Eroticism and Ourselves". **Sexualities**, v. 7, n. 2, 2004. pp. 201-216.

HARDY, S. The New Pornographies: Representation or Reality? In: ATTWOOD, F. (ed.). **Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture**. London, New York: I.B. Tauris, 2009.

HARDY, S. The Pornography of Reality. **Sexualities**, v. 11, n. 1-2, 2008. pp. 60-64.

HARDY, S. **The Reader, the Author, His Woman, and Her Lover: Soft-Core Pornography and Heterosexual Men**. London: Cassell, 1998.

HARI, J. Lights. Camera. Exploitation? **The Independent**, 25 set. 2008. Disponível em: <http://independent.co.uk>. Acesso em: 10 jun. 2022.

HEAD, J. "Turkish Academics Sacked Over Porn Dissertation Project". BBC, 8/1/2011.

HEMMINGS, C. "Out of Sight, Out of Mind?: Theorizing Femme Narrative". **Sexualities**, v. 2, n. 4, 1999. pp. 451-464.

HEPWORTH, M. Love, Gender and Morality: Stephen Kern's The Eyes of Love. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 1998. pp. 405-415. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263276498015003020>. Acesso em: 7 jan. 2023.

HOGGART, R. **The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with Special Reference to Publications and Entertainments**, 1957.

HOLBROOK, D. Pornography. In: SOBLE, A. (Ed.). **Sex from Plato to Paglia: A Philosophical Encyclopedia**. Westport: Greenwood Press, 1999. pp. 564-570.

HORST, H.; MILLER, D. **Digital anthropology**. London: Berg. 2012.

HUNT, L. **The invention of pornography**: Obscenity and the origins of modernity, 1500-1800. New York: Zone Books, 1993.

HWANG, H.; PAN, Z.; SUN, Y. **The Question-Order Effect Revisited**: Exploring Anchoring Effects in Third-Person Perceptions. Paper presented at the Annual Meeting of the International Communication Association, Dresden, Germany, 2006.

INKELHOR, D.; SHATTUCK, A. **Characteristics of crimes against juveniles**. Durham, NH: Crimes against Children Research Center, 2012.

INTRONA, L. D. The algorithmic choreography of the impressionable subject. In: ROBERGE, J.; SEYFERT, R. (ed.). **Algorithmic Cultures**. New York: Routledge. 2016. pp. 26-52.

INSTITUTIONAL INVESTOR, MINDGEEK EXECS AND OWNERS - ALONG WITH VISA AND COLBECKCAPITAL HIT WITH U.S. **Lawsuit**, 2021. Disponível em: <https://www.institutionalinvestor.com/article/b1sb0pqlpv79zm/MindGeek-Execs-andOwners-Along-With-Visa-and-Colbeck-Capital-Hit-With-U-S-Lawsuit>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ISAACS, C. R.; FISHER, W. A. A Computer-Based Educational Intervention to Address the Potential Negative Effects of Internet Pornography. **Journal of Communication**, v. 59, n. 1, 2008. pp. 1-18.

JACKSON, S; GILBERTSON, T. "Hot lesbians": young people's talk about representations of lesbianism. **Sexualities**, v. 12, n. 2, abr. 2009. pp. 199-224.

JACOBS, K. "Free Passwords: The Bumpy Guide to Porn Sharing". **Neural**, v. 31, 2008.

JACOBS, K. "Introduction". In: JACOBS, K. **Netporn**: DIY Web Culture and Sexual Politics. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2007. pp. 1-10.

JACOBS, K. "Make Porn, Not War: How to Wear The Network's Underpants?". In: PARIKKA, Jussi; HAMPTON, T. (eds.). **The Spam Book**: On Viruses, Porn, and Other Anomalies From the Dark Side of Digital Culture. New Jersey: Hampton Press, 2009. pp. 181-193.

JACOBS, K. "Porn Arousal and Gender Morphing in the Twilight Zone." In: JACOBS, K.; JANSSEN, M.; PASQUINELLI, M. (eds.). **C'Lick Me**: A Netporn Studies Reader. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007. pp. 217-231.

JACOBS, K. "Pornography in Small Places and Other Spaces". **Cultural Studies**, v. 18, n. 1, 2004. pp. 67-83.

JACOBS, K. "Sex Scandal Science in Hong Kong". **Sexualities**, v. 12, n. 5, 2009. pp. 605-612.

JACOBS, K. "The New Media Schooling of the Amateur Pornographer: Negotiating Contracts and Singing Orgasm". **Spectator**, v. 24, n. 1, 2004.

JACOBS, K. "The New World Dream and the Female Itch: Sex Blogging and Lolita Costume Play in Hong Kong, Taiwan, and China". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010. pp. 186-201.

JENSEN, R. Stories from a Rape Culture: Pornography as Propaganda. In: TANKARD, M. R.; BRAY, A. (eds.). **Big Porn Inc.: Exposing the Harms of the Global Porn Industry**. Melbourne: Spinifex Press, 2011. p. 51.

JOHANSEN, J. D. "Literature, Pornography, and Libertine Education". **Orbis Litterarum**, v. 59, n. 1, 2004. pp. 39-65.

JOHNSEN, L.; RENO, J. O. **Pornography: Anthropological Perspectives on the Manufacture of Eroticism**. London: Routledge, 2016.

JOHNSON, W. "A New View of Porn: The Films of Tatsumi Kumashiro". **Film Quarterly**, v. 57, n. 1, 2003. pp. 11-19.

JUFFER, J. "A Pornographic Femininity?: Telling and Selling Victoria's (Dirty) Secrets". **Social Text**, v. 14, issue 3, n. 48, 1996. pp. 27-48.

JUFFER, J. **At Home With Pornography: Women, Sex, and Everyday Life**. New York, London: New York University Press, 1998.

JUFFER, J. "There's No Place Like Home: Further Developments on the Domestic Front". In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power** London: British Film Institute, 2004. pp. 45-58.

KAKOUDAKI, D. "Pinup: The American Secret Weapon in World War II." In: WILLIAMS, Linda (ed.). **Porn Studies**. Durham, London: Duke University Press, 2004. pp. 335-369.

KAMMEYER, K. C. W. **A hypersexual society: sexual discourse, erotica, and pornography in America today**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

KARRAS, R. M. **Sexuality in medieval Europe: Doing unto others**. London: Routledge, 2012.

KEESLING, C. **The erotic in the literature and art of medieval India**. Albany: SUNY Press, 1984.

KENDRICK, W. **The Secret Museum: Pornography in Modern Culture**. New York: Viking, 1987.

KIMMEL, M. S. (ed.). **The pornography debates**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2015.

KIPNIS, L. **Bound and Gagged: Pornography and the Power of Fantasy in America**. New York: Grove Press, 1996.

KIPNIS, L. "She-Male Fantasies and the Aesthetics of Pornography". In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 1993[2004]. pp. 204-215.

KRAUS, S. W.; RUSSELL, B. Early Sexual Experiences: The Role of Internet Access and Sexually Explicit Material. **CyberPsychology & Behavior**, v. 11, n. 2, 2008. pp. 162–168. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cpb.2007.0054>. Acesso em: 17 fev. 2024.

KRISTOF, Nicholas. The Children of Pornhub. **The New York Times**, 4 Dec. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/pornhub-child-abuse.html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LANDAU, J.; GARRETT, J.; WEBB, R. Assisting a Concerned Person to Motivate Someone Experiencing Cybersex Into Treatment: Application of Invitational Intervention: The ARISE Model to Cybersex. **Journal of Marital and Family Therapy**, v. 34, n. 4, 2008. pp. 498-511.

LAVOIE, F.; ROBITAILLE, L.; HÉBERT, M. Dating Relationships Among Adolescents and Aggression: An Exploratory Study. **Violence Against Women**, v. 6, n. 1, 2000. p. 6–36.

LEE, J. Menarche and the (hetero)sexualization of the female body. **Gender and Society**, v. 8, n. 3, set. 1994. pp. 343–362. Publicado por: Sage Publications, Inc.

LEVERETTE, M. "Communicating Pornography: Technology and the Removal of Gatekeepers". International Communication Association, 2003 Annual Meeting, San Diego, USA, 2003.

LEVINSON, J. 'Erotic Art and Pornographic Images', Philosophy and Literature 29. In: LEVINSON, J. (ed.). **Art and pornography**. Philosophical Essays, Oxford: Oxford University Press, New York: Palgrave Macmillan.

LINDFORS, B. "The Rise of African Pornography". **Transition**, n. 42, 1973. pp. 65-71.

LINDGREN, J. "Defining Pornography". **University of Pennsylvania Law Review**, v. 141, n. 4, 1993. pp. 1153-1275.

LIVINGSTONE, S. "On the Mediation of Everything: ICA Presidential Address 2008". **Journal of Communication**, v. 59, n. 1, 2009. pp. 1-18.

LYON D. **Surveillance Society: Monitoring the Living Room**, Oxford Open University Press. 2001.

MACDONALD, D. **Masscult and Midcult: Essays Against the American Grain**, 1957.

MACKINNON, C. A. **Feminism Unmodified**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

MACKINNON, C. A. **Only Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1993 [1996].

MACKINNON, C. A. Reflections on Sex Equality Under Law. **The Yale Law Journal**, v. 100, n. 5, 1991. pp. 1281-1328.

MACKINNON, C. A. The Case Responds. **The American Political Science Review**, v. 95, n. 3, 2001. pp. 709-711.

MACKINNON, C. A. Pornography: Not a Moral Issue. **Women's Studies International Forum**, vol. 9, n. 1, 1986. pp. 63-78.

MACKINNON, C. A. Sexuality, Pornography, and Method: "Pleasure Under Patriarchy", **Ethics**, v. 99, n. 2, 1989. pp. 314-346.

MACKINNON, C. A. State of Emergency: Who Will Declare War on Terrorism against Women? **The Women's Review of Books**, v. 19, n. 6, 2002. p. 7-8.

MAUSS, M. **Body Techniques, in Sociology and Psychology**. London: RKP, 1979.

MAUSS, M. **The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies**. Glencoe, IL: Free Press, 1954.

MCGANN, P. "A Letter to Michael Murphy in Response to "Can 'Men' Stop Rape?: Visualizing Gender in the 'My Strength Is Not for Hurting' Rape Prevention Campaign". **Men and Masculinities**, v. 12, n. 1, 2009. pp. 131-134.

MCKEE, A. "Humanities and Social Scientific Research Methods in Porn Studies". **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 53-63.

MCKEE, A.; LITSOU, K.; BYRON, P.; INGHAM, R. **What Do We Know About the Effects of Pornography After Fifty Years of Academic Research**. London: Routledge, 2022.

MCNAIR, B. "Book Review: Pamela Church Gibson (ed.). More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power". **European Journal of Communication**, v. 20, n. 3, 2005. pp. 404-406.

MCNAIR, B. **Cultural Chaos: Journalism, News and Power in a Globalized World**. London, New York: Routledge, 2006.

MCNAIR, B. "From Porn Chic to Porn Fear: The Return of the Repressed?". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture**. London, New York: IB Tauris, 2009. pp. 55-73.

MCNAIR, B. **Mediated sex: pornography and postmodern culture**. London: Arnaldo, 1996.

MCNAIR, B. Rethinking the Effects Paradigm in Porn Studies. **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 161-171.

MCNAIR, B. **Striptease Culture: Sex, Media, and Democracy Ratification of Desire**. London, New York: Routledge, 2002.

MCNAIR, B. "Teaching Porn". **Sexualities**, v. 12, n. 5, 2009. pp. 558-567.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of Perception**. London: Routledge, 1962.

MEY, K. "Making Porn Into Art". In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 87-97.

MILLER, Daniel. **How the world changed Social Media**. London: UCL Press. 2016.

MILLER, D. The Fame of Trinis: Websites as Traps. **Journal of Material Culture**, v. 5, n. 5, 2000. pp. 5-24.

MILLER, D. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Blackwell. 1987.

MILLER, D. **Materiality**. London: Duke University Press. 2005.

MILLER, D.; SLATER, D. **The Internet: An ethnographic Approach**. London and Oxford: Berg. 2000.

MILLER-YOUNG, M. Let Me Tell Ya' Bout Black Chicks: Interracial Desire and Black Women in 1980s 'Video Pornography. In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 33-44.

MILLER V. CALIFORNIA. 413 U.S. 15. **Supreme Court of the United States**, 21 jun. 1973. Disponível em: <https://www.oyez.org/cases/1971/70-73>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MINDGEEK. Disponível em: <https://www.mindgeek.com/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MORGAN, R. **Going Too Far: The Personal Chronicle of a Feminist**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.

MOWLABOCUS, S. "Gay Men and the Pornification of Everyday Life". In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex And Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 61-71.

MOWLABOCUS, S. "Porn 2.0?: Technology, Social Practice, and the New Online Industry". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010. pp. 69-87.

MULVEY, L. "Visual Pleasure and Narrative Cinema". **Screen**, v. 16, item 3, 1975. pp. 6-18.

NAGEL, C. "Pornographic Experience". **Journal of Mundane Behaviour**, v. 3, n. 1, 2002. pp. 73-85.

NEAD, L. "Above the Pulp-Line: The Cultural Significance of Erotic Art". In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 1993. pp. 216-223.

NEAD, L. **The Female Nude: Art, Obscenity, and Sexuality**. London, New York: Routledge, 1992.

NEAD, L. "The Female Nude: Pornography, Art, and Sexuality". **Signs**, v. 15, n. 2, 1990. pp. 323-335.

NIKOLOUTSOS, K. P. **Ancient Greek Women in Film**. Classical Presences. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013.

O'BRIEN, M. "Clear and Present Danger?: Law and the Regulation of the Internet". **Information & Communications Technology Law**, v. 14, n. 2, 2005. pp. 151-164.

O'BRIEN, M. "The Witchfinder-General and the Will-o'-the-Wisp: The Myth and Reality of Internet Control". **Information & Communications Technology Law**, v. 15, n. 3, 2006. pp. 259-273.

OSTERWEIL, A. "Andy Warhol's Blow Job: Toward the Recognition of a Pornographic Avant-Garde". In: Williams, L. (ed.). **Porn Studies**. Durham, London: Duke University Press, 2004. pp. 431-460.

PAASONEN, S. Between Meaning and Mattering: On Affect and Porn Studies. **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 136-142.

PAASONEN, S. **Carnal resonance: affect and online pornography**. Cambridge, MA: The MIT Press. 2011.

PAASONEN, S. "Email From Nancy Nutsucker: Representation and Gendered Address in Online Pornography". **European Journal of Cultural Studies**, v. 9, n. 4, 2006. pp. 403-420.

PAASONEN, S. "Epilogue: Porn Futures". In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007b. pp. 161-170.

PAASONEN, S. "Good Amateurs: Erotica Writing and Notions of Quality." In: ATTWOOD, F. (ed.). **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang Publishing, 2010^a. pp. 138-154.

PAASONEN, S. "Healthy Sex and Pop Porn: Pornography, Feminism and the Finnish Context". **Sexualities**, v. 12, n. 5, 2009. pp. 586-604.

PAASONEN, S. "Repetition and Hyperbole: The Gendered Choreographies of Heteroporn". In: BOYLE, K. (ed.). **Everyday Pornography**. London, New York: Routledge, 2010. pp. 63-76.

PAASONEN, S. "Strange Bedfellows: Pornography, Affect and Feminist Reading". **Feminist Theory**, v. 8, n. 1, 2007a. pp. 43-57.

PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007.

PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. "Pornification and the Education of Desire". In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 1-20.

PAASONEN, S.; SAARENMAA, L. "The Golden Age of Porn: Nostalgia and History in Cinema". In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 23-32.

PADVA, G. The Second Coming: A Neo-Sexist Manifesto. In: TAORMINO, A. (ed.). **The Feminist Porn Book: The Politics of Producing Pleasure**. The Feminist Press at CUNY, 2012. pp. 39-49.

PALCZEWSKI, C. H. "Contesting Pornography: Terministic Catharsis and Definitional Argument". **Argumentation & Advocacy**, v. 38, n. 1, 2001. pp. 1-17.

PALCZEWSKI, C. H. "**Definitional Argument: Approaching a Theory**". Conference Proceedings, National Communication Association/American Forensic Association (Alta Conference on Argumentation), Alta, USA, 1995. pp. 176-186.

PALMIERI, F. M. (aka Warbear). The 21st Century Schizoid Bear: Masculine Transitions through Internet Pornography. In: JACOBS, K.; JANSSEN, M.; PASQUINELLI, M. (eds.). **Click Me: A Netporn Reader**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007. pp. 261-276.

PAUL, P. **Pornification: How Pornography Is Transforming Our Lives, Our Relationships, and Our Families**. New York: Holt Paperbacks, 2005.

PAZZANI, L. M. Factors Affecting Sexual Assaults Committed by Strangers and Acquaintances. **Violence Against Women**, v. 13, n. 7, 2007. pp. 717-749.

PERLOFF, M G. "The Corn-Porn Lyric: Poetry 1972-73". **Contemporary Literature**, v. 16, n. 1, 1975. pp. 84-125.

PETLEY, J. "Cannibal Holocaust and the Pornography of Death". In: KING, G. (ed.). **The Spectacle of the Real: From Hollywood to "Reality" TV and Beyond**. Bristol, UK: Intellect Books, 2005. pp. 173-185.

PINTER, R. Introduction: "Strength to comply with your Society Training". In: PINTER, R. (ed.). **Information Society**. NETIS Project Thessaloniki, 2008. pp. 5-30.

PLUMMER, K. **Telling sexual stories: power, change and social worlds**. 1. ed. London: Routledge, 1995. Publicado como eBook em 2002.

PORNHUB. Disponível em: Pornhub.com.

PORNHUB INSIGHTS. Disponível em: <https://www.PornHub.com/insights/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

PORNHUB INSIGHTS. Disponível em: <https://www.PornHub.com/insights/2022-year-inreview>. Acesso em: 2 ago. 2024.

POSTER, M. **The Mode of Information: Poststructuralism and Social Context**. Cambridge: Polity Press, 1990.

POSTMAN, N. **Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age Of Show Business**. London: Penguin Books, 1985 [2005].

POTTS, A. The essence of the hard on: hegemonic masculinity and the cultural construction of “erectile dysfunction”. **Men and Masculinities**, v. 3, n. 1, jul. 2000. pp. 85-103.

QUINN, J. F.; FORSYTH, C. J. “Describing Sexual Behavior in the Era of The Internet: A Typology for Empirical Research”. **Deviant Behavior**, v. 26, n. 3, 2005. pp. 191-207.

REHOR, J. **Introduction to Pornography: The Business of Pleasure**. Westport: Praeger, 2010.

RIGNEY, J. **Mais que uma batalha: Como obter Vitória, Liberdade e Cura da pornografia**. 2022.

RIVAL, L.; SLATER, D.; MILLER, D. Sex and Sociality: A Comparative Ethnography of Sexual Objectification. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 1998. pp. 295-321.

RUSSELL, D E. “Pornography: Towards a Non-Sexist Policy”. **Agenda**, n. 36, 1997. pp. 58-67.

RUSSELL, D. E. “Pornography and Rape: A Causal Model”. **Political Psychology**, v. 9, n. 1, 1988. pp. 41-73.

SARIKAKIS, K.; TSALIKIS, L. “Pornography, Culture and Media Of Communication: Issues Around Old and New Phenomena”. **Communication Issues**, n. 11, 2010. pp. 10-26.

SASSE, Ben; MERKLEY, Jeff. Merkley, Sasse unveil urgently needed legislation to crack down on online sexual exploitation. **Press release**, Office of U.S. Senator Jeff Merkley, Washington, D.C., 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.merkley.senate.gov/merkleysasse-unveil-urgently-needed-legislation-to-crack-down-on-online-sexual-exploitation/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

SCOTT, N. “Pin-ups, Retro-Chic and the Consumption of Irony”. In: PAASONEN, S.; NIKUNEN, K.; SAARENMAA, L. (eds.). **Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture**. Oxford, New York: Berg, 2007. pp. 45-57.

SHEETS, R. A. Pornography, Fairy Tales, and Feminism: Angela Carter’s “The Bloody Chamber.” **Journal of the History of Sexuality**, v. 1, n. 4, 1991. pp. 633-657.

SIGEL, L. Z. “Filth in the Wrong People’s Hands: Postcards and the Expansion of Pornography in Britain and the Atlantic World, 1880-1914”. **Journal of Social History**, v. 33, n. 4, 2000. pp. 859-885.

SIGEL, L. Z. “Name Your Pleasure: The Transformation of Sexual Language in Nineteenth Century British Pornography”. **Journal of the History of Sexuality**, v. 9, n. 4, 2000. pp. 395-419.

SIMMONS, C. A.; LEHMANN, P.; COLLIER-TENISON, S. Linking Male Use of the Sex Industry to Controlling Behaviors in Violent Relationships: An Exploratory Analysis.

Violence Against Women, v. 14, n. 4, 2008.p. 406–417.

SIMPSON, N. Next Attractions: A Comparative History of the Hollywood Studio System and the Porn Business. **Historical Journal of Film, Radio and Television**, v. 24, n. 4, 2004. pp. 635–652.

SLATER, D. “Making Things Real: Ethics and Order on the Internet”. **Theory, Culture & Society**, v. 19, n. 5-6, 2002. pp. 227-245.

SLATER, D. “Trading Sexpics on IRC: Embodiment and Authenticity on the Internet”. **Body & Society**, v. 4, n. 4, 1998. pp. 91-117.

SMITH, C. “Book Review: Linda Papadopoulos. Sexualisation of Young People Review”. **Participations: Journal of Audience and Reception Studies**, v. 7, n. 1, 2010. pp. 175-179.

SMITH, C. “Designed for Pleasure: Style, Indulgence and Accessorized Sex”. **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, 2007. pp. 167-184.

SMITH, C. **One for the Girls!:** The Pleasures and Practices of Reading Women’s Porn. Bristol, UK: Intellect Books, 2007.

SMITH, C. “Pleasing Intensities: Masochism and Affective Pleasures in Porn Short Fictions”. In: ATTWOOD, F. (ed.). **Mainstreaming Sex:** The Sexualization of Western Culture. London, New York: IB Tauris, 2009. pp. 19-35.

SMITH, C. “Pleasure and Distance: Exploring Sexual Cultures in the Classroom”. **Sexualities**, v. 12, n. 5, 2009. pp. 568-585.

SMITH, C. “Pornographication: A Discourse for All Seasons”. **International Journal of Media & Cultural Politics**, v. 6, n 1, 2010. pp. 103-108.

SMITH, C. “Pornography for Women, or What They Don’t Show You in Cosmo!”. **Journalism Studies**, v. 8, n. 4, 2007. pp. 529-538.

SMITH, C. “Talking Dirty in For Women Magazine”. In: ARTHURS, J.; GRIMSHAW, J. (ed.). **Women’s Bodies:** Discipline and Transgression. London, New York: Cassel, 1999. pp. 165-194.

SMITH, C. “They’re Ordinary People, Not Aliens From the Planet Sex!”:The Mundane Excitements of Pornography for Women”. **Journal of Mundane Behaviour**, v. 3, n. 1, 2002, pp. 57-72.

SMITH, C; ATTWOOD, F. “Anti/pro/critical Porn Studies”. **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 7-23.

SONTAG, S. **Cinema and sexuality/eroticism**. Athens: Aigokeros, 1983.

SONTAG, S. “The Pornographic Imagination”, In: BATAILLE, G. **Story of the Eye**. London: Penguin Books, 2001.

SONTAG, S. "The Pornographic Imagination". In: SONTAG, S. **A Susan Sontag Reader**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1969 [1982]. pp. 33-205.

STAGER, S. "What Men Watch When They Watch Pornography". **Sexuality & Culture**, v. 7, n. 1, 2003. pp. 50-61.

STOP INTERNET SEX EXPLOITATION ACT. **Congresso dos Estados Unidos**, 17. dez. 2020. Disponível em: <https://www.congress.gov/bill/116th-congress/senate-bill/5054>. Acesso em: 12 fev. 2024.

STROSS, B. The mirror and the microscope: Pornography and the industrial revolution. **Journal of Social History**, v. 19, n. 2, 1986. pp. 283-319.

SVEINSDÓTTIR, Á. K. The Metaphysics of Sex and Gender. In: WITT, C. (ed.). **Feminist Metaphysics**. Springer Netherlands, 2011. pp. 47-65.

TAYLOR, T.L. Living Digitally: Embodiment in Virtual Worlds. In: SCHROEDER, R. (ed.). **The Social Life of Avatars: Presence and Interaction in Shared Virtual Environments**. London: Springer-Verlag, 2002.

TAYLOR, T.L. **Play Between Worlds: Exploring Online Game Culture**. Cambridge; London: The MIT Press, 2006.

TAYLOR, T.L. The Assemblage of Play. **Games and Culture**, v. 4, n. 4. pp. 331-339.

THE CHILDREN of Pornhub. **The New York Times**, New York, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/PornHub-rape-trafficking.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

THE WRITINGS OF NAGISA ŌSHIMA, 1956-1978. Editado por Annette Michelson. Cambridge: The MIT Press, PP. From Antichrist to Bataille', *Substantia Philosophica* 1. pp. 168- 179.

THERE'S a Disturbing Amount of Torture on Pornhub. Vice, New York. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/vd8my4/theres-a-disturbing-amount-of-torture-porn-on-PornHub>. Acesso em: 6 jul. 2024.

THORNTON, N. "The Politics of Pornography: A Critique of Liberalism and Radical Feminism". **Journal of Sociology**, v. 22, n. 1, 1986. pp. 25-45.

TÓTH, I. J.; TÓTH, A.; VARGA, A. Hardcore pornography on the Internet: The Hungarian case. **Porn Studies**, v. 4, n. 1, 2017. pp.65-77.

TSALIKI, L.; CHRONAKI, D. Who's Watching What?: The Greek Pornography Project and Its Audiences. In: LIVINGSTONE, S.; HADDON, L.; GFRZIG, A. (eds.). **Children, Risk and Online Safety: Research Challenges and Evidence-Based Policy**. Bristol: Policy Press, 2012.

TUCK, G. "The Mainstreaming of Masturbation: Autoeroticism and Consumerism Capitalism". In: ATTWOOD, F. (ed.). **Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture**. London, New York: IB Tauris, 2009. pp. 77-92.

VANCE, C. S. Negotiating Sex and Gender in the Attorney General's Commission on Pornography. In: DI LEONARDO, M. (ed.). **The Gender/Sexuality Reader: Culture, History, Political Economy**. New York: Routledge, 1997. p. 440-452.

VILLAREJO, A. "Defycategory.com, or the Place of Categories in Intermedia". In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 2004. pp. 85-91.

WARNER, M. Introduction: fear of a queer planet. **Social Text**, n. 29, 1991. p. 3-17. Publicado por: Duke University Press.

WEBB, P. **Erotica, Arts**. Boston: New York Graphic Society, 1975.

WEEKS, J. The sexual citizen. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 1998. p. 35-52.

WICKE, J. "Through a Gaze Darkly: Pornography's Academic Market". In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 1991[2004]. pp. 176-187.

WILLEMEN, P. For a Pornographic Landscape. In: GIBSON, P. C. (ed.). **More Dirty Looks: Gender, Pornography and Power**. London: British Film Institute, 2004. p. 9-26.

WILLIAMS, L. A provoking agent: the pornography and performance art of Annie Sprinkle. **Social Text**, n. 37, 1993. pp. 117-133.

WILLIAMS, L. "Epilogue: On/scenities – 'Speaking Sex' in the Nineties: The Elusive 'Hard Core'". In: WILLIAMS, L. **Hard Core: Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible"**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1999. pp. 280-315.

WILLIAMS, L. Film bodies: gender, genre, and excess. **Film Quarterly**, v. 44, n. 4, jul. 1991. pp. 2-13.

WILLIAMS, L. **Hard Core: Power, Pleasure, and the 'Frenzy of the Visible'**. Berkeley: University of California Press, 1999.

WILLIAMS, L. **Hardcore: Power, pleasure, and the "frenzy of the visible"**. University of California Press, 1989.

WILLIAMS, L. "Of Kisses and Ellipses: The Long Adolescence of American Movies". **Critical Inquiry**, v. 32, n. 2, 2006. pp. 288-340.

WILLIAMS, L. **Porn Studies**. Durham, London: Duke University Press. 1989.

WILLIAMS, L. **Porn Studies**. Durham and London: Duke University Press. 2004.

WILLIAMS, L. **Porn Studies**. Durham and London: Duke University Press, 2014.

WILLIAMS, L. "Porn Studies: Proliferating Pornographies On/Scene: Na Introduction". In: WILLIAMS, L. (ed.). **Porn Studies**. Durham, London: Duke University Press, 2004. pp. 123.

WILLIAMS, L. "Pornography, Porno, Porn: Thoughts on a Weedy Field". **Porn Studies**, v. 1, n. 1-2, 2014. pp. 24-40.

WILLIAMS, L. **Screening Sex**. Durham, London: Duke University Press, 2008.

WILLIAMS, L. **Sex Display**. Durham: Duke University Press. 2008.

WILLIAMS, L. "Skin Flicks on the Racial Border: Pornography, Exploitation, and Interracial Lust". In: WILLIAMS, L. (ed.). **Porn Studies**. Durham, London: Duke University Press, 2004. pp. 272-308.

WILLIAMS, L. Why I did not want to write this essay. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 1, 2004. p. 1264–1271.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

WOOLF, V. Middlebrow. In: **The Death of the Moth and Other Essays**. 1939.

WOUTERS, C. Balancing sex and love since the 1960s sexual revolution. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 1998. pp. 187–214.

ZILLMANN, D.; BRYANT, J. Pornography, Sexual Callousness, and the Trivialization of Rape. **Journal of Communication**, v. 32, n. 4, 1982. pp. 10–21.